

le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Duplicata

ALMANAK
Historico-Litterario

DO

ESTADO DE S. PAULO

Organisado e publicado

POR

OSCAR MONTEIRO

PART. O 9255 09

1903

contendo as biographias e retratos dos sen. CARLOS DE CAM-
POS, Oscar Thompson, Valdo Pinho, Miranda Azevedo,
Oscar Leal, Cantúgio Brito, e CARLOS FERREIRA,
Arthur Goulart, Tacerello de Azevedo, Arthur Guimaraes,
Visconde de Taunay, Amílho de Souza, e outros.

4.º ANNO

Os pedidos deverão ser feitos a
Oscar Monteiro, editor-proprietario
Cassa do Correio, S. Paulo

Correspondencia

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Oscar Monteiro, Caixa do Correio, S. Paulo.

A collaboração para o Almanak de 1904 deve ser enviada até fins de Abril de 1903, e as decifrações até fins de Junho.

Biographia

Em o 5.º volume publicaremos o retrato e biographia do illustre paulista capitão Francisco Antonio Torquato de Toledo, já fallecido.

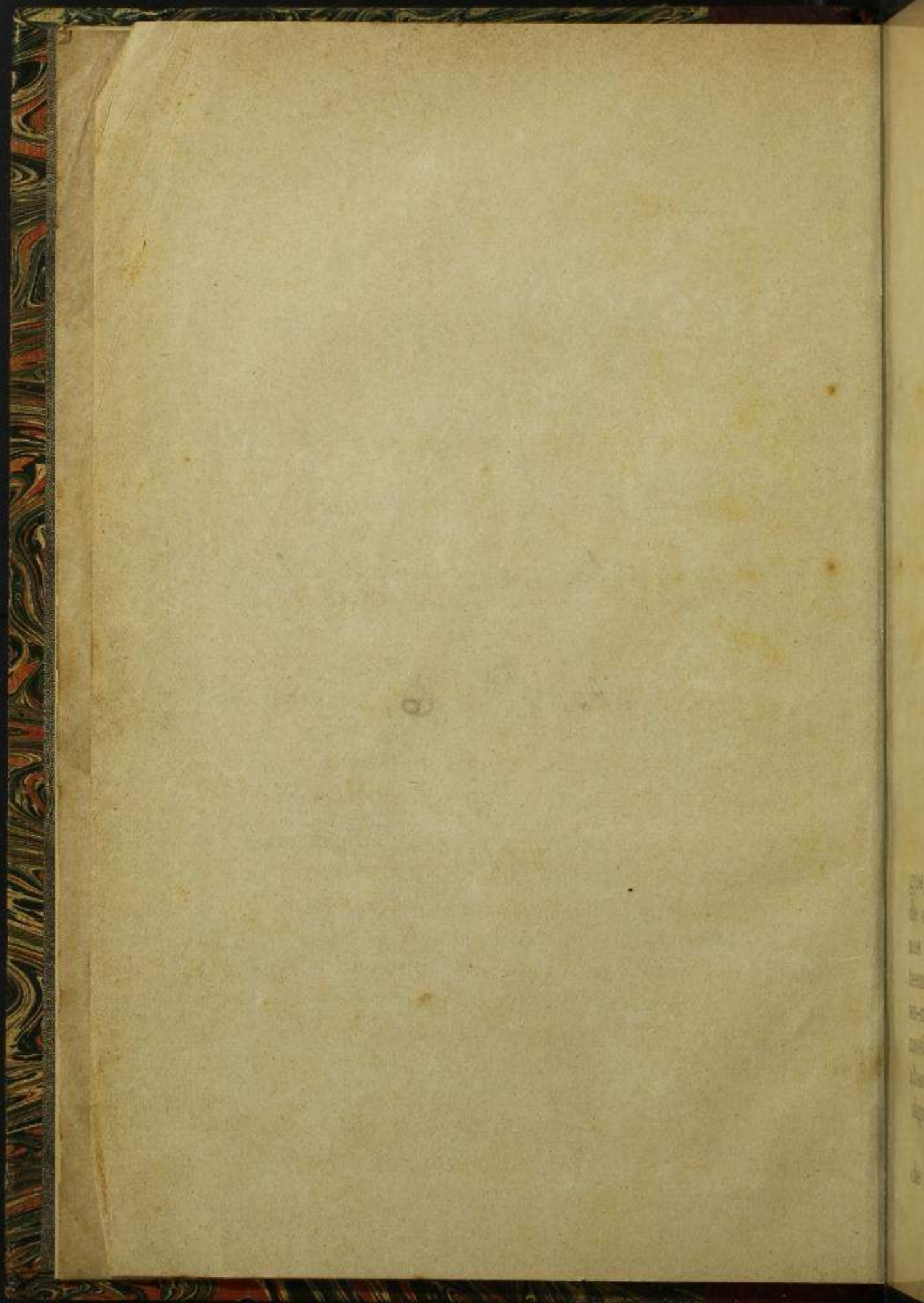


Ho meu distin-

cto ami.º e erudito escri-

tor Dr. Eurico de Góes

off.º
Escad. Honorário



Antes de tudo

Reapparece o meu Almanak.

Fazendo-o voltar ás mãos dos meus amigos, que me teem auxiliado efficazmente desde o inicio de sua publicação, apresentando-o aos meus estimados collaboradores que tanto teem feito por este modesto annuario, dispenso-me de toda e qualquer explicação sobre o motivo de sua suspensão, que seria futil, sinão absolutamente incommoda, e sem resultado algum para os leitores.

Só o que peço a todos é a continuação de seus bons esforços em beneficio de um li-

vrinho que procura agradar á quem o manuseia.

Para isso não pouparei eu sacrificios incalculaveis, como póde imaginar quem reparar na falta de um Almanak deste genero em todo o Estado.

No proximo anno farei duas edições deste Almanak: uma destinada a todos os Estados da Republica, e outra exclusivamente ao Estado de S. Paulo, com informações uteis, horarios, e mais assumptos que interessem unicamente aos que residem neste Estado.

S. Paulo, Dezembro, 1902.

Oscar Monteiro.



A

Agencia de Publicações
ILLUSTRADAS

Compra, vende e troca sellos de todas as nacionalidades

O editor Oscar Monteiro pede a todos os leitores e amigos deste Almanak a fineza de enviarem sellos de qualquer nação, quando tenham, dizendo o que desejam receber em troca.

Tambem se enviam sellos, mediante pedido acompanhado da respectiva importancia.

Correspondencia para

Oscar Monteiro

CAIXA DO CORREIO — S. PAULO



CASA EDITORA

Agencia de Publicações

ILLUSTRADAS

DE

OSCAR MONTEIRO

SÃO PAULO

Tem em distribuição a fasciculos, as seguintes obras illustradas :

Rocambo, em tomos de 128 paginas por 2\$000 rs. E' este o maior romance até hoje conhecido; ornado com 800 gravuras de pagina.

O manuscripto materno, em fasciculos de 40 paginas e gravura 500 rs.

O Conde de Monte-Christo, em fasciculos de 16 paginas e uma gravura, por 300 rs.

Acceptam-se agentes idoneos em toda a parte.

Dirigir-se a

Oscar Monteiro

EDITOR

S. PAULO

PÁRA 1904

Almanak Humorístico

1.º ANNO

EDITOR

OSCAR MONTEIRO

Apparecerá no proximo anno de 1904 o 1.º volume deste annuario, que está destinado a fazer ruidoso successo entre os amantes da galhofa.

A organização está a cargo de um dos mais espirituosos escriptores da Paulicéa.

Ficam abertos DOIS CONCURSOS sendo um para o melhor conto espirituoso, que não contenha mais de tres tiras, e outro para a melhor poesia, contendo, no maximo, 5 quadras, em estylo alegre, espirituoso, mas *sem malicia alguma*.

Os auctores, do melhor conto e da melhor poesia, assim reputados pelo jury, receberão cada um em 1 de Janeiro de 1904, em casa de qualquer dos nossos correspondentes, a quantia de 20\$000 rs. em dinheiro.

Os originaes devem dizer no cabeçalho si se destinam ao concurso, e no fim a morada, e nome do auctor, e o pseudonymo que deseja adoptar.

Recêbem-se originaes até fins de junho de 1903, devendo apparecer o Almanak á venda em agosto.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para

Oscar Monteiro, editor

CAIXA DO CORREIO

SÃO PAULO

PARA 1904

Almanak Charadístico

1.º ANNO

Editor — OSCAR MONTEIRO

Este Almanak, unico no genero em todo o Brasil, que vae sahir á luz para o proximo anno de 1904, tem por fim dedicar-se exclusivamente ao desenvolvimento do agradavel passatempo de publicar charadas, logogriphos, enigmas, quebra-cabeçss, etc., cujo numero de afficionados já é bastante numeroso em todo o Brasil.

Ficam abertos tres concursos, sendo o

PRIMEIRO para a melhor charada novissima, em uma ou mais linhas;

SEGUNDO para o mais bem feito enigma (não em quadro);

TERCEIRO para o mais correcto logogripho, em 14 versos.

Os auctores dos trabalhos classificados em primeiro logar receberão da mão de nossos representantes em qualquer logar da Republica, a quantia de 10\$000 cada um.

Os originaes devem ser enviados até fins de maio de 1903, devendo o Almanak apparecer á venda em agosto.

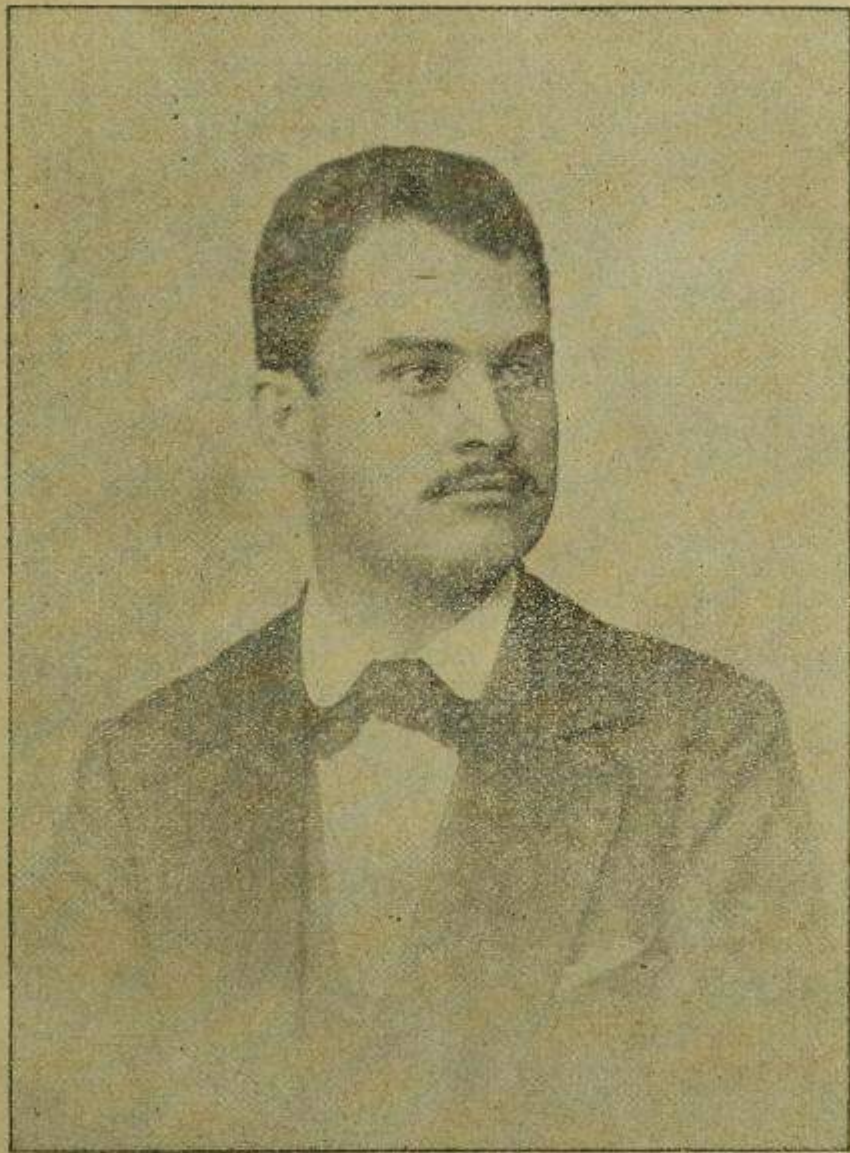
Toda a correspondencia deve ser dirigida para

OSCAR MONTEIRO

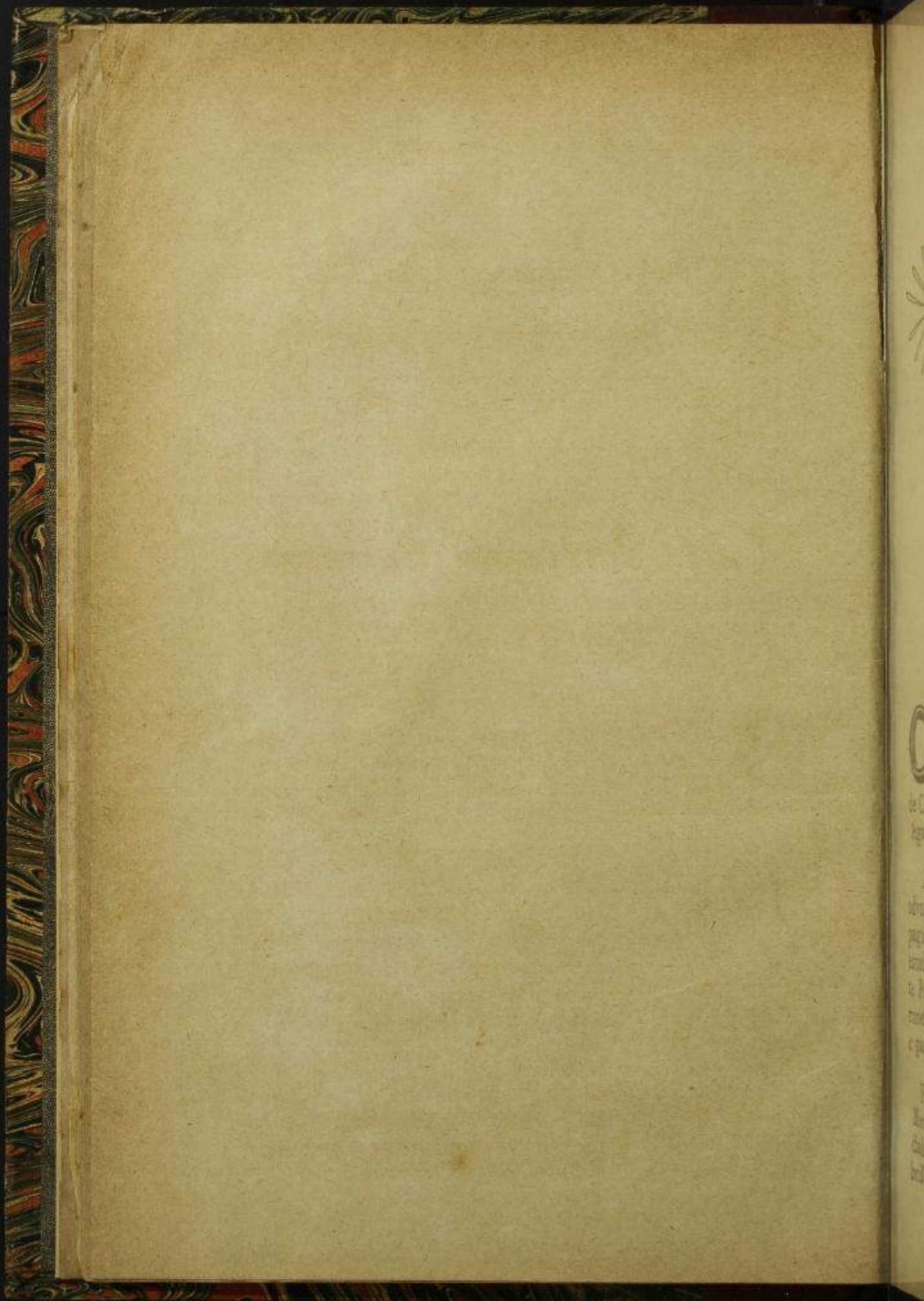
EDITOR

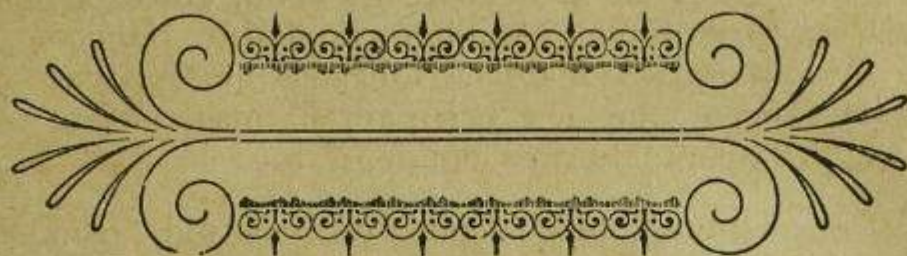
CAIXA DO CORREIO

SÃO PAULO



Dr. Carlos de Campos





Dr. Carlos de Campos

O DR. Carlos de Campos, filho do dr. Bernardino de Campos, preclaro chefe republicano, e da exma. snra. d. Francisca de Campos, nasceu na cidade de Campinas a 6 de Agosto de 1866.

Em Amparo, onde o seu illustre progenitor advogou largos annos, trabalhando tambem na propaganda democratica, effectuou os seus primeiros estudos com o fallecido coronel João Tiburcio Leite Penteadado, depois tabellião nesta capital, e o coronel Angelo de Araujo, actualmente seu cunhado e partidador do *Forum*.

Fez o seu curso de preparatorios no *Collegio Morton*, desta capital, matriculando-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, onde teve um curso brilhante, bacharelando-se em 1887.

Foram seus companheiros de anno, entre outros, L. Drummond, Ataulpho de Paiva, Nabuco de Abreu, Raja Gabaglia, Hollanda Lima, Rivadavia Corrêa, que hoje occupam na magistratura e no parlamento lugares eminentes.

Consoiciou-se, logo depois de formado, com uma sua distincta prima, ficando viuvo pouco tempo depois de casado, contrahindo segundas nupcias com a excma. sra. d. Maria de Sousa, filha do commendador Antonio Augusto de Sousa, ex-gerente da Viação Paulista, e depois concessionario da actual empreza de bondes *Light and Power*.

Collaborou em diversos jornaes do interior, transferindo depois a sua residencia para esta Capital, aonde exerceu durante dous annos o cargo de redactor-chefe do *Correio Paulistano*.

Logo depois de proclamada a Republica, por cujas idéas se bateu, foi convidado para exercer o lugar de chefe de policia de um dos estados da União, se não nos enganamos do Rio Grande do Norte, cargo que não chegou a occupar em virtude do golpe de Estado, dado pelo marechal Deodoro da Fonseca.

Foi eleito deputado estadual na primeira legislatura, depois da Constituinte, exercendo mais tarde, na presidencia do dr. Campos Salles, neste Estado, o importante cargo de seu Secretario de Justiça.

Nesta pasta prestou bons serviços ao Estado, entre elles a installação do Almojarifado da Força Publica, cuja secretaria organisou.

Durante a revolta de 6 de Setembro foi major do Commando Superior da Guarda Nacional, que patrióticos serviços prestou na defesa do Estado, occupando hoje na qualidade de chefe e no posto de coronel o Commando Superior dessa milicia civica em S. Paulo.

Foi reeleito deputado estadual para a presente legislatura, sendo escolhido pelos seus pares para vice-presidente da Camara, a que pertence.

Cavalheiro de fino trato, lhano e delicado, o dr. Carlos de Campos gosa no Estado de que é filho de larga e justa popularidade, tal a sympathia que sabe despertar entre aquelles que delle se approximam.

Advogado de nomeada, mostra sempre o maior escrupulo em tomar o patrocínio de causas que lhe pareçam odiosas ou de outras que possam constituir a menor contradicção á doutrinas que já expendeu, sacrificando muitas vezes, como já o tem feito, interesses não pequenos, para não offender susceptibilidades de amigos ou collegas que nellas possam ser contrariados.

Coração generoso não recusa, todas as vezes que póde, o seu concurso aos necessitados e aos desprotegidos que a elle se dirigem.

* * *

O dr. Carlos de Campos é, além de tudo, uma alma de artista.

O pouco tempo que lhe sobra dos seus affaeres, que são o seu escriptorio de advocacia, os

seus trabalhos do Congresso e os do Banco União, de que é um dos directores, consagra-o elle á musica, pela qual tem intensão paixão, verdadeiro fanatismo.

Compositor inspirado, elle possui já diversas producções esparsas e uma opera-comica *Caso Colonial*, em 3 actos, libreto do dr. Gomes Cardim, ornada de cerca de 30 numeros de musica, toda ella de uma belleza e originalidade rarissimas.

Antes da representação, já diversos musicos e jornalistas auguraram-lhe um ruidoso successo.

Abdon Milanez, o apreciado musicista que teve occasião de ouvir o primeiro acto, disse ao autor destas linhas, que o *Caso Colonial* não parecia o primeiro ensaio de um compositor novel, mas o trabalho de um maestro reputado, accrescentando que ainda não tinha visto primicias mais brilhantes.

E foi um preconicio verdadeiro.

O *Caso Colonial* que foi cantado em S. Paulo este anno, merecendo francos elogios de toda a imprensa, obtendo diversas representações consecutivas, causou na Capital Federal um enthusiasmo tão grande que lhe deu as proporções de um grande acontecimento artistico.

A imprensa inteira, em longos artigos enalteceu o inspirado *spartito*, aconselhando mesmo o joven compositor a abandonar todos os seus interesses, a politica e a advocacia, para se dedicar á musica e aperfeiçoar-se no estrangeiro.

Arthur Azevedo declarou mesmo, em uma chronica, que elle não tinha o direito de se furtar a elevar a arte em sua terra, pelo egoismo que quasi tudo o homem em demanda de interesses de outra ordem.

O publico do Rio fez-lhe então as mais ruidosas demonstrações de apreço, victoriando-o em larga messe de applausos.

Para terminar estas linhas, pallida *silhouette* da personalidade de Carlos de Campos, diremos que elle é um chefe de familia exemplar e que o seu lar, onde se revê feliz na imagem pura de cinco creaturinhas intelligentes e meigas, é um ninho de affectos e de carinhos que lhe entretecem os filhos, emmoldurado pela companheira virtuosa e boa, que o estremece e o alenta nas luctas e no labor da vida que todos temos.

E o director do — Almanak Historico-Litterario do Estado de S. Paulo, ao publicar o retrato e o perfil biographico do dr. Carlos de Campos, sente-se orgulhoso e satisfeito porque presta merecida homenagem a um cidadão distincto, de quem a Patria muito espera, quer no glorioso proscenio da arte a que se dedicou, quer no vasto campo dos destinos da Patria, no qual lhe está reservado salientissimo posto de lucta, em pról da ordem e do progresso da Republica Brasileira.

Carlos de Campos é o digno successor do benemerito — dr. Bernardino de Campos, seu illustre pae, de cuja personalidade este Almanak já se occupou em 1896 e 97.

O CAMBIO

Cambio é o preço pelo qual se compra em uma praça commercial certa quantidade fixa de moeda metallica ou fiduciaria corrente noutra praça. *Cambial* ou letra de cambio, é o titulo feito com as formalidades da lei por meio do qual se transfere ou manda-se ordem de pagar a quantia mencionada, objecto de contracto.

Na cambial firmam tres pessoas: *saccador* que mandou dar o dinheiro; o *tomador* que recebe a letra e às vezes o *portador* della ou quem effectivamente recebe seu valor; e o *saccado* ou accitante que tem de satisfazer o compromisso contrahido.

As operações de cambio são realizadas de duas maneiras: *saccando-se* numa praça directamente sobre outra e então se diz *cambio directo*; ou *saccando* por meio de terceiros, e então se diz *cambio indirecto*.

Em geral se confunde cambio com a cambial — esta é uma mercadoria como qualquer outra, sujeita às leis da oferta e da procura, ao passo que cambio é o preço, é o lucro ou rebate que tira o banqueiro por sua intervenção em taes negocios.

E como este lucro depende do valor das moedas dos diversos paizes, o qual ora se eleva e ora se abaixa da mesma maneira que o valor das outras mercadorias, — dahi vem o *curso do cambio* dando logar às mais eugenhas combinações da especulação.

Para melhor comprehender do assumpto figuremos um exemplo:

Considere-se uma grande balança para regular o commercio do Brasil com o estrangeiro.

Numa das conchas, o Brasil põe annualmente café, borraça e todos os seus productos — e noutra o estrangeiro põe os mais variados artigos da nossa importação.

As conchas estão equilibradas. Vem porém a Inglaterra e diz: é preciso pôr na primeira concha além do café, cacão, etc., cerca de sete milhões de libras esterlinas, para pagamento dos juros des empréstimos, das garantias dos caminhos de ferro, as encommendas, etc., etc.

O Brasil porém não tendo aquella mercadoria para cuja compra sua produção não basta — sacca sobre o futuro, passa titulo de credito, emitta notas, isto é, papel moeda, e com elle vai comprar a *libra esterlina* que não ha em abundancia no paiz.

Os mercados de Rio, Santos, Bahia, Pernambuco, Pará e outros (onde estão os bancos inglezes com grandes stoks de libras) vendo tamanba procura se retrahem e começam a reputar bem a mercadoria *libra esterlina*, conforme as necessidades da occasião.

E então, ora pedem por uma libra 24\$900 papel (cambio — 10) ora 20\$000 papel (cambio — 12) ora 16\$000 (cambio 15) sendo essa differença da balança commercial figurada por todos os economistas o motivo do phenomeno da alta e baixa do cambio e explicação do enorme prejuizo que annualmente tem o Brasil.

O commercio internacional, pois, produz a alteração no valor reciproco das suas moedas. Com a praça de Londres por exemplo, o preço do cambio ao par é de 26 pences e 935 do pence, synonymos de dinheiro esterlino por 1\$000.

O commercio tem admittido 27 para a facilidade dos calculos e é tambem nesse intuito que se pretende reduzir o valor do nosso papel a 24.

Em geral a praça de Londres é que regula o commercio do mundo e fornece o termo de comparação que é a L. (*libra esterlina*) cuja escala do valor consta da tabella que se segue.

Nas nossas transacções com os Estados Unidos o termo certo é o dollars, com as praças de França, Allemanha, etc. o franco ou reichsmark. Nas que mantemos com Portugal regula-se o cambio a um tanto % de premio por ser *forte* a moeda alli corrente: assim o cambio sendo de 196 % de premio deve-se augmentar mais 100 áquelle premio ou dar 296\$000 para receber 100\$000 *fortes* em Portugal.

TABELLA DE CAMBIO

DE 8 A 16

TAXA SOBRE LOXDRES	Inglaterra, valor libra esterlina	França, Italia, valor do franco	Allemanha, valor do Reichs- mark	Nova York, valor do Dollar	Portugal, valor de um mil réis forte	Buenos- Aires, va- lor do peso, ouro
8 D	30.000	1.192	1.472	6.180	6.677	5.953
1¼	29.090	1.756	1.428	6.992	6.475	5.781
1½	28.235	1.122	1.386	5.816	6.284	5.611
3¼	27.429	1.090	1.346	5.650	6.105	5.451
9 D	26.666	1.060	1.309	5.493	5.935	5.299
1¼	25.946	1.031	1.273	5.345	5.774	5.156
1½	25.263	1.004	1.240	5.204	5.623	5.021
3¼	24.615	978	1.208	5.071	5.479	4.892
10 D	24.000	954	1.178	4.944	5.342	4.770
1¼	23.414	931	1.149	4.823	5.211	4.653
1½	22.857	909	1.122	4.709	5.087	4.543
3¼	22.325	887	1.096	4.599	4.969	4.437
11 D	21.818	867	1.071	4.494	4.856	4.336
1¼	21.333	848	1.047	4.394	4.748	4.240
1½	20.869	830	1.024	4.299	4.649	4.148
3¼	20.425	812	1.002	4.208	4.546	4.059
12 D	20.000	785	981	4.120	4.451	3.975
1¼	19.591	779	961	4.036	4.361	3.894
1½	19.200	763	942	3.995	4.273	3.816
3¼	18.824	748	924	3.877	4.190	3.741
13 D	18.462	734	906	3.803	4.109	3.669
1¼	18.113	720	889	3.731	4.031	3.600
1½	17.778	707	872	3.662	3.957	3.533
3¼	17.455	794	857	3.595	3.885	3.469
14 D	17.143	681	841	3.531	3.815	3.407
1¼	16.842	669	827	3.469	3.749	3.347
1½	16.552	658	812	3.410	3.684	3.289
3¼	16.271	647	798	3.352	3.621	3.234
15 D	16.000	636	785	3.296	3.561	3.180
1¼	15.738	626	772	3.242	3.503	3.128
1½	15.484	614	760	3.190	3.446	3.077
3¼	15.238	606	748	3.138	3.392	3.028

Partidas theoricas monetarias (Ouro)

Allemanha, reichsmarck—100 pfennige	Réis	436,17
França) 1 franco—100 centimos	»	353,30
Italia)		
Portugal, 1 mil réis—53,28 1½ din. esterlinos	»	1.978,37
Inglaterra, libra esterlina—20 shillings a 12 pence	»	8.888,88
Nova York, 1 dollar—100 cents	»	1.831,
Argentina, 1 peso—100 centavos	»	1.766,51

CALENDARIO

CHRONOLOGIA

Correspondencia de algumas éras com a vulgar

Era vulgar (do nascimento de Jesus Christo)	1903
Da criação do mundo segundo o texto hebreu e a vulgata	5907
Do diluvio universal	4251
Desde o periodo Juliano	6616
> a primeira Olympiada	2679
> a fundação de Roma	2656
> o principio da monarchia portugueza	807
> a invenção da polvora por Schwartz	523
> a descoberta da America	511
> a invenção da typographia por Guttenberg	463
> a tomada de Constantinopla por Mahomet II e da queda do imperio do Oriente	450
> o descobrimento do Brasil	403
> a reforma religiosa	386
> o estabelecimento do calendario Gregoriano	321
> que o Rio de Janeiro foi constituido capital do Brasil	140
> os primeiros fructos colhidos por Fr. Velloso de um cafézeiro no Rio de Janeiro	131
> a revolução franceza	114
> a execução de Tiradentes	111
> a Independencia do Brasil	81
> o fim da guerra do Paraguay	83
> a emancipação dos escravos no Brasil	15
> a proclamação da Republica nos Estados-Unidos do Brasil	14

Computo ecclesiastico

Aureo numero	4	Letra dominical	D
Epacta	2	Letra do Martyrolog.	b
Cyelo solar	8	Indicção Romana	11
Periodo Juliano 6616			

Temporas

As primeiras (<i>Reminiscere</i>)	4, 6 e 7 de março.
As segundas (<i>Trinitatis</i>)	3, 5 e 6 de junho.
As terças (<i>Lucia</i>)	16, 18 e 19 de setembro.
As quartas (<i>Cruis</i>)	16, 18 e 19 de dezembro.

Festas moveis e dias santificados

Circumcisão	1 de janeiro.
Dia de Reis	6 de janeiro.
S. Sebastião (Capital Federal)	20 de janeiro.
Conv. de S. Paulo (S. Paulo)	25 de janeiro.
Purificação de Nossa Senhora	2 de fevereiro.
Septuagesima	8 de fevereiro.
Cinzas	25 de fevereiro.
Annunciação de Nossa Senhora	25 de março.
Ramos	5 de abril.
Endoenças	9 de abril.
Paixão do Senhor	10 de abril.
Paschoa	12 de abril.
Paschoela	19 de abril.
Ladainhas	18, 19 e 20 de maio.
Ascensão do Senhor	21 de maio.
Espirito Santo	31 de maio.
Santissima Trindade	7 de junho.
Corpo de Deus	11 de junho.
Sagrado Coração de Jesus	19 de junho.
S. João	24 de junho.
S. Pedro	29 de junho.
Visitação de Nossa Senhora (Bahia)	2 de junho.
Assumpção de Nossa Senhora	15 de agosto.
Natividade de Nossa Senhora	8 de setembro.
Todos os Santos	1 de novembro.
Primeiro domingo do Advento	29 de novembro.
Conceição de Nossa Senhora	8 de dezembro.
Natal	25 de dezembro.

Estações do anno

REFERIDAS AO HEMISPHERIO DO SUL

O *Outono* principia a 21 de março, ás 4 horas e 22 minutos da tarde.

O *Inverno* principia a 22 de junho, ás 12 horas e 12 minutos da tarde.

A *Primavera* principia a 24 de setembro, ás 2 horas e 51 minutos da manhã.

O *Estio* principia a 22 de dezembro, ás 9 horas e 27 minutos da manhã.

Dias feriados variaveis

Semana Santa. Festa celebrada com este nome, de Quarta-feira de Trevas até completarem 8 dias.

FERIADOS DOS ESTADOS

Alagoas

Junho 11 Promulgação da Constituição.
Setembro . . . 16 Emancipação politica.

Amazonas

Junho 10 Libertação dos escravos.
Julho 1 Instalação do Congresso Constituinte.
Agosto 17 Promulgação da Constituição.
Setembro 5 Elevação á categoria de provincia.
Novembro . . . 21 Adhesão á Republica.

Bahia

Julho 2 Promulgação da Constituição.
Novembro . . . 7 Revolução Republicana de 1835.

Ceará

Março 25 Emancipação dos escravos.
Julho 12 Promulgação da Constituição.
Novembro . . . 16 Adhesão á Republica.
 ' . . . 24 Adhesão á Independencia.

Espirito-Santo

Maió 2 Promulgação da Constituição.

Goyaz

Junho 1 Promulgação da Constituição.
Dezembro . . . 16 Noticia da Independencia — 1822.

Maranhão

Julho 28 Promulgação da Constituição.
Novembro . . . 18 Adhesão á Republica.

Matto Grosso

Janeiro 22 Adhesão á Independencia.
Maio 7 Restauração da legalidade — 1892.

Junho	13	Retomada de Corumbá em 1868
Agosto	15	Promulgação da Constituição.
Dezembro . . .	9	Adesão á Republica.

Minas Geraes

Junho	5	Promulgação da Constituição.
---------------	---	------------------------------

Pará

Junho	22	Promulgação da Constituição.
Agosto	15	Adesão á Independencia.
Novembro . . .	16	Adesão á Republica.

Parahyba

Julho	30	Promulgação da Constituição.
Agosto	5	Nossa Senhora das Neves, Padroeira do Estado.

Paraná

Abril	7	Promulgação da Constituição.
Dezembro . . .	19	Installação da Provincia em 1853.

Pernambuco

Janeiro	27	Restauração de Pernambuco do dominio kollandez em 1654.
Março	6	Revolução republicana em 1817.
Junho	17	Promulgação da Constituição.
Julho	24	Proclamação da Republica do Equador, 1824.
Novembro . . .	10	Primeiro brado em prol da Republica no Brasil, por Bernardo Vieira de Mello, 1710.

Piauhy

Janeiro	24	Adesão á Independencia.
Junho	13	Promulgação da Constituição.
Novembro . . .	16	Adesão á Republica.

Rio Grande do Norte

Março	19	Instal. do governo republicano, em 1817
Abril	7	Promulgação da Constituição.
Junho	12	Fuzilamento de frei Miguelinho.

Rio Grande do Sul

- Julho 14 Promulgação da Constituição.
Setembro . . . 20 Revolução republicana de 1835.

Rio de Janeiro

- Abril 9 Promulgação da Constituição.

S. Paulo

- Julho 8 Instalação do Congresso Constituinte.
 " 14 Promulgação da Constituição.
Dezembro . . . 15 Restauração da legalidade.

Santa Catharina

- Junho 11 Promulgação da Constituição.
Novembro . . . 17 Adesão à Republica.

Sergipe

- Maio 18 Promulgação da Constituição.
Outubro 11 Reforma da Constituição.
 " 24 Adesão à Independencia.

Festas nacionaes

DIAS FERIADOS DA REPUBLICA DOS E. U. DO BRASIL

1 janeiro, consagrado à commemoração da fraternidade universal.

25 fevereiro, consagrado à commem. da data em que foi proclamada a Constituição da Republica.

21 abril, consagrado à commem. dos precusores da Independencia Brasileira, resumidos em Tiradentes.

3 maio, consagrado à commem. do descobrim. do Brasil.

13 maio, consagrado à commem. da fraternidade dos Brasileiros.

14 julho, consagrado à commem. da Republica, da Liberdade e da Independencia dos povos americanos.

7 setembro, consagrado à commem. da Independencia do Brasil.

12 outubro, consagrado à commem. da descoberta da America

2 novembro, consagrado à commem. geral dos mortos.

15 novembro, consagrado à commem. da Patria Brasileira.

Primeiro mez **Janeiro** Tem 31 dias

PHASES DA LUA

Lua Nova a 28, á 1 hora e 46 min. da tarde.
Quarto Crescente a 6, ás 7 horas e 4 min. da noite.
Lua Cheia a 13, ás 11 horas e 15 min. da manhã.
Quarto Minguante a 20, ás 8 horas e 56 min. da manhã.

1	Quinta	✠	CIRCUMCISÃO DO SENHOR
2	Sexta		S. Izidoro. Argéo
3	Sabbado		S. Anthero. Genoveva
4	Domingo		S. Gregorio. Tito
5	Segunda		S. Simeão. Appolinaria
6	Terça	✠	Os REIS MAGOS
7	Quarta		S. Theodoro. Fillon
8	Quinta		S. Lourenço. Justiniano
9	Sexta		S. Julião. Bazilisa
10	Sabbado		S. Paulo. Gonçalo de Amarante
11	Domingo		S. Hygino. Honorata
12	Segunda		S. Satyro. Zotico
13	Terça		S. Hilario. Gumercindo
14	Quarta		S. Felix de Noles. Bernardino
15	Quinta		S. Amaro. Benito
16	Sexta		Os Santos Martyres de Marrocos
17	Sabbado		S. Antão
18	Domingo		S. Prisca. Margarida de Hungria
19	Segunda		S. Canuto. Mario
20	Terça	✠	S. SEBASTIÃO. Fabiano
21	Quarta		S. Ignez. Fructuoso
22	Quinta		S. Vicente. Anastacio
23	Sexta		S. Ildefonso. Raymundo
24	Sabbado		S. Timotheo. Nossa Senhora da Paz
25	Domingo		CONVERSÃO DE S. PAULO
26	Segunda		S. Polycarpo. Paula
27	Terça		S. João Chrysostomo. Dácio
28	Quarta		S. Cyrillo. Veronica.
29	Quinta		S. Francisco de Salles
30	Sexta		S. Martinha. Jacintha
31	Sabbado		S. Pedro Nolasco. Cyro

CHARADA

O despeito da povoação é pelo orgulho. — 2, 3
 Sta. Catharina. VIRIATO A. GARCIA.

FOLHA DE NOTAS

A series of horizontal dashed lines for writing notes, spanning the width of the page.

Segundo mez **Fevereiro** Tem 28 dias

PHASES DA LUA

Lua Nova a 27, à 7 horas e 27 min. da manhã.
Quarto Crescente a 5, às 7 horas e 5 min. da tarde.
Lua Cheia a 11, às 10 horas e 50 min. da tarde.
Quarto Minguante a 19, às 3 horas e 30 min. da manhã.

1	Domingo	S. Ignacio. Bfigida
2	Segunda	✠ PURIFICAÇÃO DE NOSSA SENHORA
3	Terça	S. Braz. Odorico
4	Quarta	S. André. Gilberto
5	Quinta	S. Agueda. Pedro Baptista
6	Sexta	S. Silvano. Dorothea.
7	Sabbado	S. Romualdo. Ricardo
8	Domingo	SEPTUAGESIMA. S. João da Matta
9	Segunda	S. Sabino. Appollonia
10	Terça	S. Escholastica. Guilherme
11	Quarta	S. Lazaro. Joanna
12	Quinta	S. Eulalia
13	Sexta	S. Gregorio. Catharina
14	Sabbado	Valentim
15	Domingo	S. Faustino. Jovita
16	Segunda	S. Porfirio. Samuel
17	Terça	S. Silvino. Faustino
18	Quarta	S. Cesario. Donato
19	Quinta	S. Conrado. Ernestina
20	Sexta	S. Eleuterio. Nilo
21	Sabbado	S. Maximiano. Angela
22	Domingo	CARNAVAL. S. Margarida de Cortona
23	Segunda	S. Pedro Damião Martha
24	Terça	✠ S. Sergia. Mathias
25	Quarta	CINZAS. S. Theotonio. Simeão
26	Quinta	S. Torquato. Custodia
27	Sexta	S. Leonidas. Christiana
28	Sabbado	S. Romão. Eustachio

CHARADAS

O cascalho no navio é instrumento. 2, 1
O percevejo mordeu o homem por ser buliçoso. 2, 3
Furta do homem, grande larapio! 2, 1
Minas Geraes. Os GUAPAS.

FOLHA DE NOTAS

A series of horizontal dashed lines for writing notes, spanning the width of the page.

Terceiro mez

Março

Tem 31 dias

PHASES DA LUA

Lua Nova a 28, às 10 horas e 33 min. da manhã.
Quarto Crescente a 6, às 4 horas e 21 min. da tarde.
Lua Cheia a 13, às 9 horas e 20 min. da manhã.
Quarto Minguante a 20, às 11 horas e 15 min. da tarde.

1	Domingo	S. Adriano. Jovita. Rosendo
2	Segunda	Simplicio. Euzébio
3	Terça	Hermetério. Celidonio
4	Quarta	S. Casimiro. Lucio
5	Quinta	S. Theophilo. Rogerio
6	Sexta	S. Olegaria. Collecta
7	Sabbado	S. Thomaz de Aquino. Felicidade
8	Domingo	S. João de Deus. Quintillo
9	Segunda	S. Francisca. Catharina da Bohemia
10	Terça	S. Militão. Macario
11	Quarta	S. Candido. Zacharias
12	Quinta	S. Gregorio. Antonio de Noto
13	Sexta	S. Rodrigo. Eufrazia
14	Sabbado	S. Mathilde. Florentina
15	Domingo	S. Henrique Longuinhos
16	Segunda	S. Cyriaco. Abraham
17	Terça	S. Patricio. Gertrudes
18	Quarta	S. Gabriel. Narciso. Salvador
19	Quinta	S. José. Quartilla. Quintilla
20	Sexta	S. Martinho. Braulio
21	Sabbado	S. Bento. Berillo
22	Domingo	S. Octavio. Benevenuto
23	Segunda	S. Victorino. Felix
24	Terça	S. Marcos. Agapito
25	Quarta	✠ ANUNCIAÇÃO DE NOSSA SENHORA
26	Quinta	S. Ludgero. Cassiano
27	Sexta	S. Roberto. Lydia. Fileto
28	Sabbado	S. Alexandre. Dorothea
29	Domingo	S. Bertholdo. Jonas
30	Segunda	S. João Climaco. Angela
31	Terça	S. Benjamim. Balbina

PENSAMENTO — Por mais bella que seja uma mulher, só quando ella chora é que é verdadeiramente formosa. — *Lima Junior.*

FOLHA DE NOTAS

A series of horizontal dashed lines for writing notes, spanning the width of the page.

Quarto mez

Abril

Tem 30 dias

PHASES DA LUA

Lua Nova a 27, às 10 horas e 39 min. da manhã.
Quarto Crescente a 4, às 10 horas e 59 min. da tarde.
Lua Cheia a 11, às 9 horas e 26 min. da tarde.
Quarto Minguante a 19, às 6 horas e 39 min. da tarde.

1	Quarta	S. Valerio. Venancio
2	Quinta	S. Francisco de Paula
3	Sexta	S. Ricardo. Benedicto
4	Sabbado	S. Platão. Zozimo
5	Domingo	RAMOS S. Vicente Ferrer. Irene
6	Segunda	S. Marcellino. Diogenes
7	Terça	S. Epiphanio. Waltrude
8	Quarta	TREVAS. S. Amancio. Clemente
9	Quinta	✠ ENDOENÇAS. S. Prócoro. Demetrio
10	Sexta	▲ PAIXÃO. S. Ezequiel. Pompeu
11	Sabbado	ALLEGUIA. Leão. Izaac
12	Domingo	PASCHOA. S. Victor. Angelo
13	Segunda	S. Hermenegildo. Margarida de Cast.
14	Terça	S. Tiburcio. Valeriano
15	Quarta	S. Lucio. Anastacia
16	Quinta	S. Engracia. Fructuoso
17	Sexta	S. Aniceto. Elias
18	Sabbado	S. Galdino. André
19	Domingo	PASCHOELA. S. Hermogenes. Conrado
20	Segunda	S. Ignez. Severiano
21	Terça	▲ S. Anselmo. Silvino
22	Quarta	S. Caio. Senhorinha
23	Quinta	S. Jorge. Adalberto
24	Sexta	S. Fideles. Honorio
25	Sabbado	S. Marcos. Herminio
26	Domingo	S. Cleto. Marcellino
27	Segunda	S. Tertuliano. Turibio
28	Terça	S. Vital. Prudencio
29	Quarta	S. Hugo. Antonia
30	Quinta	S. Sophia. Peregrino

CHARADAS

Formosa ave vóa na Asia. 2, 2
 E' em alguma cousa elevado um general. 1, 2
 Barreiros, Pernambuco. ROMEUSANTOS.

FOLHA DE NOTAS

A series of horizontal dashed lines for writing notes, spanning the width of the page.

[Faint, illegible text from the adjacent page is visible on the left edge.]

Quinto mez

Maio

Tem 31 dias

PHASES DA LUA

Quarto Crescente a 4, às 4 horas e 33 min. da manhã.
Lua Cheia a 11, às 10 horas e 25 min da manhã.
Quarto Minguante a 19, às 0 horas e 26 min. da tarde.
Lua Nova a 26, às 7 horas e 57 min. da tarde.

1	Sexta	S. Felipe. Thiago. Segismundo
2	Sabbado	S. Mafalda. Athanasio
3	Domingo	S. Alexandre
4	Segunda	S. Monica. Floria
5	Terça	S. Pio. Angelo. Joviniano
6	Quarta	S. João Damasceno
7	Quinta	S. Estanislau. Augusto
8	Sexta	Apparição de S. Miguel
9	Sabbado	S. Gregorio. Gerencio
10	Domingo	S. Antonio. Jacob
11	Segunda	S. Fabio. Florenço
12	Terça	S. Joanna. Adalgisa
13	Quarta	S. Alberto. Glycerio
14	Quinta	S. Bonifacio. Attilio
15	Sexta	S. Emygdio. Cecilio
16	Sabbado	S. Ubaldo. Honorato
17	Domingo	S. Possidonio. Paschoal
18	Segunda	S. Erico. Julia. Venancio
19	Terça	S. Ivo. Pedro Celestino
20	Quarta	S. Bernardino de Senna. Pauti
21	Quinta	ASCENÇÃO DE NOSSO SENHOR
22	Sexta	S. Manços. Torquato
23	Sabbado	S. Rita de Cassia. Helena
24	Domingo	S. Brasileu. Desiderio
25	Segunda	S. Afra. João do Prado
26	Terça	S. Maria Magdalena. Urbano
27	Quarta	S. Phelippe Nery. Eleuterio
28	Quinta	S. Germano. Emilio
29	Sexta	S. Maximo. Theodorico
30	Sabbado	S. Fernando. Felix
31	Domingo	S. Petronilha. Diogo

CHARADA

Um seculo? Sim! Exclamaram as bacchantes. 2, 1
 Porto Alegre. TONIANO.

FOLHA DE NOTAS

A series of horizontal dashed lines for writing notes, spanning the width of the page.

Sexto mez

Junho

Tem 30 dias

PHASES DA LUA

Quarto Crescente a 2, às 10 horas e 32 min. da manhã.
Lua Cheia a 10, às 0 horas e 15 min. da noite.
Quarto Minguante a 18, às 3 horas e 51 min. da manhã.
Lua Nova a 26, às 3 horas e 18 min. da manhã.

1	Segunda	S. Firmo. Fortunato
2	Terça	S. Marcellino. Blandina
3	Quarta	S. Ovidio. Laurentino. Clotilde
4	Quinta	S. Quirino. Saturnino
5	Sexta	S. Marciano. Bonifacio
6	Sabbado	S. Norberto. Paulina
7	Domingo	SS. TRINDADE. Roberto. Paulo
8	Segunda	S. Severino. Salustiano
9	Terça	S. Feliciano. Melania
10	Quarta	S. Mauricio. Getulio
11	Quinta	✠ CORPO DE DEUS. S. Barnabè. Alcides
12	Sexta	S. Onofre
13	Sabbado	S. Antonio de Lisboa
14	Domingo	S. Basilio. Elizeu
15	Segunda	S. Modesto. Laudelino
16	Terça	S. Aureliano. Justina
17	Quarta	S. Manuel. Thereza
18	Quinta	S. Leoncio. Izabel
19	Sexta	SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. Juliana
20	Sabbado	S. Silverio. Florentina
21	Domingo	S. Torencio. Albano
22	Segunda	S. Paulino. Fausto
23	Terça	S. Edeltrudes. Aggripina
24	Quarta	✠ S. JOÃO BAPTISTA Orencio
25	Quinta	S. Guilherme. Febronia
26	Sexta	S. Virgilio. Pelagio
27	Sabbado	S. Ladislau. Benevenuto
28	Domingo	S. Argemiro
29	Segunda	✠ S. PEDRO E S. PAULO Marcello
30	Terça	S. Marçal. Emiliana

CHARADA.

A's direitas é grande reunião. }
 A's avessas lá na India região. } 2
 Porto Alegre. PERCIVAL BRENNER.

FOLHA DE NOTAS

A series of horizontal dashed lines for writing notes, spanning the width of the page.

Julho

Tem 31 dias

Setimo mez

PHASES DA LUA

Quarto Crescente a 1, às 6 horas e 39 min. da tarde.
 Lua Cheia a 9, às 2 horas e 52 min. da tarde.
 Quarto Minguante a 17, às 4 horas e 30 min. da tarde.
 Lua Nova a 24, às 9 horas e 53 min. da manhã.
 Quarto Crescente a 31, às 4 horas e 22 min. da manhã.

1	Quarta	S. Theodorico. Julio
2	Quinta	SANTA IZABEL. (Dia santo na Bahia)
3	Sexta	S. Jacintho. Heliodoro
4	Sabbado	S. Oscar. Laureano
5	Domingo	S. Miguel dos Santos. Philomena
6	Segunda	S. Izaías Domingas
7	Terça	S. Claudio. Ildefonso
8	Quarta	S. Procopio. Lourenço
9	Quinta	S. Cyrillo. Nicolau
10	Sexta	S. Januario. Amelia
11	Sabbado	S. Sabino Cypriano
12	Domingo	S. João Gualberto
13	Segunda	S. Eugenio. Anacleto
14	Terça	S. Boaventura. Justo
15	Quarta	S. Camillo. Henrique
16	Quinta	Nossa Senhora do Carmo. Sizenando
17	Sexta	S. Aleixo. Aeylino
18	Sabbado	S. Rufino. Marinha
19	Domingo	S. Vicente de Paula. Arsenio
20	Segunda	S. Elias. Comba. Liberata
21	Terça	S. Praxedes. Claudino
22	Quarta	S. Theophilo. Meneleu
23	Quinta	S. Appollinario. Liborio
24	Sexta	S. Christina. Francisco. Solano
25	Sabbado	S. Thiago. Christevam
26	Domingo	S. Anna. Olympio. Theodulo
27	Segunda	S. Pantaleão. Natalia
28	Terça	S. Innocencio. Nazario
29	Quarta	S. Olavo. Beatriz. Florá
30	Quinta	S. Abdon. Domitilla
31	Sexta	S. Climerio. Democrito

CHARADAS

Livra-te do malvado que anda de archote! - 2, 2
 Ouro Preto, Minas. Os 4 M. G.

FOLHA DE NOTAS

A series of horizontal dashed lines for writing notes, spanning the width of the page.

Oitavo mez

Agosto

Tem 31 dias

PHASES DA LUA

Lua Cheia a 8, às 6 horas e 42 min. da manhã.
Quarto Minguante a 16, às 2 horas e 30 min. da tarde.
Lua Nova a 22, às 4 horas e 50 min. da tarde.
Quarto Crescente a 29, às 5 horas e 42 min. da tarde.

1	Sabbado	FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE
2	Domingo	NOSSA SENHORA DOS ANJOS
3	Segunda	S. Lydia. Ermilio
4	Terça	S. Tertuliano. Perpetua
5	Quarta	S. Tertuliano. N. das Neves
6	Quinta	S. Xisto. Felicissimo
7	Sexta	S. Caetano. Donato
8	Sabbado	S. Emiliano. Severo
9	Domingo	S. Romão. Veriano
10	Segunda	S. Lourenço. Asteria
11	Terça	S. Tiburcio Suzanna
12	Quarta	S. Graciliano. Clara
13	Quinta	S. Hippolyto. Helena
14	Sexta	S. Euzebio. Athanazio
15	Sabbado	✠ ASSUMÇÃO DE NOSSA SENHORA
16	Domingo	S. Joaquim. Roque
17	Segunda	S. Mamede. Emilia
18	Terça	S. Lauro. Herminio
19	Quarta	S. Mariano. Tecla
20	Quinta	S. Leovigildo. Bernardo
21	Sexta	S. Umbelina. Anastacio
22	Sabbado	S. Thimotheo. Felisberto
23	Domingo	S. Liberato. Divina
24	Segunda	S. Bartholomeu. Aurea
25	Terça	S. Luiz de França
26	Quarta	S. Zeferino. Genesio
27	Quinta	S. Licerio. Euthalia
28	Sexta	S. Agostinho. Hermes
29	Sabbado	S. Adolpho. Candida
30	Domingo	S. Rosa de Lima. Bonifacio
31	Segunda	S. Raymundo. Aristides

CHARADA

Abala no corpo esta doença. 3, 2
 Belem, Pará. JORGE PEREIRA PINTO.

FOLHA DE NOTAS

A series of horizontal dashed lines for writing notes, spanning the width of the page.

Nono mez

Setemro

Tem 30 dias

PHASES DA LUA

Lua Cheia a 6, às 9 horas e 27 min. da tarde.
Quarto Minguante a 14, às 10 horas e 30 min. da manhã.
Lua Nova a 21, às 10 horas e 30 min. da manhã.
Quarto Crescente a 28, às 10 horas e 16 min. da manhã.

1	Terça	S. Egydio. Josué. Izabel
2	Quarta	S. Elpidio. Estevãoi
3	Quinta	S. Aristeu. Euphema
4	Sexta	S. Candida. Rosalia.
5	Sabbado	S. Gentil. Herculano Lourenço
6	Domingo	S. Libania. Zacharias
7	Segunda	S. Clodoaldo. Regina
8	Terça	NATIVIDADE DE NOSSA SENHORA
9	Quarta	S. Sergio. Serafina
10	Quinta	S. Nicolau. Tolentino. Sostenes
11	Sexta	S. Theodora. Didimo
12	Sabbado	S. Juvencio. Silvano. Taciano
13	Domingo	SANTO NOME DE MARIA. Maurilio
14	Segunda	S. Crescencio. Salustia
15	Terça	S. Nicomedes. Melitina
16	Quarta	S. Cypriano. Luzia
17	Quinta	S. Pedro de Arbues. Comba
18	Sexta	S. Thomaz. Flodoardo
19	Sabbado	DORES DE NOSSA SENHORA
20	Domingo	S. Januariu. Constança
21	Segunda	S. Matheus. Ephigenia
22	Terça	S. Mauricio. Thomaz
23	Quarta	S. Lino. Urraca
24	Quinta	S. Geraldo. Dalmacio
25	Sexta	S. Firmino. Pacifico
26	Sabbado	S. Justino. Calistrato. Luzia
27	Domingo	S. Cosme. Damião
28	Segunda	S. Wenceslau. Lioba
29	Terça	S. Miguel Archanjo. Fraterno
30	Quarta	S. Jeronymo. Leopoldo

CHARADAS

Este pronome e este titular, está no mar. 1, 2
 Atormenta na musica e favorece na cama. 1, 1, 1
 Torrinha.

ANTONIO J. LEITE.

FOLHA DE NOTAS

A series of horizontal dashed lines for writing notes, spanning the width of the page.

Decimo mez

Outubro

Tem 31 dias

PHASES DA LUA

Lua Cheia a 6, às 5 horas e 40 min. da manhã.
Quarto Minguante a 13, às 5 horas e 4 min. da tarde.
Lua Nova a 20, às 1 horas e 00 min. da tarde.
Quarto Crescente a 28, às 5 horas e 40 min. da tarde.

1	Quinta	S. Verissimo. Maxima
2	Sexta	S. Ludgero. Bruno
3	Sabbado	S. Placido. Flaviano
4	Domingo	NOSSA SENHORA DO ROSARIO
5	Segunda	S. Francisco de Assis
6	Terça	S. Magno. Erathides
7	Quarta	S. Marcos. Matheus
8	Quinta	S. Brigida. Pelagia
9	Sexta	S. Dyonisio. Publia
10	Sabbado	S. Francisco de Borja
11	Domingo	S. Germano. Genoveva
12	Segunda	S. Serafino
13	Terça	S. Eduardo. Daniel
14	Quarta	S. Calisto. Gaudencio
15	Quinta	S. Thereza de Jesus
16	Sexta	S. Martiniano. Lullo
17	Sabbado	S. Florencio. Edwiges
18	Domingo	NOSSA SENHORA DOS REMEDIOS
19	Segunda	S. Pedro de Alcantara
20	Terça	S. Iria. Cancio
21	Quarta	S. Hilarião. Celina
22	Quinta	S. Ladislau. Maria Salomé
23	Sexta	S. Domicio Servando.
24	Sabbado	S. Fortunato. Raphael
25	Domingo	S. Chrispiniano. Gabino
26	Segunda	S. Evaristo. Ventura
27	Terça	S. Elashão. Rufino
28	Quarta	S. Simão. Honorato
29	Quinta	S. Feliciano. Bemvinda
30	Sexta	S. Serapião. Luciano
31	Sabbado	S. Quintino. Lucilla

CHARADA

O geographo aperta o imperador romano. 2, 1
 Petropolis, Cascatinha. A. J. SOARES DA SILVA

FOLHA DE NOTAS

A series of horizontal dashed lines for writing notes, spanning the width of the page.

Undecimo mez **Novembro** Tem 30 dias

PHASES DA LUA

Lua Cheia a 5, às 2 horas e 30 min. da manhã.
Quarto Minguante a 11, às 11 horas e 53 min. da tarde.
Lua Nova a 19, às 2 horas e 17 min. da manhã.
Quarto Crescente a 27, às 2 horas e 44 min. da manhã.

1	Domingo	✠	TODOS OS SANTOS. Marcello
2	Segunda	✠	FINADOS. Tobias. Sylvia
3	Terça		S. Malachias. Firmino
4	Quarta		S. Vidal. Agricola. Carlos Borromeu
5	Quinta		S. Thimotheo. Izabel
6	Sexta		S. Severo. Leonardo
7	Sabbado		S. Florencio. Ernesto
8	Domingo		S. Godofredo. Nicandro
9	Segunda		S. Theodoro. Theodomiro
10	Terça		S. André. Avelino. Florencia
11	Quarta		S. Martinho. Delfino
12	Quinta		S. Diogo. Levino
13	Sexta		S. Eugenio. Zebina
14	Sabbado		PATROCINIO DE NOSSA SENHORA
15	Domingo	✠	S. Leopoldo. Gertrudes
16	Segunda		S. Valerio. Gonçalo
17	Terça		S. Alfeu. Salomé. Zacheu
18	Quarta		S. Odon. Astrogilda
19	Quinta		S. Ponciano. Abdias
20	Sexta		S. Octavio. Edmundo
21	Sabbado		S. Demetrio. Honorio
22	Domingo		S. Amphiloquio. Cecilia
23	Segunda		S. Clemente. Felicidade
24	Terça		S. Estanislau. João da Cruz
25	Quarta		S. Chrysogno. Catharina
26	Quinta		S. Belmiro. Delphina
27	Sexta		S. Bernardo. Margarida de Saboya
28	Sabbado		S. Jacob. Gregorio
29	Domingo		ADVENTO. S. Saturnino. Illuminata
30	Segunda		S. André. Constancio

CHARADAS (NOVISSIMAS)

Este homem é catholico na Igreja. — 1, 2

O vehiculo é homem e vehiculo. — 2, 1

Jacarehy.

THEOPHILO ALVES GUIMARÃES.

FOLHA DE NOTAS

A series of horizontal dashed lines for writing notes, spanning the width of the page.

Duodecimo mez **Dezembro** Tem 31 dias

PHASES DA LUA

Lua Cheia a 4, às 3 horas e 20 min da tarde.
Quarto Minguante a 11, às 8 horas e 10 min. da manhã.
Lua Nova a 18, às 6 horas e 33 min. da tarde.
Quarto Crescente a 26, às 11 horas e 30 min. da tarde.

1	Terça	S. Eloy. Agerico. Mariano
2	Quarta	S. Bibiana. Aurelia
3	Quinta	S. Francisco Xavier. Galgano
4	Sexta	S. Barbara. Osmundo
5	Sabbado	S. Geraldo. Sabbas. Perillo
6	Domingo	S. Nicolau. Davina
7	Segunda	S. Ambrosio. Fara. Marinonio
8	Terça	✠ IMMACULADA CONCEIÇÃO DEN.SENHORA
9	Quarta	S. Leocadia. Gorgona
10	Quinta	S. Melchiades
11	Sexta	S. Damaso. Franco
12	Sabbado	S. Dyonisia. Constança
13	Domingo	S. Orestes. Otilia
14	Segunda	S. Agnello Nicacio
15	Terça	S. Irineu. Zulmira
16	Quarta	S. Valentim. Adelaide
17	Quinta	S. Lazaro. Venina
18	Sexta	S. Braziliano. Espiridião
19	Sabbado	S. Dario. Fausta
20	Domingo	S. Domingos. Filogonio
21	Segunda	S. Thomé. Themistocles
22	Terça	S. Honorato. Flaviano
23	Quarta	S. Servulo. Victoria
24	Quinta	S. Gregoriano. Herminia
25	Sexta	NATAL
26	Sabbado	S. Estevão. Marinho
27	Domingo	S. Theophanes
28	Segunda	S. Theophila. Os SS. Innocentes
29	Terça	S. David. Thomaz de Cantuaria
30	Quarta	S. Anizio. Aluizio
31	Quinta	S. Silvestre. Nominando

CHARADA (NOVISSIMA)

A penedia é corrente e pertence aos campos. 2, 2
 Barra do Pirahy. **LINDOLPHO FERNANDES.**

FOLHA DE NOTAS

A series of horizontal dashed lines for writing notes, spanning the width of the page.

Dezembro 31 1944

1944-1945

1944-1945

1944-1945

1944-1945

ECLIPSES

No anno de 1903 haverá 4 eclipses, sendo 2 do sol e 2 da lua.

1º Eclipse annular do sol, invisível no Brasil, visível na Asia Central, China e Siberia Oriental; a 28 de março.

Começo geral — 8 h. 17^m da manhã.
Meio do eclipse — 11 h. 22^m da manhã.
Fim geral — 1 h. 9^m da tarde.

2º Eclipse parcial da lua, visível no Brasil; a 11 de abril.

1º contacto com a penumbra — 7 h. 34^m da tarde.
1º contacto com a sombra — 7 h. 41^m.
Meio do eclipse — 9 h. 20^m.
Ultimo contacto com a sombra — 11 h.
Ultimo contacto com a penumbra — 0 h. 5^m da manhã de 12.

3º Eclipse total do sol, invisível no Brasil, visível no Pacifico Sul e no Oceano Glacial Antartico; a 20 de setembro.

Começo geral — 11 h. 35^m da tarde.
Meio do eclipse — 3 h. da manhã de 21.
Fim geral — 4 h. da manhã.

4º Eclipse parcial da lua, invisível no Brasil; a 6 de outubro.

Começo geral — 9 h. 53^m da manhã.
Meio do eclipse — 1 h. da tarde.
Fim geral — 3 h. 14^m da tarde.

As horas são calculadas pelo tempo civil do Rio de Janeiro.

ANEDOCTAS

Francisco I passeava um dia a cavallo pelos arredores de Paris, e já longe, um pouco fatigado, dirigio-se a uma choupana, cujo morador, um pobre camponez, o recebeu affavelmente.

O rei achou que o homem parecia-se extremamente comsigo e, tendo pedido agua, antes de bebel-a, procurou divertir-se perguntando ao rustico:

— Acaso tua mãe algum dia esteve empregada no paço, meu rapaz?

O homem responde com toda a ingenuidade:

— Não, meu senhor; meu pae é que durante muitos annos foi aio da senhora rainha.

— Quanto pesa a humanidade de Christo? perguntava-se a um sujeito que ia ordenar-se.

— Dê-me tempo para responder.

— Para que precisa o senhor desse tempo?

— Para imfornar-me de José Nicodemus, que foram os que o tiraram da cruz.

A victoria da arte.

A scena passa-se no estabelecimento de um dissecador de passaros:

O friguez — Isto é insupportavel. Faz um anno que o senhor me dissecou este canario e o pobre animalzinho já perdeu todas as pennas.

O dissecador — Pois isto prova a minha perfeição. Saiba v. s. que cheguei a tal gráo de perfeição na minha arte, que aos passaros que embalsamo caem as penas no fim de um anno, como si estivessem vivos.

PENSAMENTOS

E' fruição dobrada gozar amando, admirando e agradecendo a Deus.

A mocidade goza sem reflexão, padece com ella a velhice.

Os bens da vida, como as rosas, estão bordados de espinhos.

Os homens são como os relógios, uns se atrazam outros se adiantam, poucos regulam bem.

No banquete da natureza, quem mais se dema-ziar pouco dura.

Verdades ha como as estrellas, que só se avistam nos céos.

O prazer é o diabo que nos tenta, a razão o bom anjo que nos guarda.

O coração tem seus mysterios, que a prudencia não permite publicar.

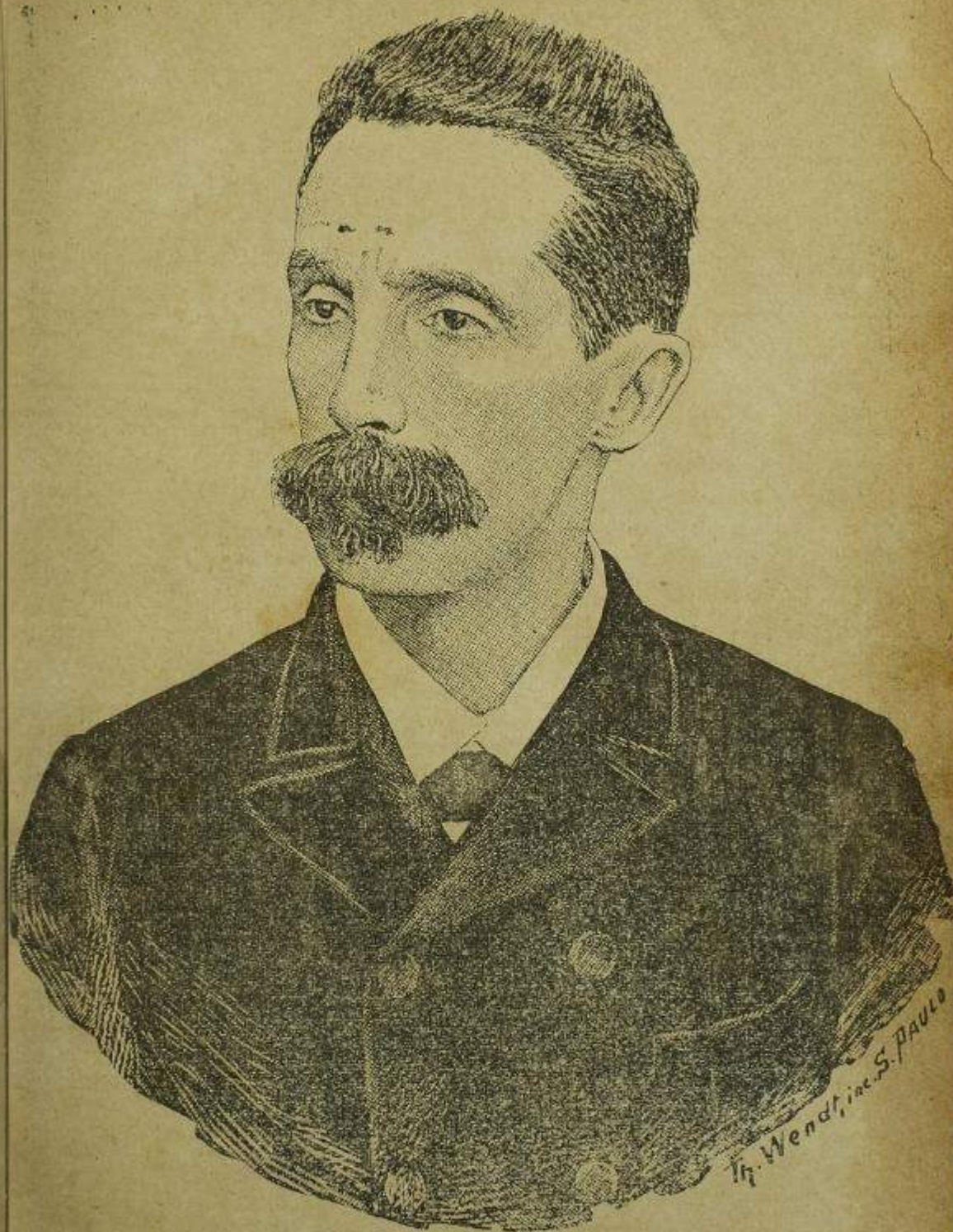
Saude, riqueza e sabedoria raras vezes se encontram em companhia.

A eternidade comprehende o tempo, a immensidade, o espaço. Deus comprehende tudo — a eternidade e immensidade.

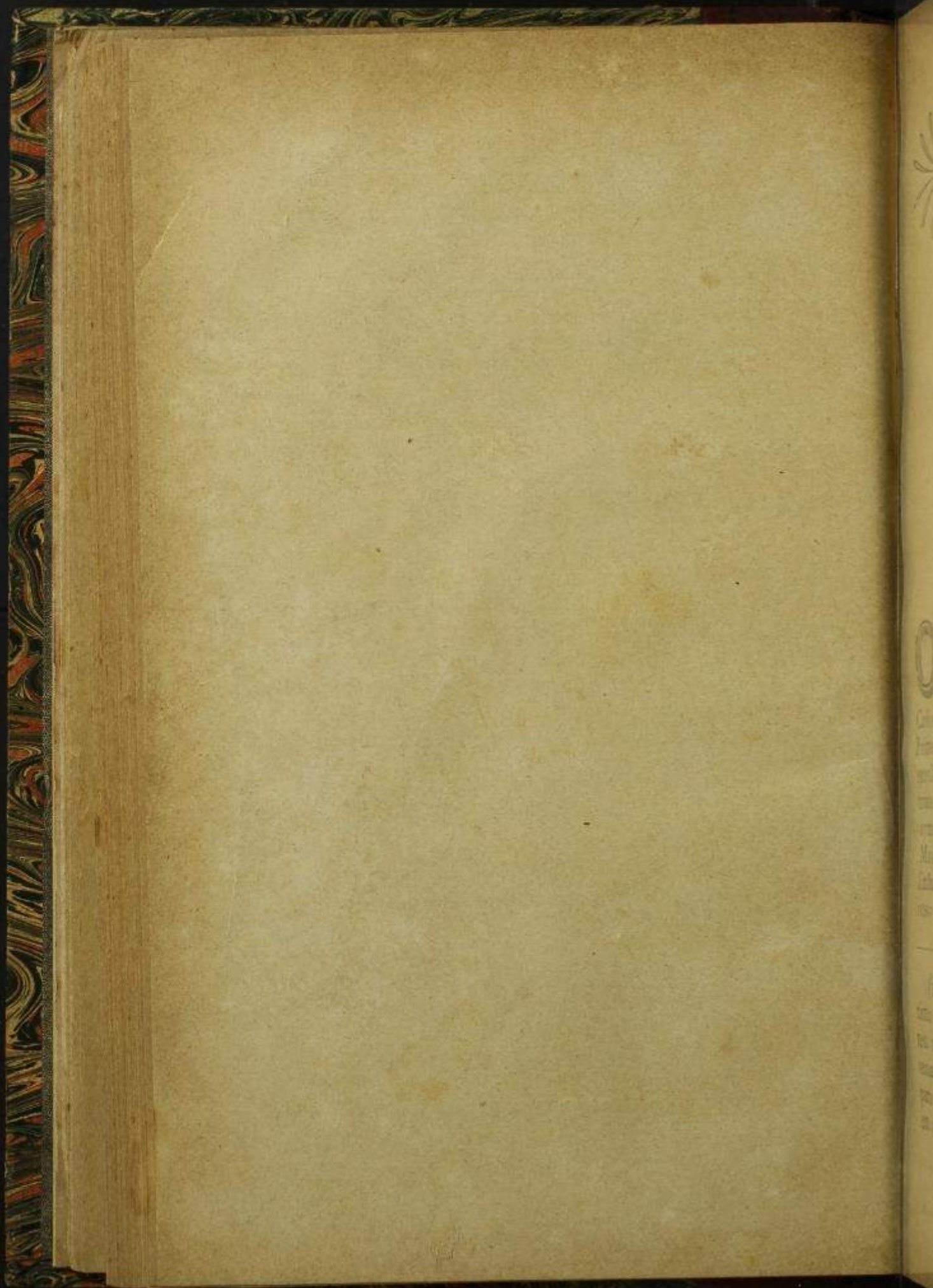
Nas opiniões humanas, têm o estomago e a barriga uma influencia muito poderosa.

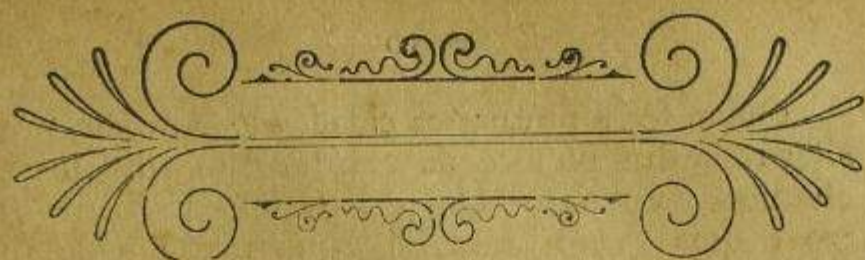
A morte é extincção do corpo e promoção da alma.

MARQUEZ DE MARICA'.



CARLOS FERREIRA





Parte Litteraria

Carlos Ferreira ⁽¹⁾

O MEU illustre confrade Arthur Goulart honrou-me confiando-me a tarefa de escrever para esta revista o perfil literario de Carlos Ferreira. Obedecemos por dois motivos. Primeiro, porque é preciso corresponder a tal gentileza. Segundo, porque o escriptor, cujo retrato sae hoje aqui, é uma das mais altas e mais sympathicas personalidades da nossa literatura. Mas, por isso mesmo, sei de antemão que estas linhas não poderão satisfazer a expectativa do operoso redactor da *Capital Paulista*.

(1) Não nos tendo chegado ás mãos, até á ultima hora, o perfil biographico que nos prometeu um distincto escriptor campineiro, pedimos venia á illustre redacção da *Capital Paulista* para transcrever este excellente artigo publicado em o seu numero 36, do 4.º anno (1902).

Quem fôr á pinturesca cidade do Amparo e visitar o jardim publico da cidade, dois edificios lhe chamam a attenção. Um é o Grupo Escolar. Outro é uma grande casa, de construcção elegante. E' o collegio Benjamim Constant. Reside ahi, consagrado ás canseiras do ensino e aos affectos á familia, o auctor das *Rosas Loucas*, das *Alcyones*, das *Redivivas*, das *Historias Cambiantes*, o poeta cujo nome voou de sul a norte deste paiz, cujas produções foram repetidas entre os legitimos gabos de uns e a sincera admiração de outros.

Duas ou trez vezes me tem sido dado o prazer de o visitar ali, e naquella casa tranquilla, cujo silencio é apenas quebrado pelo ramalhar das arvores proximas, damos expansão ao nosso pensar e sentir, sobre épocas não muito remotas e que nos são e serão eternamente queridas. No giro vertiginoso do pensamento, na revôlta vaga dos acontecimentos, vemos coisas extraordinarias e mais extraordinarios homens que eram nada e cuja pretenção foi mais que satisfeita por escarneo do destino que lhes abriu sobre a cabeça o cofre de suas dadas . . .

E quando a conversa vai cahindo eis que, involuntariamente, depois de o ter ouvido, entre amargurado e ironico, punha-me a considerar que alli estava deante de mim o folhetinista que o mundo fluminense tanto applaudiu, o poeta amado nas salas, o dramaturgo victoriado pelas plateas, esquecido, quasi ignorado, desaproveitado numa sociedade dominada pela politica e pelo *sport* ! E com a alma confrangida, com o espirito abatido, começamos a cuidar na sorte dos imaginativos, dos infelizes a quem Deus infligiu a pena do *quid divinum*, incomprehendidos pela generalidade, desprezados pelos homens praticos, repellidos pelos

dirigentes. Singular destino o dos pensadores ! Excepcionalmente singular a existencia dos poetas !

Vão longe os tempos em que Carlos Ferreira fez a sua estréa litteraria.

Era um menino, quasi uma creança. Estudava os preparatorios quando se alou ás regiões do folhetim no *Correio Paulistano*.

Pelo seu genio, e acaso pelas inspirações d'outros, Carlos Ferreira foi um dos mais aproveitados discipulos, e muitas vezes émulo, de Luiz Guimarães Junior. Era em o tempo em que havia gosto extreme para a leitura, em que a penna se detinha para arredondar o periodo, para que a adjectivação fosse exacta e brilhante e sonora, em que no culto esmerado da arte de escrever subsistia acima de tudo a idéa de commover, de encantar, ferindo os tympanos do leitor pela harmonia da phrase, provocando-lhe o riso com um dito á guisa de apophtegma, ou vibrando-lhes as mais delicadas fibras do coração provocando-lhe as lagrimas !

Como Julio Janin e Saint-Beuve, em França ; como Lopes de Mendonça e Julio Cezar Machado, em Portugal ; Luiz Guimarães Junior e Ferreira de Menezes eram os marechaes do folhetim no Brasil. O primeiro era um estylista de salão. Alguem disse que todas as vezes que ouvia o *Ruy Blas*, de Marchetti, sentia a sensação do almiscar. O mesmo se podia dizer do folhetinista que descrevia os bailes do antigo Cassino Fluminense. Era uma penna aristocratica que só se achava á vontade numa athmosphera inebriante, entre scintillações de espelhos e o estonteante giro das valsas !

Foi esta a escola que Carlos Ferreira adoptou e que perfeitamente se coadunava com o seu genio revelado nos seus magnificos folhetins do *Cor-*

reio do Brasil. E era um tempo esse em que não se permittia escrever mal. Estavam vivos ainda grandes homens do nosso periodo romantico, José de Alencar, Francisco Octaviano, Joaquim Serra e outros a cujos olhos não se consentia, ou antes seria perigoso, offerecer ineptias escriptas, homens que conheciam todos os segredos de nossa lingua, que a manejavam admiravelmente, na prosa e no verso.

E Carlos Ferreira, um rapaz pouco affeito aliás ás grandes rodas, ao grande bulicio, sem solicitar portanto elogios, e sem crear os favores do elogio mutuo, viu-se estimado, querido, elogiado! Desde esse instante a absorvente embriaguez das letras perdera este cidadão, cheio de talento, cortando-lhe talvez a carreira de deputado mudo; a aura da notoriedade immiscuirá-o na onda em que se debatem os escriptores de merito e os illustres inuteis!

Transcorridos alguns annos, eis que se annunciam as *Alciones*. O nome do auctor voou da folha volante e ephemera do jornal para os salões, apresentado por um volume de versos em que se casavam os dois predicados da escola romantica—a inspiração e o sentimento. Uma das poesias tornou-se celebre. Constituiu a peça obrigada dos recitadores ao piano que gemia o canto de Boabdil, enquanto o recitante, olhos em alvo e dedos nas melenas, ia desferindo as estrophes do baile terrifico em que as mumias dançavam sob as palmas dos cyprestes. Era terrifico e chorava tudo em roda, enquanto as creanças, dilatadas as palpebras, se agarravam ás saias maternas!

Do jornal e do livro, Carlos Ferreira, de collaboração com José Felizardo Junior, penetrou no theatro com o drama—*A Calunnia*—, drama des-

A ovação extraordinaria de que foi alvo Carlos Ferreira em Campinas na primeira representação daquella peça foi acaso o que o decidiu a transferir a sua residencia para aquella cidade, succedendo ao dr. Quirino dos Santos na direcção da antiga *Gazeta de Campinas*.

Longe do bulicio da capital, na tranquillidade provinciana, Carlos Ferreira achara o meio proprio á sua natureza de contemplativo. O seu nome, a sua habitual delicadeza, a sua completa despretenção, a sua affabilidade illimitada angariaram-lhe muitos e devotados amigos.

Apesar de consagrado aos labores extenuantes da imprensa diaria, embora tendo auxiliares preciosos nesses tempos, como eram Leopoldo Amaral e Pedro Franzen; Carlos Ferreira continuava a poetar e a escrever para o theatro. E' dessa época o drama *Marido da Doida*, levado á scena no Rio de Janeiro com gabos da imprensa fluminense, e mais tarde em S. Paulo e Campinas. O *Marido da Doida*, drama em que se desenvolvia uma these que então agitara todos os espiritos, accusava, por certo, enorme distancia entre o auctor da *Calumnia* e desta peça. A experiencia revelava-se na vivacidade do dialogo, na profundeza dos conceitos, na, tão difficil, naturalidade das scenas.

Na essencia, como discussão de these, este drama podia suscitar, e suscitou, vivos desaccordos. Houve quem o elevasse ás nuvens. Houve quem o atirasse ás garras da mais desapiedada critica.

Certo é que, posto em scena, entregue ao talento de bons artistas, — O marido da doida — rotulado A. Dumas ou E. Pailleron, deixaria a critica nacional submissa... e humilde admiradora do auctor. Imagine-se agora que dôr atravessa a alma de um homem votado ás letras, o vêr num meio

hostil, duplamente hostil a generalidade que não lê, que portanto não sabe apreciar os productos intellectuaes; e aquelles que, na sua malevolencia, prestando attento ouvido á inveja, depreciam o pouco que se produz, julgando-se competentes pelo facto de dizerem mal. E em regra os que mais deprimem são os que nada têm produzido, os que se dão por felizes em lhes conferirem, por desleixo ou falta de melhor, o cargo de *destruidor* nos noticiarios! São os eunuchos da intelligencia!

Si é facto, pois passa como axioma, que o homem é fatalmente o producto do meio, resistir a influencia boa ou deleteria ambiente é accusar grande superioridade.

Carlos Ferreira voejou entre o céu e a terra durante algum tempo. Nas regiões immaculadas do azul ainda bebeu bastante inspiração para escrever as *Redivivas*, em que ha versos admiraveis pela delicadeza do conceito e pela forma impecavel. Cito uma poesia sua, *A minha costura*, que lembra, pela simplicidade, pelo mimo, pelo colorido, dois grandes lyricos, João de Deus e Bruno Seabra.

Depois de voejar pelo azul, a queda era inevitavel, quer dizer as responsabilidades iam-lhe escurecendo a vida. Não era moço já e ainda não era velho. Achava-se nesse periodo singular em que se percebem estarem longiquas as illusões porque comecam de surgir os desenganos.

Não obstante, talvez como derivativo ás agruras da sorte, Carlos Ferreira escreveu ainda os *Pequenos e os Grandes*, drama que, como o *Peccado de Juventina*, completou os seus labores theatraes. O *Peccado de Juventina* foi á scena no anno

transacto no theatro S. Caetano, no Amparo, onde Carlos Ferreira reside, como se sabe. Era exactamente na época em que *Electra* de Peres Galdós andava por ahí a servir mais ao bolso dos empresarios do que á satisfação intellectual de espectadores sérios. Lá vai uma *heresia* que desejamos não nos seja perdoada, por isso que a deixamos em grifo — *O Peccado de Juventina*, sem ter a intenção de propagar doutrinas anti-clericaes, e neste intuito, pela simples exposição de um quadro da vida, muito superior ao drama de Galdós, o qual, lido é supportavel, e á luz da rampa é, especialmente o segundo acto, soporifero!

Mas que querein os senhores!

O drama *calhou*, como se diz no calão de bastidor, numa occasião em que o populacho hespanhol via retratados por Galdós os personagens de um drama lugubre.

O velho dramaturgo peninsular, que desde 1863 trabalha, produzindo maravilhas que o notabilisaram, curou na «*Electra*» de effeitos immediatos e nada mais. Drama de occasião, destinado a ser esquecido. *O Peccado de Juventina* é estudo psychologico acabado. Seria uma obra a primor, firmada por um escriptor estrangeiro. Mas Carlos Ferreira, um diamantino talento, tem a carregar, como Ashaverus, com o peccado original. Ninguem é propheta em sua terra...

E agora?

A actualidade é torva para o talento. Um dos nossos mais lidos escriptores asseverou, e com razão, que a nossa mocidade prefere o «sport» ás letras.

Houve tempo em que, «horresco referens!» vigorava a moda dos jovens se vestirem de pelotares. A gente julgava-se transportada ás penhas do paiz basco e, em vez de desenvolvimento cerebral,

iam-se desenvolvendo os musculos do braço direito. Esplendido regresso do tempo em que Castro Alves ganhava o bastão de corypheu dos condoreiros ao tempo em que se queria saber quantas as quiniellas ganhas nos frontões! As escolas são palacios, é verdade, mas o alumno, que ignora os prolegomenos de grammatica, sabe de cór e saiteado a numeração do bicho!

—
Numa sociedade assim, a litteratura cahiu em exercicios findos. E Carlos Ferreira, homem de letras, adverso á politica, viu ante si a porta do magisterio, e tomou a resolução de emmudecer a lyra e deixar enferrujar a sua penna, bello instrumento inutil e incomprehendido.

E eil-o a ensinar aos seus discipulos a permuta dos sons; como é que o adjectivo concorda com o substantivo; os mysterios das fracções ordinarias decimaes; a arrevezada syntaxe franceza; o alvorecer da civilisação descendo com o caminhar do sol do alto Hymalaia á peninsula hindustanica, com o volver dos seculos á peninsula grega e desta á terceira peninsula do *mediterraneum mare* gerando a civilisação romana!

Depois de dirigir por algum tempo o bom gosto literario no *Correio do Brasil*; depois de impôr ás platéas o seu nome e vêl-o victoriado; depois de assumir a direcção da *Gazeta de Campinas*, o que era enorme responsabilidade, pois que essa folha fôra a primeira que, em 1870, déra o brado republicano pelas pennas ardentes e entusiastas de Quirino dos Santos, Campos Salles, Americo Brasiliense e Jorge Miranda; depois de tantos e incontestaveis triumphos; Carlos Ferreira, como uma estrella que se apaga em nebuloso céo, dirige o seu collegio com a competencia ingenita

de quem soube sempre doutrinar, persuadindo, convencendo, empolgando por vezes a opinião, brincando com ella ou dominando-a. (2)

Si alguma cousa houvesse eu de acrescentar, não

(2) Em 1895, a instancias de velhos amigos e companheiros de luctas, (Campos Salles, Bernardino de Campos e outros) deixou o doce socego de Amparo, o borborinhar tumultuoso da meninada, e voltou para S. Paulo a assumir a redacção litteraria do velho organo official — *Correio Paulistano*.

A sua penna fulgurante, quêda por alguns annos, sentia-se forte e com elevados sentimentos, como nos memoraveis tempos da propaganda. E os nossos leitores disso teem prova no seu artigo de apresentação, que publicamos em paginas 95 do Almanak de 1897.

Mas, depois de Carlos Ferreira ter prestado seu maior prestigio, litteraria e materialmente falando, ao decano da imprensa paulista, os ventos mudaram. . .

O espirito correcto e independentemente inquebrantavel do auctor das *Rosas Loucas* não se amoldava ás conveniencias dos senhores do poder. . . Não se podia acostumar, como os cortezãos antigos, a subir as escadinhas do palacio, para implorar uma protecção qualquer.

Modesto sempre, mas sempre consciente da sua independencia, do seu talento, do seu valor, e do seu character impoluto.

O resultado disso, foi o voltar para o borborinho tumultuoso, mas agradavel sempre, da meninada garrula. . .

N. DA R.

a este perfil literario, mas nesta conversa amiga, diria que acredito que ás vezes o illustre poeta, ao fulgor das auroras e á doce claridade dos crepusculos, deve sentir ainda impulsos de deixar no papel impressões que seriam maravilhas num tempo e numa sociedade que as soubesse comprehender.

Não o faz talvez por isto — ao voltar os olhos das montanhas que fecham o Amparo como um berço; furtando se a essa magnetisação que a natureza infunde nas naturezas delicadas, vibrateis e impressionaveis; suspirando por um passado extinto, esses olhos são como offuscados por outro alvorecer, o dos filhos, que abrem o vôo agora á lucta do futuro e aos quaes cumpre transmittirem o nome de seu pai!

Como se vê, não é um perfil literario o que aqui deixo.

E' muito menos. Culpa de Arthur Goulart. E' mais, porque estas linhas não envolvem bajulação alguma. Mas talvez contribuam para lembrar o nome querido de um brasileiro de grande merecimento e cujo defeito capital consiste em ter tanto character como talento.

«Respice post te, hominem te memento!» Clamavam ao triumphador embriagado pelas acclamações da plebe, sob a aragem perfumada desprendida dos leques de pennas preciosas, molemente recostado em coxins de seda no seu carro de ouro e marfim, emquanto atrás, agrilhoados, em jaulas, gemiam e eram apupados os vencidos!

«Respice post te!» se póde dizer ao escriptor. Sim. Revê te no teu passado, esquece este momento presente e cuida, encanecido mestre, nessa tua missão gloriosa — transmittes ao porvir, no ensino a teus discipulos, as fulgurações do teu talento!

14 Julho 1902. HENRIQUE DE BARCELLOS.

A MORTE

Alta noite, eu scismava á cabeceira
Do meu leito; mas, subito, de leve,
Sinto bater-me no hombro mão ligeira,
Fria, mais fria do que a propria neve.

Levanto a fronte, abro meus olhos, vejo
Negra visão que me entristece e enlucta.
«Quem és? pergunto. Qual o teu desejo?
Dize, a minh'alma a estremecer te escuta.»

«Eu . . . sou a morte . . . respondeu-me.— Agora
Trazer-te venho o derradeiro instante :»
— «Morrer! oh, não! inda é tão cedo!» «Embora
Suppliques, louco, seguirei triumphante.»

«Oh! não! Em nome do Porvir te peço . . .»
— «Não!» — «Em nome de minha mocidade!»
— «Não!» — «Em nome de tudo que estremeço...»
— «Não!» — «Em nome de Deus por piedade...»

— «Não!» — Desvairado... vejo d'improviso
No leito adormecida minha filha.
— «Olha por ella! pelo casto riso
Que nos seus labios innocente brilha.

«Por minha filha, esta criança alenta
A vida que de mim, já vae fugindo!»
E então, vi pela face macilenta
Da Morte, nivea lagrima cahindo!

E a sombria visão desaparece...
E fugindo de mim, chorando vae...
E' que ella, a propria Morte, até conhece
O grande amor de um coração de pae!

Bahia.

ALEXANDRE FERNANDES.

Anhanguéra

Na vasta lista dos gloriosos e inolvidaveis batedores de bosques brasileiros, que a historia appellidou *bandeirantes paulistas*, que, em todos os sentidos, percorreram os immensos sertões da America Meridional, durante os seculos XVII e XVIII; merece especial menção Bartholomeu Bueno da Silva, o typo mais bem acabado do verdadeiro explorador paulista.

Era filho legitimo de Francisco Bueno e de d. Felippa Vaz, ambos da mais preclara ascendencia. Pelo lado paterno, era sobrinho de Amador Bueno, celebre por ter recusado o sceptro de sua patria, sceptro que poderia perfeitamente sustentar se fosse homem de acção ou se tivesse uma parcella de ousadia e ambição, que constituíam o fundo de seu descendente Bartholomeu Bueno.

Nasceu este nosso illustre explorador na vetusta villa de Parnahyba, onde residiam seus paes, e onde tiveram o berço muitos outros bandeirantes notaveis.

Bartholomeu Bueno da Silva, herdeiro de todo o genio empreendedor e árdido de seus patricios, era apaixonado de viagens aventurosas e fragueiras e atirou-se de corpo e alma ás expedições, cujo fim, a principio, era capturar e escravizar selvagens, e depois descobrir minas de ouro e jazidas de pedras preciosas.

Dominado pela ambição e facisnado pelo brilho do ouro, abnegou-se de tudo, esqueceu-se da familia e da propria vida e atravessou uma existencia toda cheia de perigos e aventuras romanescas, que o elevaram á categoria de heroe de legendas.

Os selvagens horrorisavam-se só de ouvir pronunciar seu nome. Sua carreira temeraria foi uma serie continua de actos de bravura, de valentia e, algumas vezes tambem, de crueldades, que ficaram memoraveis e que levaram os incolos a denominalo — *Anhanguera* — *diabo velho*, pois acreditavam que suas exterminadoras viagens eram inspiradas e sustentadas por *Anhangá*, o genio do mal.

Organisou muitas bandeiras, reunindo sob um estandarte sanguinolento, mas civilizador, muitos paulistas destemidos, que, em busca de escravos e de ouro, impavidos affrontaram as envenenadas settas dos indigenas, encarniçados ataques das feras e as desconhecidas enfermidades dos desertos. Sem respeitar esses obstaculos e muitos outros, como a severidade dos climas e o rigor das estações, Anhanguéra e seus companheiros passaram longos tempos, embrenhados no coração das mattas virgens: abrindo picadas, que se converteram em estradas de grande transito, transpondo caudalosos rios, em canoas fabricadas na occasião e logo após abandonadas, descendo e subindo ingremes montanhas, vencendo accidentes de todas as sortes, em procura de terrenos aurife-

ros, estabelecendo chôças em logares impossiveis á vida, dos quaes alguns vingaram e se tornaram florescentes nucleos de população.

Mesmo abstraindo-se os immensos serviços prestados á civilização e integridade patrias pelas bandeiras paulistas, são incontestaveis os effeitos praticos que se originaram de suas invasões pelo interior. Seus beneficos resultados foram sentidos não só pela therapeutica, que enriqueceu com o conhecimento de novos productos de nossa flôra, como pela historia natural, que se illustrou com os specimens indigenas. A ethnographia, até o presente, ainda não classificou precisa e positivamente a raça a que pertencem os primitivos habitantes do Brasil, e as informações mais exactas e minuciosas que essa sciencia possui sobre seus usos e costumes, foram fornecidas pelos bandeirantes.

Os próprios jesuitas no segundo seculo da colonização, nada mais fizeram do que aproveitar os herculeos esforços dos paulistas, que, unicos e sem fraquejar, se incumbiram da grande missão do desbravamento das florestas, e que, sem levar bagagens e nem rumo certo a não ser o acaso, foram desalojar os selvicolas de seus formidaveis baluartes no fundo das brenhas, substituindo a barbaria pela civilização.

Anhanguera, sobre ser dotado de grande subtilidade de espirito, era astucioso.

No perecurso de suas demoradas viagens, nas solidões do interior, conviveu longos annos com varias tribus e tratou com os pagês, instruindo-se bastante nas virtudes medicinaes das plantas sifvestres e tornando-se muito versado na lingua tupy, que até os meados do seculo passado ainda era muito corrente em S. Paulo. Todas suas empresas foram coroadas de brilhante successo. Descobriu grande numero de minas de ouro, pratas e outros metaes, que então não eram explorado,

A victoria mostrou-se-lhe sempre propicia e benigna nos horrorosos combates, travados á sombra das selvas, combates deseguaes e sanguinosos, que elle vencera mais pela intrepidez e tenacidade, do que pela força e numero dos soldados.

Conquistou varios paizes, assenhoreados de anthropophagos e ferozes indios e reduziu milhares delles á escravidão. «Só de uma vez, diz um escriptor, Bartholomeu Bueno trouxe tantos presos, quantos bastavam para povoar uma villa.»

O incansavel batedor de bosques constituiu, em 1682, uma das mais notaveis bandeiras, a que se encorporaram muitos aventureiros, aos quaes estavam reservados mil incommodos e mil impecilhos sobrehumanos, que só poderiam ser superados pela vontade incomparavel daquelles extraordinarios sertanejos.

Seguindo viagem, ora dirigindo-se a um, ora a outro ponto cardeal, levou consigo um filho de doze annos de idade, o qual se mostrou digno de seu torrão natal e de u pae, de quem tinha o nome e de quem havia de herdar

a gloria das grandes descobertas, o honroso epitheto, pelo qual fora posteriormente conhecido, e tambem a energia mascula e o desinteresse, com que servira á corôa portugueza, em prejuizo de si proprio e de sua familia.

Esta bandeira ultrapassou as margens do Rio Grande, deparou grande copia de ouro, nas adjacencias do Rio Vermelho e, proseguindo em suas explorações, tornou-se muito celebre por ter sido a primeira, que entrou no territorio de Goyaz, onde Anhangüera encontrou os soberbos *Guaycurüs*, indios habitantes do Paraguay, que faziam suas correrias a cavallo e adornavam os arreios com ouro.

Anhangüera, possuido de voraz cobiça, procurou com affagos, presentes, promessas, todos os recursos a seu alcance, ganhar a intimidade dos chefes, captar-lhes a sympathia, afim de arrancar-lhes o segredo de suas minas, segredo que obstinavam a guardar e de forma alguma queriam revelar.

Vendo o intelligente bandeirante que tudo seria baldado, que perdia seu tempo e seu latim, recorreu á astucia, e ponde triumphar. Convocou os maiores da tribu, mandou esvasiar em uma bacia um barril de aguardente e, ameaçando de incendiar seus rios e lagos, lançou fogo ao alcool, que que começou a arder em vasto ponche.

Os indigenas atterados, julgando ser realmente agua que ardia, prostraram-se vencidos aos pes do ardiloso aventureiro, a quem attribuiram desde logo poderes sobrenaturaes e confessaram a situação das minas, para onde partiu toda a comitiva e minerou, com grande facilidade, abundante quantidade de ouro.

Voltou esta feliz e memoravel bandeira a S. Paulo, conduzindo grande leva de escravos e boa porção do precioso metal. (*) Estava descoberta uma vasta região do patrimonio nacional, que devia jazer nas trevas muitos annos, até que o filho do primeiro descobridor, aquelle menino de doze annos, que seguira o velho Anhangüera, mais tarde lá voltasse e construisse uma povoação persistente, começando a lapidar uma das mais valiosas joias da Confederação Brasileira.

Em Parnahyba, findou sua lendaria vida o velho Anhangüera, em fins do seculo atrazado. A elle cabe a grande e honrosa celebridade de ser descobridor de consideravel porção dos estados de S. Paulo e Goyaz, abrindo a antiga estrada, á beira da qual se ergueram importantes localidades, cujos habitantes ainda não se lembraram de ligar seu nome a uma rua ou praça, e assim transmittil-o á posteridade.

Bartholomeu Bueno da Silva, o Anhangüera, morreu pobre e obscuramente, como soia acontecer a todos os paulistas, que gastavam sua fortuna e seus mais bellos dias de vida ao serviço de Portugal. Tornou-se um heroe phantastico,

(*) Outros dizem que Anhangüera não trouxera ouro, mas simplesmente a noticia de sua abundancia.

quasi idéal, a personificação viva do valor e da astucia, na tradição dos sertanejos. Em volta de seu nome sobrepõem lendas, mais ou menos verdadeiras e extravagantes, que, infelizmente ainda não foram compendiadas. Muito pouco teria de engendrar e excellente material encontraria o publicista, que quizesse dotar a litteratura patria com uma interessante obra, que tivesse como protagonista este colossal paulista, que tanto concorrera para nossa civilização, de que foi immortal benemerito.

Collocado no numero das entidades mythologicas do paiz, tomando parte no elemento sobrenatural, tão querido á imaginação popular, Anhangüera é o vulto mais imponente e curioso das tradições patrias. Nas epopeias rusticas, elle figura, ora como phantasma pavoroso, que escórrega silencioso e occulto por entre intrincado sipoal, no mais dentro das florestas, para desbaratar e captivar as bordas indigenas, que abi viviam, ora como o genio que perscruta, com o olhar inquisidor, o leito dos rios e o fundo das montanhas, advinhando onde estão as ricas jazidas de pedrarias e minas de ouro, para extrair as enormes riquezas destinadas á metropole, para tornal-a forte e poderosa, para que mais subjugasse sua terra natal e lhe arrebatasse os elementos de vida, que a podessem constituir em nação.

BRASILIOPHILO.

A DEMORA

Crystalisadas lagrimas brilhavam
Nos olhos d'ella, — esplendidos diamantes !
Tinha elle entrado havia alguns instantes...
Doces perfumes no ambiente andavam.

Do sol gloriosos raios penetravam
Pela janella aberta, e coruscantes
Em prolongados beijos delirantes
Sobre as flores dos jarros se espraivavam !

Tomou-lhe as frias mãos, nervoso, afflicto
E interrogou-a: — «Acaso algum delicto
Eu pratiquei, ó meu divino encanto?»

E ella a sorrir tremeu, e anciosa, apenas
Baixinho murmurou: — «Que horriveis penas
Eu supportei !... Tu demoraste tanto !...»

Amparo.

CARLOS FERREIRA.



Dr. Estevam Leão Bourroul

Este notavel homem de letras nasceu a 18 de maio, de 1856, em Nice, França, tendo por paes o estimado pharmaceutico sr. Camillo Bourroul, fallecido em 7 de março, de 1891, e a exma. sra. d. Mathilde Cason, aquelle filho de Antonio José Bourroul, chefe de divisão na Prefeitura, e de d. Maria Josephina Vitalis, e d. Mathilde filha de Pedro Cason e de d. Agnés Agathe Léonide Sicard.

O dr. Estevam Leão Bourroul veio ainda creança com seus dignos e virtuosos paes para o Brasil, mas em 1865 regressou a Nice, em cujo Lyceu Imperial fez o curso de humanidades, até 1872, em cujo mez de outubro embarcou para S. Paulo.

Aqui continuou elle seus estudos e, frequentando o curso da Faculdade de Direito, esta lhe deu em 28 de novembro, de 1881 o diploma de bacharel em sciencias juridicas e sociaes, galardoando assim o raro brilhantismo de seu tirocinio academico.

Um mez ainda não era decorrido após o graduamento academico do distincto jornalista, quando o eleitorado do nono districto da então provincia de S. Paulo lhe conferiu o honroso posto de seu representante, na Assembléa Provincial.

Eleito deputado provincial, em 26 de dezembro, de 1881, o dr. Estevam Bourroul entrou no recinto da augusta assembléa legislativa, de cabeça em pé e com motivos de justificado orgulho. Não devia sua eleição ás recommendações dos medallhões dos partidos militantes; não devia sua eleição a conchavos partidarios, ao prestigio de um nome tradicional na politica paulista ou ao prestigio de uma fortuna dinheirosa.

O só merito de Estevam Bourroul, que até os mais intransigentes adversarios reconheciam e proclamavam, como o fizeram Silva Jardim e Julio Ribeiro, recommendou seu nome ao brioso eleitorado do nono districto.

Deputado, não desmentiu o illustre jornalista a bella nomeada com que sahiu das arcadas da Faculdade de Direito de S. Paulo, como não desmentiu seu bello renome quando exerceu, com proveito para as partes e para gloria da magistratura brasileira, o cargo de juiz municipal da Franca; quando occupou com acerto, intelligencia, pratriotismo e elevação de vistas o logar de secretario do Governo de S. Paulo nas administrações de Rodrigues Alves, Pedro Vicente, Conde de Parnahyba, Barão de Jaguára, Elias Chaves e Dutra Rodrigues.

Nomeado segundo tabellião da comarca da Capital de S. Paulo, manteve neste logar o seu brilhante nome e as escripturas lavradas em suas notas tornaram-se modelos por onde se guiavam os seus collegas da então provincia.

Deixando a serventia vitalicia do segundo tabelionato em 28 de Setembro de 1894, porque seu talento, suas aptidões e sua illustração o chamavam para um outro campo de actividade no qual melhor se pudesse expandir, se entregou definitivamente o dr. Estevam Bourroul, ao nobre sacerdocio da advocacia e ao cultivo das letras.

Jornalista emerito, foi pelo inolvidavel Julio Ribeiro cognominado o Veuillot brasileiro, o que, sabido que Luiz Veuillot foi um jornalista francez, que adquiriu com justiça uma nomeada universal, é bastante, tendo essa autonomasia partido de uma autoridade como seja o polemista das *Cartas Sertanejas*, para tornar patente o grande valor da penna do dr. Estevam Bourroul.

Escriptor illustre, a acceitação que têm encontrado suas obras, as homenagens prestadas pela imprensa e pelos seus leitores a sua individualidade literaria, não permitem duvidas quanto ao merito real e indiscutivel de seus escriptos.

Si como politico, cidadão prestante, jornalista, escriptor, polemista, magistrado, advogado e serventuario publico, merece o dr. Estevam Bourroul applausos incondicionaes, tambem os merece elle como simples particular.

Seu lar, constituido por seu casamento, em 8 de dezembro, de 1879, é um verdadeiro templo, em que tudo é adoravel; si as graças infantis do pequenito Pedro de Alcantara o enchem de uma alegria sã, si a intelligencia de Estevam Victor, que está frequentando com brilhantismo a Faculdade de Direito, tonifica seu ambiente, si a presença de suas lindas tres filhas o torna encantador, si a angelica bondade de sua virtuosa esposa o faz santo, o indefesso talento do dr. Estevam Bourroul o faz admiravel.

Chefe exemplar de uma familia distinctissima, que, pela exma. sra. D. Maria da Gloria Rodrigues Pereira de Vasconcellos, descende de Amador Bueno da Ribeira, o dr. Estevam Leão Bourroul é ainda um amigo sincero e dedicado, que retribue com principesca fidalguia a amizade que se lhe dedica.

A esse illustre cidadão rende o Almanak Historico-Litterario um sincero preito de suas homenagens, estampando seu retrato.

Deus é eterno: o Universo foi creado; a obra não póde preexistir ao artista que a concebeu e executou. — *Marquez de Maricá.*

Miserére mei!

I

Eis-me sentado só na *Rua da Amargura*,
como um mendigo vil, de rôta capa escura,
sem ter patria, nem lei.
Desci, mais do que Job, ao lameiro corruto.
— O' piedosa Mulher das tranças côr de luto,
— Miserére mei!...

II

Por teus olhos subtis, mais ráros que as safiras,
as áras polui; fiz a batina em tiras,
minha estola rasguei.
Agora sou *Dagon*, Rei das dor's insondaveis.
— O' piedosa Mulher, dos olhos admiraveis,
— Miserére mei!...

III

Por teu amor, desci ás trevas lacrimosas.
Por teu amor, vaguei nas ruinas leprosas.
Por ti, uivei, chorei...
nas galés, hospitaes, na Insonia, na Demencia.
— O' piedosa Mulher, Senhora da Clemencia,
— Miserére mei!...

IV

Como Saúl, cruzei as estradas devassas.
Nos cardos, nos tojaes, nas alfurjas, nas praças,
os farrapos larguei
da minha alma sangrenta, estrelada em martirios.
— O' piedosa Mulher, dos dedos côr dos lírios
— Miserére mei!...

V

Por teu amor, desci ás pávidas gehénas,
dos não ouvidos ais, das não ouvidas penas.

Por ti, eu blasfemei.

Por ti, eu me estorci, nas palhas da enxovia . . .

— O' piedosa Mulher, Flôr da Melancolia,

— Miserére mei ! . . .

VI

Brádam que te ofendi. — Mas os teus olhos castos
mal conhecêram como, as mãos postas, de rastos,
eu puli e escavei,

com meus prantos de sangue, as lápas dos retiros.

— O' piedosa Mulher, Senhora dos Suspiros,

— Miserére mei ! . . .

VII

Arrastei-me no pó das solidões tismádas,
No inferno das galés, nas insónias suadas,
de nostalgia, uivei . . .

como o proscrito inf'liz, nos grandes gélos russos.

— O' piedosa Mulher, Senhora dos Soluços,

— Miserére mei ! . . .

VIII

O suor empastou meus pávidos cabelos.

Junto ao leito febril, tórvo de pezadelos,

Pae, nem Mãe encontrei !

Só teu pranto sorvi, nas angustias agudas . . .

— O' piedosa Mulher, Mãe das lagrimas mudas.

— Miserére mei ! . . .

IX

Agora, livre emfim dos *Cyelos da Loucura*,
já transpondo os portaes da *Babylonia Escura*,
mais orfão me encontrei.

Orfão, meu Deos, de ti, dos teus ais e teus cuidados
O' piedosa Mulher, Mãe dos abandonados,
Miserére mei ! . . .

Lisboa.

A. MENDES LEAL.

CHARADAS

Filho d'um Deus imperfeito,
Minha estirpe é bellicosa,
Embalou-me no seu peito
De Vulcano a falsa esposa. — 2

Reconhece a humanidade
Da minha setta a fereza,
Mas tenho na intimidade,
Bom tratamento e lhaneza. — 2

O meo arco sem exemplo,
Tudo que toca inflamma,
Com elle queimeí um templo,
Para ter eterna fama.

Araçatuba, Paraná.

O MAMELUCO.

1 — E' admiravel apertar um
arrogante !

2, 1 — Da planta faz-se e se of-
ferece o dose.

Embaú, S. Paulo.

LEODES.

LOGOGRIPHO

Eu que sou ignorante, 9, 1, 4, 5

Idiota a mais não ser ;

Mandei comprar uma ave, 6, 8, 4, 8

Preparei-a, e fui comer.

Comi ; mas fiquei tão gordo, 1, 2, 5, 3, 1

Que puz-me logo a gemer ;

Chamei depressa este homem, 2, 7, 8, 6, 1

P'ra *parteira* me trazer !

MANOEL DE FARIA MAIA.

SPLEEN

(BAUDELAIRE)

Sou como certo rei de um paiz tenebroso ;
Livre e moço, porem, tão refractario ao goso,
Que tudo o enoja, tudo ! amantes e cavallos,
Trens de recreio e cães, mordomos e vassallos,
Nada o póde alegrar ; nem mesmo a abandono,
Vêr o povo morrendo á fome, aos pés do throno.
Do bobo jovial a graça mais picante
Não desenruga a frente a esse triste reinante.
No seu leito, que é como um céu flôrdelisado,
O typo de mulher mais bellamente ideado,
Trazendo á flôr do labio o encanto mais faceto,
Nem sequer faz sorrir esse pobre esqueleto.
Tudo procuram, tudo ! os medicos da côrte
Para arrancar o, em vão, desse torpor da morte,
Dão-lhe banhos de sangue, esses banhos de Roma,
Famosos ; e elle sempre em estado de coma,
No seu corpo real, da lividez dos fetos,
Circula, em vez de sangue, a agua verde do Lethos.

Nova York.

FONTOURA XAVIER.

CHARADA (AUXILIAR)

1.^a e *tra* — marisco

2.^a e *pa* — peixe

3.^a e *ge* — sacerdote

4.^a e *ga* — medida

5.^a e *ma* — cidade

Procurai, caro leitor,

Que tereis um escriptor.

Umbuzeiro, Parahyba.

ANNA QUEIROZ.

BISADA

O animal — 3

— del —

Enseada de abrigo — 2

Crato, Ceará.

FIGUEIREDO FILHO.

LOGOGRIPOS

Na embarcação que partia 15, 17, 9, 14, 2
Sulcando as ondas do mar, 3, 5, 18, 13, 4
Tomei passagem, esperando 2, 20, 7, 8, 13, 5, 12
Chegar ao meu patrio lar. 9, 19, 15, 17, 4

Mas terrível tempestade
Pouco a pouco vem chegando, 7, 17, 15, 16, 14, 13, 2
Quebra o mastro, rompe a véla. 1, 11, 20, 5, 3, 17
Vai navio sossobrando!

Choros, prantos e gemidos 6, 2, 18, 13, 12, 1, 17, 20
E'ra só o que se ouvia.
E n'esta grande afflicção
Ficamos 'té outro dia

Sahimos, pois do navio
Em pequena embarcação, 6, 2, 3, 15, 10, 17
Deixando somente a bordo
O valente capitão.

Poeta, escriptor, romancista
Lá da terra de Camões.
Foi tido como primeiro
Entre muitos figurões.

Jundiahy.

MARIO CORRÊA.

A Historia me reputa
Como typo poderoso, 1, 5, 3, 4, 2, 8
Com razão pois eu fui
Soberano e bondoso. 6, 7, 5, 3, 2

E sempre no meu contrato
Fui de severo trato.

Recife.

ELVIRA PAIVA.



Dr. Cantidio Brêtas

Nasceu em Minas Geraes, na cidade de Ubá, este nosso distincto e illustrado contemporaneo a 24 de Outubro de 1874.

Digno filho do dr. Manoel Gomes Tolentino, velho magistrado mineiro, e ex-representante na Assembléa Geral do Imperio, onde muito contribuiu com a sua palavra e prestigio em beneficio de seu torrão natal, tendo como carinhosa mãe d. Philomena Brêtas de Figueiredo Tolentino.

Demonstrando desde tenra idade um genio activo e propenso ao saber, á solução das grandes cousas, seu illustre pae fel-o estudar as primeiras letras na cidade de Pomba, passando o joven estudante, aos dez annos de idade para o Collegio de Congonhas do Campo, onde iniciou seus estudos de humanidades.

Tal era o genio expedito de Cantidio, a sua proverbial delicadeza e trato lhano, que os directores do Collegio, que eram padres, entenderam ser sua vocação para o magisterio ecclesiastico, e, assim pensando, convenceram o joven estudante a seguir a carreira sacerdotal, quando uma grave doença obrigou-o a abandonal-a, indo depois estudar em Ouro Preto, onde prestou exame, e pretendia formar-se em engenharia de minas.

Cedo, porém, abandonou esse intento dirigindo-se então para S. Paulo, e matriculando-se na Faculdade de Direito, em 1892.

Difficil seria, no pequeno espaço de que dispomos, descrever as agiuras soffridas pelo joven estudante, durante o seu tirocinio academico.

Sò um espirito forte, corajoso, com a alma moldada para todas as emoções, um espirito unico, como o de Cantidio Brêtas, uma força de vontade como a sua, podia supportar tanto soffrer, para almejar o diploma de bacharel em sciencias juridicas e sociaes.

Logo, no 1.º anno de seus estudos perdeu o nosso biographado os seus idolatrados pais e dois irmãos, no curto espaço de 6 dias !

A dôr soffrida por Cantidio Brêtas foi immensa. Mas a sua rija tempera de moço, encarou a vida tal como ella era, e procurou viver por si e para si, luctando extraordinariamente para poder continuar os seus estudos.

Foi dahi que começou a salientar-se a figura sympathica do dr. Cantidio Brêtas. Amão da factalidade não o tinha abatido. Pelo contrario, eleva-o no conceito de seus concidadãos, de seus collegas de Academia.

Cantidio, só, com o seu luto e os seus livros, sem os affagos e as esperanças maternas, sem os recursos pecuniarios que seu pae lhe fornecia regularmente, duplicava, multiplicava as horas de seu labor diario, dividindo o tempo entre os seus livros e a mesa de jornalista.

Assim foi, que fez parte da redacção da «Platêa», organ vespertino desta capital, onde os seus escriptos foram sempre apreciados com justiça.

Cantidio Brêtas ensaiou sua penna de jornalista em Ouro Preto, onde escrevia contos e chronicas.

Em S. Paulo, em 1901, dirigiu com Alfredo de Toledo, um dos melhores advogados do nosso fóro, a revista semanal — «A Semaninha», editada por Oscár Monteiro, que então começava a ensaiar os seus vãos de editor e jornalista.

Ainda quando estudante foi um dos redactores da «Minas Academica», organ da colonia mineira; e, em companhia de Celso Garcia, Adalberto Garcia e outros, redigiu a «Folha Academica», onde travou forte discussão, puramente scientifica, com o dr. José Mariano de Carvalho Aranha, então estudante, e hoje lente da Academia, sobre questões religiosas.

Diplomando-se em 1896, tendo porém, concluido o curso em 1895, foi nomeado promotor publico de Faxina, onde ficou geralmente estimado.

Não podendo o seu espirito activo e irrequieto coadunar-se com a tranquillidade monotona da roça, vòltou para a capital.

Pouco tempo depois era nomeado delegado de policia, onde prestou inolvidaveis serviços á causa publica.

Actualmente advoga, sendo as suas causas sempre muito bem recebidas pelo Tribunal de Justiça; nas horas vagas dedica-se com affinco ao estudo da sociologia, e ao socialismo em geral.

Este annuario, publicando o perfil biographico e o retrato de um dos homens de mais rija tempera que conhecemos, presta-lhe merecida homenagem de respeito e admiração.

CHARADAS

O arbusto é homem na planta medicinal. 2, 1
Sou da musica, e o ser é enfermo. 1, 2
Cá o homem é o senhor. 2, 2
A porta de grades corre para a Universidade. 3, 2
Na luta o pronome é fogo. 1, 1
Todos têm na parede o animal carniceiro. 2, 1
E' animal redondo a peia. 2, 1
Reparei na taberna da morada. 1, 2

FREITAS JUNIOR.

LOGOGRIPO

Além se ouvia o ribombar, 1, 2, 6, 3, 7
Dos trovões enfurecidos,
Querendo tudo abalar,
Por causa duma mulher. 5, 4, 5, 6

E o medo do tempo | Se não houvesse no mundo
Nunca mais terminaria | Um homem tão desleal.

Paraná.

PALMIRA DE SARANDY.

LOGOGRIPHOS

Lembra-me... era ainda bem creança
Ao voltar do collegio, atravessava 2, 7, 6, 3, 8
Uma linda planicie florescia, 1, 9, 4, 1, 5
Onde um bando infantil alli jogava, 4, 5, 8, 2, 9

Que saudades que tenho d'essa quadra,
Em que a alma se expandia n'um sorriso :
D'esse tempo feliz de minha vida,
Em que o mundo parecia um paraíso.

MARIA J. CARNEIRO.

Nesta cidade da Grecia 3, 4, 3, 10
Sobre um pilar de granito, 1, 8, 6, 5
Collocaram um aparelho, 2, 9, 4, 6, 7
De typo bem exquisitesito.

E alli, a horas mortas,
Todo o povo reunido ;
Erguia ardentes preces,
Ao velhinho deus Cupido.

GEORGINA ZULEIKA.

CHARADAS

Elle cobre o queixo e sente suffocação. 3, 2
Em Labbe o homem anda de mochila. 1, 2
Seja professor, porém brioso.
Nesse tempo a mulher estudava em Chypre. 2, 2
E' doloroso presenciar-se o furor da loucura. 2, 3

CARMELITANA DE ARANTES.

LOGOGRIPHOS

Para escorreres a agua
Que esta machina tirou, 3, 5, 10, 6
E' que se fez a abertura 1, 11, 7, 4, 2
Que o rei de Naxos indicou. 7, 9, 10, 8, 5

Pareceu-me muito severo, 10, 9, 4, 5
O rei que a apresentou ;
E, por ser o mais formoso,
Da mulher de Marte gostou. 3, 8, 10, 9, 5, 7

Se soubesse que era crime
A mulher dos outros amar,
Esta deusa invocaria 3, 8, 7, 9, 6
P'r'o futuro lhe augurar.

Uns, dizem que é tributo,
A que outros chamam pensão ;
Porém, affirmo-te que é *pêra*
Que madurece ao S. João.

Aracajú, Sergipe.

GILENT FESTON.

Homem — 1, 2, 3, 10, 6	
Homem — 9, 13, 14, 11, 16	ENIGMA
Homem — 5, 10, 15, 4, 18, 16	
Homem — 1, 2, 14, 16, 13, 8	49105
Homem — 12, 10, 19, 10	289053
Homem — 7, 3, 19, 6, 17, 18	99291
Grande Homem.	64061
Taubaté. SOUVAROW.	-----
	Homem

PENSAMENTO

Os velhacos lidam muito
e lucram pouco.

Bahia.

SENHORINHA.

CHARADAS

- O impeto, do feiticeiro, é sempre o animo. — 2, 2
O limite, da vida, é marcado por esta flôr. — 2, 1
A agitação, da lama, sujou-lhe o vestido de gloria. 2, 1
A balisa, oscilla, garbosamente. — 2, 1
Um marinheiro almirante ! — 2, 2
Aracajú, Sergipe. ELISA F. MATTOS GRINTENN.

- O instrumento dá descanso nas casas. — 1, 2
Na musica é conhecida esta forma. — 1, 2
A peça corre para o trabalho. — 3, 2
Encrusilhada, R. G. do Sul.

HONORATO JOSÉ SOARES.

LOGOGRIPOS

- Tens leitor, um certo jogo — 9, 2, 3, 7
Mais este ophidio indiano ; — 1, 2, 5, 6, 11, 9
Tambem esta ave africana — 6, 3, 2, 9
Dá descanso em qualquer anno. — 4, 9, 10, 8, 1
Para melhor explicar
O logogripho, leitor,
Procurae lá nos jardins,
Mimosa e linda flôr.

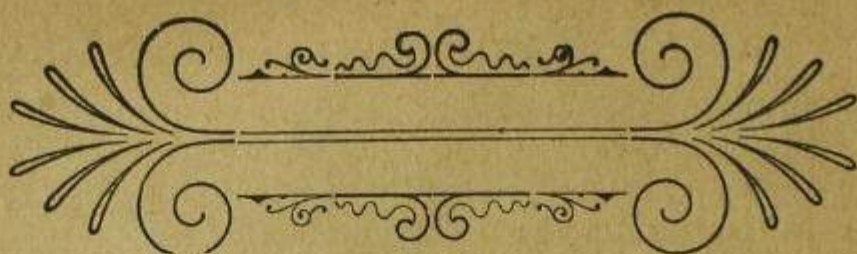
Cannavieiras, Bahia. TABARÊOS DO RIO PARDO.

- Morava em uma aldeia 12, 14, 17, 4, 2, 11, 15, 8
Uma engraçada mulher 16, 9, 6, 7, 12, 5, 12, 8
Que mudou-se da cidade 10, 16, 1, 13, 3
Pois não quiz lá viver.

E eu que nas luctas sou novel
Digo que hão de achar um movel.

Recife.

JAYME MATTOS.



Tancredo do Amaral

Se a chiromancia fosse do dominio dos meus rezumidos conhecimentos, recorreria às linhas da mão do Tancredo para ver se dessa minha observação obteria um indício, por pequeno que fosse, de qualquer qualidade que possa servir de causa a essas ligeiras futilidades de que um numero insignificante se serve para lhe ser desaffectedo.

Elle não é um desses predestinados à desaffeição geral; os poucos que o olham com desamor não saberão, talvez, o motivo porque o fazem, como também não saberão explicar a causa de uma estremada sympathia para muitos de quem a impureza de alma chanças não devia dar, siquer, a uma benevolencia, que não fosse misericordiosa. Mas, já o velho proloquio dizia: vale mais cair em graça do que ser engraçado.

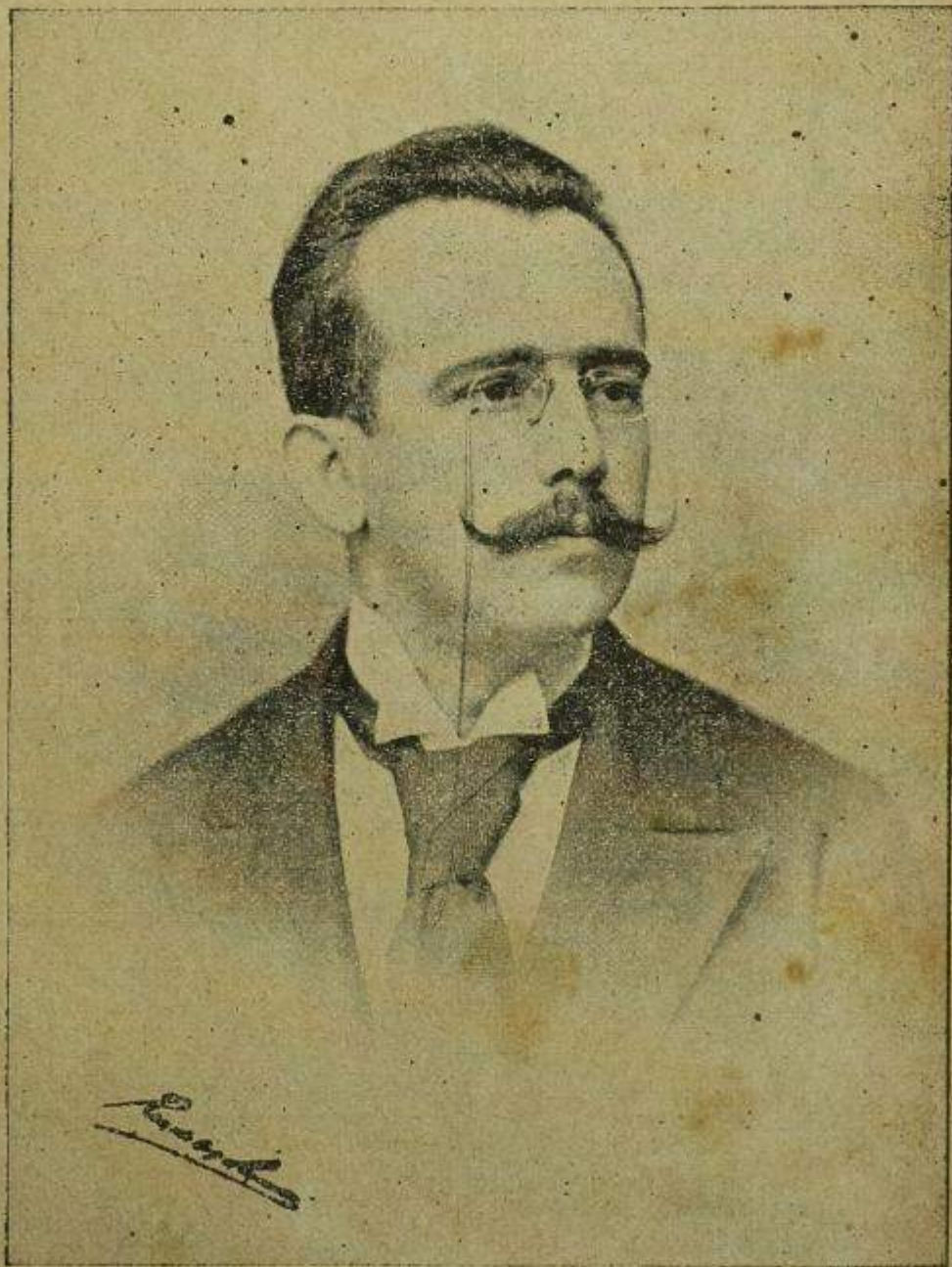
Conforta-o, porém, a insignificancia do numero desses desaffectedos; e nem disso elle cura, porque, a preoccupal-o essa futilidade, não pequeno saldo a seu favor elle encontraria se tivesse de recorrer a um balanço das amizades contrahidas e conservadas pelas suas virtudes e qualidades.

Se a sympathia fosse predicado, no seu despertamento nos outros, que podesse ser obtido apenas pela jogralidade, a *canaille* de botequim, o dito perverso ou a nullidade de uma phrase rebuscada no espirito baixo de *coteries* duvidosas — poucos a conquistariam; e nisto encontramos a causa por que Tancredo do Amaral, sendo um dos que cabiram no desaffectedo desse minimo grupo, pertence à legião dos que, com justiça, são admirados e conservam no conceito dos puros, dos desprendidos das exigencias equivocas de determinadas *coteries*, uma estima ganha por predicados e qualidades que atravez de todas as epocas e de vicissitudes varias, jamais deixaram de se patentear com a alvura intensa das almas boas.

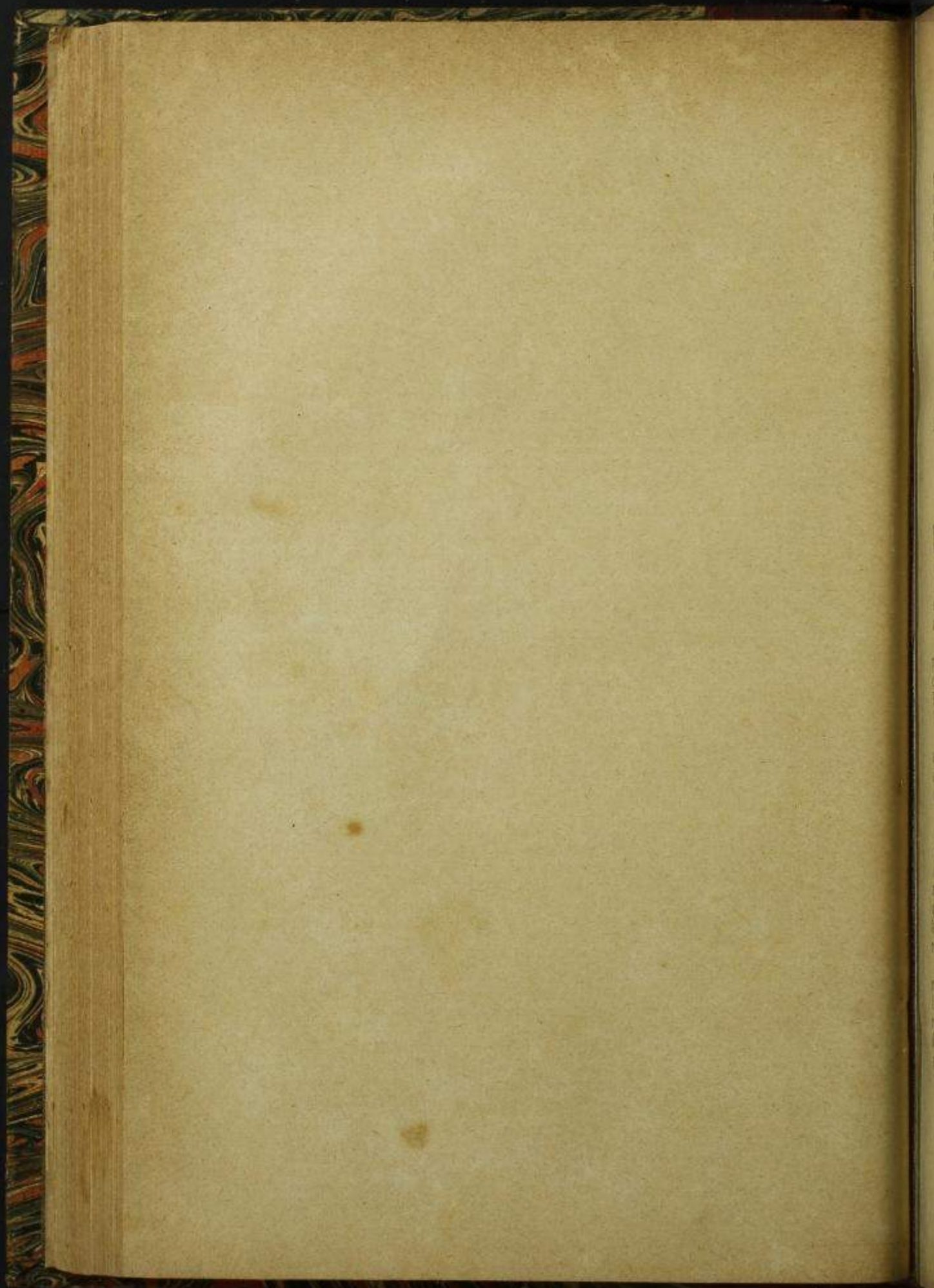
Não sei se a 18 de fevereiro de 1866, data em que, segundo os registros parochiaes, nasceu o Tancredo, a fada carrancuda dos olhos arrevezados fitou o pimpolho de ha trinta e seis annos; quem sabe se já então o petiz desper-

do Amaral

o tempo de sua vida
e de sua obra. Te-
ve uma vida de
trabalho e de luta
pelo bem da
pátria. Foi um
homem de
grande valor
e de grande
virtude. Foi um
homem de
grande
virtude. Foi um
homem de
grande
virtude.



Janerredo do Amaral



tava invejas, porque eu acho injustos esses pouquissimos olhares reparadores de malignidade, como que traduzindo despeito e inveja de um honesto trabalhador e combatente da vida, que só em si e na sua tenacidade tem encontrado elementos para ir vencendo todos os obstaculos que se lhe tem antolhado no caminho da existencia de labuta digna.

Se elle, desprezando escrupulos ou deixando de lado o espirito de justiça que o domina, enveredasse pela trilha dos conciliabulos maldizentes, da rufianada encheradora de qualidades que offuscam a grey da intellectualidade bufanesca e dos apregoadores de virtudes que não possuem — o Tancredo seria objecto de elogios que o conclave dos bons dotes de character e de espirito só dispensa aos seus ou a basbaquice ingenua que os supporta.

* * *

Que a zoilaria esbraveje; estou que o cambio não baixará por causa dos amuos que evidenciarão quando, ao abrirem este volume, depararem com o retrato do filho do commendador Manuel Leite do Amaral Coutinho e de sua esposa d. Anna Josepha Gaudie Ley, dois mattogrossenses filiados a duas das mais notaveis familias do longiquo Estado fronteiriço.

Quiz o acaso, porem, que o Tancredo nascesse nesta capital, a 18 de fevereiro de 1866, accaso que o tornou paulista como seus avós paternos, o capitão-mór Joaquim Leite da Silva Prado, que era consoreciado com d. Maria Luiza de Toledo Piza.

Este facto do seu nascimento ter se dado em S. Paulo, aponto eu como sendo a origem do unico defeito que noto em Tancredo. O orgulho, neste ponto é tanto, que elle chega quasi a limitar o Brasil a esta grande partilha da União.

Perdoavel mania, em todo caso, e tanto mais desculpavel quanto em parte elle tem certa razão, se encararmos a primazia que S. Paulo tem sobre os outros Estados. O seu orgulho, esse defeito, se assim o entenderem classificar, inferioriza-se em importancia a perversidade de um ou outro desaffectedo que elle possa ter, as consequencias que dahi podem advir não ferem individualidades, podem, quando muito, despertar reparos de character regional.

De resto, a sua educação só permite evidenciar este bairrismo por forma tal, que apenas uma contestação delicada se lhe deparará, e essa forma d'elle se evidenciar é tão correcta e rodeada de escrupulos de gentileza, que não podem deixar de medir-se com o seu temperamento de um suave e a sua grandeza de alma, formada por uma educação moldada nos mais elevados principios da moral e do bem.

Essa não pequena virtude deve a Tancredo do Amaral ao lar de seus paes, depois mais incutida ainda com a sua entrada nos conhecidos collegios Ponce, de Cuiabá e Branco.

do Desterro, hoje Florianopolis aos quaes, pleno de confiança, o commendador Amaral Coutinho entregou seu filho, para o iniciarem na educação litteraria.

Foi nesses dois importantes estabelecimentos de ensino, que Tancredo do Amaral fez as suas primeiras lettras, concluindo-as depois no Morton, de S. Paulo.

A sua carreira de instrucção primaria fez se acompanhada de constantes elogios á sua dedicação pelo estudo, grande aproveitamento e reveladora intelligencia.

Em 1880, aos quatorze annos de idade, ja possuidor de pergaminhos obtidos nos exames de disciplinas primarias, Tancredo do Amaral achava-se em São Paulo, dando demonstração grande do homem activo que se estava fazendo, frequentando aulas, evidenciando a sua anciedade pelo estudo.

Não passou despercebida essa tendencia. Auxiliado pelos seus, foram essas revelações aproveitadas, e em 1884, testemunhando a sua inclinação para o magisterio, matriculou-se na Escola Normal, curso esse que seguiu com brilho, conseguindo dois annos depois, em 1886, diplomar-se.

Com taes provas como alumno, entendeu o governo que não devia deixar na ociosidade o novel professor. Por isso nomeou-o para uma das cadeiras da importante cidade de Ytú.

Estava iniciada a vida do homem, do professor, e os seus esforços coroados de um exito que desde então despertou nelle o estimulo para a labuta da vida.

E bem laboriosa esta tem sido, porque a par de algumas facilidades de existencia que se lhe teem deparado, obstaculos não tem tambem escasseiado como que a quererem interromper-lhe a jornada.

Era preciso amenisar a existencia, procurar um conforto para compensar as agruras da vida, e para cauterisar as feridas que o despeito e a inveja dos outros já começavam a fazer no novel caminhante, buscou elle a creatura que o seu coração lhe apontava, a sra. d. Maria Luiza do Amaral, com quem casou em 1887.

Senhora de elevados predicados de alma, de uma educação esmerada e pertencente a duas das principaes familias paulistas, Vasconcellos e Estanislau do Amaral, a escolha da companheira não podia ser mais acertada, e desde então começou Tancredo do Amaral a ter quem partilhasse das suas alegrias e o alliviasse, com palavras de conforto e de animação, nas suas maguas de vidente honesto e activo.

Mas a sua boa estrella quiz que esse grande elemento de bondade, a esposa, fosse ampliado nos seus beneficios, e o novo lar foi engalansado com o nascimento do primeiro filho, a Marina, o espirito perspicaz infantil incarnado n'uma traquinas franzina, cheia de vivacidade nos olhitos pretos, applicando hoje ao estudo das primeiras lettras, com demonstrada intelligencia, os seus dez annos alegres.

Começava então para Tancredo do Amaral uma preoc-

cupação de outra especie, a educação dessa filha, preocupação que se avolumou quando um segundo filho, o Floriano, veio augmentar-lhe a familia, mas que para elle serviu para augmentar-lhe tambem a energia na vida, estimular-lhe a investigação de horisontes que melhor satisfizessem a sua aspiração de pae, trabalhar para educar os filhos, preparar-lhes o futuro.

Parece-me que se está explicando o mobil da sua actividade, ao mesmo tempo que se demonstra a causa porque espiritos despeitados não olham com bons olhos o triumphador desse despeito e dos obstaculos da vida.

* * *

Mas as suas aspirações não podiam limitar-se a tão pequeno espaço; o professorado, se até alli era já alguma cousa, era agora pouco. Estava então acceza a lucta pelo abolicionismo, e o seu espirito, educado nas idéas modernas não supportava o Senhor como não admittia o escravo.

As poderosas phalanges do anti-escravismo abriram-lhe as columnas dos seus plutões, e Tancredo do Amaral poz-se ao serviço dessa humana causa. Como tal, a sua campanha foi não só material como espirital; na *Gazeta da Tarde*, e no *Correio de Ytú*, terçou o nosso homem as suas primeiras armas de jornalista vigoroso.

Ao mesmo tempo que apparecia o abolicionista, surgia tambem o politico, o republicano. Este então ainda mais ardente. O partido dava-lhe entrada franca, e com Cesario de Freitas e Barros Junior fundava o primeiro club republicano no Salto, bem como um orgão do partido, o *Correio do Salto*, folha de propaganda que depois, tambem sob sua direcção, deu lugar a um outro, a *Imprensa Ytuana*.

Como partidario convicto, se a abolição teve nelle um bom cooperador, a Republica teve-o sempre ao seu lado. Assim, a data de 89 foi encontral-o na estacada, e como prova de confiança foi-lhe dado o cargo de secretario do governo provisório do municipio de Ytú.

Foi curta a sua estadia naquella cidade. O seu nome e os serviços como partidario intelligente e activo grangearam-lhe a justa offerta de 1.º official da secretaria do interior, cargo que acceitou e que para occupar veio para São Paulo, em meados de 1890.

Dahi para cá os governos do Estado teem aproveitado a sua actividade, seriedade e intelligencia no desempenho de commissões de confiança, nas quaes o agraciado tem-se havido com pleno louvor.

Depois de ser official daquella secretaria, ocupou o cargo de ajudante do almoxarifado da Força Publica. Em commissão exerceu interinamente as funcções de official de gabinete do presidente dr. Bernardino de Campos, e foi effectivo, em egual commissão, junto dos secretraios da Agricul-

tura e da Justiça, drs. Theodoro de Carvalho e Carlos de Campos.

A revolta de Setembro encontrou-o no seu posto como official do estado-maior do 164 de infantaria da Guarda Nacional, aquartelando-se com o seu corpo, o qual esteve ao serviço do governo legal.

Em 1897 fez todos os preparatorios, matriculando-se na Academia de S. Paulo, cujos estudos interrompeu por difficuldades pecuniarias, de idas á sua demissão, por motivos de ordem politica, daquelle cargo; era então secretario de *A Nação*, órgão de franca opposição ao governo.

Actualmente, Tancredo do Amaral exerce um cargo de confiança, o de inspector das escolas do Estado.

Não pode dizer-se que a sua actividade tenha apenas sido empregada em interesse seu; nem o seu temperamento e a ausencia de sentimento egoistico lh'o permittiriam.

E é isso, justamente, o que desperta a malquerença dos poucos despeitados que elle conhece, que elle sabe o mordiscam, mas para quem elle se ri.

Esse despeito cresce, por demais, si se fala na tarefa litteraria de Tancredo do Amaral, na sua vida jornalística, no seu trabalho espirital.

Ora, é preciso observar-se que se realmente não existisse um valor nessa feição da vida de Tancredo do Amaral, o caso não os preoccuparia, e esses proprios conventinhos da intellectualidade de convenção não acceitariam os seus trabalhos, desprezariam o seu concurso. Mas dá-se o contrario: — como jornalista, Tancredo do Amaral tem epochas registradas no *Diario Popular*, *Jornal da Tarde*, *Intransigente*, *Platéea*, *Diario Mercantil*, *Federalista*, onde collaborou durante annos. *A Nação*, órgão do partido federal, teve-o como seu secretario, e o *Correio Paulistano* teve-o tambem como um dos seus redactores.

Ha, indubitavelmente, um valor que os seus de-affectos procuram encobrir quando o partidario os separa d'elle. Sem duvida de que a conclusão a tirar é que tanto o partidario como o jornalista fazem sombra.

As letras devem-lhe serviços de natureza a impor o seu merecimento. O Instituto Historico e Geographico de São Paulo é lhe devedor da sua actividade como socio fundador, e já fez parte da commissão de Geographia do mesmo estabelecimento. Alguns dos seus poucos inimigos despeitados, jamais foram lembrados para esses cargos, jamais aos seus talentos e actividade se deveu uma iniciativa em beneficio das letras. Será porque essas intelligencias incubadas ainda nada tenham podido fazer? Abençoada, nesse caso, a actividade dos que não vivem do elogio mutuo, dos modos que alguma coisa vão fazendo.

Tanto mais abençoada, quanto, para confirmar o beneficio dessa actividade, vem o testemunho insuspeito e espontaneo, como no caso de Tancredo do Amaral, vendo-se honrado com a nomeação de socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Positivamente que esse agraciamento não é devido á collaboração em sessões de botequim e portas de jornaes, onde a malignidade esverruma o rebuscado espirito da perversidade.

Trabalhos sobre geographia e historia de São Paulo fizeram-lhe jus a esse diploma, que a rameirice litteraria das *cotteries* não pode desvalorisar.

Tancredo do Amaral tem publicado os seguintes livros: *Linhas Esparsas*, contos, e artigos litterarios e politicos; *Geographia Elementar* (6.^a edição); *Historia de S. Paulo* (2.^a edição); *O Estado de S. Paulo*, e *Analectos Paulistas*.

Estas obras, que foram editadas pela casa Alves & Cia., e impressas na casa Aillaud, de Paris, com as suas repetidas edições, fallam mais alto que a perversidade dos seus desafectos. A' excepção de um, os restantes livros estão sendo adoptados não só nas escolas publicas do Estado como nas de outros Estados.

Não nos occorre de momento os nomes de todas as publicações estrangeiras que delles se occuparam; mas podemos citar as optimas referencias a elles feitas, e ao seu auctor, pela *Independence Belge*, de Bruxellas, como pela *Riveu du Bresil* de Paris, que traduziu capitulos de muitas.

Tudo isso será pouco para os nossos convencionalistas das letras em S. Paulo?

No proprio Brasil, que não está circumscripto a S. Paulo, e que sabe não estar ahi a nata litteraria, porque se ri dos *nossos genios* e das *nossas aguias*,—a obra de Tancredo do Amaral teve referencias honrosas e independentes de homens do valor do finado Sant'Anna Nery, Arthur Azevedo, Affonso Celso, V. de São Boaventura, Olavo Bilac, Urbano Duarte, Antonio Ennes, e outros.

O ultimo livro de Tancredo do Amaral, *Livro das Escolas*, que despertou em Coelho Netto e Bilac apreciações de louvor, é apontado como um dos melhores no genero, e da sua excellencia dá prova a sua adopção nas escolas de S. Paulo e nas do Districto Federal, pelos respectivos governos.

Se a fatuidade dos despeitados acha nulla esta bagagem de trabalho, esta feição da actividade util de Tancredo do Amaral, que dizer-se daquelles que em vez de tal apresentarem, contentam-se em vituperar os que trabalham e honesta e intelligentemente procuram triumphar não só da vida como dessa maledicencia e o conseguem?

E' provavel que se achem muito extensas estas notas com que eu quiz fazer acompanhar o retrato de Tancredo do Amaral, mas é o caso de se reponder pela forma como eutinho dito ao Tancredo que lhes responda:—Deixe-os fallar, meu velho, vá triumphando, vá os vencendo com o seu sorriso.

Rio—902

V. M.

IMPROVISO

A' innocente filhinha do Oscar Monteiro

Olhar tão puro, e cabellos
Mais sedosos nunca vi!
Tem graça, encantos, anhelos
Com a loira juriry!

Que bouquinha e dentes bellos,
Mormente quando ella ri!...
Tem nos gestos tantos élos
Que prende o Universo em si!

De Deos, o côro celeste
Perdeu toda a poesia,
Porque Virginia, desceste

Do empyreo, por magia!
E, na terra tu vieste
Ser de todos a alegria!

S. Paulo.

ANDRADE PINHEIRO.

LOGOGRIPHO

Tende coragem, leitor, 2, 4, 3
P'ra ver a ave o que tem 1, 3, 1
Saber se a ella pertence 3, 4, 1
E de que cidade vem.

Natal, Rio G. do Norte.

A. SOARES.

CHARADA

Sou filho do manso Tejo
E passo a vida a correr. 1
Por isso vou satisfeito 2
Cauzar a todos — *prazer.*

Bahia.

PEDRO DE ARAUJO BORGES.

CHARADAS

Havendo alguém contra a prima, 1
Surge a segunda em defesa, 1
Por ser este o seu encargo, 2
Rico ás vezes, de nobreza :
Prima defende a segunda,
Em qualquer dificuldade,
Executando a promessa
De igual reciprocidade.

—
Quem pretender facilmente
A charada decifrar,
Deverá *incontinenti*
Ir uma ave procurar ; 2
E para que possa vê-la
Precisa de boa vista :
Perto do sol ha de vê-la, 1
Se quizer seguir-lhe a pista ;
Conseguida a solução,
Prometto dar um vestido,
Não de linho ou algodão,
E sim de fino tecido.

—
Corre e fluctua 1
Sendo do mar, 3
A' luz da lua
Sempre a mirar.
A pequena fazenda,
Com esmero cercada
E' bonita vivenda
De feliz namorada.
S. Salvador, Bahia.

ALFONSE FREDOCA.

CHARADAS

A mulher de feição elliptica, engana aos poucos. 2, 2, 2
Demorar em logar soterrado, motiva um sentimento expedito. 2, 2, 1
Porto Novo, Minas.
ASTROGILDO NUNES.

PARTE !

Parte ! que o meu olhar inda demora
Sobre a chaga que abriste, allucinada
Podes partir mulher ! podes ! embora,
Me fique esta existencia desolada !

Feriste-me, bem sei, mas sinto agora
A saudade miserrima e nevada !
Podes seguir por este mundo afóra...
Que te seja esta vida uma alvorada.

Eu ficarei no duro desencanto
Sob o vento gelado do Tormento
Assim de dôr em dôr, de pranto em pranto...

Sim. Ficarei descrido sem guarida —
Qual cypreste em profundo desalento,
Na penumbra amarissima da vida...

Atalaia, Alagôas. SEBASTIÃO DE ABREU.

LOGOGRIPO

Pelo campo correndo pressuroso 5, 11, 13
Brincava guapo e tranquilas rapazote; 6, 10, 8, 11, 8, 1
Eis senão quando um bravo novilhote 9, 7, 11, 12, 1
Investe contra elle furioso.

O menino de medo possuido 9, 10, 6, 10, 5, 13, 2, 13
Corre qual corça alipede e jocunda
E ao chegar em casa esbaforido 3, 4, 8, 2, 4, d, 1
Leva alem disto povorosa tunda.

Conceito : Homem.

Fortaleza, Ceará.

LEAL JUNIOR.

Reminiscencias

Feliz daquelle que se recorda com saudade de outros tempos!

Assim como as eusteras e velhas nações relembram com orgulho suas passadas glórias, o homem tambem, que tem consciencia de si, mira-se satisfeito nos dias venturosos que passou outr'ora.

* * *

Ahi vae uma scena de minha vida:

Foi em 1898, em janeiro. A *Magnolia Paulista*, uma symphica sociedade fundada por um grupo de rapazes *ekies*, empregados no commercio, dava a sua partida trimestral.

Para que não me acoimem de parcial, vou transcrever o que *O Intransigente*, organ de outra sociedade dansante, não menos symphica e importante — *Grupo dos Intransigentes*, publicou em seu n. 12, do mesmo mez:

«Chegamos ás nove horas. Pouca gente no salão; a directoria preparava-se para receber os convidados, e a orchestra echoava na abobada immensa do salão Steinway os accordes febricitantes de uma valsa.

A's dez horas começou o baile com a presença de mais de 200 convidados, notando-se muitas e elegantes toilettes, que imprimiram ao salão um aspecto magnifico.

Após a primeira polka, os directores da *Magnolia* convidaram os representantes dos *Intransigentes*, srs. A. Neiva, A. S. Coelho e F. L. Esperidião para assistirem á entrega, no palco, de um quadro com o retrato do presidente, o qual ia ser offerecido ao mesmo, sr. Frederico Wolff.

Pedro Sobral, nomeado de improvisó orador do grupo que fazia essa manifestação de apreço ao joven presidente, tomou a palavra, e numa inspração digna de um orador distincto, como é, disse o *porquê* daquella offerta, nascido pela muita symphica e amizade que gosava entre os consocios da *Magnolia Paulista*, o seu presidente.

Entre parenthesis: — Sobral, que é um moço modesto, mas intelligentissimo, como sóem ser todos os que nascem na abençoada terra de Sergipe, e descendente de uma das principaes familias desse Estado, é auxiliar do escriptorio da Companhia Lupton, uma das primeiras casas de commercio desta capital, e onde já se acha ha muitos annos, tal a amizade e a confiança que seus patrões lhe dispensam. Fóra d'lli, é de vê-lo, sempre cercado por amigos dedicados, que disputam entre si obter a amizade desse symphico moço.

Frederico Wolff agradeceu commovido essa prova de consideração de seus companheiros, e prometteu continuar a trabalhar pelo engrandecimento da *Magnolia*, tal como o tinha feito para a sua fundação.

Fallou em seguida o representante deste jornal, o sr. Oscar Monteiro, e o representante do Grupo, sr. A. S. Coelho, que acharam justissima a manifestação feita.

Pouco depois, era distribuido o n. 1 d'A *Magnolia*, o qual continha o retrato de F. Wolff e boas secções recreativas.

A' meia-noite, a directoria convidou ainda os representantes dos Intransigentes, para beberem uma taça de *cham-pagne*.

Ainda Pedro Sobral, empunhando uma taça, fallou pela *Magnolia Paulista*, patenteando mais uma vez os elevados dotes oratorios que o ornam, saudando o « intemerato Grupo dos Intransigentes » representado naquella festa.

Respondeu-lhe o sr. A. Coelho, agradecendo essa saudação, que vinha de uma sociedade irmã, pelos labios de um cavalheiro distincto e illustrado.

Fallou em seguida Oscar Monteiro, que salientou a homogeneidade das duas sociedades, a irmandade de sentimentos e de aspirações.»

Doces recordações desses momentos, não vos poder descrever neste papel !

* * *

Em 22 de janeiro do mesmo 98 foi levada á scena uma comedia pelo corpo scenico do *Grupo dos Intransigentes* para solemnisar o seu 2.º anniversario.

Foi escripta especialmente para o grupo de amadores, pelo auctor destas linhas que teve de a adaptar ás aptidões de cada um.

Transcrevo em seguida a apreciação de um illustre redactor do *Município de Jundiahy*, que veio especialmente assistir á essa festa.

« *Ha de ser Intransigente* comedia escripta por um dito e representada por seis idens (não sei se devo incluir a galante dama). O Intransigente que escreveu a comedia foi o sr. Oscar Monteiro; os que a representaram, os srs. Antonio da Silva, Zé Ricardo, Manoel Rodrigues, Fritz Wolff, Macaggi e Coelhinho.

O assumpto é ligeiro, mas o fim é tudo e o titulo o indica : *Ha de ser Intransigente*.

Um commendador apatacado quer casar a filha, por annuncio, e, depois de fazer a *réclame* espera os pretendentes que vêm disputar a mão da moça e a bolsa do dito commendador. A moça é fria para os primeiros; ella é intransigente e sabe que ha de apparecer um *Raul* que já lhe ganhou o coração.

Realmente, depois de despachados os pretendentes inhabilitados, um moleque que apresenta o *Raul* que a *Nhanhá* já esperava, o qual corre uns nicolãos aos dedos do crioulo, que sabe mostrando os dentes.

Raul entra em concurso com os seus unicos titulos : pobre, artista e Intransigente. Luiza está já de longe dando o

seu consentimento e *Raul* é acceito á sua declaração de Intransigente, com grande enflação dos preteridos e, entre vivas ao Grupo dos Intransigentes acaba a comédia.

A comédia é ligeira, de pouca engrenagem theatral, e, como é natural, fraca; mas tem bastante gosto, é muito delicada e tem, o que é essencial, merecimento litterario.

Como um primeiro trabalho, deve causar justo orgulho ao seu auctor, que ha de dar outras comédias, mostrando que tem vocação para escrever para o theatro.

O desempenho foi bom, todos os amadores andaram bem, com muita habilidade e pode-se dizer com segurança: o grupo dos amadores dos *Intransigentes* pôde trabalhar em qualquer theatro e ao lado de bons artistas.

Foram ainda recitados por outros amadores Intransigentes as poesias: *Rataplan*, *o Caipora* e *O melro*; todos com muita correccão.

A *Tribuna do Povo* deu tambem uma longa noticia, na qual procurou elevar ás cunhadas de uma futura gloria o recém-escriptor theatral; e esta não a incluo nesta parte por não a ter em mãos...

E hoje?... triste desillusão!... tudo fenece, desfolha e cai! Outrora a brisa, as flores, os sonhos me sorriam, como um emblema de eternas felicidades, naquelles momentos fagueiros, quando a mocidade é tãful, regorgita de lisonjas, acredita em todas as ficticias ternuras, exulta em face da admiração do seu proximo. Hoje tudo descamba no ocaso da vida, já não penso nas graciosas conversações em que muitas vezes faziam-me alvo os aduladores mesquinhos...

Em conclusão, tal como nas cores das bandeiras da Magnolia Paulista e do Grupo dos Intransigentes, todo o homem que possui um passado honroso, deve orgulhar-se em relembral-o.

Em todos os corações deve existir o symbolo representado nessas bandeiras: *branco* e *verde*. BRANCO, é o symbolo da paz, da consolação, que em nossas almas deve haver pelo bem que fizemos, pela tranquillidade de nossa consciencia. VERDE, a esperança de glorias futuras, de futuros bens com que poderemos dotar o nosso lar e a nossa patria!

(Do livro — *Para meus filhos*).

OSCAR MONTEIRO.

CHARADAS

Verbo, verbo, verbo. — 1, 1

Animal, animal, animal. — 2, 1

Pernambuco. EUGENIO DE SÁ PEREIRA.

CeO EXT O espaço Terra

Companhia Japoneza, Brasil.

POLIDORO.

CHARADAS

Estado — Riacho — Medida. 2, 2.
Fasenda — Chà — Planta. 1, 2
Poema — Mulher — Lã. 2, 2
Pedra — Tecido — Fructo. 1, 2

Linda arvore verdejante
Nas zonas de Malabar ; 2
Se buscar sua importancia
Nenhum valor deveis dar. 2

Decifrai logo a charada
Que acabo de apresentar,
Pois senão a garotada
Rompe em forte gargalhar.

Anda no navio uma concha. 1, 2
Calculei o destino da sciencia. 2, 2
Rese pela mulher que é deusa. 2, 2
Envolve o potentado na intriga. 2, 2

Porto Alegre. ROSENDO CARPES

TRUÃO

Quando me distendeste a mão nervosa e fina
Que levei delirante aos labios rosequidos,
Sagravas d'esse amor a terna unção divina
E as ardencias febris dos nossos peitos fidos!

E entornando no azul nostalgicos accentos
Sahi a proclamar o nosso amôr profundo
A's estrellas, aos cécs, ás arvores, aos ventos,
A' madrugada, ao sol, ás multidões, ao mundo!

CARLOS GÓES.

Dr. João Pedro da Veiga Filho

Traçando a biographia succinta do dr. Veiga Filho, incontestavelmente um dos mais operosos e sympathicos homens politicos da actual geração, transcrevemos aqui com pequenas alterações o perfil biographico publicado pela conhecida revista litteraria *Capital Paulista*, que, a nosso vêr, apanhou fielmente os traços salientes de sua individualidade.

Mineiro de nascimento, mas, ainda na primeira mocidade, fixando-se em S. Paulo, s. exa. abriu caminho em meio da turba-multa das mediocridades audazes e invejosas, á força de golpes de talento, estudo constante, honradez illibada e dedicação ardente pelo progresso moral e material do Brasil, e, em especial, de S. Paulo.

Sua vida, embora curta, pois é moço ainda, assignala uma série ininterrupta de serviços prestados á administração, ao commercio, ao magisterio, á municipalidade e sobretudo ás letras, que fariam honra a um encanecido patriota de qualquer paiz culto.

Matriculando-se na Faculdade de Direito desta capital, em 31 de março de 1881, publicou, ainda estudante, seu primeiro livro — O voto e a eleição — e, durante dous annos foi redactor-chefe da *Ordem*, organ academico, e advogado da colonia italiana, cargo então honorifico.

A 28 de janeiro de 1886, foi nomeado pelo presidente da provincia cons. João Alfredo Corrêa de Oliveira, chefe de secção da Secretaria do governo. A 22 de Fevereiro do mesmo anno, recebeu o grão de Bacharel em Direito, merecendo por essa occasião uma bondosa manifestação de seus collegas e da colonia italiana.

Em 1888, foi incumbido de escrever as notas diarias do «Diario Mercantil», collaborando sempre em outros periodicos. Em 30 de abril de 1889, pedindo exoneração do cargo que occupava junto á administração da provincia, abriu banca de advocacia.

Em 20 de outubro de 1893, apóz o devido concurso, foi nomeado lente substituto da Faculdade de Direito; em 6 de junho de 1894, recebeu o grão de doutor em sciencias juridicas e sociaes, e, em 12 de maio de 1897, foi nomeado lente cathedratico daquela Faculdade.

Pouco depois deu á luz o seu importante livro, *Manual das Sciencias das Finanças*, que tão mercedamente conquistou para o seu auctor, applausos no paiz e no estrangeiro.

Esta obra premiada pelo governo federal é

um repositório completo de todas as noções, factos e observações sobre tão arido e vasto assumpto, organizado com seguro criterio e lucida clareza essa obra veio prestar relevante serviço á mocidade, aos politicos em geral e ao proprio povo, pois realisa o intuito patriotico da vulgarisação de ideias sans sobre o Orçamento, Impostos, Papel, moeda, Bolsa e outros assumptos momentosos, desconhecidos, em suas verdadeiras condições e termos, por muita gente que passa por illustrada e intelligente.

Durante o anno de 1895, exerceu o cargo de secretario da Associação Commercial e Praça do Commercio d'esta capital, escrevendo um importante relatorio sobre o movimento commercial daquelle anno, e prestando outros serviços, no cargo.

Eleito em 3 de julho de 1897, vereador da Camara Municipal d'esta cidade, foi reeleito a 30 de outubro de 1898, e exerceu esse cargo, accumulando, sem vencimento, o de secretario, pelo voto dos seus pares.

A 31 de dezembro de 1900 foi eleito deputado ao Congresso do Estado, onde se interessa muito pelas questões agricolas.

E' socio effectivo da Sociedade Nacional de Agricultura, e um dos fundadores da Sociedade Paulista de Agricultura.

Trabalhador infatigavel pelo bem estar d'esta terra, de s. exa. quasi pode-se dizer o que alguem disséra de Emilio de Girardin — *tem uma ideia por dia*, taes são as applicações omnimodas e incessantes da sua actividade mental, no magisterio, na advocacia, no commercio, na administração municipal, no Congresso e na imprensa!

A relação que segue das suas obras publicadas até hoje, justificará melhor esse asserto.

Preliminares do Direito Commercial (Estudo academico) 1884.

O Voto e a Eleição (Estudo academico) 1885.

Armazens Alfandegados (folheto) 1888.

Synopse Commercial de S. Paulo (Avulso) 1891.

O Protecçionismo (Dissertação) 1893.

Programma do Curso de Sciencia das Finanças (Aprovado pela Congregaçãõ da Faculdade de Direito) 1894.

Relatorio da Praça do Commercio, 1895.

Estudo economico e financeiro sobre o Estado de S. Paulo, 1896.

Tarifas aduaneiras (Monographia) 1896.

Assistencia medica gratuita (Parecer apresentado á Municipalidade de S. Paulo (Folheto) 1897.

Cultura do Algodão (Indicaçãõ apresentada á Municipalidade de S. Paulo (Folheto) 1897.

Premios á Cultura Intensiva (Considerações sobre um projecto apresentado á Municipalidade de S. Paulo (Folheto) 1897.

Reparaçãõ dos erros Judiciarios (Monographia) 1897.

Programma do Curso de Historia do Direito e especialmente do Direito Nacional (Aprovado pela Congregaçãõ da Faculdade de Direito) 1898.

Abastecimento de Carne no Municipio (Parecer e projectos de lei apresentados á Municipalidade de S. Paulo) 1898 — 1901.

Manual da sciencia das Finanças (1898).

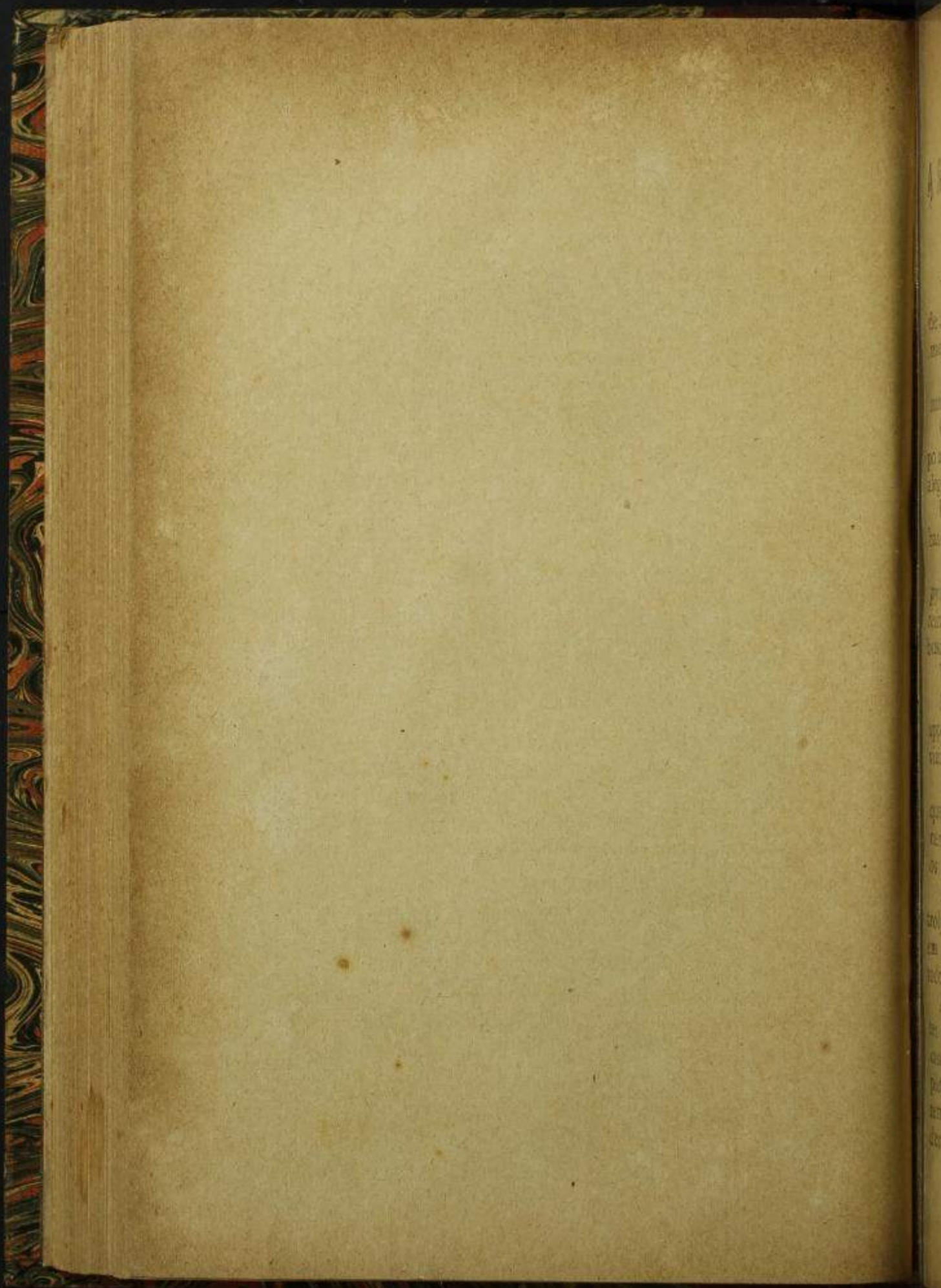
Convenio Financeiro do Brasil (Monographia) 1899.

O Patrimonio Municipal (Exposiçãõ e Projecto de lei apresentado á Municipalidade de S. Paulo) 1900.

A Crise Agricola (Discursos pronunciados no Congresso do Estado de S. Paulo) 1901.



Dr. Veiga Filho



A festa de S. João no interior do Estado

I

Entre todas as festas celebradas na povoação de... durante o anno de 1898, merece especial menção a do dia 23 de Junho.

Desde pela manhã — uma animação extraordinaria.

Os habitantes, abandonando, por algum tempo as occupações quotidianas, transitam pelas ruas, alegres e despreocupados.

Uma ascensão contínua de foguetes, e bombas a rebentar por todos os lados!

Nas casas de **negocio** — verdadeiros depositos pyrotechnicos — a **criança** entra e sae, ás carreiras, numa ancia de comprar rodinhas, bombas, busca-pés, etc.

Viva S. João!

Approximando-se a tarde, o **reboiço** vae desaparecendo, aos poucos, da Villa, para surgir nas vizinhanças.

A maior parte do **povo** dirige-se para um pequeno sitio, distante 3 **quartos** de legua, e pertencente ao sr. Joaquim Pereira da Silva, que todos os annos faz a festa com muita pompa.

Muitos convidados fazem a curta travessia em trollys ou a cavallo; mas a rapaziada, reunindo-se em caravanas, segue a pé, fazendo uma gritaria de todos os diabos.

A casa de seu Joaquim Pereira, não obstante ter as paredes um bocadinho transparentes, é uma casa bem grande; mas, num momento, fica completamente cheia, assim como parte do grande terreiro da frente, onde estão accesas duas grandes fogueiras.

II

A virtuosa mulher de *seu* Pereira, d. Gertrudes Maria da Silva, fez transformar um dos compartimentos em Capella, e esta acha-se caprichosamente ornamentada.

No centro do altar, uma imagem de S. João e pelas paredes, quadros de outros santos.

A's 8 horas começa a reza, que consta de um terço e muitas outras orações cantadas por um capellão *ad hoc*.

Depois que terminam as preces, todo o mundo vai beijar o Santo e deitar algum tostãozinho *magro*, como adjutorio ao festeiro. Em seguida a gente vai cear. Da capella passa-se a uma larga varanda, cujo centro está occupado por uma meza profusamente servida de leitões, perús, cabritos, e mais uma infinidade de petisqueiras.

Como a meza não chega para todos de uma vez, os gastrónomos vão-se revezando; portanto a sessão prolonga-se por muito tempo!

III

Muita gente affirma descaradamente que a ceia é o melhor da festa; outros dizem que é a dansa.

Felizmente não ha victimas a lamentar, e, enquanto uns tarracam os dentes numa costelleta, outros dão uma mexedura ás pernas, para experimental-as, e o violeiro, por sua vez, procede ao necessario *tempero do pinho*!

A roda está quasi formada.

O carurú hade estar na *ponta*, porque tomam parte os folgazões mais divertidos das proximidades.

Depois que o mestre da roda tira a licença em verso, começa o carurú.

Constantemente a girar, cada um vai cantando

a sua moda, passando, depois, a *vava* ao parceiro da frente.

Ao principio, pégam no santo e collocam-no, à viva força, nalguma cantiga; porém, começando o desafio, deixam-no mais tranquillo.

O tocador de *puita* (instrumento indispensavel) um sujeito alto e magro chamado Francisco Estevam, ao chegar a sua vez, abre a bocca e grita :

« Meceis cante a sua moda,
Mais cante bem devagá;
Que p'ra cantá n'ua roda
Eu mando logo chegá ! »

Mal o Estevam fecha a grande bocca, canta o de diante :

« Mecê não me aprovóque,
Qu'eu sô um cabra damnado !
P'ra cantá co'este caboclo
E' perciso ter cuidado ! »

O Chico é que fica damnado, mas o unico remedio é fincar os dentes nos beiços, até que, de novo, chegue a sua vez !

Mas a quadra não fica sem resposta.

O da viola, que está na frente, passeia os dedos, furiosamente, pelas cordas, e berra :

« Nhó Lazo tapai a bocca,
Por favô não bufe á tôa ;
Sinão, carece eu mostrá
De que pau se fais canôa ! »

E o desafio poetico continua por longo tempo; mas, como a pinga está tardando muito, é de absoluta necessidade dar um *pinicão* no festeiro :

« O carurú tá na ponta,
E tudo tá muito bão...
Mais falta o dono da casa
Mandá vi o garrafão. »

Na roça, em uma festa de S. João, é quasi impossível achar alguma pessoa, *por mais pintada que seja*, que não aprecie um golesinho da *branca*.

Ao terminar essa quadrinha, sôa uma gargalhada geral e o bom do seu Pereira merece uma moda especial:

«Viva o ñho Quim Perêra,
Festêro de S. João!
Viva nha Tuca da Silva!
Viva tudo que aqui'stão!»

Neste momento apparece o ñho Quim trazendo uma tigela listrada de vermelho, meio desbeijada, e uma chocolateira onde um meliante qualquer pôde esconder-se com toda a segurança!

— Quentão, minha gente!

E vai enchendo a tigelinha que todos manejam com destreza admiravel, embora fiquem escaldados os dedos e a guela!

Saem, depois, da scena as duas companheiras, arrastando um olhar cheio de «magua...»

Mas em compensação, deixam uma boa dose de espirito... alcoolico!

Os pretos dançam no terreiro, ao lado das fogueiras. O ruido produzido pelos toques de zabumba, tambores e mais uma troça de instrumentos, torna quasi impossível distinguir as vozes.

Entretanto, emquanto um cavalheiro e uma dama exhibem, no meio da roda, os passos e macaquices mais extravagantes, todos do samba cantam, a uma voz:

«Alê, mulata, lê,
Alê, lê, lá;
O corpinho Sá mulata
Faz a gente atordoá!»

Os pares substituem-se, mas o verso é sempre o mesmo até que seja fabricada nova poesia!

IV

Os gallos da vizinhança e do sitio, vendo que é muito tarde, começam o berreiro do costume.

No meio de tamanha algazarra, ninguem dá satisfações aos gallos; mas D. Gertrudes, sempre atenta, apparece logo, dizendo que é hora de lavar o Baptista, e distribuindo um mundo de velinhas, feitas de tiras de panno untadas com cêra.

Depois, retira-se a vêr se falta alguma cousa, e logo volta.

—Vão saindo — diz ella ao ver que tudo está preparado.

Então, cada qual accende o respectivo archote e, cantando, caminham todos para um ribeirão que fica no fim do morro.

O rio, todo enlevado na contemplação da lua, (tratante!) leva um bom susto, ouvindo tanta vozzeria e vendo aquelle *diluvio* de gente!

Fica ainda mais espantado, quando começam a passar de um a outro lado do leito, pizandolhe, airevidamente, todo o *corpo*! Chega mesmo a zangar, e vai já «fazer das suas», quando o povo, terminando a reza, diz o nome do Santo!

Recorda-se então de tudo, e «curva-se» envergonhado!

Ao tempo que se realisam as cerimoniaes da ablução, os supersticiosos inclinados sobre o barrancó, procuram retratar-se nas aguas!

De repente, chega um garoto pela retaguarda, e... zás! lá vai um de focinho!

Finalmente, volta a procissão á Igreja improvisada, e volta a gentarada ao labyrintho de diversões.

Desse momento em diante, os convidados vão-se retirando; porem a festa continua até manhã...

24 de Junho.

O sol, erguendo-se, preguiçosamente, por detrás dos verdes cortinados, surprehende os ultimos boccados da festa e algum dorminhoco, enrolado junto ao fogô!

Em direcção á Villa, seguem ainda alguns trollys com familias e ouve-se, de longe em longe, o estourar de um foguete ou o estalo de um busca-pé!...

S. Pedro, Agosto de 98.

N. A. ZARIO.

LOGOGRIPHO

(A FRANCELINO CINTRA)

A mansa briza, no passar constante,
Adeus dizendo á amplidão dos ares;
Leva perfumes álgum peito amante, 23, 17, 2, 13, 8, 16
Nos amorosos e catitos lares. 21, 12, 5, 9, 23, 3.

Oh mansa brisa! Oh Deusa rolante! 19, 15, 4, 14, 6
Eu quero dar-te, para tu lebares
A' linda virgem:—Peito flamante, 7, 18, 22, 8, 5, 6
Lyrios, riquezas e os meus pezares.

E na tua volta, d'amplidão dos ares
No perpassar dos teus meigos folgares, 6, 21, 18, 14,
Traz-me noticias, traz, dessa donzella; 1, 10, 22, 12, 6

E mais tarde, na estação das flores 11, 8, 13, 6, 23
Quando reunidos nossos amores 1; 10; 5; 14; 4; 17; 23; 16
Hei-de dizer-te então o nome della...

Jundiahy — S. Paulo.

JOÃO BAPTISTA FIGUEIRFDO.

CHARADAS (NOVISSIMAS)

A' innocente filhinha do sr. Oscar Monteiro

Queira bem e tenha fortuna, minha senhora—2, 2.
Acolá, na igreja, está *Ella*. — 2, 1.

Limoeiro.

MANOEL LEAL.

O canto da doida

«Fiquei com odio ás flores e ás creanças!»

Estendido ao longo do pequeno esquite, coberto de petalas de rosas, parecia adormecido aquelle corpinho angelico, de roupagens de azul e ouro, como se fôra uma nesga de céu crivada de estrellas.

Era assim o cadaver de Amayr.

Mulheres e creanças, desfolhando perpetuas e rosas, davam os ultimos toques no vestuario da pequena noiva.

Ao fundo desse quadro, com a fronte macerada e o seio em ancias, estava uma mulher jovem, soluçando entre lagrimas, com largo sulco azul contornando-lhe os grandes olhos negros, tristes, pallida como as imagens da dôr e da descrença.

De guarda á pequena morta, quatro cirios ardentés, em crepitações monotonas, accentuavam mais e mais o aspecto lugubre da scena.

Subitamente, entrou de tropel um bando de creanças conduzindo ramos e capellas de flores.

Vestiam de branco e traziam como que um sorriso triste á flor dos labios.

Vinham em demanda do cadaver de Amayr. Cobriram-lhe o corpo de flores e empunharam as alças do caixão.

Passou-se, então, uma tempestade no coração daquela mulher. Ergueu-se precipitadamente, e caminhou, cambaleante, para junto do caixão; e prostrando-se, de joelhos, deixou cahir sobre o rosto pallido da creança uma onda de lagrimas e beijos.

Era a Mãe . . .

Quando despertou, tinham-lhe arrebatado o pequeno esquife, que ia subindo a collina, longe . . . longe . . . como um grande passaro azul rodeado de flores e creanças.

E, como que extase, ella seguia o feretro, com os longos cabellos em desordem e os grandes olhos negros immersos numa onda indefinível de luz e de pranto.

E, hirta, gelida, sublime, com a voz entrecortada, ella murmurava assim :

«É eu não beijei-a muito, porque as flores escondiam-me todo o seu corpinho angelico; e não a vejo ainda, porque m'a roubaram as creanças!»

«Oh as flores e as creanças! Maldictas!»

Era uma doida, bella, divina, como as concepções dos grandes genios. . .

E sempre que o luar cahia por sobre o arvoredo do velho cemiterio, lá estava ella, a doida, arrancando e destruindo friamente as flores das sepulturas, ao som de um cantico triste, suavissimo, que terminava assim:

«É quando arrebataram-me o seu corpo,
«Meu mundo de illusões e de esperanças,
«
«Fiquei com odio ás flores e ás creanças.»

Barra do Pirahy.

OVIDIO MELLO.

PENSAMENTO — Se queres vêr-te livre de um amigo importuno, pede-lhe um favor.—*Monteiro.*

ENIGMA (IMITAÇÃO)

Sem mim, o astro da noite
Em astro se tornaria ;
Sem mim o astro da noite,
Filho do sol seria.

Procure o Lucio Cornelio
O bisneto de Pompeu.
Elle tem comsigo o nome
Que de seu pae recebeu.

Santos.

PICHOTE A.

PROSA

(*A R. Kipling, poeta inglez, auctor do
Fardo Branco*)

I

«Eia, arvores, a pé!» disse um dia a Floresta,
Levada pela ideia manifesta
De fazer guerra ao Mar,
Conquistar-lhe as fronteiras, e alargar
Os seus dominios para além do Mar.
E quem o furor biblico da empreza
Visse, diria: «O Mar não a resiste;»
Pois cada tronco era uma fortaleza
E cada galho era uma lança em riste.
E as arvores, raivosas, imprecando,
«Morra!» bradavam, ramalhando o espaço.
Té que a Floresta ergueu a voz de mando,
E as arvores, coitadas! infelizes!
Pegadas ás raizes,
Não deram nem um passo.

II

Mas, a seu turno, o Mar, sabendo-lhe os designios,
Teve a ideia funesta
De alargar seus dominios,
E declarou tambem guerra á Floresta.
«Eia, ondas carniceiras!
Bradou com voz olympica e estentoria,
Eia, á conquista, á gloria,
A' gloria de alargar nossas fronteiras!»
E assim, cheio de colera espumante,
Foi o dorso das aguas empolando;
Impou como um gigante:
Rugiu, rugiu como um leão sem peia,
Cresceu, cresceu da altura do Himalaya,
E mais rugia e mais crescia, quando
Escabujou na areia,
E foi morrer na praia.

Nova York.

FONTOURA XAVIER.

O General Benjamin Constant e o numero 2

Em 1 de Abril de 1852 assentou praça; em 2 de Dezembro de 1856 foi promovido a alferes; em 2 de Dezembro de 1860 a tenente; em 22 de Janeiro de 1866 a capitão; em 22 de Junho de 1875 a major — tudo por merecimento; e em 22 de Janeiro de 1891, o grande patriota foi descansar na eternidade!

Ipu — Ce rá.

M. COELHO.

PENSAMENTO — Luctar em pról da Instrucção, é luctar pelo aperfeiçoamento mutuo da Humanidade, é espalhar luz nas trevas, ainda muito mais, é glorificar a Patria e immortalizar um nome. — LUAR D'ARC.

O TRABALHO

(EXCERPTO)

O Trabalho é para a Humanidade o symbolo augusto da Conquista e do Dever.

Trabalhar é banhar o Corpo na unção santissima da Força que corrobora o Espirito e dá alento e consolação á Alma; é ter erguido no Coração o Altar onde seja entoado o Cantico supremo do Amor e da Victoria.

Hosannas excelsas, hymnos alviçareiros, sejam cantados em glorificação aos atletas do Trabalho, que têm o dorso abrasado pela luz alourecida do Sol e as mãos doridas de pegar o arado que rasga as entranhas das terras productoras!

Bemaventurados sejam para todo o sempre, os apóstolos das grandes Descobertas e os paladinos das grandes Empresas!

Infelizes, para todo sempre sejam infelizes, os ociosos — homens rudes que não commungam na mesa da Via-Dolorosa da Existencia, o pão eucharistico do Trabalho!

Ceará.

SOUZA PINTO.

CHARADAS (DIALOGADAS)

Tem certeza que leva vantagem o perito? — 2, 2.

Tenho, porque a mulher tem sollicitado. — 1, 2.

Responda: O Velloso tem dito que está sujeito a enganar-se? — 2, 1.

Eu creio pelo que vi hontem na comarca, que o homem tem sorte. — 1, 1, 3.

Santos.

O NOVATO.

CHARADAS (INVERTIDAS)

- 2—Ao 2.º Califa offereço uma secção da planta. —2
2—O deus do fogo abrasa a planta.—2
2—Vou obrar como agente na cidade.—2
2—Numa peça da charrua depositei a capa.—2
2—Quem trabalha na lavoura tem sempre terra lavrada.—2

Cangussú, R. G. do Sul.

ARTHUR CRUZ.

Tableau

AO AMIGO E DISTINCTO JORNALISTA ROCHA MARTINS

I

Após o tilintar monotono da ovelhada, seguia a camponeza.

Caminhava lentamente. Na dextra uma varinha delicada, que tocava levemente o pello luzidio da ovelhinha mais tardia.

O magestoso rei dos astros vinha surgindo mollemente, como quem tem saudades do repouso nocturno, e a gárrula passarada saúdava o novo dia com um hymno mavioso, capaz de enternecer um coração reféce.

E a venústa camponeza ia seguindo o seu caminho. Subia a encosta... subia... subia... A ovelhada adiante, e a pastorinha atraz, pisando levemente a grama mádida do lacrimejar do ceo!...

II

Chegou ao pináculo do monte. As ovelhinhas mansas como o carneiro de João, pastavam alegremente.

A pastora procurou a saliencia de uma pedra, e sentou-se.

Queixo encostado á dextra, pensava...

Em que pensaria a gentil pastora? Naquillo em que pensam todas as Julietas de 18 annos.

Pensava no seu bello pastor, o hercules Joaquim, que ha já tres dia não via.

Tres dias! Tres seculos para dois corações juvenis, avidos de amar e de ser amados!

Avidos de fruir tudo quanto a natureza deunos para gozar. E a formosa camponeza pensava...

III

Subito, uma flauta melodiosa como devem ser canticos dos anjos, encheu os ares de uma suave harmonia . . .

A gentil pastora estremeceu...

Escutou mais attentamente...

A maviosa flauta, entre suavissimos sons, approximava-se lentamente.

A pastora em pé, tremulã, offegante, olhos fixos no horisõte, anciava, num delirio nervoso, para reconhecer no tocador de flauta o seu amante.

Novo bando de ovelhinhas se juntou ao primeiro e atraz d'elle, vagorosamente, appareceu um vigoroso mancebo, preludiando com amor e arte uma ária campestre.

A gentil pastora reconhecera-o...

Era elle, o seu querido amante!

Suas niveas faces cobriram-se de um rubor angelico, e o seu coração anhelava por apertar contra si o peito do tocador.

E no entanto quedava-se alli, escondida pelo arvoredado, espiando uma a uma todas feições do seu idolatrado!

IV

A flauta suspendera a harmoniosa ária.

O tocador admirava-se de não ver a sua gentil amante...

Olhou em volta... Nada! Nem uma folha se movia. E no entanto ella não devia estar longe; o seu rebanho ali se achava...

Devia procural-a atabuladamente.

De repente sentiu-se preso...

Eram os braços roliços da pastora que o cingiam.

Desprendeu-se delles, voltou-se então, e um abraço másculo, fórte, mas innocente e candido, unio esses dois corações, formando de duas almas uma só!

Um beijo puro e casto chuchurreou no espaço, unindo mais o élo que ligava esses corações amantes.

E a ovelhada, mansa como o carneiro de João, balava alegremente.

OSCAR MONTEIRO.

Tenebroso mysterio

Em um livro antigo, intitulado «Série e obito dos abbades de Villar d'Amargo», se lê o seguinte caso, acontecido no anno de 1676 com o abbade João de Barros e Brito. Archivemol-o no *Almanak Historico* em rasão de se haver tornado rarissima aquella obra, em que se contém a relação de muitos ontros acontecimentos igualmente memoraveis.

«Era alta noite quando lhe foram bater á porta dizendo lhe que se levantasse depressa para administrar os sacramentos a um enfermo. Trata o abbade de se levantar e vestir, e péga na chave da igreja: no acto de abrir a porta da casa, encara com dois desconhecidos que o agarram e conduzem á igreja que fica fóra da povoação, não lhe dando logar a que chame o sacristão, nem pessoa alguma do povo.

Ao chegar defronte da porta principal, vê ahi tres cavallos arreados, uma senhora vestida de seda, e um cavalleiro que lhe servia de guarda. Entrando no templo os tres homens e a dama, disseram aquelles para o abbade: *Confesse essa senhora, que o lavatorio nós lh'o daremos*. E principiaram logo a abrir uma sepultura: pretendeu o abbade, a pedido da dama, demorar a confissão para vêr se amanhecia e assim livrava da morte a infeliz; desconfiando porém os outros do caso, ameaçaram o abbade, e logo este absolveu a penitente, e em seguida lhe foi ministrado o lavatorio, que para isso já haviam preparado em um vaso: tomado que foi este, repentinamente cahio morta a desgraçada, que trataram logo de sepultar. Despediram-se depois do abbade, e montando nos cavallos, partiram, sem nunca se saber quem fossem nem donde vinham. O abbade, aterrado e cheio de reinorsos, tratou de partir para Roma, onde viveu até 1679, e dalli mandou para a sua antiga abbadia de *Villar d'Amargo* as sagradas reliquias de Santo Eugenio e Santo Augusto, que ainda hoje se veneram na dita igreja.

* * *

CHARADAS (NOVISSIMAS)

(Aos mestres)

- Na Europa, perto de Dees desagua um rio.—1, 1.
Cidade da Asia e do Brasil—1, 1.
Neste rio phantastico cresce uma planta.—1, 1.
No golpho de Phanar a agua é sempre azul—1, 1.
Na Bolivia dá cuidado este animal.—2, 3.

V. MELILLO.

Dr. Osear Thompson

São da excellente revista *Nevoas*, desta capital, as judiciosas palavras que transcrevemos sobre o emerito director da nossa Escola Normal:

«Não ha em S. Paulo quem não o conheça.

Está em pleno verdor da mocidade, pois nasceu em 12 de Fevereiro de 1872.

E' alto, tem a fronte ampla, a tez rosada, e em seu cerebro germina um talento robusto e cheio de irradiações.

De um espirito pujante e intemerato, militou sempre nas fileiras republicanas, onde firmou a sua invejavel reputação.

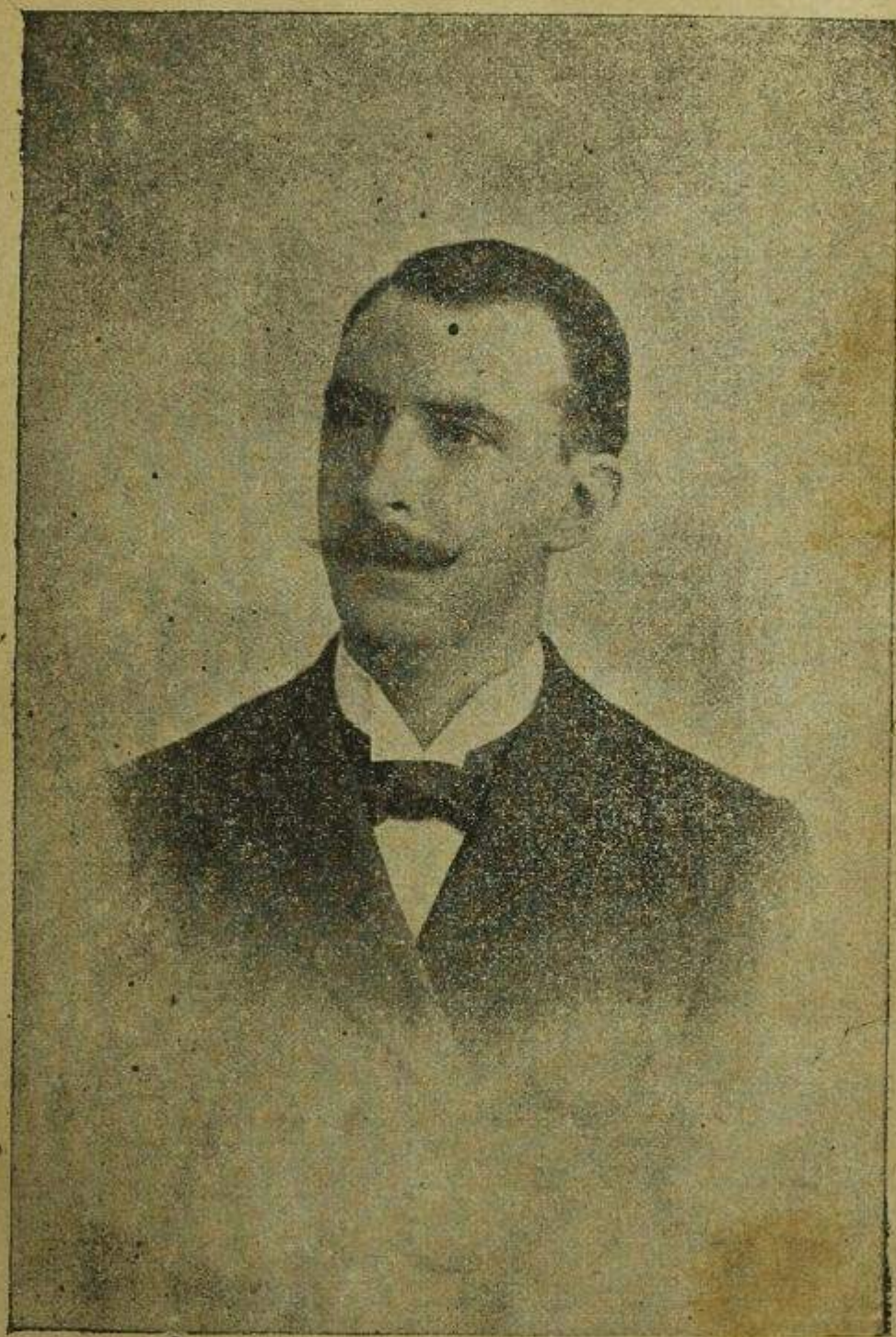
Tem occupado diversos cargos de eleição popular, sempre com uma probidade inexcedivel.

Destituído de qualquer preconceito, que para mim é inteiramente estranho, posso affirmar aos caros leitores, sem dolo, que o Dr. Oscar Thompson é um verdadeiro amigo de seu amigo e de sentimentos mui nobres.

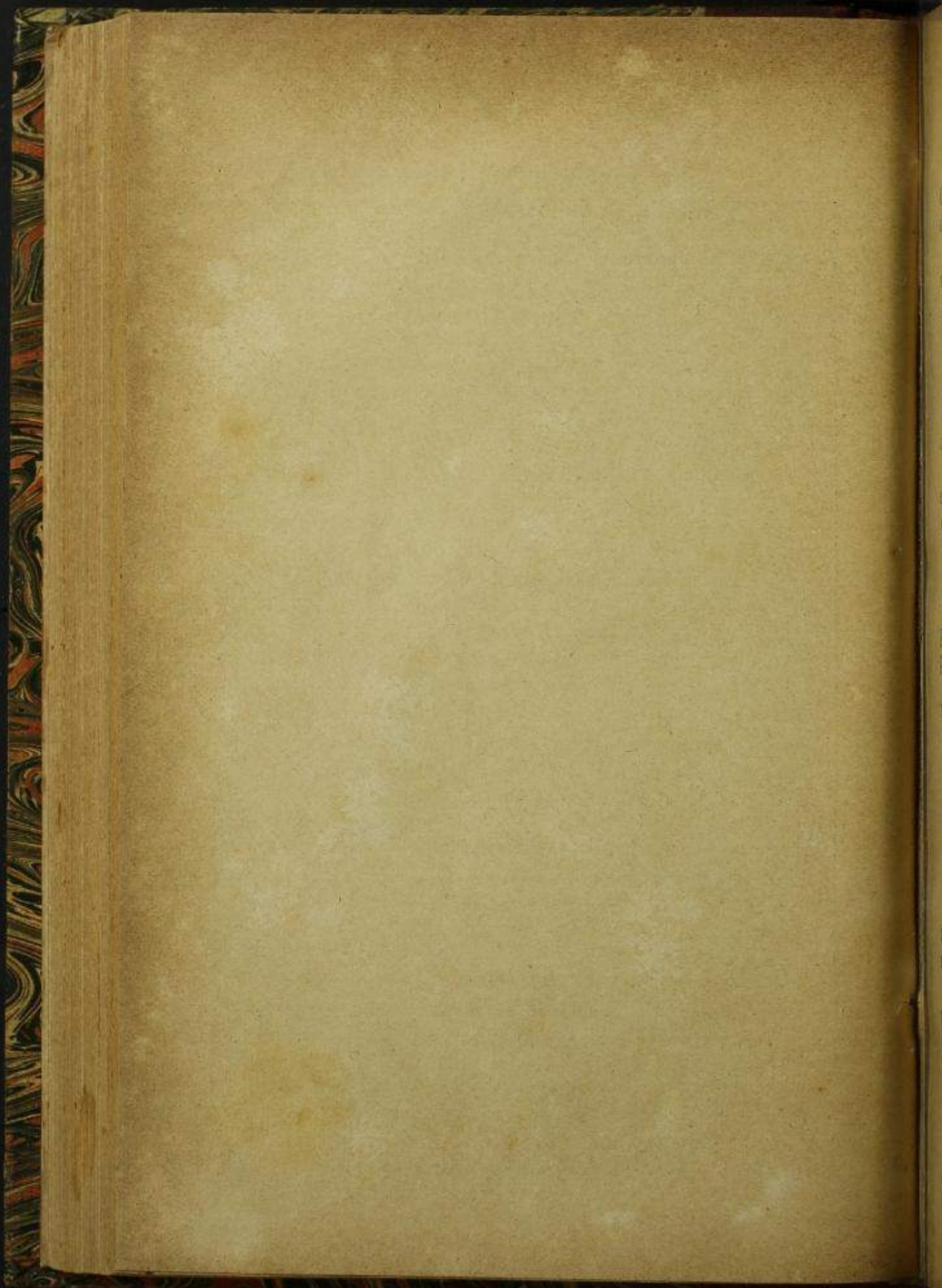
O biographado é natural de um aprazivel logar deste Estado—Parahybuna, tendo por progenitores o distincto e conceituado cilnico Dr. Henrique Thompson e a ex.^{ma} snra. D.^a Francisca de Moura Thompson, que fazem jus, mui merecidamente, á estima do povo paulistano.

Despertando logo em Oscar Thompson o desejo de saber, seus paes collocaram-no numa escola regida pelo habil professor Adelio de Castro, hoje adjuncto da «Escola Maria José».

Desde 1886 até 1887, Oscar Thompson foi alumno do Seminario Episcopal, onde conquistou os melhores premios, não só pelo seu procedimento correcto, como pela sua applicação.



DR. OSCAR THOMPSON



Em 1888 frequentou as aulas do Collegio John Cros, no Braz, onde aprendeu a falar com facilidade o francez e inglez.

Dado ao estudo, cursou a nossa Escola Normal sendo apontado pelos lentes como uma *estrela de primeiro brilho* (si o provector professor J. Feliciano me permite a expressão).

Em Dezembro de 1891, recebendo, com 19 annos de idade, o diploma de professor normalista, tendo obtido distincção em todos os annos, abraçou a nobre e modesta carreira do professorado.

Realmente, como alumno applicadissimo que era e de comprehensão facil, fez jus aos applausos dos illustrados lentes Drs. Caetano de Campos, de saudosa memoria, Sá e Benevides, Macedo Soares, Godofredo Furtado, Thomaz de Lima e outros lentes que concorrem ainda com o seu preparo e prestigio para o engrandecimento do grande templo da instrucção.

O dr. Oscar Thompson pertenceu á pleiade illustre de alumnos de então, que hoje dirige a instrucção publica em São Paulo.

Em attenção aos relevantes serviços prestados ao ensino, o preclaro dr. Bernardino de Campos, então presidente do Estado, nomeou-o em boa hora director da «Escola Modelo do Carmo.»

Ahi dedicou-se com afan e esmero á santa e uzada da instrucção, operando um desenvolvime to rapido no ensino.

Convidado para exercer as altas funcções de inspector geral do ensino, não acceitou o convite e por essa occasião prestou os seus preparatorio, no extincto Curso Annexo, para seguir uma carreira de horisonte mais vasto, de um futuro mais risinho e prometterdor — o Direito.

Incansavel como era, e de espirito emprehen-

dedor, tratou incontinenti de fundar, em companhia de habilísimos professores, uma revista intitulada — «A Escola Publica».

O sr. Alfredo Bresser, digno e actual director da Escola do Carmo, offereceu-me dez volumes dessa revista, que li com bastante attenção.

Outro que não eu, o dirá com auctoridade: o dr. Oscar Thompson mostrou pelos seus escriptos, ter grande erudição. Escreveu muito e com illibado gosto, sobre assumptos pedagogicos.

A instrucção se espargia então por todos os recantos da orgulhosa terra dos Presidentes...

«A Escola Publica» era lida por todos com o maior enthusiasmo, durando infelizmente pouco tempo a sua publicação.

Para preencher essa lacuna, que perdurou alguns annos, o benemerito e talentoso professor Arnaldo Barreto e outros levaram a effeito a publicação da «Revista do Professorado Publico».

Eis, amaveis leitores, um facto importante que veio attestar o progresso crescente da instrucção publica no Estado de S. Paulo, honrando sobre modo ao professorado, na pessoa de Oscar Thompson. No anno de 1896 o florescente Estado do Maranhão dirigiu um convite ao sr. Thompson, para montar na capital daquelle Estado, uma Escola Modelo calcada nos moldes das nossas.

No relatorio do Secretario de Estado dos Negocios do Interior, na parte referente ás Escolas Modelo, encontramos o seguinte trecho:

«Neste periodo inicial de organisação do ensino publico nos moldes da nova lei, está destinada a essas escolas uma missão evangelisadora, e não servirão apenas de modelo ás escolas paulistas.

O Estado do Maranhão, onde aliás o ensino publico teve sempre certa dardencia, pretende ins-

tituir na sua Capital uma Escola Modelo, do typo das nossas, e para esse fim convidou um dos nossos mais distinctos professores — o sr. Oscar Thompson.

«Esse facto, que honra a nossa organização escolar, e tanto prestigio traz á classe dos nossos professores, é a maior justificação de excellencia que adoptamos.»

Em 1894, Oscar Thompson matriculou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, onde fez um curso digno de uma intelligencia privilegiada como a sua,

Foram seus contemporaneos os talentosos advogados drs. Francisco de Castro, Assis Moura, Alberto d'Assumpção, Joaquim Sant'Anna, Leão Ribeiro, Antonio Romeu, Dario Amaral, Alarico Silveira e J. Carvalho.

Na Academia foi tido sempre como alumno dedicado, intelligente e de um espirito bastante investigador, o que servia de emulação a seus condiscipulos.

Em 1899, um anno depois que deixou o magisterio, bacharelou-se em sciencias juridicas e sociaes.

Atirado aos labores da vida pratica, abriu banca de advogado nesta Capital, onde só accetava causas justas e sãs.

Em fins de Janeiro de 1902, o director da Escola Normal, dr. Alberto Salles, o inolvidavel auctor do *Balanço Politico*, deixou esse cargo, ficando gravado nos corações de todos, um rasgo de sympathia e admiração pelo seu saber, de valor incontestivel.

Em 4 de Fevereiro de 1902 foi convidado

com insistencia para tomar a direcção da Escola, o dr. Oscar Thompson.

O Governo do Estado não podia ter escolhido outro melhor para desempenhar as funcções daquelle elevado cargo.

O novo director recebeu plenos e illimitados poderes para pôr e dispôr como lhe approuvesse.

Vemol-o constantemente empenhado em tratar com extrema bondade e criterio, tanto os alumnos da Escola, como o correctissimo corpo docente que a Escola Normal se orgulha de possuir.

Terminando este pallido reflexo biographico, tenho a dizer que elle era mais digno de uma penna aprimorada do que de uma que ainda tateia e balbucia nas grandiosas lides da imprensa.

ARNALDO, GUILHERME.

CHARADAS (NOVISSIMAS)

Um negro quando respira é capaz de abalar 2, 1 até um immovel. 1, 1.

Maceió.

M. SAMPAIO CORDEIRO.

GUERRA AO ESPARTILHO



Recomeça a campanha contra o espartilho, o terrivel deformador do corpo, verdadeiro instrumento de supplicio para a mulher. A Allemanha colloca-se resolutamente á frente da propaganda contra esse inimigo da saúde e da belleza da mulher. Os médicos, desde longa data, hão constatado o mal e descripto as suas consequencias funestissimas.

Dentro daquelle instrumento de tortura, os orgams internos se apertam, se comprimem, se deslocam. A moda triumphou, a despeito dos avisos e conselhos da sciencia. O espartilho continúa em uso. Os occidentaes mofam sempre dos chinezes pelo habito que têm de encarcerar os pés em sapatos de madeira ou de ferro para impedir o crescimento. Entretanto, ninguem se lembra de que o espartilho importa ao applicar ao corpo inteiro aquillo que as chinezas applicam sómente aos pés. Accresce que na China a imperatriz se esforça pela suppressão desse costume, ao mesmo tempo estúpido e funesto. E no Japão progressista já existe uma lei prohibindo absolutamente o habito de enclausurar os pés.

Os jornalistas da Europa, principalmente os da França, julgam que uma lei de hygiene publica que vedasse o uso do espartilho, viria a proposito, agora que se lamenta a diminuição da natalidade. Os allemães, mais praticos que os francezes, procuram livrar suas mulheres da tyrannia dessa couraça de barbatanas de baleia, pensando ao mesmo tempo em dar-lhes um vestuario comodo e pratico: espartilho largo, amplo, saias curtas, calçado com a forma natural do pé, chapéo leve, para não fatigar a cabeça, grosso no inverno e largo no estio, para proteger contra os ardores do sol, em uma palavra, tudo quanto a logica da hygiene e o senso commum indicam. Oxalá fructifique o exemplo.

CHARADA (NOVISSIMA)

Esta mulher no laço, é homem.—4, 1.

Passo Fundo.

JOAQUIM G. SENIOR.

4 DE ABRIL

*A' minha cara amiga Julia Moura, no dia de seu
anniversario natalicio*

Era pela semana santa. No relógio de sua casa acabava de soar cinco horas. O horisonte vinha surgindo lentamente. A dez metros de distancia de seu querido lar, sobre uma frondeza mangueira, ouvia-se um gorgueio da passarada, e entre estas distinguia-se perfeitamente o mavioso e requebrado canto de um gallo de campina annunciando a data alviçareira daquella manhã festival.

Surgira o dia, a manhã cada vez tornava-se mais alegre e encantadora, e o sol no seu esplendor de luzes, derramava por sobre os telhados de sua moradia brilhantes raios de oiro. Naquelle dia para ella tudo era festa, porem ella respeitava o dia, que era numa quinta-feira de Endoenças.

Do jardim as meigas flores banhadas ainda pelo orvalho matinal, saudavam o seu natal.

Quantos dezejam passar um anniversario tão feliz quanto aquelle !

É que a divina providencia te conceda longa existencia, são os meus sinceros votos.

Ceará, 1901.

LILIA NOGUEIRA.

CHARADAS (BISADAS)

O militar 3	A embarcação 3	A arvore 3
— da —	— vi —	— rei —
Tem prét. 2	Está no mar. 2	Dá fructo. 2

Limoeiro.

MANOEL LEAL.

O FUMO

Um jornal de medicina conta que no Mexico os mestres de escolas têm um modo singular de recompensar os seus alumnos. Permittem aos que cumprem bem os deveres fumar um cigarro durante a lição.

Quando a classe inteira deu prova de zelo e de saber, uma *fumança* geral é autorizada pelo pedagogo que, naturalmente, é o primeiro a accender um *panatella*.

O caso dos pequenos escolares do Mexico não é o unico.

O jornal de *Clinique et therapeutique infantiles*, lembra que o sr. Desiré Charnay, encarregado em 1880, pelo Ministerio da Instrucção Publica, de uma missão scientifica ao Mexico e á America Central, conta que elle recebeu um dia hospitalidade em casa de uma familia que habitava no Estado de Tobasco, no Mexico. Seu hospedeiro e sua mulher fumavam continuamente, mas o que surpreendeu-o em extremo foi que seus cinco filhos, dos quaes duas meninas de tres e cinco annos, tinham tambem na bocca charutos de dimensoes respeitaveis.

O pae affirmou a mr. Charnay que o fumo não podia fazer mal algum ás crianças.

O explorador Forges, que em 1892 fez uma viagem ao Paraguay, affirma que as mulheres e até mesmo crianças de 5 a 6 annos, fumam em excesso e que é muito commum nesse paiz ver-se uma mãe, para acalentar o filhinho que chora, em vez da maminha, pôr-lhe um cigarro na bocca.

Um naturalista francez, conta que no Laos quando queria obter insectos para suas colleccões, bastava prometter fumo ás crianças, as quaes não se poupa-

vam a sacrificios para ganhar a recompensa prometida.

Um tenente da marinha franceza, official a bordo do *Réclus*, que fez ha poucos annos uma viagem ao isthmo de Panamá e de Darien, conta que as mulheres darienitas e seus filhos abusam do fumo e têm a curiosa mania de fumar introduzindo na bocca a ponta accesa do charuto. Estas senhoras pretendem que só ha este meio de achar-se gosto no fumo, mas é preciso uma certa aprendizagem para não queimar-se.

Florianopolis.

JESUINO CAMARGO.

LOGOGRIPHO

A Oscar Monteiro

E' mui horrivel, 13, 3, 16, 1, 2
este meu lar, 3, 5, 4, 8, 10
com este terno 3, 4, 5, 6
vai se acabar. 3, 5, 8, 9, 1
Que doce nome! 9, 15, 7
Vive isolado, 19, 12, 11, 20
parece franco, 18, 17
mas apertado. 14, 11

Ditosa patria que taes filhos teve;
e foram grandes como grande è a historia,
e não ha quem possa os manchar de leve,
porque seus nomes são padrões de gloria!

Baturité, Ceará.

RAYMUNDO J. DA S. VIANNA.

Promessas de mulheres são palavras escriptas
na areia, echos melodiosos que o vento leva. —
PERES ESCRICH.



EURICO DE GOES

« Nasceu em S. Salvador da Bahia, a 24 de Agosto de 1878, no dia fatidico de S. Bartholomeu... Conta, pois, actualmente, 21 annos ou *um rosario de luz*, na phrase do poeta.

Como todo o brasileiro que se preza, e não sendo por ahí nenhum capitalista, Eurico de Goes fez-se funcionario publico de uma das repartições do Estado, não por amor á burocracia, mas para ter mais suavemente, *o terra á terra* do ganha pão, que elle reparte nobremente com a familia composta de seus venerandos e honrados progenitores,—seu pae, o dr. An-
oquio R. de A. Goes, já bastante alquebrado por um

molestia incurável impossibilitado de clinicar; sua doce e carinhosa mãe, companheira dedicadíssima daquelle, e um irmãozinho.

E o Eurico, desassombradamente, gaudiosamente, trabalha por todos e para todos.

Só isto bastava para o seu maior elogio mas ainda assim, tendo de trabalhar quotidianamente para o sustento de uma família, em uma capital onde a vida se tornou penosíssima, como em S. Paulo, o Eurico também acha tempo de sobra para cursar as aulas do 3.º anno de direito, sob o olhar fundo e ameaçador do dr. Vicente Mamede, ouvindo phonogrammas de Ribas e Lafayette, «o Conselheiro».

Quanto ao *passaporte sanitario* do Eurico, o leitor ou a leitora terão apenas o cuidado de mirar a bella gravura que illumina o alto desta pagina, accrescentando-lhe as devidas proporções...

Apresentado o *homem*, fallemos de suas produções litterarias.

Estas constam de um punhado de rimas, contos e criticas de musica e pintura, publicados em jornaes desta Capital e n' *O Paiz*.

A sua obra de maior folego, por enquanto, é a novella *Flor de neve*, publicada em 1898. E' um bellissimo livrinho de 83 paginas, digno dos prelos de um Guillaume ou Borel, pela nitidez da impressão e das gravuras, porque o livro é illustrado por Jonas de Barros, o nosso unico Calbet.

Litterariamente, *Flor de neve* acha-se hoje julgada pela critica indigena, aliás francamente favoravel e animadora aos meritos do auctor.

Por nossa vez lemos *Flor de neve*, como se costuma ler uma novella como essa: presos á leitura, de uma sentada; e ao virarmos a ultima pagina do delicioso livrinho, quasi que fizemos como um dos idolatras de Alencar: mandar chamar o Eurico para que escrevesse mais algumas paginas como aquellas, tam attrahentes, tam meigas, tam delicadamente buriladas.

Buriladas — sim, porque o autor da *Flor de neve*, através da singeleza da narrativa, não descursa de açacalar a forma da novella.

Até aqui as palavras de Manoel Viotti no n. 14 da sua brilhante revista — *O Archivo Illustrado* — em 1899.

Depois disso, o apreciado estyllista Eurico de Goes, procurou uma alma gêmea da sua, e santificou no altar essa união. 1)

1) Pura phantasia, meu adoravel biographo! Estou ainda solteiro.

Formou-se na Faculdade de Direito em 1901, e deixou os ronceiros bancos da Academia, ao mesmo tempo que abandonava o lugar que occupou com geraes elogios na Secretaria da Interior, para dedicar-se unicamente á *vida pratica* do Direito, e á felicidade do lar.

Este Almanak orgulha-se em publicar o seu retrato.

2/
Agricul
tura

LOGOGRIPO GEOGRAPHICO

- Cidade da **C** hina—19, 12, 17, 7, 4, 1, 12, 18
- Cidade da **C** ntilia—16, 2, 9, 14, 8, 1, 4, 15
- Cidade da **C** inamarca—20, 9, 17, 6, 1, 17
- Cidade da **C** ustria—14, 12, 17, 9
- Cidade da **C** almacia—1, 5, 11, 20, 7, 15
- Cidade da **C** scossia—18, 5, 12, 14, 3

- Cidade da **B** elgica—10, 1, 19, 2, 6, 9, 17
- Cidade da **B** ussia—13, 12, 11, 7, 8
- Cidade da **B** rasillemanha—2, 11, 4, 20, 6, 15
- Cidade da **B** elandia—13, 17, 17, 14, 17
- Cidade da **B** rasil Inglaterra—9, 20, 13, 17, 14
- Cidade da **B** rasil Noruega—1, 8, 13, 17, 14, 7, 17
- Cidade da **B** rasil Svia—14, 2, 13, 17, 6, 18, 8
- Cidade da **B** rasil Irlanda—4, 14, 8, 11, 17, 17
- Cidade da **B** rasil Humania—14, 10, 16, 2, 6
- Cidade da **B** rasil Arabia—16, 17, 9, 12, 3, 5

Após tão arduas pesquisas
A' cata só de cidade,
Na verdade!...
Provoca mesmo ogerizas
Se p'ra conceito arrecade
Mas cidade!

Bebedouro.

Perdoa mais, se te amola,
Da pobre musa a ronceira
Rima em *ade*,
Pois vou guardar a viola
Declarando brasileira
Tal cidade.

Pedro Affonso Antunes.

CHARADAS NÓVISSIMAS

- Conserva a luz a chaminé. — 2, 2
- O creador prediz o futuro nas mãos das senhoras.
- 2, 2.
- Limoeiro, Pernambuco.

Manoel Leal.

IZA

a J. B. de Figueiredo.

Nos braços de Morpheu.

Sentado á sombra duma arvore frondosa, cujas folhas farfalhavam ao sabor das brisas vespertinas, eu contemplava, immerso na tristeza de amargas recordações, o Astro-rei a mergulhar sua loura coma nas vagas revoltas do oceano.

O Sol esmorecia nos seus ultimos paroxismos.

Raios indecisos tingiam de ouro e purpura as cimeiras do verdenegro arvoredado.

La eu levantar-me quando estremeci, lobrigando a questão duns trinta passos um vulto de mulher.

Tremula e machinalmente levei a mão gelada á frente. Não sonhava; assim o acreditei.

Era *ella* que lá estava formosa como nunca, calcando as candidas boninas que se lhe curvavam aos pés, assim como nas salas, esmagava sorrindo os corações.

Onde ir.a? Nalgum retiro solitario, agrilhoar na embriaguez duma entrevista um coração inexperiente, para depois lançal-o no abysmo profundo da desillusão?

Mas eil-a... parou. O seu vestido ficára emmarado num arbusto...

Vês aquella haste debruçana sobre o tapiz da relva? Ha pouco ella sustia uma flôr, fresca como o orvalho que lhe acariciava as petalas, donde se evolava o aroma que segredava a custo; os zephiros a embalavam de manso enquanto os colibris a contemplavam extasiados num beijo prolongado.

Foram os espinhos daquella rosa que haviam rasgado o vestido de Iza. E sabes o que ella fez?

Colheu a innocente flor e depois de aspirar-lhe o aroma... desfolhou-a!

Um gemido involuntario se me escapou dos labios hirtos. ao vêr dispersas as rosadas petalas, que ondularam um instante pelo ar, como o passaro mortalmente ferido, e rojaram pelo chão...

E' que como a rosa ella tambem desfolhára um dia, uma a uma, as petalas do meu coração, onde tambem brilhava o puro orvalho da esperança emballado no berço regio dum primeiro amor!...

De repente tudo desapareceu, como por encanto, e vi cavar-se ante os meus passos as fauces medonhas dum abysmo. Os cabellos se me iricaram e eu ia precipitar-me nelle arrastado por uma forza incognita, quando milhares de grãos atroaram o espaço.

Acordei sobresaltado. Era o despertador que no cumprimento exacto do seu dever, chamava-me á realidade.

Campinas.—S. Paulo.

Vicente Melillo.

O homem mais gordo do mundo vive em Paris. Peza 260 kilos e tem uma cintura de 2m.48.

Quando viaja em caminho de ferro vae sempre em wagon de mercadorias, por não caber nas portas das carruagens dos passageiros.

E' tido como o homem mais gordo do mundo. A sua estatura é completamente gigantesca.

PRO CUBA

Libertas quæ sera tamen...—VIRGILIO.

Salve—Cuba livre na livre America!
Salve—soldados da cruzada homérica
Da liberdade em prol!
Cubanos! E' sublime esse heroismo
Com que desbaratais o despotismo
Do leopardo hespanhol!

Que valem as phalanges mercenarias,
Essas hostes servis e sanguinarias
Da sordida oppressão?
Ha no peito de bronze do cubano
A fibra do character espartano,
O valor de um leão!

Cuba! Amarrou-te o teu fatal carrasco
Da torpe servidão no vil penhasco,
Qual novo Prometheu!
E essa terrivel e feroz Hespanha,
A lacerar-te fibra a fibra a entranha,
For abutre te deu!

Mas não podia a bella flor das ilhas,
A perola formosa das Antilhas,
Escrava sempre ser!
A tyrannia medieval, despotica,
No solo americano é planta exotica,
Não podia crescer!

Na pyra sacrosanta do cyvismo
Se inflammaram de audaz patriotismo
Todos os corações!
Da patria ao grande toque de rebate.
Armadas para o horrido combate
Surgiram legiões!

Então travou-se pavorosa lucta!
A liberdade indomita disputa
O passo á escravidão!
E o mundo inteiro vê — juiz sereno —
Como um povo — no mappa tão pequeno,
E' grande pela acção!

Qual a panthera esqualida, esfaimada,
Vendo escapar-lhe a presa cubizada,
Dá urros bestiaes,
Tal a vertigem, o delirio, a sanha,
Com que debate-se essa velha Hespanha,
Em ancias infernaes!

Mas Cuba ha de ser livre! A liberdade
— Pharol que guia os povos á verdade —
E' do progresso a lei!
Ante a viva coragem dos cubanos,
Que valem os teimosos castelhanos,
Os escravos do rei?

Avante, heroes! Da colera aos impulsos,
Mostrae como espedaçam nobres pulsos
As cadeias servis!
Deixae que a Hespanha em desespero grite
Com a logica fatal da dynamite
Desarmae-lhe os ardis!

Da independencia a aurora boreal
Banhe o palacio, a choça, o mattagal,
Em rutilos clarões!

Que o hymno da victoria aos ares suba !
Livra surja a Republica do Cuba
No mappa das nações !

Fevereiro, 1898 — Campo Maior, Piahy.

Valdivino Tito.

ENIGMA

Si bem que seja *cacete*
compor enigma truncado,
ainda faço mais este
a vêr se é decifrado.

E' peso, e bem conhecido
rio e lago do Brasil,
sendo tambem uma ilha
deserta e muito *gentil*.

E p'ra não perder o tempo
quero logo adiantar ;
tem seu todo quatro letras
bem faceis de se encontrar.

E' ainda mais uma serra,
de pequena elevação,
que o caçador audacioso
fará logo a ascensão !

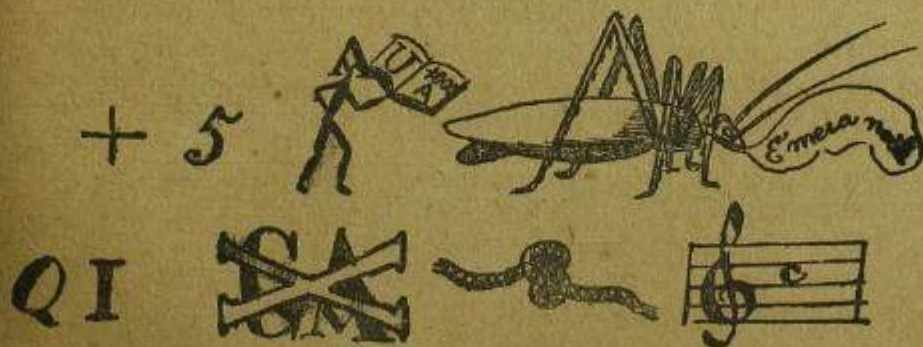
Destas, duas são vogaes,
que ao leitor devo dizer,
as outras sendo consoantes,
nada mais ha que temer.

Finalmente é um animal,
que todo o mundo conhece
por isto nada mais digo,
ainda mesmo que soubesse.

Florianopolis.

Jesuino Camargo.

ENIGMA PITTORESCO



Pesqueira, Pernambuco.

J. Falcão.

IDYLLIO

O Gallo da campina

Manhã de estio,
Nuvens roseas, de uma aurora esplendida galopam
pelo espaço afóra.

Relvas verde-escuras, teem no calice de suas flores
semi-abertas, o orvalho da madrugada.

Gira em volta das flores o cardume das borboletas
de azas opalejantes. A natureza, em cada atomo,
como que desprende um sorriso de bem-estar.

Esplendida manhã, manhã formosa!

Nisto, o gallo da campina, o cantor da alvorada,
pousado nos ramos verdes do pereiro, desperta e canta.

Canta e canta sempre, mas, tão suave, tão cadente,
que a minh'alma ouvindo-lhe assim, sem querer, julga
que também canta, e no entanto... soluça!

E' que na docura esvaida daquelles cantos, ella,
como que sente diluïrem-se pedaços dessas auroras
do passado e soluça por essas manhãs de rosas, que
jámais hão-de voltar...

Depois, elle salta num dos ultimos raminhos do
pereiro de folhas verde-escuras:

—Rufia as pequeninas azas, ainda canta e vóa...

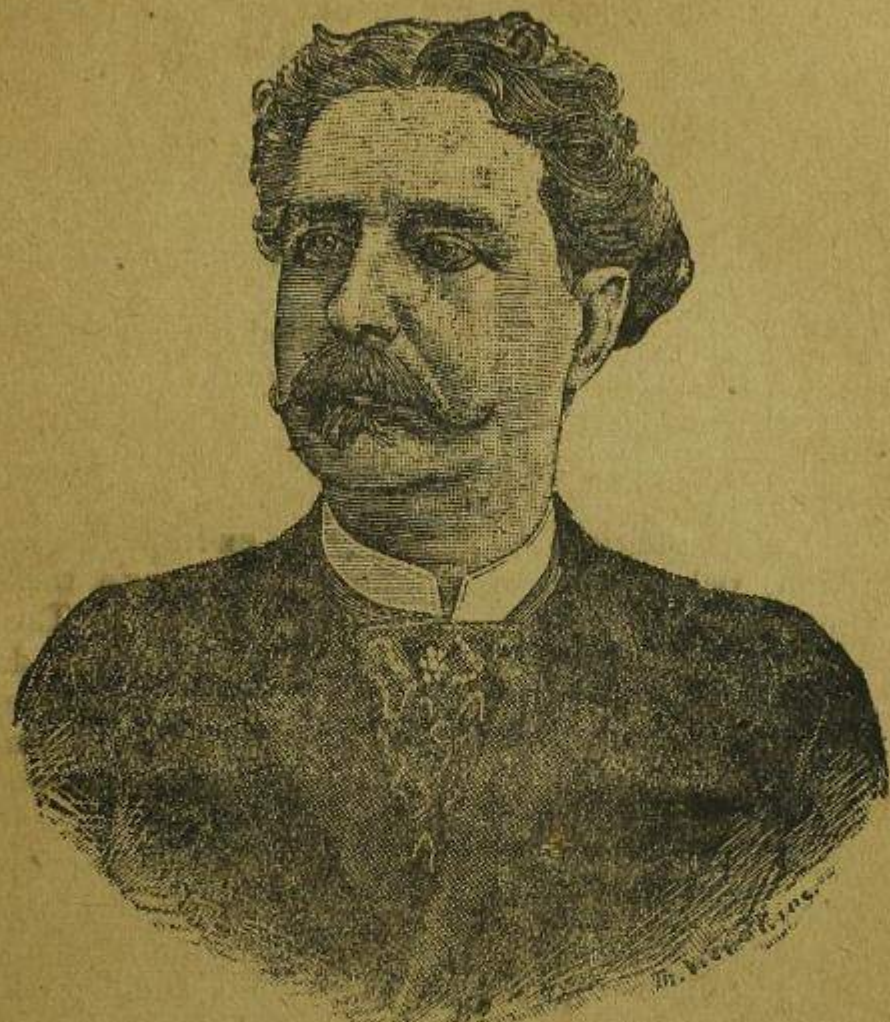
Auroras, nuvens, flores de maio, borboletas de
azas opalejantes, guardae nos seios perfumados as notas
melifluas da avezinha querida.

E tú, minh'alma, que és tão enternecida, nos re-
folhos mais secretos de meu dolorido peito, esconde
estes fios brilhantes que não fazem voltar o passado
ao presente.

Cabaceiras, Parahyba.

F. Cavalcanti.

A saudade e a esperança têm o mesmo prisma:
a distancia.—A. KARR.



Visconde de Taunay

A vida deste grande brasileiro que se finou pôde ser encarada no triplice papel de militar, politico e litterato.

Na sua brilhante existencia, primeiramente, a carreira das armas seduziu-lhe o espirito, nobremente generoso, de mancebo e de fidalgo.

A escola militar graduou o jovem official, que,

mais tarde, deixou o serviço das armas no posto de major, para pugnar pela patria noutro terreno nada menos afanoso e arriscado — a arena do parlamento brasileiro.

Da vida militar, deixou-nos Alfredo d'Escragnolle Taunay, uma obra que é o drama esplendido do heroismo anonymo, da resignação sem par dos nossos velhos infantes.

Da guerra do Paraguay, o episodio mais tocante é sem duvida a retirada da Laguna. Taunay foi um dos heroes desse feito d'armas, que elle perpetuou em phrases repassadas da mais viva e sincera commoção.

Como politico, dos homens do ex-Imperio, nenhum, pelo menos apparentemente, parecia mais preparado para a Republica. Com effeito, foi Taunay o primeiro e o mais activo propagandista da immigração em larga escala, da grande naturalisação, do casamento civil — idéas estas que a Republica, de golpe, pôz em pratica nos primeiros dias da sua atormentada existencia.

Como homem de letras, a sua vida literaria começou cedo, com as «Scenas de viagem» (1868); a «Retirada da Laguna» (1870); o «Jornal da Campanha das Cordilheiras» (1870); a «Mocidade de Trajano» (1872); «O Manuscrito de uma moça» (1873); a «Innocencia» (1873); a «Historia do Brasil» (1874), «Narracões militares» (1877); o «Ensihamento», com o pseudonymo de Heitor Malheiros, na «Gazeta de Noticias»; os quadros e as paizagens do sertão, o estudo sobre os estadistas do ex-Imperio, publicado, não ha muito, na «Noticia», com o pseudonymo de Anapurtis; o «Declinio», etc. — foi, incontestavelmente, um dos mais notaveis homens publicos deste paiz.

O visconde de Taunay nasceu em 22 de feve-

reiro de 1843. Contava, pois 55 annos quando morreu; não era entretanto, physicamente, um velho. Apesar do soffrimento de diabetes, que o torturava nos ultimos tempos, vivia em plena actividade intellectual. Não lhe passava despercebido o menor trabalho que tocasse de perto ás cousas patrias.

Echoou dolorosamente, dentro e fóra do paiz, a noticia do seu fallecimento. Annunciando o luctuoso facto, consagraram o «*Temps*», o «*Figaro*», o «*Matin*», o «*Soleil*», a «*Independance Belge*» o «*Brésil*», e muitas outras folhas, palavras de admiração e respeitosa consideração ao nosso illustre patricio, cuja perda é tão de lamentar.

ENIGMA

Minha primeira com *la*,
porto d' Italia podeis *ver*;
segunda junta a um *ro*
é caldo, podeis beber.

Eis que terceira com *ea*,
é cousa de bagatela;
a quarta estando sozinha
na musica podeis vel-a.

A quinta, que é a ultima,
e tambem p'ra finalizar
á um *go* anteposta
ilha da Russia haveis de achar.

O conceito, leitores, é facil;
ou melhor, ahí o tem:
pois mistura de comidas
toda ella é o que contem.

Tubarão, Santa Catharina.

R. P.

CHARADAS

A mulher, esposa de Jacob, reside na cidade. — 2, 2.

Minha mãe, este homem tem uma flor. — 2, 2.
Temos no rio, o que nós todos temos. — 1, 1.

Jundiaby, S. Paulo. HERSIA JUNIOR.

CHARADA (METAGRAMMA *)

A Arthur Bello

Uma moeda aziatica,
Um tecido de algodão,
Uma parte do vestido,
Uma medida de carvão.

Palmeira de Garanhuns.

OSORIO PAES DE BARROS.

* Neste metagramma varia sómente a letra inicial.

Quem sabe se, quando homem,
Não será um militar,
Tão glorioso e valente
Como o que estás a buscar?...

ANTONIO SOARES.

O poeta e a fidalga

A Segismundo Teixeira

Bem sei que tú me despresas,
Bem sei que tú me aborreces,
Que zombas das minhas preces,
Com ostensivo desdém;
Mas não supponhas, não creias
Que este rigor me consome,
Pois mesmo pobre e sem nome
Sei despresar-te também.

Bem sei, mulher, bem conheço
Que fui um louco em fitar-te,
Mais louco ainda em amar-te
Sem consultar a razão!
Aquellas doces promessas
Que nos teus olhos eu lia
Não eram mais que ironia,
Não eram mais que irrisão.

LOGOGRIPO

Com tanto amor e temura, 5, 14, 3, 13, 15, 6, 11
Uma mulher sorridente 9, 8, 16, 12, 2
Beija uma linda creança, 1, 4, 15, 13, 15, 11
O seu filhinho innocente. 6, 13, 10, 7, 3, 14, 16

Rio Grande do Norte.

Eu avalio a distancia
Que nos separa na vida,
Tu tens a aurora florida,
Eu tenho as noites cruéis ;
Tu tens um manto de flores
Que te matiza os caminhos,
Eu tenho somente espinhos
Que dilaceram-me os pés.

Tu passas indifferente
Por sobre os fundos pezares,
Tens n'alma os gelos polares
Em vez da luz do Equador;
A bella Venus de Milo
Fel-a sem braços o artista,
A natureza egoista
Negou-te os fluidos do amor.

Não rias... isto é loucura!
Não zombes do desgraçado
Que se não teve um passado
Pode um porvir aspirar;
Não rias... que da existencia,
A's vezes no drama profundo
Quem abre a scena sorrindo
Encerra o acto a chorar.

— A fidalguia o que pesa ?
— O teu orgulho o q'importa?
Se o ouro me fecha a porta,
A gloria me estende a mão:
Eu antes quero ser filho
Das muzas, da natureza,
Que ter por mãe — a riqueza
Que ter por pai — um brasão.

LOGOGRIPO

— E' deveras singular !
Disse-me o amigo Izaías ;
Que o feito desse vaso
Foi um'obra de seis dias.

RAUL DARCAUCHY.

Na capital européa 7, 8, 5, 4
Onde habita este mandão 3, 4
Se conhece um certo vaso, 1, 4, 5, 4
De grande reputação ! 7, 2, 9, 8, 5, 6
Curitybá, Paraná.

Sim ; eu não trocarei de certo
Por teu thesouro fulgente
Uma só nota eloquente
Da lyra do coração ;
Se de custosos brilhantes
Tens tua frente c'roadá,
Eu tenho a minha inundada
Nas chammas da inspiração.

Não julgues que teu futuro
Seja constante de roza,
A nuvem tempestuosa
Tambem tolda os ceus azues ;
Dos escarcéos do destino,
Da sorte na lucta rude
Só brilha quem tem virtude,
Só vence quem fita a luz.

Rio Grande do Norte.

DR. SEGUNDO WANDERLEY.

CHARADES

(Ao cidadão Oscar Monteiro)

Dans la musique et dans le berceau, il y a un
poisson.—1, 1.

Nous avons la conjonction dans cet Almanach.—1, 1.

Ceará.
PEDRO SOUSA PINTO.

O Barão de Münchhausen

São muito conhecidas as historias inverosímeis do Barão de Münchhausen, mas ha muita gente que, certamente, ignora quem era esse titular, cujas absurdas narrações se tornaram celebres.

Os barões de Münchhausen pertencem a uma antiga familia de Saxe, á qual o imperador Frederico II deu, em 1212, os dominios de Sparenberg. Os descendentes do primeiro barão desse nome possuem actualmente vastas propriedades na Alemanha. O Munchausen popular é Jeronymo Carlos, nascido em 1720, que na Russia se bateu contra

os turcos, e que era grande caçador. Elle se deleitava em referir historias de caça inteiramente des-tituídas de verosimilhança, as quaes, reunidas pelo professor Raspe, foram editadas pela primeira vez na lingua ingleza, em Londres, no anno de 1785.

Esse livro tinha por titulo: «Baron Munchausen, narrative of his marvellous travels and campaigns in Russia.»

O poeta Burger publicou em Gottingue em 1797 a traducção allemã «Wunderbare Abenteuer und Reisen des Herrn von Munchausen.»

Os chefes actuaes da familia Munchausen são: o barão Erri est, ajudante de campo do grão-duque de Saxe-Weimar, e o barão Keing, capitão de cavallaria em Magdeburgo.

SEM TE VÊR . . .

Perde-se o meu olhar na verde immensidade
Dos prados contemplando as rescendentes flores...
A' luz do sol que esplende, em tepidos fulgores,
Da aurora ao despertar co'excelsa majestade.

Os colibrís que vão das flores, uma a uma,
Sugam do o mel precioso, em giros inconstantes;
No mar... no mar immenso as ondas palpitantes
Que vão... que vão e vêm, aos borbotões de espuma.

As aves, que pelo azul volitam peregrinas,
Preludiando, gentis, purissimas volatas;
O eterno deslizar das aguas das cascatas,
Em doce murmúrio, em chuvas crystalinas!

Perde-se o meu olhar... e, avido de desejo,
A' natureza inteira o olhar assim perdendo...
Embora tudo veja, — eu nada fico vendo...
E' que sem eu te vêr, amor, eu nada vejo!

Campinas.

ARTHUR DE CASTRO.

ENIGMA

(Ao F. Figueiredo)

E' homem ; e tem o todo
cinco letrinhas, ou trez ;
e, tambem de qualquer modo,
crê, tu o les.

A do fim mais a primeira
são manas — são semelhantes.
Prima, terciã e derradeira
são consoantes.

A quarta com a terceira
ha um mez que as vi. Que tal ?
A terciã sem companheira,
é a central.

Paiz, monte, rei e bispo...
são segunda, terciã e quarta.
Tem todo lago ; e, não chispo—
querera eu dar-t'a.

Junta á segunda a extrema,
e mais a quarta e verás
no leviathã, na ema
no Satanaz.

Quarta, final e segunda
seja branca, azul ou preta,
têm a mosca vagabunda
e a borboleta.

Outro rei que teve estima,
nos hombros de um cherubim,
— são segunda mais a prima
e a quarta emfim.

Sabarã. RAUL MORENO.

Ha mais luz nas 24 letras do alphabeto do que
em todas constellações do firmamento. — G. Junqueiro.

LOGOGRIPO

E dizem que pertencia
A'quelle rico senhor; 3, 7, 5, 4
Que não sei se tem caracter,
Genio, indole ou amor.

CARMELITANA DE ARANTES.

Esta é a primeira da gamma,
Quereis vêr ? Olhae aqui. 3, 4
Eis alli inda a garrafa,
Do espirito que bebi. 1, 2, 5 6, 4
S. Paulo.



Arthur Guimarães

Não é um nome estranho para os prezados leitores deste Almanak, o de Arthur Guimarães.

Romancista laureado, tendo merecido os mais justos encomios de homens como Silvio Romero e Antonio Candido, o auctor da *Fazenda do Paraíso*, tem direito ás homenagens daquelles que amam o trabalho alliado ao talento.

Arthur Guimarães é um fino espirito de homem de letras. Jornalista distincto, collabora effectivamente na *Gazeta de Noticias*, do Rio e na *Mala da Europa*, de Lisboa.

Naquella folha publicou uma série de artigos sobre a crise economica do Brasil, trabalho que

provocou os mais sinceros applausos. Reunidos em folheto esses brilhantes artigos, mereceram geraes encomios da imprensa brasileira e portugueza.

Como disse um escriptor: «a intelligencia viva de Arthur Guimarães se amolda a todos os ramos da palavra escripta.»

De facto, elle, além de prosador litterario de merito, é tambem um economista.

Arthur Guimarães publicou, entre outras, estas obras: --- *Cambiantes*, contos; *O Obstaculo*, romance; *Viagens e costumes*, *Quadros de Lambarly*, *A Fazenda do Paraíso*, notavel romance de costumes commerciaes; *Notas e Reflexões* ácerca da crise bancaria de setembro de 1900, etc.

Já é uma lista bastante honrosa para o operoso e brilhante litterato.

Silvio Romero, o prefaciante da *Fazenda do Paraíso*, escreveu sobre esta obra:

«*A Fazenda do Paraíso*, do sr. Arthur Guimarães, é, ao que nos parece, o primeiro romance brasileiro que foi bu car suas theses, suas observações, suas narrativas ás scenas da vida commercial. Dá-se, neste caso, além de tudo, a circumstancia de ser o auctor um distincto membro da activa e valorosa classe, o que vale dizer ser elle conhecedor directo e provector do meio que pinta.

Dahi a primeira vantagem do seu livro; os typos descriptos são photographias da realidade, são reproducções de homens de carne e osso, são quadros *d'après nature*.

Tal a razão do cunho realistico da obra, por esse lado uma das mais notaveis da novellistica brasileira, que até hoje, com rarissimas excepções, quasi não tem deixado de habitar as nuvens a debater-se nas deliquescencias dum histerismo insupportavel.»

Depois destas linhas justas, buriladas pelo artista mais notavel da critica nacional — que mais dizer de Arthur Guimarães?

Ahi fica a homenagem do «Almanak Historico Litterario», em honra do apreciado e estimadissimo prosador brasileiro.

ARTHUR GOULART.

LOGOGRIPO

Mulher — 8, 4, 2, 6, 7, 8
Mulher — 3, 5, 8.
Mulher — 4, 6, 5, 6, 8.
Mulher — 4, 6, 7, 8.
Mulher — 8, 5, 1, 4, 6, 7, 8
Mulher — 4, 6, 5, 6, 7, 8
Mulher — 8, 7, 8, 4, 6, 8

Mulher.

Bahia.

P. VIDE.

CHARADA (BISADA)

Este homem

ri —

Não presta.

Passo Fundo.

JOAQUIM G. SENIOR.

PALMEIRA DE GARANHUNS

A pittoresca povoação — Palmeira de Garanhuns, está a 60 leguas de Pernambuco, edificada á margem do rio Inhaúma e ao pé da serra Guaranhuns.

E' districto de uma subdelegacia e de um juiz de paz. Sua população está calculada em 12 mil almas.

No tempo da monarchia pertencia á ex-comarca de Garanhuns, quer civil, quer ecclesiastica, hoje, no dominio republicano, pertence no civil ao municipio de Canhotinho, e ecclesiasticamente á freguesia de Garanhuns.

Conta-se para mais de 200 fogos dentro do

perimetro do povoado, afora os arrabaldes, que são muito habitados.

No recinto da povoação vê-se bons predios, com especialidade a nova igreja sob a invocação de N. S. da Conceição. Feita em menos de 3 annos; teve logar a sua benção no dia 8 de dezembro de 1896.

Tem uma casa de instrucção primaria, (mixta) sob a direcção de uma professora, paga pelo municipio.

Tem igualmente uma agencia de correio, a qual recebe e expede malas, de 4 em 4 dias.

Divide-se o dito povoado em diversas ruas, como sejam: ruas do Commercio, do Conde d'Eu, do Marquez do Herval, do Visconde de Pelotas, Riachuelo, S. Sebastião, etc. etc.

Vê-se ainda dentro do mesmo povoado, 3 bem montadas fabricas a vapor de descaroçar algodão.

As suas zonas são muito fertéis; produz com abundancia algodão, fumo, milho, feijão, mandioca, arroz, canna de assucar, mamona, fructas de diversas qualidades e algum café.

Em seus arredores contam-se muitos engenhos de madeira e ferro.

O seu commercio é bastante animado, exporta quasi diariamente grande quantidade de cereaes, couros e outros productos de sua industria, e importa-se, da cidade do Recife, muitas mercadorias nacionaes e estrangeiras.

O seu clima é temperado, vivendo sempre os seus habitantes isentos de febre de mau character e outras epidemias. Excellente agua. Seus habitantes pacíficos e muito laboriosos.

Palmeira de Garanhuns, Pernambuco.

OSORIO PAES DE BARROS.

LOGOGRIPO

Muito mal venho trazer-vos
O producto d. vadiação,
Enchendo assim uma pagina
De futil composição.

Arrebenta como bomba, 3, 11, 1, 14
Arrastando pelo chão; 10, 14, 2, 12, 9
Resoando pelos ares, 2, 12, 4, 13, 14
Em mui delicada mão. 3, 14, 10, 16

A moeda que se usou, 13, 14, 2, 12, 11
E' fructa de utilidade, 10, 7, 13, 12, 4
Uma hora lá da igreja, 15, 14, 4
Mui commum n'antiguidade. 6, 1, 3, 9, 5, 8, 7, 16

Descubro-me respeitoso	Já o leitor advinhou,
Ante seu porte gentil,	Pois não é ahi sòmente
Que ahi, na Paulicéa,	Que a fama conquistou
Lá na terra dos Andradas	Em Matto-Grosso tambem
Gosa sympathias mil.	Já seu nome propagou.

Cuyabá.

M. S. TOCANTINS.

CHARADA (EM QUADRO)

(Por letras)

Nas vastas campinas, ondeante, me apresento
Cego e bem cego, vou aos males resistindo;
Junto á tua formosura e ao teu alto talento,
Respeitoso devotei e teus carinhos fui sentindo.

Porto Novo, Minás.

ASTROGILDO NUNES.

Origem das cartas de jogar

Divergem muitissimo as opiniões sobre a origem das cartas de jogar.

Segundo uns foram inventadas pelos chinezes no principio do seculo XII, levadas pelos mongolos para a Asia Occidental e introduzidas na Europa pelos cruzados, segundo outros foram levadas para Italia pelos romanos. Finalmente, segundo Duchesne, foi entre os annos 1369 e 1392 que ellas appareceram pela primeira vez em França, attribuindo-se a sua invenção a Jacques Gringonneur, pintor mediocre dessa época.

O que ha, porém, de positivo é que as mais antigas cartas conhecidas, foram fabricadas no seculo XIV, em Veneza.

As mais antigas cartas de fabricação franceza foram pintadas á mão por Gringonneur em 1392, para o rei Carlos VI.

Os baralhos primitivos eram simples collecção de estampas, destinadas mais á instrucção que ao divertimento dos homens.

Com a invenção da gravura, no seculo XV, as cartas aperfeçoaram-se e multiplicaram-se infinitamente.

Os primitivos baralhos eram adornados com figuras muito differentes das usadas hoje; estas, segundo a opinião de alguns auctores, montam ao seculo XVI.

A maior parte destes auctores dizem que o rei de espadas (pique) David, é o emblema de Carlos VII; o rei de ouros (correaux) Carlos representa Carlos Magno; o rei de copas (cœur) é a figura de Cezar, finalmente, o rei de paus (trefle) representa Alexandre.

Cesar e Alexandre não são certamente o impera-

dor de Roma e o rei da Macedonia, mas sim soberanos francezes, pois as cabelleiras, com que elles são representados, não são peculiares aos macedonios ou romanos mas sim aos francezes daquella época e ainda porque nas cartas antigas são sempre representados os mantos reaes adornados com flores de liz, que os francezes usavam.

A dama de paus — «Argine», anagramma de Regina — representa a rainha Maria de Aujon, mulher de Carlos VII; a dama de espadas (Gallas) representa a legendaria guerreira Joanna d'Arc; a dama de ouros, representa a imperatriz Judith, mulher de Luiz, o benigno, segundo uns, e Machel, Agnés Sorel, segundo outros; a dama de copas significa Isabel de Baviera, mulher de Carlos VI.

Ogier e Lançelot, valetes de espadas e paus, são dois heroes do tempo de Carlos Magno e companheiros deste; Heitor de Gallardon e Lahire, valetes de copas e ouros, são dois notaveis capitães do tempo de Carlos VII.

Os azes (az deriva-se do latim «as», que designava uma moeda dos romanos) significavam riqueza e dinheiro.

Os pontos tinham ainda a sua significação: — as espadas e os ouros (piques e carreaux) representavam as armas assim chamadas; os paus (trefle) designavam a guarda de uma espada, e as copas (cœur) significava a bravura.

CHARADAS (NOVISSIMAS)

Um e meio augmenta o sentido da musica.—2, 3

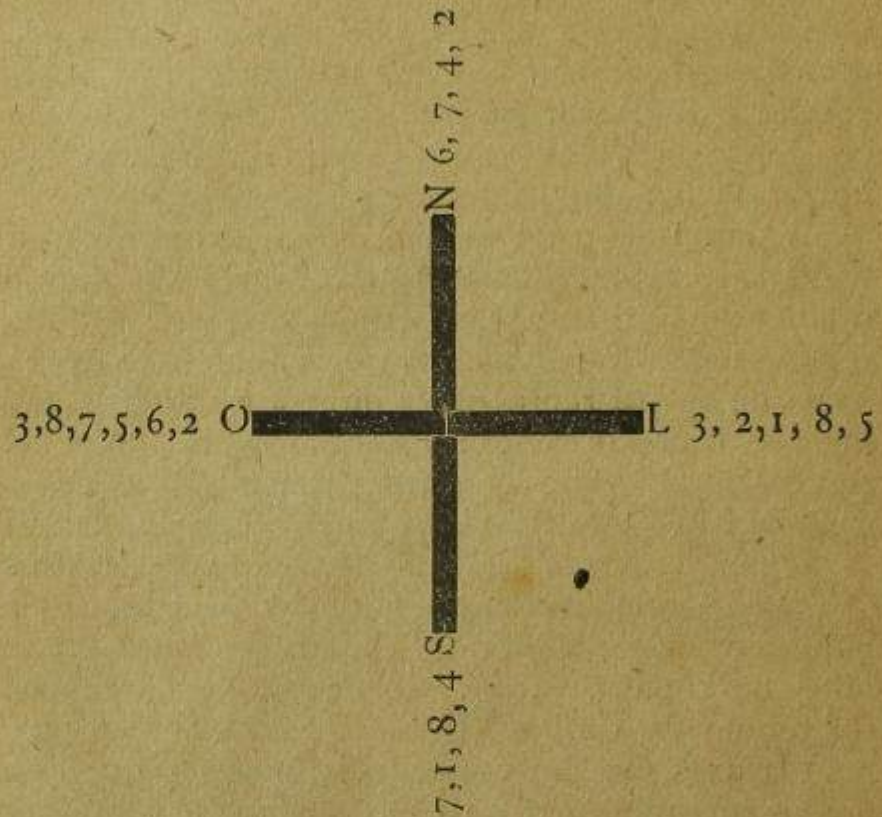
E' frustrado o signal no alto das vellas.—2, 1

A acção deste homem é ser famoso escultor.—2, 2

Bahia.

AUGUSTO MENDES CHAMUSCA.

LOGOGRIPO



Ao norte, linda mulher
Que tem, ao sul, attracção ;
A léste verás um jogo,
E a oeste uma prisão.
Procura agora, meu leitor,
Uma florsinha em botão.

Natal.

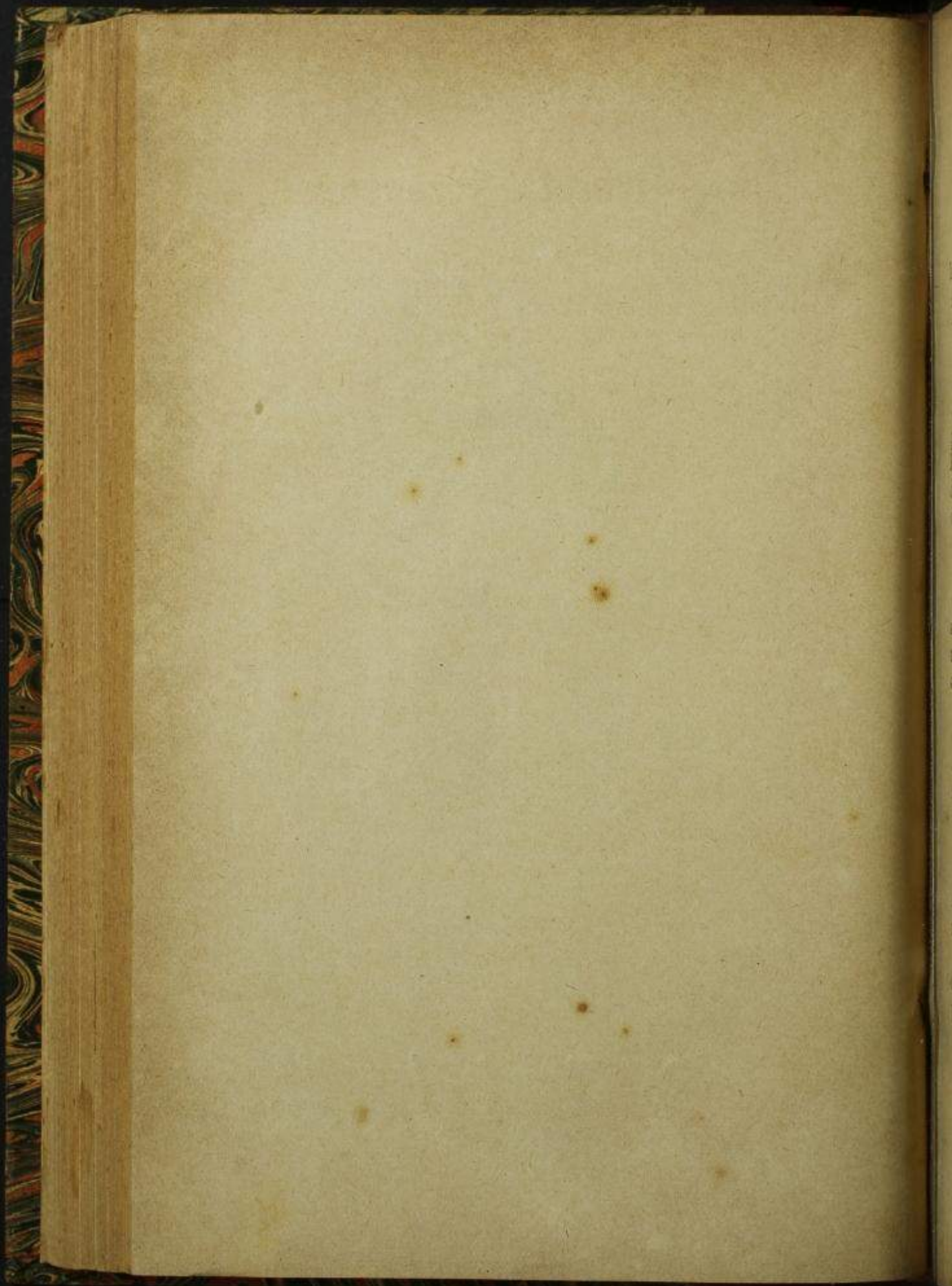
APRIGIO SELVAS.

CHARADA (NOVISSIMA)

Basta procurar na bodega. — 1, 1, 1
Batataes. YWANOFF.



Dr. Miranda Azevedo



Dr. Miranda Azevedo

O dr. Augusto Cezar de Miranda Azevedo, filho legitimo do dr. Antonio Augusto Cezar de Azevedo e d. Anna Eufrosina de Miranda Azevedo nasceu em Sorocaba aos 10 de outubro de 1851.

Fez o illustre paulista seus primeiros estudos em Cabo Frio e Macahé no collegio de Valentim Silveira Lopes e em Petropolis no Collegio Kopke, passando depois a frequentar as aulas do Collegio D. Pedro II, na Côrte, e em 1869, tendo deixado esse instituto de ensino secundario quando já cursava o quinto anno e depois de concluir os estudos preparatorios, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio, a qual em novembro de 1874, após tel-o approvado com distincção ben como a sua these sobre *Beri-beri*, que foi a primeira sobre este assumpto escripta no Rio, lhe conferiu o diploma de doutor em medecina.

Antes de seu doutoramento e quando ainda estudante, fundou e redigiu a *Revista Medica*, e a dirigiu até o anno de 1876, quando, tendo p r sua iniciativa e pela muita sympathia, de que oi sempre cercado, conseguindo fundar na Rio a *Sociedade de Medicina e Cirurgia*, cedeu a esta a propriedade da revista e lhe comprou a redacção, sendo a revista fundada pelo digno homems de letras o unico jornal medico então existente no Rio.

Antes da fundação da *Revista Medica*, redigio o dr. Miranda Azevedo outros jornaes literarios e politicos, de que foi tambem fundador, como o *Academico*, o *Centro Academio* e o *Radical Academico* em 1869, sendo este o primeiro jornal francamente republicano, que se fundou no Rio.

Interessando-se pelas cousas da patria, não limi-

tou sua actividade no dominio da politica á redigir jornaes politicos e foi um dos fundadores do *Club Republicano*, que organisou o partido em 1870, tendo sido um dos signatarios do notavel manifesto de 3 de dezembro.

O jornalismo, quer literario, quer politico e quer scientifico, a dedicação ao partido republicano nascente, a tribuna de conferentista, si occupavam a attenção do dr. Miranda Azevedo durante seu tirocinio academico, não prejudicavam em nada seus estudos escolares; pois, embora applicando suas variadas aptidões e repartindo sua actividade, o dr. Miranda Azevedo conseguiu pelo seu talento e muito aproveitamento salientar-se entre seus collegas, granjeando destes e dos lentes e principalmente de João Silva, Torres Homem e Pertence, notabilidades, que illustraram as cathedras da Faculdade de Medicina, muito lisongerio conceito.

Como orador occupou o dr. Miranda Azevedo desde quando estudante a tribuna assiduamente. fazendo em 1873 uma conferencia na Escola da Gloria sobre *Sciencias Naturaes* em 1874 e 1875 deseseis conferencias sobre Darwinismo e doutrina evolutiva, trez sobre *Aguas Mineraes do Brasil* e duas sobre *Responsabilidade Medica*, occupando ainda por diversas vezes e com muitos e merecidos applausos, a tribuna das conferencias do Grande Oriente do Brasil, ahi dissertando com erudicção e facundia sobre a these — *Das classes sacerdotaes perante a Historia e do Sobrenatural perante as sciencias*.

Intellectual indefesso, em 1875 encetou a publicação de uma serie de *Chronicas Fluminenses*, escriptas do Rio para a «Provincia de S. Paulo» e «Gazeta de Campinas», com agrado e satisfação dos leitores desses dois valentes orgams de publicidade

e fundou no Rio com Aristides Lobo, José Maria do Amaral, Ubaldino do Amaral e Pedro Tavares o jornal «Republica», em sua segunda phase, que durou até 1875, quando o dr. Miranda Azevedo mudou-se para Guaratinguetá.

Ainda no Rio e antes de sua mudança prestou o dr. M. Azevedo relevantes serviços por ocasião da epidemia de febre amarella em 1875 e 1876, soccorrendo gratuitamente os enfermos.

Em 1881 foi convidado para o logar de medico da *Minas and Rio Railway* e o exerceu até 1884, quando mudou-se para esta capital e aqui fixou sua residencia.

Aqui, na capital de S. Paulo, fundou com os drs. Mello Oliveira e Tiberiçá a primeira «Revista Medica» que nesta capital se publicou, tendo fundado com alguns collegas a Sociedade de Medicina e a Polyclinica.

Prestou em Santos, por ocasião da epidemia de febre amarella, que assolou aquella importante cidade, reaes e inestimaveis serviços com seus variados e profundos conhecimentos e com sua muita dedicação.

Nomeado lente da cadeira de Hygiene Publica da Faculdade de Direito de S. Paulo em 1891, occupou a cathedra até 1895, quando, em virtude da reforma dos Estatutos da Faculdade, foram fundidas em uma só as duas cadeiras de Hygiene Publica e Medicina Legal.

No anno de 1895 foi escolhido e nomeado pelo Marechal Floriano Peixoto para representar o Brasil no Oitavo Congresso de Hygiene realisado em Buda Pesth e nelle, de facto, tomou parte com brilhantismo nesse mesmo anno, em que ainda fez parte, como vice-presidente, do Terceiro Congresso de Accidentes do Trabalho effectuado em Milão,

tomando parte também no Congresso de Medicos Naturalistas, que se reuniu nesse anno em Vienna.

Tendo sido eleito deputado ao Congresso Constituinte de S. Paulo, onde muito se distinguio, tomando parte activa nos debates, foi posteriormente, eleito pelos seus páres presidente da Camara dos Deputados, tendo sido o primeiro que occupou esse elevado e honroso posto na governança do Estado Paulista.

Dissolvido o congresso, foi ainda eleito o dr. Miranda Azevedo deputado ao terceiro Congresso Legislativo de S. Paulo tendo d'elle feito parte até 1899, quando foi eleito deputado ao Congresso Legislativo da Republica, do qual faz actualmente parte.

Homem de letras, tem o dr. M. Azevedo muitos trabalhos publicados e outros ineditos sobre Pathologia intertropical e Materia Medica, além de diversos e apreciados ensaios historicos, e occupa com muita distincção o cargo de vice-presidente do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, do qual foi um dos fundadores, e é socio correspondente do Instituto Historico Brasileiro, a mais importante, sem duvida, das associações literarias do Novo Mundo.

Medico, jornalista, politico, orador, scientista, historiador, homem de letras, professor, o dr. Augusto Cezar de Miranda Azevedo em todos os ramos de sua actividade tem conseguido os applausos, de seus contemporaneos, merecido o respeito e a admiração de que é rodeado, grangeado a estima publica, a amizade dos que têm a ventura de conhecê-lo de perto e a consideração geral.

O Almanak Historico-Literario de S. Paulo, estampando o retrato do illustrado paulista, rende-lhe a homenagem de sua estima e consideração.

LOGOGRIPO

De notas vibrantes, estrophes geniaes, 1, 8, 7, 3, 15, 4, 10, 5, 9, 8, 9
 Sublimes, divinas, marciaes, e agudas, 9, 15, 4, 5, 7, 8, 9
 A orchestra enchia de sons o espaço, 8, 7
 A's turbas que pasmam, attonitas, mudas! 3, 8, 9, 9, 8, 9
 E as turbas se agitam, levantam, palpítam, 7, 12, 6, 12, 11, 11, 13, 8, 15
 Em santa e inspirada indignação! 1, 15, 7, 7, 5, 7
 Baqueiam tyrannos ao som dessas notas, 1, 2, 3, 4, 15
 Do canto de guerra da grande nação.

Pernambuco.

MANOEL XAVIER P. BARRETO.

CHARADAS

Dou-te o bolo de farinha, — 2 | Seria fraude, pois não, — 2
 Que na praia vem do mar: — 2 | O que na musica achaste, — 1
 E' planta leguminosa, | Se não fosse tão linda moça
 Não se póde duvidar. | Que em algum tempo adoraste.

S. João do Montenegro.

VASCO JOAQUIM DA CRUZ.

CHARADAS (NOVISSIMAS)

Trilham os oceanos, estas andorinhas. — 2, 2
 O papagaio é o segundo homem. — 2, 1

UM PICHOTE DE SERGIPE.

CHARADA (BISADA)

E' na embarcação onde se lê a doença.

Tubarão, Santa Catharina.

A. D. J.

SAUDAÇÕES

*A' distincta e sympathica poetisa
D. Ibrantina Cardona*

Ao folhear teu livro, oh! flor das Musas,
repassado d'um roseo idealismo,
sorvi a tragos todo esse lyrismo
mais doce do que o olhar das Andalusas.

PLECTROS — escriptorio de custosas prendas,
onde vive a cantar a PHANTAZIA;
opallico jardim em que a POESIA
de filigranas levantou as tendas.

Vejo em teu livro irradiações divinas.
E os teus versos na lyra perfumada,
às vezes têm as cores da alvorada,
e outras — o perfume das campinas.

O teu livro sonoro, oh! poetisa,
feito de luz, de estrellas e de auroras,
sinto, ao tocal-o, as vibrações sonoras
e aspiro, o encanto do rumor da brisa.

Em cada folha brilha uma alegria,
— essa alegria que o Amor reveste,
Nem um verso sequer lembra o cypreste!...
— Tudo n'elle é fulgor e melodia!

Oh! quem tem a alma assim cheia de flores,
póde vibrar a lyra caprichosa,
no abandono das tardes cor de rosa,
se o zephiro é de aroma e falla amores.

Terna cantora do Paiz do Sonho,
envolvida na gaze enluarada
de um louro pensamento, oh! meiga fada,
— sacerdotisa d'um ideal risonho...

O som das tuas rimas dominou
meu coração... minh'alma doentia...
Estão em tuas mãos! — Acaricia
os versos que teu livro me inspirou.

Saudo-te, poetisa genial!
Desenhas com pinceis da PHANTASIA
as scenas mais tocantes d'ALEGRIA,
sublime paysagista do IDEAL!

Alagoas.

ROSALIA SANDOVAL.

LOGOGRIPO

Eis o nome da virgem formosa, 4,2,15,7,5,18,11
Da donzella que é tão inconstante, 14,10,17,7,8,9
Da menina travessa e jocosa, 16,12,13,6,7,14
Da lourinha mui bella e galante, 19,6,7,20,2
Da morena engraçada e bondosa 11,4,5,6,7,16
E da moça a mais deslumbrante; 17,14,3,1,7,19,16
E emfim do Almanak paulista
A eximia e gentil charadista.

Assú, Rio Grande do Norte.

JOÃO DE AMORIM.

A NOIVA DO DIABO

I

Carlos fôra educado com os mimos de uma donzella. Era um rapaz ingenuo e que não pensava em cousas profanas e muito menos em namoradas.

Lia, ás vezes, o Thesouro de Meninos, afamada obra do Conselheiro Acacio e a Historia de Carlos Magno.

Sahia de casa para ouvir missa na Matriz e só dava o seu dedo de prosa com uma pessoa: o sachristão Domingos, bom homem, muito devoto e pouco instruido.

O Carlos era, emfim, um excellente córte de reverendo senhor!

II

Nosso sympathico heròe chegou á idade dos 20 annos sem que tivesse conhecido os prazeres mundanos.

Nem a um espectaculo havia ido!

Parecia um monge, que no deserto se esquece das cousas deste mundo para pensar sómente na salvação da alma!

Certa vez, porém, fôra á pequena cidade uma companhia de magicas e operetas. O empresario não se poupára esforços para fazer o reclame da sua *troupe*.

Carlos, uum domingo, depois de ouvir a costumada missa na Matriz, foi palestrar com o amavel sachristão.

— Nhô Carlos, disse o bom homem, está na terra uma companhia de theatro. Dizem que é de primeira ordem, e eu já estou munido de uma cadeira. Mecê não vai?

— Eu nunca fui a espectáculos, seu Domingos e nem sei que geito tem aquillo ..

— Oh! este mundo não é uma prisão, nhô Carlos! E' preciso a gente refrescar de vez em quando as maguas. O vigario, que é um santo, um anjo, vai a bailes e dança que é um gosto! Divertir-se com moralidade não é peccado. Não é por ir a uma festa profana, que a gente merece o fogo do inferno!

— Pois assim sendo, eu vou tambem ao theatro. Quero conhecer esse genero de diversão.

— Assim, nhô Carlos, assim é que eu gosto de gente.

E á noite là estavam na platéa os nossos caros amigos.

III

A peça escolhida para a estréa de *troupe* foi a «Noiva do Diabo», magica de grande nomeada e de bello apparato.

A actriz Olympia, bonita e de um corpo elegantemente talhado, fez o papel de noiva, mal occultando as suas captivantes fórmãs, numa toilette de fina gaze.

Carlos mal respirava ao vel-a, leve, esbelta a cantar, a dansar, a maxixar...

Sahira do espectáculo encantado e... nervoso!...

IV

A' noite, foi agitadissimo o somno do nosso casto mancebo. Sonhava, e fallava, cousa que nunca lhe accontecera.

Pela manhã, indo á Egreja, viu logo á porta o sachristão Domingos.

— Então, nhô Carlos, mecê gostou muito do espectáculo?

— Muito, mas amanheci adoentado.

— E', mecê está palido !

— E tenho razão para isso, pois levei a noite sonhando com a noiva do Diabo, que atnal de contas não é nenhuma asneira !...

ARTHUR GOULART.

DOENTE...

Ah ! tu nem sabes mesmo o bem intenso
que me deleita o pobre coração,
agora que vai longe o bom verão
e estou doente em casa... Eis o que penso:
— Hoje ella é moça e bella, ama, é amada
por mim decerto com egual carinho...
Sim, nós teremos, aves, nosso ninho
cheio de alegre e doce filharada.
Como serão bonitos nossos filhos !
Como serão beijados tantas vezes,
desde o *caçulo*, um anjo de dois mezes,
até os outros, louros e casquilhos !
E como ella, a dona d'isso tudo,
numa dourada e limpida manhã,
irá, sorrindo, perturbar-me o estudo
para dizer : José já diz *mamã* !...
Então eu louco e sem marcar o excerpto
que estiver lendo á pouco, á muito pouco,
irei beijar, ó como um pai é louco !
a bocca d'elle como um cravo aberto...
Penso na vida nossa do futuro...
— Beijos, carinhos, zangas passageiras,
e eu, e tu... perdão, talvez não queiras
essa lembrança dum só dia escuro.

E tens razão, coitada, como és louca!
Pensas que um leve arrufo de momento
fará meus beijos eu negar-te á bocca
depois de feito o nosso casamento!
Hoje tu és moça e bella, amas-me e amada
sempre o serás por mim com equal carinho...
Pois bem, teremos, aves, nosso ninho
cheio de alegre e doce filharada...

Recife. CAETANO D'ALMEIDA ANDRADE.

CHARADA DECAPITADA

(POR LETRAS)

CARO CAPITÃO:— Não calculaes quanto são exquisitos os costumes do povo sul-americano. Imaginae que o povo. . . . de que vcs fallo, alimenta-se exclusivamente de uma planta cuja seiva produz o tal bicho da sarna; não é porque aqui custe obter-se carne, não, pois que, com um simples. instrumento em forma de arco, caça-se com a maior facilidade: mas, é que esta gente não conhece leis, aqui não ha rei nem ninguem sujeita-se a mando de quem quer que seja.

Vosso admirador e criado,
O TURUNA.

CHARADAS

Oscúla no jardim esta ave. — 2, 1

O soldado no vapor é ave. — 2, 1

Ipú, Ceará.

M. COELHO.

O EXILADO

A memoria de minha Mãe

Que dôr immensa para o exilado,
Longe da Patria, da Familia longe,
Vivendo triste como vive um monge,
Vivendo triste como um condemnado !

A nostalgia a empanar-lhe d'alma
Doces affectos, crenças, vida, amor,
Em seu logar aviventando a dôr,
A dôr pungente que lhe rouba a calma!

P'ra provação ser mais atroz, ingente,
Sonha por vezes aspirar fragrancia
Do bello prado onde passou a infancia,
Alegre, rindo, descuidosamente.

Sonha correr pelo caminho estreito
E ver, depois, no carreirinho além,
A irmã mais nova, que correndo vem,
Chamal-o prestes, offegante o peito.

Da fonte escuta o marulhar saudoso,
Da cotovia a saudação á aurora,
Da madresilva que o valado inflora
O aroma aspira, inebriado em goso.

Aos freixos sóbe, a demandar a grimpá,
Brinca no campo, pela verde alfombra,
De manhãzinha, dum salgueiro á sombra,
Banhar-se vai na correnteza limpa.

Entre o centeio a amarellar, doente,
Sonha escutar as çalcorés ligeiras ;
Sentado, á tarde, ao pé das longas eiras,
Ouvir do melro o gargalhar dolente.

Pelo Verão, ao despontar d'aurora,
Quando nas selvas cantarolam aves,
Vêr as camponeas, nuns accents graves,
Guiar os bois que vão tocar a nóra.

Não frescas tardes da estação de Estio,
Sentado á porta, d'avosinha rente,
Ouvir os contos que ella diz, contente,
Enchendo a roca, retorcendo o fio.

P'ra provação ser mais atroz ainda,
Acorda em breve e vê-se então bem longe,
E fica triste como um pobre monge,
Tendo a pungil-o uma saudade infinda.

Que dôr immensa para o exilado,
Longe da Patria, da Familia longe,
Vivendo triste como vive um monge,
Vivendo triste como um condemnado!

Taubaté.

COELHO DE CARVALHO.

ENIGMA

Tem meu todo quatro letras
Prima e segunda vogaes,
Terça e quarta consoantes,
Todas ellas bem iguaes.
Supremo Ser de bondade
Que o Universo dominaes!
Livrae-me de tantos males
Que perseguem os mortaes!

ENIGMA

Se ao petisco saboroso
Prima letra se trocar,
Acharás uma tribuna
Para o povo exhortar.

Bahia.

CAROLINA RAMOS.

Recife. GUIOMAR DE CASTRO.

PERGUNTAS ENIGMATICAS

- Qual é a cidade hespanhola que mata gente?
- Qual é o nome de homem que mudando-se
uma letra por outra, fica um animal?

Ceará.

PEDRO SOUSA PINTO.

IPU'

Esta florescente cidade está collocada ao pé da serra da Ibiapaba, á margem esquerda do riacho Ipuçaba e é banhada por uma corrente perenne do mesmo nome, formando soberba cascata acima da cidade e despejando no rio Jatobá, depois de um curso de 18 kilometros.

Foi elevado á categoria de cidade por decreto 2098 de 25 de novembro de 1885.

A sua construcção (com excepção de algumas ruas), não é boa, devido aos seus primeiros povoadores. E' uma verdadeira agglomeração de casas baixas, mais estreitas numas partes e largas em outras, ensombradas nalguns sitios por frondozos coqueíraes.

Tem dois suburbios — Reino de França e Quatorze.

Possue um elegante templo dedicado a S. Sebastião.

O seu clima é bastante quente, especialmente na estação do estio, porém muito saudavel.

Suas aguas são cristalinas e o seu solo é fertilissimo, produzindo com abundancia tudo quanto se planta.

O seu commercio é moroso ; não obstante o lugar ter vida propria e dispor duma estrada de ferro que muito facilita o transporte das mercadorias vindas de outros estados pelo porto de Camocim.

A população da parochia pode ser calculada em 14000 habitantes.

Tem duas escolas publicas para ambos os sexos e uma particular.

Ipú, Ceará.

HERCULANO JOSÉ RODRIGUES.

Os mais altos lugares habitados do globo

O claustro buddhista de Hanle, Thibet.	5039
△ aldeia de Tock Jalung, idem	4977
Claustros sobre os flancos do Himalaya 4500 a 4900	
A aldeia de Kursak, na Asia.	4541
A casa de posta de Apo, no Perú	4382
Pike, na America do Sul	4358
A casa de posta de Ancomarca, no Perú	4330
A aldeia de Tacora, idem	4173
A cidade de Calamarca, na Bolivia.	4161
A fazenda de Antisana, no Equador	4101
A cidade de Potosi, na Bolivia	4061
A cidade de Puno, no Perú	3923
A cidade de Oruro, na Bolivia	3796
A cidade da Paz, idem	3726

LOGOGRIPHO

Poeta de augusta lyra, 11, 10, 1, 4, 15
Poea immortalizado! 8, 7, 9, 6, 5, 11, 11
Tu na musa brasileira,
Deixaste o nome gravado.
Amores, risos e flôres 9, 15, 1, 14, 1
Em teus cantos se divisa
Desta vida as illusões
A tua harpa divinisa...
Salve! sublime cantor, P, 15, 5, 11, 7
Que hoje á tua memoria
Atiramos muitas flores, 12, 6, 2, 1
Curvadas á tua gloria. 4, 6, 5, 13, 12, 11, 15
Lá no Empyrio onde resides
Coberto com a luz divina 4, 7, 3, 11, 10
Acceita minha homenagem
Ainda que pequenina.

Maceió, Alagoas.

M. ROSALVO.

SCISMANDO...

Ah! quando á tardezinha,
cansada de lidar,
contempla o palmeiral
a scismar, a scismar...

Parece que a alegria
se afasta do meu lar,
que o sol do meu destino,
já deixa de brilhar!

Revejo o ceu do amor
sombrio, entristecido...

E a mente extenuada
se abate num gemido.

E' que essa thebaida
vem augmentar meus ais!
Aqui, tudo me lembra
a casa de meus pais...

E penso tristemente,
ao vêr-me assim causada,
na cruz que levo n'hombro
na cruz que é tão pezada!

ROSALIA SANDOVAL.

LOGOGRIPHO

(POESIA DE CARLOS MILLER)

Uma sombra de ouro, avermelhada, 12,8,2,3,10
frouxo raio de luz diamantina, 2,10,6,16,1,9,3,2
cae sorrindo na terra, mergulhada 1,12,2,12,11,3,9,18
nos vapores da nevoa matutina. 2,18,7,16,10

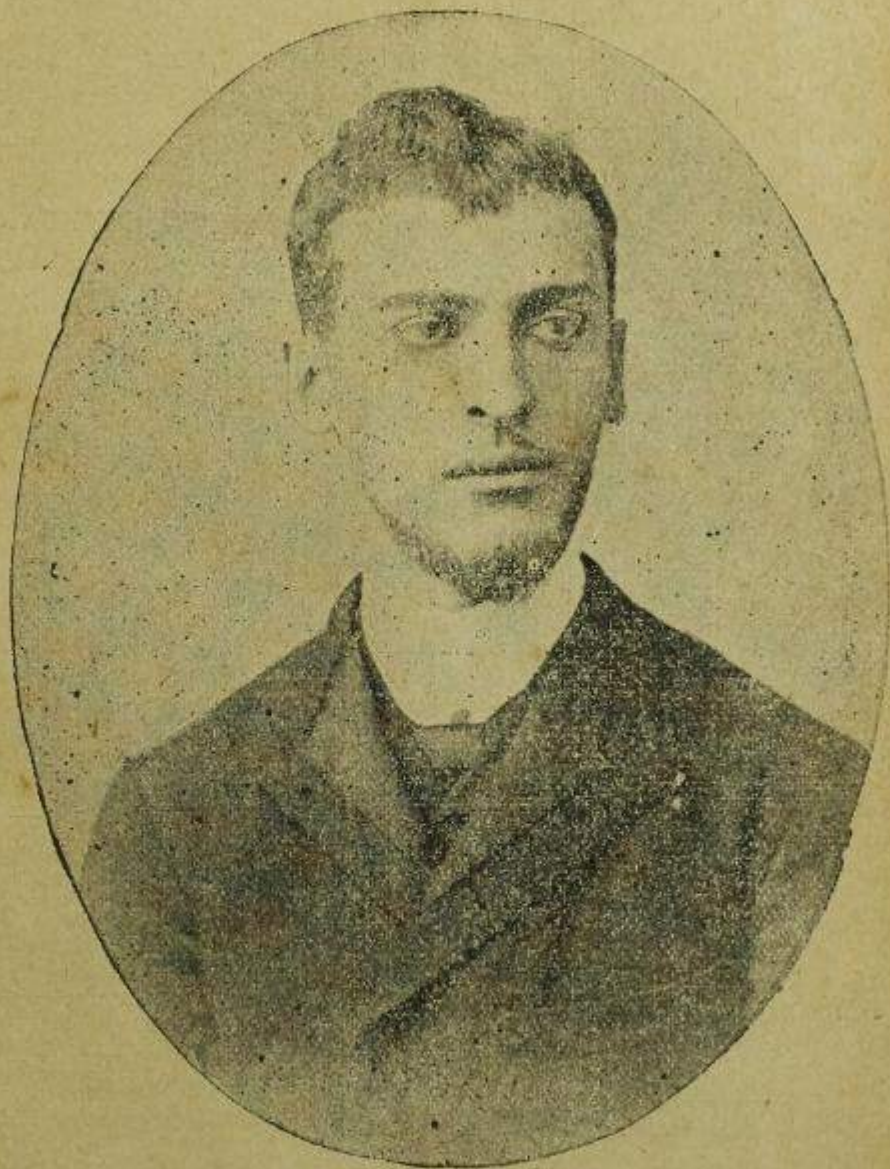
Branca nuvem que brinca na alvorada,9,12,1,13,3,12
e o vento para o ceu soprando inclina,10,2,3,6,6,12
eis, passa no occidente, prateada 9,12,13,10,17,16,12
e longe, lá bem longe, após declina. 4,10,3,6,3

Explendores do céo, brizas do mar, 12,4,2,12,6
trinos doces de meiga passarada, 1,12,17,15,10,6
tudo brilha da luz o despontar... 12,5,2,18,2,12

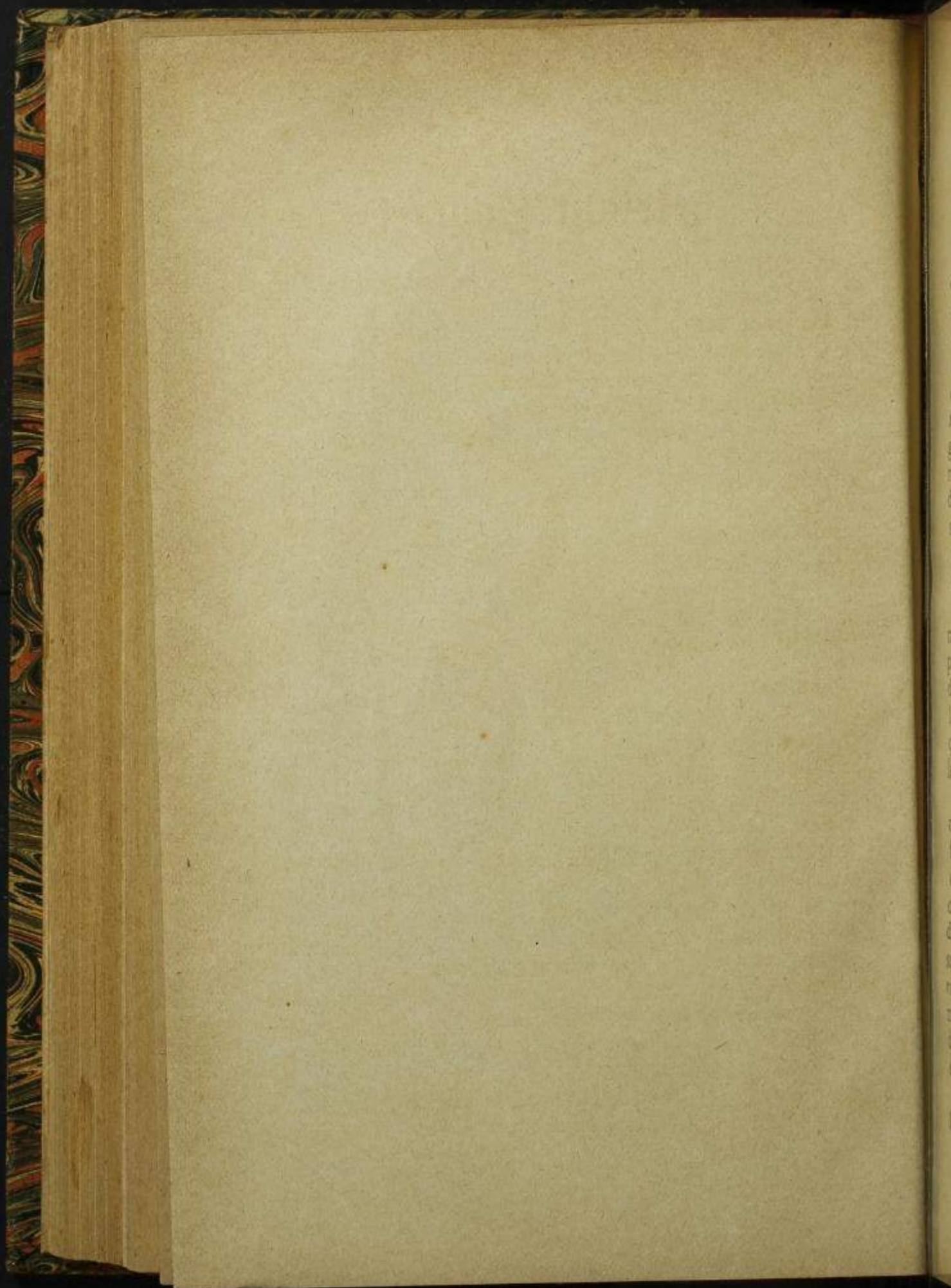
Ri-se a alma ainda ha pouco magoada
Ao ver a natureza se accordar,
Ao ver surgir a rosea madrugada.

Belém, Pará.

ANACLETO PAMPLONA.



Arthur Goulart



Arthur Goulart

Este conhecido e estimado literato paulista, cujo nome encima estas ligeiras linhas, méras notas para um ensaio critico em elaboração, nasceu a 2 de outubro de 1872, tendo por paes o saudoso e distincto paulista Virgilio Goulart Penteadó e d. Maria de Toledo Goulart, e, tendo aprendido as primeiras letras e outras materias com seu digno irmão o dr. Ernesto Goulart, que á sua esclarecida intelligencia reúne os mais nobres predicados moraes, matriculou-se em 1888, depois de ter sido approvado plenamente no exame de sufficiencia, na Escola Normal de S. Paulo, a qual em 1890 lhe conferiu o diploma de professor normalista.

Fez o joven e operoso estudante seu curso com raro brilhantismo, captando as sympathias de seus professores e condiscipulos; mas não se limitou durante o curso a cumprir suas obrigações escolasticas e, pelo contrario, aproveitando os lazeres, que ellas lhe davam, os empregou no cultivo das letras e os dedicou a sua patria querida.

Alumno da Escola Normal, redigiu a folha, que nesta capital se estampou intitulada — *O Neophito*, foi eleito pelos seus collegas para o posto de redactor-chefe da «Revista da Escola Normal», que os alumnos desse estabelecimento de ensino pretendiam manter, mas que, infelizmente, não chegou a ser entregue á publicidade, e escreveu para o *Correio Paulistano*, fazendo suas producções e seu nome romperem o limitado circulo dos professorandos e se tornarem geralmente conhecidos desde então na provincia.

Alumno da Escola Normal, a Patria mereceu-lhe, como as letras, o sacrificio de seus lazeres e

foi dos lazeres dedicados á Patria que nasceu o «Club Republicano Normalista», de que foi o joven e indefesso estudante um dos fundadores em 1888.

Diplomado, deixando na Escola honrosas tradições de trabalho, dedicação e aproveitamento, foi escolhido para reger uma das cadeiras de instrucção publica da cidade de Mogy-mirim, sendo para isso nomeado em Março de 1891.

Naquella cidade, como durante seu tirocinio escolastico, aproveitou Arthur Goulart as horas vagas, que se lhe antolhavam, applicando-as no cultivo das letras e em beneficio do logar.

O dr. Alexandre Coelho, distincto advogado, que já tomou assento como deputado no Congresso Legislativo do Estado, e que era o director da «Gazeta de Mogy-mirim», conhecendo as aptidões jornalisticas do joven professor, o convidou para fazer parte da redacção da mencionada folha.

Acceito o convite, muitos e bons serviços prestou áquella localidade como redactor da «Gazeta» o operoso moço, sendo a elle devida a realisação de muitos melhoramentos, de entre os quaes se salienta o ajardinamento do Largo do Carmo.

Em 1894 foi nomeado professor do 4.º districto desta capital e dois annos depois transferido para o Grupo Escolar do Sul da Sé.

Em 1897 foi em commissão do Governo Estadual dirigir o Grupo Escolar de Botucatú, e tão bem desempenhou essa honrosa incumbencia que, finda sua missão, ao retirar-se de Botucatú não só as pessoas gradas do logar o acompanharam até á estação da via ferrea, como a imprensa local constituída pelo «Botucatuense» publicou em homenagem sua uma polyanthéa.

Em Setembro de 1898 foi A. Goulart nomea-

do director do Grupo Escolar do Braz — Secção Feminina — e nesse posto ainda se acha actualmente, prestando nelle, como nos que anteriormente occupára, os mais assignalados serviços á educação.

No grupo escolar sob sua direcção é elle estimadissimo tanto das alumnas como do corpo docente, que em honra do director e mestre organizou por occasião do anniversario natalicio ultimo do distincto educador uma bellissima festa literaria e lhe offereceu seu retrato a *crayon*, trabalhado pelo pintor ytuano Jonas de Barros.

«Como homem de letras, escreveu a «Mala da Europa» em sua edição de 21 de Setembro de 1902, como homem de letras, tem sido Arthur Goulart um incansavel. Fundou em 1893 a «Revista Moderna», excellente publicação que fez successo. Tem collaborado em numerosas revistas nacionaes e estrangeiras e em diarios brasileiros.

«Publicou *Petalas*, contos (1896); *Lola*, romance (1898); *Litteratura Infantil*, comedias, dialogos, monologos e historietas simples (1899); esta obra foi approvada pelo governo do Estado de S. Paulo. *Dez Contos*, edição da «Capital Paulista», livro que provocou sinceros applausos da critica nacional e estrangeira.

«Arthur Goulart fundou em 1899, juntamente com o distincto poeta Francisco Gaspar, a revista «Capital Paulista», que tem quatro annos de vida. Esta revista possui um corpo de collaboradores selectos, tanto do Brasil como de outros paizes europeus.

«Arthur Goulart tem em elaboração varios trabalhos e entre elles—*Pequenas telas*, contos; *Diccionario bibliographico Paulista*; *Paulistas illustres*; *Biographias passageiras*, contos; *Comedias Infantis*; *Coração partido*, romance.

«Collaborou em o «Dia» e o «Diario» do Rio de Janeiro, e actualmente escreve excellentes chronicas para a «Gazeta de Noticias».

Além dos trabalhos registrados pela «Mala da Europa», que vê a luz em Lisboa, Portugal, publicou o distincto escriptor: no «Correio do Norte», Guaratinguetá, um romance intitulado *Memorias de um guarda urbano*; no jornal «O Luctador», de Descalvado, outro romance — *Vingança Terrivel*; na «Gazeta de Uberaba»: *Mulheres Illustres do Brasil*, na «Revista Franco-Italiana», de Napoles: *Cartas Literarias* n'«A Madrugada», de Lisboa: *Escriptores Paulistas* e na «Revista do Instituto Historico de S. Paulo» um bello estudo sobre *Alexandre de Gusmão*.

Literato de forte envergadura, como se vê, não podia A. Goulart passar despercebido perante a critica, a qual não só o percebeu como o tem applaudido com justiça.

Nestor Victor em carta endereçada ao escriptor paulista se manifesta a seu respeito sincera e francamente nos seguintes termos: «O amigo é um moço trabalhador e talentoso. Dos rapazes da moderna geração literaria do Brasil é o distincto confrade um dos que mais podem contar com um brilhante futuro.»

Aristides Pinheiro em artigo publicado n'«A Seára», revista de artes e letras que se estampa em Taubaté, assim se externa em relação ao mesmo escriptor: «Rendilhada de rara esthetica é a fôrma de seus trabalhos, que têm um «quê» muitissimo agradavel, delicioso mesmo.

Excellent «conteur», phantasista delicado e poeta sentimental, nesses ramos de literatura tem elle alcançado mais de uma grinalda de triumphador.

«E' de admirar-se o grande amor que dedica ás letras, trabalhando sem descanso, ininterruptamente — com todo o fervor, como verdadeiro sacerdote que consagra sua vida á religião que abraçou, não poupando sacrificios para ainda mais realçar as formosuras da grandeza cultural.»

Raymundo Corrêa, a proposito dos «Dez Contos», escreveu a Goulart esta honrosa carta:

«Sr. Arthur Goulart. — Ha mais tempo que eu devia ter accusado e agradecido o recebimento dos seus «Dez Contos», a que devo alguns bons momentos de agradavel leitura.

O sr. Arthur Goulart é um nome de escriptor sufficientemente conhecido. Eu mesmo já o conheço de ha muito por outros escriptos bastante apreciados. Portanto, excuso de acrescentar aqui mais nada a tal respeito.

Fechado este seu pequeno livro, creio que não precisarei abril-o de novo para conseguir reter ao menos, entre outras lembranças suaves e fugitivas, a de um — Pedaco de sol — e das estrophes elegiacas (em prosa) com que é tecido esse doce threno — Celeste.

Desculpe-me e aceite nestas poucas linhas, com os mais sinceros agradecimentos, os testemunhos da estima e admiração do — RAYMUNDO CORRÊA. — Petropolis, 26 de Outubro de 1901.»

Tomando parte no concerto de applausos com que têm sido coroados os trabalhos de A. Goulart, a já mencionada revista de artes e letras «A Seára», illustrou uma de suas paginas com o retrato de Goulart, fazendo acompanhal-o um bem lançado perfil. O mesmo proceder teve o «Anuario Taubatéense», edição de 1902, sendo secundado na homenagem prestada ao innegavel merito de Goulart, pelo diario que se publica em Ribeirão

Preto, «A Voz Publica», pela revista de artes e letras, desta capital «A Iracema», e pelo conceituado organ da imprensa lisboeta, a «Mala da Europa», os quaes todos estamparam o retrato do distincto homem de letras.

Ainda muito recentemente o «Almanak Illustrado de S. Paulo», egual procedimento teve ornando uma de suas paginas com o retrato de Goulart.

Este Almanak acompanha de muito bom grado o côro de applausos que tem merecido o talentoso homem de letras e provector professor, honrando suas paginas com o retrato, que tambem estampa, rende sincera homenagem á intelligencia, á bondade, á dedicação e ao merito de Goulart, que é um dos seus mais incansaveis collaboradores, desde 1896.

FLORIANO PEIXOTO

Tu não morreste, heróe ! tua lição
Em nosso peito vive retratada ;
E inda vemos, ó grande cidadão,
Os brilhos lampejantes d'essa espada
Que brandiste com maximo heroismo.
Da Republica foste o salvador, —
A tua Patria tinhas santo amor
E a serviste com puro fanatismo.

Não deixaste que o misero vampiro,
Que quiz a Patria trucidar a tiro,
Empolgasse o poder d'esta nação,
E ao mundo mostraste, denodado,
Como pode um patriotico soldado
Lançar por terra a hydra da ambição.

Recife, Pernambuco. DR. MARIO FREIRE.

P'RÔ HOSPITAL

A's exmas. Damas Tondellenses

O' Damas de Tondella, ó Damas tão piedosas!
Vós que tendes na face a maciez das rosas
e nas vossas almas a candidez dos lyrios,
não negareis, por certo, o balsamo aos martyrios.
Sois todas amor e todas sois caridade. . .
Nos vossos corações existe esta verdade:
a verdade da FÉ, da ESPERANÇA e do AMOR!
Ou seja na desgraça, que circumda a dôr,
ou num pequeno *nada* que vos dê alegria,
ha sempre em todas vós um SOL do meio dia! !

Pois muito bem, senhoras.
Erguem-se as paredes, — as bases percursoras —
do Hospital a erguer-se na vida de Tondella;
— digno monumento á supremacia della —
Mas. . . as obras requerem vossos sacrificios,
que serão florinhas tornadas beneficios.
Juntai-vos e sahi, por essa villa fóra,
a illuminar as almas com a luz da aurora
do vosso olhar divino! e abrindo a *saccola*
implorae de todos p'ra o HOSPITAL a esmola.

Senhoras !

Se pelo bem a nossa alma aneia
aproveitae a essencia á minha humilde ideia.

Vereis um dia, d'entre lagrimas e de dôres,
ao passardes bem perto ao leito hospitalar,
cahirem sobre vós as bençãos e as flores
e a alma de vós todas, Senhoras triumphar !

Tonda, Agosto, 1902.

CASTRO NEVES.

Esta poesia foi transcripta do jornal portuguez «Correio de Bésteiros», por auctorisação do seu auctor.

ENIGMA

U U U U U U U U U U U U U U U U
AA TROS S. LUSIADAS DD

ENEIDA

MISERAVEIS

LUSIADAS

Belém, Pará.

A. PAMPLONA.

CHARADAS

O animal tem vaso e é soporifero. 2, 2
Basta ! entregue por favor. 2, 1
Esta nota bebe-se com pão. 1, 1
Por consequencia este vaso é substancia. 2, 2
Tira a vida dos animaes, este vadio. 2, 1
Um tolo nota outro tolo. 2, 1
Sustento que tem agua o mar. 1, 2
Com os olhos vou tratar a vida. 1, 1
Na igreja e aqui mesmo tem aguardente. 2, 1
A cauda do elephante, é plaino. 2, 1
No navio e no campo ha banquete. 1, 2
Com fome come-se o que se trabalha. 2, 1

Limoeiro, Pernambuco.

ISAAC CERQUINHO.

CHARADAS (BISADAS)

Cardeal presidente — 3

— ta —

Rei antigo — 2

Cuidadosa — 2

— di —

Madresilva — 3

RAUL TOVAR.



DR. OSCAR LEAL

O illustre director da «Revista de Lisboa», é um dos mais operosos escriptores da lingua portugueza. Em todos os ramos da actividade mental muito se tem distinguido o distincto brasileiro.

Oscar Leal tem em Portugal, onde reside, e no Brasil, sua Patria, innumerados admiradores.

Alem de vigoroso apostolo das bellas letras, é elle um *causeur* sympathico, attrahente, que domina os que o escutam.

Jornalista, poeta e romancista, o seu estylo se torna agradável aos leitores, pela simplicidade e pela correccão.

Chronista chistoso, cheio de verve, apesar de escrever *nu jour le jour*, ainda pairam no espirito

de muitos dos seus confrades, as amenas linhas que honravam as paginas da saudosa «A Madrugada», scintillante revista lisboeta.

E' um prozador que tem a facilidade feliz de atrahir a attenção dos leitores.

O merito intellectual de nosso prezado compatriota está comprovado plenamente pela publicação de mais de vinte obras, todas interessantes e bem recebidas.

Nesta ligeira noticia não podemos fazer um estudo completo da physionomia literaria do festejado auctor de «Uma Mulher Galante». Semelhante tarefa não é propria para esta occasião, pois as paginas deste Almanak não chegariam para tal.

Nosso fim é simplesmente prestar modesta, mas sincera homenagem ao brasileiro illustre, que tem procurado honrar o nome de sua Patria em além mar.

De uma actividade intellectual fóra do commum, Oscar Leal, apesar de moço, muito tem batalhado em prol do espirito, publicando trabalhos que o elevam e o honram perante o mundo civilisado.

Oscar Leal é membro da Academia Portugueza de Letras, e dirige o órgão official desta importante associação, «Revista de Lisboa», que tão popular é no Brasil.

Os leitores, certamente, podem avaliar a justiça de nossa homenagem prestada ao distincto homem de letras.

ARTHUR GOULART.

CHARADA

A' sua partida observava alguém. — 2, 2

Quixeramobim, Ceará.

BARROS LEAL.

O LAGO DE SANGUE

E' um lindo lago como todos os da Suissa, o — Lago de Sangue. Nas suas margens assenta a cidade de Morat, cheia de recordações historicas. Foi alli que Carlos-o-Temerario e os seus borgonhezes, em 21 de junho de 1476, foram literalmente esmagados pelas tropas suissas.

De tempos a tempos, o lago colora-se de vermelho; dir-se-ia um lago de sangue, de aspecto sinistro quando os raios do poente lhe vêm illuminar as aguas.

Este phenomeno tem a sua lenda: os pescadores do lago dizem quando vêm enrubescer as aguas:

— E' o sangue dos borgonhezes!

Effectivamente, depois da batalha de Morat, foram lançados ao lago muitos cadaveres borgonhezes. Mas se a tradição se compraz em phantasiar, a sciencia que é positiva, não admitte que se attribua aos manes dos soldados do inimigo figadal de Luiz XI, a coloração vermelha das aguas.

Essa coloração é devida, simplesmente, á presença de grandes quantidades d'uma pequena larva aquatica de nome — *Oscillatoria rubescens*, — que, como o latim indica, é oscillante e é vermelha.

Haller, em 1768, Candolle, em 1825, consagraram-lhe interessantes monographias. E, por menor curioso, esse phenomeno da coloração vermelha só é observado n'esse lago. Póde-se-lhe egualar o phenomeno conhecido sob o nome de — neve de sangue, — ou neve vermelha.

Tal phenomeno é observado nas regiões mais septentrionaes, bem como nos Alpes e nos Pyreneus, emfim por toda a parte em que se encontra neve no estado habitual. Se, pelos locaes aonde se dá o phenomeno tivesse havido morticinio, a cren-

dice popular poetisaria logo uma lenda sangrenta.

No emtanto como com o lago Morat a coloração é originada por uma microscopica alga vermelha.

CHARADAS

O animal comeu o fructo da arvore. 1, 2
S ou o primeiro que dá insectos ao passarô. 2, 2
C :usa tédio tanto prazer á planta. 2, 2
A canôa firma-se no canal estreito. 3, 1
R ara planta planta que alimenta a ave. 2, 2

Tibagy, Paraná.

J. FERREIRA PENTEADO.

UM CASAMENTO ORIGINAL

Eu era pobre, e dizia que era pobre, e não me davam credito !

E porque ? Porque trajava o mais correctamente possível ; tinha a apparencia de um doutor, e despendia a largas mãos, tudo quanto ganhava.

Viajando pela campanha desta fronteira do Rio Grande do Sul, hospedei-me numa estancia de um abastado fazendeiro, meu particular amigo de alguns annos. Tinha elle uma filha de nome Helena, bella e formosa o quanto pode ser-se ! E alem da belleza physica, tinha uma intelligencia bastante luzida, e espirito bem cultivado. Alem do seu idioma patrio, fallava correctamente o hespanhol, o francez, e um pouco do allemão. Desejou, pedio-me algumas licções, ao que de muito boa vontade prestei me, desinteressadamente. Mas quando se é professor de uma menina tão galante, e ainda, bastante rica, sendo tambem o professor moço e solteiro, surge no meio das licções a

muda poesia da alma inspirada pelo terrivel Cupido, e ensina-se a linguagem do amor. . .

Foi o que me succedeu.

Eu era pobre e Helena era rica. Ella tinha cento e oitenta contos de dote, e eu apenas a minha sympattica pessoa!... (porque nesse tempo era bonito, o leitor deve lembrar-se. . .)

Na 5ª licção de italiano já eramos noivos, e sem a minina opposição dos paes da encantadora Helena.

Seis mezes depois, na noite de 29 de Setembro de 1879, a estancia dos pais de minha noiva achava-se em festa. Havia muitas familias convidadas, fóra um crescido numero de distinctos jovens, vindos unicamente em companhia de seus ginetes, ricamente aparelhados.

O adorno de toda a estancia era bellissimo. A musica para o baile de tres dias e tres noites consecutivas, segundo o projecto dos fazendeiros, compunha-se de tres violões, duas rebecas e uma especial concertina.

O padre viera de 11 leguas de distancia, mediante quinhentos mil reis de gratificação, fóra o dinheiro dos baptizados, em numero de 35, a oito mil reis cada um. . .

Rosnava por entre as familias convidadas que eu era descendente de um principe de Napoles, o que dava maior realce ao meu porte amavel, que attrahia a attenção dos que não me conheciam. Este falso boato, enchia de immenso orgulho a minha futura sogra e á propria noiva.

O acto religioso era ás 9 horas da noite.

A's 7, uma engraçada pardinha, que me estimava por ter-lhe feito alguns presentes, disse-me que desejava fallar-me em particular, sobre um as-

sumpto de muita importancia, e que ai de mim se não lhe prestasse a devida attenção...

Esta exigencia da pardinha pôz-me o espirito em sobresalto. O lugar combinado para a secreta conferencia, foi a dispensa.

Lá fui ás 7 1/4 da noute. Mas, em vez da crioulinha, a essa mesma hora introduziram-se a minha futura sogra com a sua filha Helena.

Logo que foram por mim presentidas, entrei ligeiramente dentro de uma barrica vasia, que achava-se encostada n'um dos cantos da dispensa, á direita da entrada. Vamos ouvir-lhes o dialogo.

— Já estiveste com o teu primo Camillo ?

— Comprimentou-me sarcasticamente, dizendo: Meus parabens, prima; já sei que teu noivo, é um principe de Napoles...

E depois accrescentou: Se chegares a ser princeza; não te esqueças de nosso pequeno Plinio... Manda-lhe ensinar as Bellas Artes; e á proporção de seus triumphos, farás com que lhe concedam titulos até chegar a conde ou marquez...

— Não faças caso de seus gracejos... Mostra-te sempre amavel para com elle, afim de evitar alguma imprudencia... Antes de um mez partirão para Italia, e é provavel que fiquem por lá.

— Oh ! mas como abandonar a minha mãesinha e o papai ?

— Não nos abandonas, porque antes de seis mezes iremos lá viver para nunca mais nos separarmos.

— E meu filho ?

— A mana Gertrudes, que é uma verdadeira santa, continuará a prodigalisar-lhe os carinhos de uma legitima mãe.

Findo o dialogo, ambas se reiram e a crioulinha entrou na dispensa. Chamei-a, conservando-me

sempre dentro da barriça. O seu assumpto, foi a communicacão do exposto, offerecendo-me dois importantes documentos.

A's 9 em ponto dessa noute, acõmpanhado pelos padrinhos, dirigimo nós para o altar, conduzindo eu a noiva desde que entramos na sala.

A' pergunta do sacerdote :

Quereis casar-vos? um *não* sonoro e retumbante fez estremecer a todos os circunstantes! Este *não* como deveis ter adivinhado, era por mim proferido, e com tanta serenidade, que o padre encarou-me interrogativamente. Helena tornou-se branca.

Não extranheis o meu procedimento, continuei eu em tom de discurso, porque só Deus sabe as torturas que minha alma soffre neste momento! Querida Helena, ha neste mundo um unico vivente digno de v. exa. Elle amou-vos e ama-vos ainda . . . O amastes e sei que continuaes a amal-o . . . Elle está aqui, amaldiçoando me talvez por afastal-o para sempre da mulher amada. Houve entre vós uma intriga amorosa, cujo enredo bem o conheço, se bem que ha poucos momentos. Desejo ser por elle substituido, concedendo se-me a honra de ser padrinho de d. Helena.

Estas palavras commoveram todo o auditorio, enchendo-se de lagrimas os olhos da maioria das senhoras presentes. Camillo approximou-se de Helena e esta estendeu-lhe a mão, em signal de approvação. Minutos depois, Helena e Camillo eram abençoados pelo sacerdote. A festa prolongou-se até o terceiro dia. Dahi em diante, na estancia de *** respirava-se a mais completa alegria. O pequeno Plinio foi adoptado por filho dos nubentes, e eu escapei-me, por milagre de *S. Gennaro*, de comprar nabos em sacco . . .

Bagé, R. G. do Sul.

FERDINANDO MARTINO.

DR. CARLOS MACHADO

Após um soffrimento prolongado e dolorosissimo, que nem os cuidados da sciencia, nem os desvellos da familia amantissima, conseguiram debellar, — finou se hoje pelas 5 horas da taide, o dr. Carlos Maria Gomes Machado.

Chamado por differentes vezes a exercer importantes cargos publicos, fel-o sempre com notavel intelligencia, energia e independencia de character.

Numa epoca em que tantos mercadejam mais ou menos as convicções individuaes, serviu lealmente o partido em que se filiara, e que por longo tempo lhe ha de sentir a falta, sem nunca se acurvar com prejuizo da dignidade propria, a conveniencias pessoaes.

Trabalhador infatigavel, estudou e luctou até morrer. Era no remanso do seu gabinete de estudo, entre os seus livros e a sua colleccção numismatica, que mais feliz se sentia, e, se attingiu a alta posição social, deveu-o unica e inquestionavelmente ao seu merito incontestavel, ao seu trabalho aturado, á sua intelligencia lucida e perspicaz.

Por isso a noticia da sua morte causou funda sensação de pesar em todas as classes da sociedade, porque em todas contava amigos e obsequiados.

O dr. Carlos Machado nascera em Ponta Delgada, a 4 de novembro de 1829. Foram seus paes Hermogenes José Gomes Machado e d. Luzia do Patrocínio Alvares Cabral.

Com ampla bagagem litteraria, adquirida no convivio de Antonio Feliciano de Castilho, de quem fora amigo e discipulo, e com modica mezada, foi, adolescente, para Coimbra, onde tomou

grau de bacharel nas faculdades de medicina, philosophia e mathematica, sendo estudante laureado, e alcançando distincções em todas as materias que cursou.

Casou naquella cidade com d. Mathilde Damaso de Freitas, senhora de elevados dotes de espirito e coração, que lhe foi compinheira dedicada na vida, e enfermeira carinhosissima até á morte.

Teve o logar de professor de mathematica do lyceu desta cidade, sendo por varias vezes reitor do mesmo estabelecimento, cargo que actualmente exercia; era tambem lente jubilado.

Em 1890 foi nomeado governador civil deste districto, desempenhando-se dessa importante commissão durante dois annos e meio, com applausos até dos seus adversarios politicos.

Incapaz de se utilizar de uma supremacia de posição para exercer vinganças mesquinhas, na alternativa, e, sobretudo, se em campo opposto estava um seu antagonista, inclinava-se para o lado da indulgencia.

Foi ainda ultimamente membro da Junta Geral, e está no espirito de todos, os esforços que empregou para que se realisassem importantes melhoramentos locais, apresentando sempre á sua opinião livremente, sem se cingir a exigencias de partidos, dizendo sem hesitar o seu modo de pensar, desenvolvendo e expondo as suas ideias com clareza, e conforme os dictames da sua consciencia.

— Porque era, acima de tudo, um consciencioso!

O dr. Carlos Machado foi em viagem de estudo ao estrangeiro, incumbido pelo governo de importantes observações ácerca da flora de diferentes paizes.

Era membro da Sociedade de Geographia, e commendador da ordem de San Thiago, de que possuia o collar e a venéra.

Não obstante, ninguem mais lhano, ninguem mais acessivel, ninguem mais tolerante para com quem se não pretendia impôr com meritos postiços!

Foi tambem provedor da Santa Casa da Misericordia, tentando instituir por essa occasião uma Sopa Economica, iniciativa que não logrou vingar por difficuldades creadas pelas condições mesologicas.

Foi fundador do nosso Museu, a que consagrou annos de sua vida, desinteressadamente, pelo amor da sciencia e da terra que lhe foi berço.

Era genealogista distincto, sendo notaveis os trabalhos que deixa nessa especialidade.

Intelligencia apta em todos os ramos do saber, era por igual uma alma aberta a todas as manifestações do bem. Esmoler, caritativo, generoso, nunca teve amor ao dinheiro, prompto sempre a privar-se do superfluo, em beneficio daquelles a quem faltava o necessario. Poderia ter legado a sua familia uma fortuna. Mas lega-lhe mais do que isso, na memoria do seu nome honrado e illustre.

Como homem social, cumpriu pois nobremente a sua missão. — Trabalhou, luctou, illuminou-se, venceu, e adormeceu por fim, serenamente, na paz dos justos, com a fronte cercada pela aureola dos que bem mereceram da Patria!

22 — IV — 1901.

ALICE MODERNO.

CHARADAS (TELEGRAMMAS)

O homem é peixe? 3		O peixe é homem? 3
O instrumento é flor? 3		A arma é moeda? 3
A herva é ave? 3		A mulher é herva? 3

Palmeira, Pernambuco.

PACIFICO DA PAZ.

LOGOGRIPO

ENIGMA

Minha parenta querida 5,7,8
fez-me tomar bebedeira, 2,1,3
de fructa que é colhida 4,5,6
nesta planta brasileira.

Rio da Russia euopéa
às direitas achar ha-de;
às avessas lá na Grecia
encontra ilha ou cidade

Iapagipe, Bahia.

FLORA DE ALMEIDA.

A Esquadra Brasileira em 1828

(EXCAVAÇÃO HISTORICA)

Compunha-se a esquadra brasileira em 1828 dos seguintes vasos :

Fragatas — Bahiana, Constituição, Dona Francisca, Defensôra, Imperatriz, Nytheroy, Paula, Paraguassu, Piranga, Principe Imperial e Thetis (11).

Corvetas — Bertioaga, Carioca, Dona Paula, General Dorrego, Liberal, Regeneração, Santa Cruz e Sete de Abril (8).

Naus — Imperador do Brasil e Pedro I (2).

Brigues — Beaurepaire, Caboclo, Constança, Imperial Pedro, Maranhão, Olinda, Pirajá, Quinze de Agosto, S. Christovam, Tres de Maio, Vinte e nove de Agosto (11).

Patachos — Bemvinda, Deligente, Dezenove de Outubro, Jacuipe, Jaguaripe, Oito de Dezembro, Porto Alegre, Taquarembó, Valoroso e Vigilante (11).

Brigues-escuna — Athlanta, Dois de Julho, Empreendedor, Feliz, Januarina, Leopoldina, Nove de Janeiro, Patagonia e Rio da Prata (9).

Escunas — Alcantara, Bella Maria, Carolina, Dona Francisca, Fluminense, Itaparica, Maria da Gloria e União (8).

Transportes — Alcides, Animo Grande, Bomfim, Estafeta, Independencia Feliz, Justina Jurujuba, Providencia, Trinta de Agosto (9).

Paquetes — Conceição, Doze de Outubro, Leopoldina, Mercurio, Pacote da Bahia, Venus (6).

Canhoneiras — Despique Paulistano, Greenfell (2).

Bombardeiras ns. 1 e 2.

Barco a vapor — Correio do Brazil.

Total: 80 vazos de guerra.

Destes 6 foram tomados aos Argentinos, na campanha da Cisplatina; 4 eram barcos Ingleses, 2, Americano e Sueco, apresados por violarem o bloqueio do Rio da Prata; 9 foram construidos na Bahia; 8, no Pará; 4, em Santos; 2, no Rio de Janeiro; 1, em Paranaguá; 1, em Alagôas; 1, em Genova; 1, em Damão; 2, na Inglaterra; e 7, na America do Norte.

Belém, Pará.

JOÃO C. CAMPOS.

Saudades

Gentil menina que adoro tanto
Ouvi o canto q'a saudade inspira!
Ouvi do triste seu planger sentido,
Cruel gemido que desfere lyra!

Lá n'essas plagas do Brasil gigante,
Lá bem distante desta patria querida,
Senti saudades do meu lar paterno...
Soffrer eterno a consumir-me a vida!

Chorei saudades do Tejo querido
No pungir sentido de acerba dor.
E como as aves ao perder seus ninhos
Chorei carinhos de paterno amor.

CHARADAS (ALEXANDRINAS)
Ella pára) 2
Ella instrumento)
Ella flôr)
Limoeiro. MANOEL LEAL.

De tarde, ás vezes, quando o sol fugia,
Minha alma ia divagar no espaço.
Chorando a louca a recordar sentida,
Da despedida o saudoso abraço.

E nesse vôo, arrojado, altivo,
Pobre captivo desferi meu canto.
Cantei saudades desses tempos idos
Em crueis gemidos, inundado em pranto

E desses tempos d'infantis brinquedos,
Desses folguedos que minh'alma chora
Lá no exílio recordei-me ainda
De vós, ó linda, que meu peito adora!

Lisboa, 1899.

M. J.

CHARADA (INVERTIDA)

Ha tempos eu tinha uma medida. 2

AUGUSTO RAMOS.

AMULETO

Dentro de uma medalha transparente
Feita de um simples aro e dois crystaes,
Encerrei, da madeixa rescendente
Que tu me deste, as finas espiraes.
Trago-a sempre, enfiada na cadeia,
Companheira leal, unida ao peito,
E, de noite, o meu somno presenciei,
Suspensa á cabeceira do meu leito.
Lembro-me, ao vel-a, a tua voz tão doce,
E o teu amor, que a minha vida trouxe
Tão completa ventura e suavidade...
Como o tempo feliz depressa passa!
Como é tão longa a quadra da Desgraça!
Como é amargo o travo da Saudade!

Açores, 1902.

ALICE MODERNO.

AS POMBAS DE VENEZA

Um espectáculo inteiramente novo é o que tenho deante de mim.

Confuso, pergunto ás vezes a mim mesmo mim si realmente estou em Veneza, como si pensasse numa terra que se achava proxima de mais e que devia estar ainda muito longe dalli.

Mas não ha duvidar. Alli então a ponte dos Suspiros, o palacio dos Doges, a Piazzetta e... as pombas.

Ahi está o grande escolho em que tantos têm tropeçado, quando vão resolvidos a relatar mais tarde o que viram e sentiram naquelle amplo salão, a que serve de toldo o mais bello céu do mundo, escurecido ás vezes quando os milhares de pombas que alli habitam levantam o vôo de um lado para outro, para depois virem pousar-nos nos hombros e nas mãos, si acaso nellas divisam alguns grãos de milho que as atraem.

E é a população de Veneza que hoje se dá o dever e obrigação espontanea de as sustentar, o que outrora era feito a expensas do governo da republica.

De sua manutenção tambem, segundo me affirmaram, cuida a municipalidade. Vendedores de milho percorrem a praça vendendo-o em cartuchos aos *touristes* e curiosos que alli vão.

Parece mesmo que toda a gente em Veneza tem obrigação de dedicar alguns momentos diarios ás bellas avezinhas, e que, nas mãos de cada um, devem estas encontrar um punhado de milho e uma carícia.

Procuram ellas de preferencia as mulheres e as crianças, que ás vezes soffrem assaltos tremendos. E' curiosissimo ver o espectáculo que offerece uma mulher bella quando estende a mão cheia de mi-

lho e se vê cercada de centenas de pombas, que esvoaçam em redor de si, pousando-lhe nas mãos, nos braços e nos cabellos, sobretudo nos cabellos.

E as pombas são a origem de varias industrias em exploração, e que vão produzindo bom resultado, pois, além dos vendedores de milho, existem os photographos especialistas. Não ha viajante de gosto que, visitando Veneza, deixe de retratar-se em gondola, si é homem, e rodeado de pombas se fôr mulher.

A melhor hora, porém, de visitar-se aquelle curioso espectaculo é ás 11 horas da manhã. A essa hora é feita, de uma janella da *Procuratoria vecchia*, a distribuição da comida às aves. Foi uma veneziana fallecida ha longos annos quem deixou uma renda perpetua para o sustento das pombas, estando a municipalidade incumbida de satisfazer diariamente os desejos da illustre e finada dama.

Como seres intelligentes e habituados áquella obrigação, as pombas, formando densa e espessa nuvem, esvoaçando mal soam no *campanile* as 11 horas, defronte da *Procuratoria*, certas de que logo ella se abre, e um creado deixa cahir o alimento. Quatro a cinco mil avezinhas, atropellando-se umas ás outras, disputam então a preciosa dadiva, com grande gaudio do publico, que se agglomera sob as arcadas, em volta da praça.

Quatro dias demorou a minha estada em Veneza, e durante esses quatro dias, apesar de estarmos então no inverno, nem um só deixei de ir ver as pombas na *piazzetta*. E tanto prazer senti em voltar alli, como em visitar uma vez só outros pontos desta cidade maravilhosa e sem rival, com avenidas cujo chão é agua, e cujas edificações são palacios de marmore banhados pelas aguas do Adriatico.

OSCAR LEAL.

CHARADAS

- 1, 1, 1 — Neste rio estudei este numero entre os
homens cultos.
1, 1, 1 — Não é bom o adverbio, porque é pe-
ninsula.
1, 1 — A musica na musica, é musica.
2, 2 — Na igreja esta fructa é cidade.
2, 3 — Move-se esta mulher para esta provincia
iberica.
Limoeiro, Pernambuco. ARTHUR CUNHA.

ENIGMA DE PALITOS



Os doze que aqui vês
colloca-os com attenção
e verás logo producto
mui superior ao sabão.

B. NEGRÃO.

ENIGMA PITTORESCO



Rio Grande do Sul.

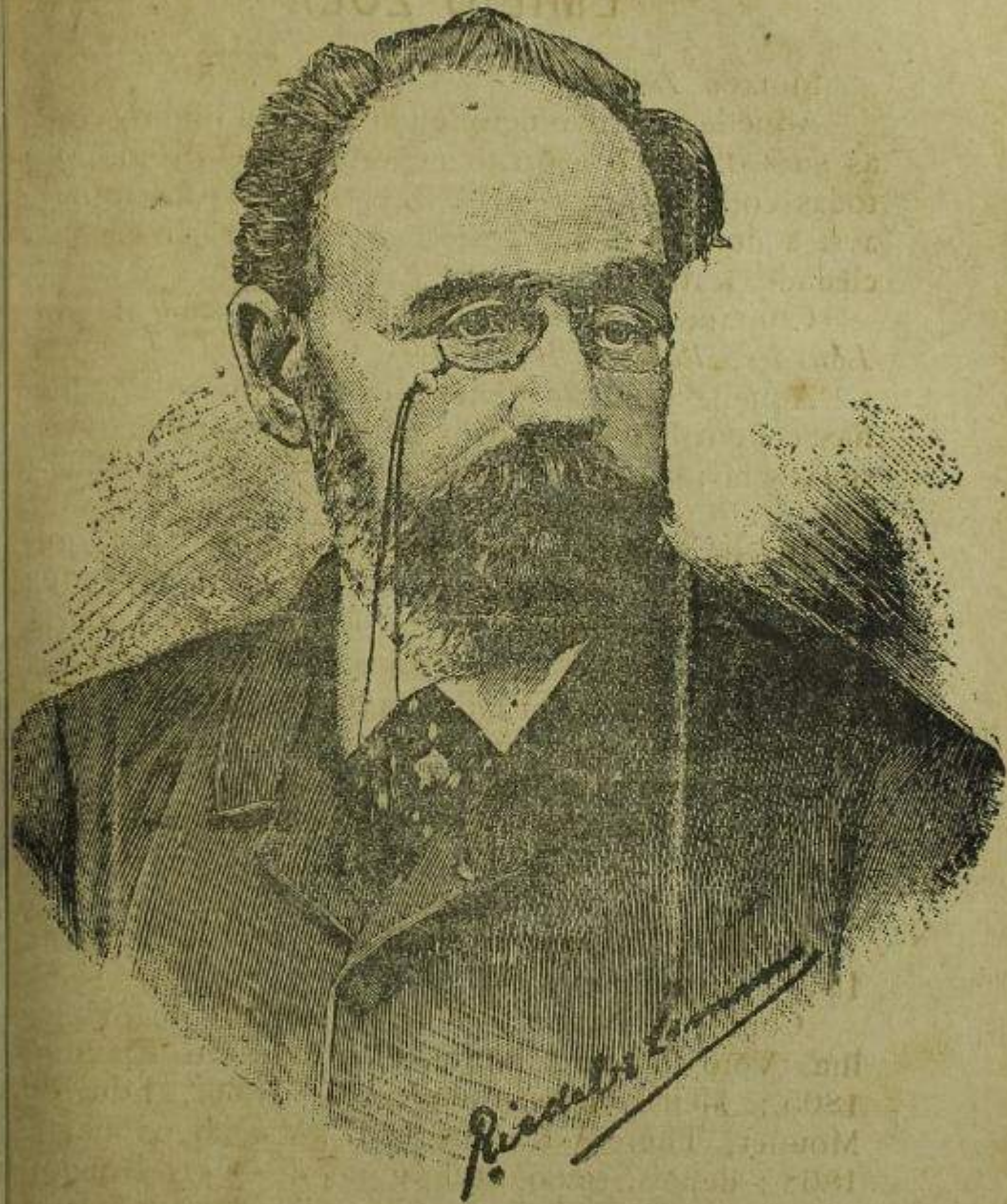
P. O. C.

LOGOGRIPHO
*Ao sr. Ricardo
Junior*

Nome de homem 7,8,4,8,10
nome de homem 1,2,4,2,3,8,10
nome de homem 6,8,9,10
nome de homem 1,2,3,4,5
Nome de homem.

S. Paulo.

LUIZ GONZAGA.



Emilio Zola

EMILIO ZOLA

Morreu Zola!

Aquelle que revolucionou o mundo inteiro com as suas obras, o espirito generoso que abandonou todas conveniencias sociaes e politicas para tomar a si a defesa de um desterrado da patria e da sociedade acaba de morrer!

Choram os corações de todos os que leram *Lourdes, Paris e Roma!*

Aquelle espirito generoso e philantropico, que nasceu entre o povo para melhor comprehender a sua escravidão e necessidades foi victima da fatalidade.

Dizem os jornaes que nos chegam de Paris, que a sua morte foi occasional. Quem o sabe? Entre os seus servicos póde-se garantir que não haveria algum que tivesse entregado a consciencia áquelles que o grande homem tanto tinha combatido? Não. Os seus inimigos eram muitos, e um grande genio, que combate e esphacela aos bocadinhos o cancro da sociedade ignorante, não póde viver demais.

Emilio Zola nasceu em Paris, a 2 de abril de 1840; suas obras são:

Contos a Ninon, 1864; *Mysterios de Marseilha*, Voto de uma morta, Confissão de Claudio, 1865; Meus odios, Meu salão, 1866; Eduardo Mounet, Thereze Raquin, 1867; Magdalena Ferat, 1868; depois, sob o titulo geral de — Os Rougon Macquart, — historia natural e social de uma familia do 2.º imperio, os seguintes volumes pela ordem de apparecimento: a Fortuna dos Rougon, a Pressa, o Ventre de Pariz, a Conquista de Plassans, a Falta do abbade Mouret, S. Exca. Eugenio Rou-

gon, Uma pagina de amor, Nana, Pot-Bouille, Au bonheur des dames, a Joie de vivre, o Germinal, a Obra, a Terra, o Sonho, a Besta humana, o Dinheiro, a Debacle, ou o Desmoronamento, e o Dr. Pascal, todos publicados de 1871 a 1893. Além deste e num genero todo diverso, Zola publicou outros volumes; taes são os Novos contos a Ninon, 1874; Theatro, 1878; Nossos auctores dramaticos, 1880; o Capitão Burle, 1882; Nais Micoulin, 1883; Lourdes, 1894; Roma, 1896; Pariz, 1898; e Fecundidade, 1899. Muitos de seus volumes foram postos em scena, causando sempre extraordinario successo.

CHARADAS

- 2, 1 — Num moinho de telhas, esconde-se o velhado.
1, 1 — Para fóra temivel ! Não vês a mulher de Cephalo ?
2, 1 — Se tens perspicacia de Napoleão descobres logo o cabo.

Rio de Janeiro.

NICOCLES.

ENIGMA

Na Hespanha uma bella cidade
A's direitas ireis encontrar,
As ávessas, que não tem faculdade
Direi áquelle que me não decifrar.

Riachuelo, Borda do Campo, Paraná.

ZEFERINO MARQUES.

LOGOGRIPHO

No caminho entr'as montanhas 5,2,3,6
Nas ramagens da parreira 3,6,1,2
Bellos cãchos belliscando
Avistei ave ligeira.

Palpitou-me jogar log.
Ou no gallo ou no pavão,
Fui depressa ao *book-maker*
E comprei-lhe uma fracção.
Valeu me bem o passeio,
Muitas pelegas ganhei.
Por isso que deu o gallo
E a sorte grande tirei.

CHARADAS

E' o jogo da letra, a vara. 1, 1
Letra, letra e planta. 1, 1
Planta, planta e planta. 2, 3

BELLEMONIO DA FONSECA.

AMERICANA.

PÉRGUNTAS ENIGMATICAS

Lança o rei mão da espada contra os valentes.
Onde está o tigre?

Come o parvo alho cosido sem sal. Onde está
o toleirão?

Deu o Sá tiros nuns monstros. Onde estão os
cynicos?

Na cova do rochedo tem sapos grandes e feios.
Onde está a medida?

S. Paulo, Capital. As GRAÇAS PAULISTAS.

CHARADAS (NOVISSIMAS)

Um numero aguardo para soffrimento. 1, 3

A divindade deu em latim um nome de homem.

1, 1, 1

Um pronome francez é interjeição e divindade. 1, 1

Canguaretama.

A NETTA DE POTY.

CHARADAS

- 1, 1, 1, 1 — No Atlantico até a primeira traz lucto
ao bandoleiro.
2, 3 — A baliza da sciencia é ser sciencia.
2, 2 — A fogueira tinha 100 centímetros, confor-
me o instrumento para medir a intensidade do
fogo.
S. Paulo. C. P. 3.

- 2, 1, 3 — A maior parte da nacionalidade iberica
consome arruda.
1, 2 — Coragem! disse o chefe, cuidado com a
alimentação.
1, 1 — Com esta planta faz o chinez sua cama.
LAURIANO CONSTANCIO PEREIRA.

A uma filha da Italia

Tu tens a compleição de helenica esculptura,
Artístico lavor em marmor de Carrára,
E's qual uma visão que o Dante imaginára
Ao cantar de Beatriz a pallida figura.

Si te mirasse Homero a nivea face pura,
O captivante olhar, do todo a fôrma rara,
O pai da Poesia, o bardo antigo ousára
Em versos divinaes louvar-te a formosura.

Si lá do excelso assento etereo e rutilante
Um nume te fitasse o magico semblante,
Pasmava se no Olympo, ó virgem, de te vêr.

Teus olhos têm o azul do ceu da Italia bella,
E's igual em ternura á candida Graziella
Que do bom Lamartine a lyra fez gemer.

BRAULIO PRÉGO.

Vem...

Vem a meu lado... Respira
o doce aroma que espira
a floescencia vernal.
Nos ramos, aves pipillam,
os aljofares scintillam,
á luz do sol matinal.

Em tudo a seiva de vida
paira brilhante, garrida,
quasi sorrindo-se até.
— A intelligencia se pasma
— O coração se enthusiasma
— Fulgura na mente a fé.

A garça branca esvoaça,
alvissima nuvem passa
no lago celeste e azul.
As saracuras revôam :
gritos vibrantes retrôam
nas verduras do paúl.

Soltos trechos das neblinas
nos cabeços das collinas
estendem diaphanos véos.
O alvo disco da lua,
já desmaiado fluctúa
no abysmo azuleo dos céos.

Ondúla em torno a alegria,
o sol modúla a harmonia
das espheras sideraes,
As flores, d'amor, soluçam,
— loucas d'amor — se debruçam
sobre as hastis virginaes...

CHARADAS (BISADAS)

a B. F. Negrão
Planta marinha — 3
— pi —
Republicano — 2

Magistrado antigo — 3
— bu —
Canto — 2

Conservação — 3
— ten —
Sobresalto — 2

BERNARDINO PENTEADO.

Salto do Pantano, Descalvado.

Vem a meu lado, creança!...
Refulge em tudo a esperança,
sinto n'alma estranho ardor.
Vem! e, juntos, num sorriso,
subamos ao paraíso
de nosso divino amor!...

HILDEBRANDO DE VASCONCELLOS.

CHARADA (BISADA)

Se fôres homem valente — 3

— ve —

Que animal tens na frente — 2

Cangussú. ARTHUR CRUZ.

Ella partiu

Ella partiu. Nas orlas do Oriente
Aureolado de luz o sol morria;
Além, muito além, soluçar sentia
Do rouxinol uma orchestra dolente.

Ella partiu, chorava, foi-se um dia...
Depois de ser amada e amar-me tanto;
Triste eu fiquei, a desfazer-m'em pranto
Ante o golpe fatal que me feria.

A sua voz de mystica harmonia,
Escrinio perolado de poesia,
A desprender-se em divinaes harpejos,
Inda sinto-a, ainda dentro dalma:
Ora ebria d'amor, ora em doce calma
Suavisar-me em sonoros beijos.

Ceará. J. FAÇANARO.

CHARADAS

Venus offertou uma flor a Jupiter. 3, 1
Tudo é questão e vaidade! 1, 2
O vaso que tenho tomei do ladrão. 2, 1
Na musica corre esta medida. 2, 2.

HERCULES.

Pará.

CHARADA CASAL

Ella está no canto jogando com *Elle*. — 2

LEONIDE MORAES.

CARLOS GOMES

Alguns jornaes têm noticiado que o saudoso maestro Antonio Carlos Gomes nascera a 11 de junho de 1839, o que é um engano. O maestro nasceu a 11 de julho de 1836, conforme consta do livro de registro de baptisados, existente na igreja matriz da Conceição e cujo assentamento é do teór seguinte :

«Aos desenove de julho de mil oitocentos e trinta e seis, nesta matriz, baptisou e pôz os Santos Oleos o reverendo vigario collocado Joaquim Anselmo de Oliveira, a Antonio, nascido a onze do mesmo mez; filho legitimo de Manoel José Gomes e Fabiana Maria Cardoso. Padrinhos: Bento da Rocha Camargo e Maria da Candelaria, mulher de José Custodio, todos desta parochia.» Livro 11, fls, 4, verso.

LOGOGRIPO

Estes, que passam o viver contentes. 6,8,13,5,18,12
Não amaram, e, se amam são felizes
Não sentiram ainda as cicatrizes. 1,11,12,2,5
Do amor que aos outros tornam descontentes.
Horas tristonhas, inclementes, 13,3,6,18,8,9,5
São as que tem na dôr fundas raizes.
Fazendo de felizes, — infelizes.
Creaturas sem sol, sem beijo quente. 9,14,11,10,18,3
Quantas vezes o olhar do bem amado
Entra em noss'alma como um raio puro.
E espalha em nós um goso não gozado !
Mas tambem, se o perdemos, tudo escuro ;
Fecha-se o coração triste, maguado
Maguadamente erramos sem futuro !

JOÃO TORRES.

EM CAMINHO DA MISSA

Repica o sino chamando os bons fieis á oração.
Por escabrosas ladeiras e por caminhos em
zig zags, descem innumerous fieis que vão em camin-
ho do branqueado templo da villa, louvar o
Creador e pedir-lhe perdão por seus peccados...

Como vão constrictos os bons fieis: suas almas
encobertas num profundo pesar, suas consciencias
pacificas, arrependidos de suas culpas e peccados;
assim vão elles em caminho do branqueado tem-
plo da villa, louvar o Creador e pedir-lhe perdão
por seus peccados. . . .

* * *

Velhinhas — mestas e seculares velhinhas, se-
guem a passos lentos, em caminho da missa...

* * *

E tú, deusa formosa e seductora, que segue
em caminho da missa... ajoelha-te aos pés da
Virgem-Mãe, e implora com teu sincero culto, —
um perenne colloquio de amor!...

PEDRO DE SOUZA PINTO.

CHARADAS (NOVISSIMAS)

Ao amigo Manoel de Faria Maia

No lago deixa a mulher da Hespanha. 1, 1, 2
A côr azul na igreja provém da circulação. 3, 1.
A musica em movimento é um cerimonial. 2, 2.
Esta mulher é uma mulher classificada entre os
batrachios e ophidios. 2, 2.
No deserto come o bebado. 1, 1.

S. Gonçalo de Una, Pernambuco.

ANTONIO FRANKLIN LINDOSO.

Ao mar

O coração que tenho no meu peito
é como tú, ó grande mar bravio !
Ora potente, energico, gentio,
ora sereno, brando e satisfeito.

A's vezes tem um ar de nobre aspeito,
outras modesto, de character frio,
outras ainda, tetrico, sombrio,
pois, como tudo, ó mar, não é perfeito.

A ti, é esse norte, o destemido,
que te perturba a doce mansidão ;
a elle, o cháos do mundo em que ha vivido,
cheio de pús, de lama, e podridão !
Ai ! Não conheço nada mais parecido
que tú, ó mar, e este coração !

18 - 2 - 901.

OSCAR MONTEIRO.

LOGOGRIPHO

A Ds. Flora de Almeida e Jovina Lessa

No vasto paiz da India 1, 2, 3, 4, 10, 6
Encontrei uma medida, 5, 2, 7, 8, 9, 6
Na mão de um meu parente, 1, 4, 11
Dizendo estar conferida.

Quando Cezar invadiu Inglaterra
Este rei que então a governava
Foi obrigado a deixar as plagas
Que elle tanto queria e idolatrava.

ALICE M. MODERNO.



Parte Historica e Estatistica

SERRA NEGRA

Ephemérides

I

JANEIRO

Em 1 de Janeiro de 1863 a Camara Municipal resolve representar aos poderes competentes pedindo a annexação deste municipio ao termo do Amparo.

— Em 2 deste mez do anno de 1864 delibera a Camara Municipal officiar ao bispo diocesano pedindo um vigario para esta parochia e a nomeação de um fabriqueiro.

— Por decreto n. 1242, de 3 de Janeiro de 1891, foi a comarca de Serra Negra classificada de primeira entrancia.

— Em sessão de 5 de Janeiro de 1863 resolve a Camara Municipal representar ao presidente da provincia, fazendo sentir a necessidade, que tinha a villa, de um correio e pedindo que o estafeta do Amparo chegasse até á villa.

— Aos 10 de Janeiro de 1893 foi provido no officio de segundo tabellião de notas e annexos o cidadão Fortunato José Dantas de Vasconcellos.

— Por provisão de 11 de Janeiro de 1875, foi auctorisada a bençãam do cemiterio da irmandade de S. Benedicto, e concedido que nelle fossem sepultados os corpos dos respectivos irmãos, quando defuntos.

— Por decreto de 19 de Janeiro de 1895, foi nomeada d. Anna Cezarina de Oliveira Moura Lacerda, professora adjuncta da escola do sexo feminino da cidade.

— Por decreto de 20 de Janeiro de 1897, declarado sem effeito por outro de 12 de Fevereiro do mesmo anno, foi removido o professor publico Silvino Adelino de Oliveira, da 1.^a cadeira de Serra Negra, para a 2.^a de Bragança.

— Em 1898, aos 21 de Janeiro, foi removido de Ubatuba para Serra Negra, o juiz de direito, bacharel João Gonçalves de Oliveira.

— Em sessão de 26 de Janeiro de 1873, a Camara Municipal delibera representar á Assembléa Provincial, pedindo que se rectificassem as divisas entre esta então villa e a cidade do Amparo, por serem confusas.

II

FEVEREIRO

— Em sessão de 1 de Fevereiro de 1887, resolve a Camara Municipal representar á Assembléa Provincial contra o projecto de annexação á nova freguezia do Bom Jesus do Monte Alegre, dos bairros dos Alves e da Serra, pertencentes a este municipio.

— Aos 3 de Fevereiro de 1876, em sessão, a Camara Municipal resolve representar aos poderes competentes pedindo a fixação das divisas do municipio.

— No anno de 1888, aos 3 deste mez, foi approvada, por maioria de votos, a indicação apresentada á Camara Municipal pelo vereador João Chrysostomo Pupo, para que esta, pelos termos legais, manifeste o seu desejo de ser consultada a Nação sobre a disposição do art. 4 da Constituição Politica do Imperio e dos outros artigos, que lhe dizem respeito.

— Em 1870, a Camara Municipal resolve, na sessão effectuada a 8 deste mez, representar á Assembléa Provincial pedindo a desmembração deste municipio do termo do Amparo, para ser annexado ao de Mogy-mirim.

— Em 9 de Fevereiro de 1875 resolve a Camara Municipal abrir uma rua no bairro denominado Varzea.

— Por decreto de 12 deste mez do anno de 1897 foi declarada sem effeito a remoção concedida por decreto de 20 de Janeiro, ao professor Silvino Adelino de Oliveira.

— Aos 18 de Fevereiro de 1898 foram autorisados a permutar os respectivos cargos os officiaes do registro geral de hypothecas das comarcas do Amparo e Serra Negra, cidadãos Bernardo Faria e Manoel José Vaz de Almeida.

— Em sessão de 19 de Fevereiro de 1887 a Camara Municipal resolve mandar fazer a numeração das casas e denominar as ruas e largos da cidade, passando a rua de Santa Cruz a chamar-se Visconde do Rio Branco; a rua das Flores, rua José Benifício; a travessa Santo Antonio, rua Municipal; a travessa do Tanquinho, rua Saldanha Mari-

nho; a rua, que atravessa o largo do Rosario até a casa da machina, rua Direita; a rua, que segue do canto da casa da machina até o fim, rua Sete de Setembro; a rua da Ponte, rua Tiradentes; a rua da Varzea, rua da Liberdade.

— Em 20 de Fevereiro de 1860 resolve a Camara Municipal representar á Assembléa Provincial, pedindo o auxilio de um conto de réis para os reparos da egreja matriz desta parochia.

— Em 20 de Fevereiro de 1885 a Camara sollicita da Assembléa Provincial a elevação da villa á cathegoria de cidade, a creação de mais duas cadeiras de primeiras letras, sendo uma na cidade e outra no bairro dos Pintos, e a verba de oito contos de réis para a construcção de uma cadeia.

— Aos 22 de Fevereiro de 1884 a Camara resolve representar ao Governo Provincial pedindo a creação de fôro e conselho de jurados.

— A 24 de Fevereiro de 1856 visitou a egreja matriz de Serra Negra, o bispo D. Antonio Joaquim de Mello.

— Em virtude da lei n. 3, de 24 de Fevereiro de 1863, o municipio de Serra Negra passou a fazer parte do termo do Amparo, e comarca de Bragança.

III

MARÇO

Por decreto de 1 de Março de 1897 foi removido desta comarca para a de S. Carlos do Pinnhal, o promotor publico dr. Alfredo de Toledo, dando occasião esse decreto, a uma representação dirigida ao general dr. Campos Salles, presidente do Estado, e concebida nos seguintes termos:

« Exmo. Sr. — Appreciadores do modo
« sempre correcto e intelligente com que o
« dr. Alfredo de Toledo se tem desempenhado
« de seus deveres civicos e profissionaes de
« bom cidadão e optimo funcionario publi-
« co, de maneira a grangear a consideração
« e respeito, que nesta comarca lhe votam to-
« dos os homens sensatos; convictos de que
« sua permanencia nesta comarca de Serra
« Negra será util á administração da justiça e
« conveniente aos interesses do Estado, que
« encontra no promotor, ora removido, um
« servidor prompto, leal e dedicado; sabendo
« tambem que ao bello conjuncto de nobres
« e alevantados dotes, que exornam a perso-
« nalidade de v. exa., não falta o desejo de
« satisfazer a vontade do povo, quando justa
« e digna, como justa e digna é a pretensão
« dos infra assignados; e, mais, tendo certeza
« de que no espirito finamente educado de
« v. exa. se aninha o intento louvabilissimo
« de que todos os actos de v. exa. tenham
« como base solida de seu acerto os senti-
« mentos de justiça, os abaixo assignados pe-
« dem seja declarado sem effeito o decreto,
« que removeu o dr. Alfredo de Toledo para a
« comarca de S. Carlos do Pinhal, na certeza
« de que assim praticará v. exa. um acto não
« só de inteira justiça, como de grande con-
« veniencia aos interesses da lei e desta co-
« marca. Serra Negra, 3 de Março de 1897.
« *Braz Odorico de Freitas*, juiz de direito da
« comarca; *dr. José Antonio de Mello*; *padre*
« *João Baptista Bellinfante*; *dr. Antonio Pau-*
« *lino da Silva*; *dr. Caetano de Faria Cas-*
« *tro*; *dr. Francisco Rodrigues Sette.* » Seguem

mais cento e noventa e cinco assignaturas.

— Por decreto de 3 de Março de 1897 foi declarado sem effeito o decreto que removeu o promotor publico dr. Alfredo de Toledo, desta comarca para a de S. Carlos do Pinhal.

— Em 3 de Março de 1889 a Camara Municipal resolve contractar a factura de dois chafarizes, cada um delles com duas torneiras, sendo um no largo S. Benedicto e outro no largo da Matriz.

— Fortunato José Dantas de Vasconcellos foi nomeado escrivão de orphans e ausentes em 4 de Março de 1885.

— Em 5 de Março de 1875 a Camara Municipal enviou ao presidente da Provincia, para fazer chegar á Assembléa Provincial, duas representações, na primeira das quaes se pedia fosse consignada no orçamento a verba de seis contos de réis para o concerto da estrada, que desta villa segue para a cidade do Amparo, e na segunda se protestava contra a passagem de sitios deste municipio para outros, e se pedia a conservação deste municipio com suas antigas divisas.

— Aos 5 de Março de 1887 resolve a Camara Municipal mandar arrancar as porteiras existentes nas entradas da cidade.

— Em virtude da lei n. 15, de 9 de Março de 1871 foi incorporada ao municipio de Serra Negra, sendo desligada do Amparo, a fazenda denominada *Rumo*, pertencente a Estanislao Furquim de Campos Cintra e outros.

— Por decreto de 9 de Março de 1897 foi approvada a nomeação de Manoel Carlos de Toledo para professor interino da escola provisoria do bairro da Serra.

— Pela lei n. 23, de 12 de Março de 1841 a

capella de Serra Negra, pertencente ao municipio de Mogy-mirim, foi elevada a freguezia.

— Em virtude da lei n. 10, 13 de Março de 1872, art. 2, foi desligada deste municipio a fazenda *Vanguarda*, de propriedade de Tristão da Silveira Campos, passando ella a pertencer ao do Amparo.

— Aos 14 de Março de 1885 a Camara Municipal representou ao Governo Provincial pedindo a nomeação de um juiz municipal, formado, para este termo.

— Em virtude da lei n. 18, de 16 de Março de 1866, foram desligados do municipio de Serra Negra os bairros denominados dos Pantaleões e Silveiras e incorporados ao do Amparo, sendo observadas, provisoriamente, até que por lei se fixem novas, as divisas destes bairros estabelecidas pela auctoridade ecclesiastica.

— Por provisão de 17 de Março de 1898 foi nomeado coadjutor da parochia o padre Dario Azzi.

— Em sessão de 21 de Março de 1885 a Camara Municipal deliberou acceitar o offercimento feito por João Chrisostomo Pupo, de um terreno para a continuação da rua das Flores.

— Pela lei n. 12, de 24 de Março de 1859, a freguezia de Serra Negra foi elevada a villa, sendo os respectivos habitantes obrigados a construir cadeia e casa da camara á sua custa.

— Em 28 de Março de 1892 foi inaugurado o ramal ferreo da Companhia Mogyana, que liga a cidade do Amparo á de Serra Negra.

— O dr. Gastão Galhardo Madeira foi, por decreto de 28 de Março de 1899, nomeado curador geral de orphans e auzentes.

— Em virtude da lei n. 16, de 30 de Março de 1858, a freguezia de Serra Negra ficou fazendo parte integrante da comarca de Mogy-mirim,

IV

ABRIL

Pela lei n. 8, de 2 de Abril de 1856 obteve Serra Negra uma cadeira de primeiras letras, para o sexo feminino.

— Em 2 de Abril de 1887 a Camara resolve mandar fazer mais seis lampeões para a illuminação publica.

— Em virtude da lei n. 49, de 2 de Abril de 1871, foi desligado do municipio o sitio denominado dos Lages, pertencente a José de Araujo Ferraz, e incorporado ao da Penha de Mogy-mirim.

— A lei n. 31, de 5 de Abril de 1866 incorporou ao municipio a parte da fazenda de Francisco da Silveira Campos, em que moram Lucas da Silveira Campos Cintra, Tristão da Silveira Campos, Antonio da Silveira Pinto de Araujo e Pedro Nolasco da Silveira.

— A lei n. 51, de 10 de Abril de 1872, desmembrou do municipio as fazendas pertencentes a Pedro Nolasco da Silveira, Lucas da Silveira Campos Cintra e Estanistão Furquim de Campos Cintra, as annexando ao do Amparo.

— Em 10 de Abril de 1895 foi exonerado do cargo de promotor publico o dr. Antonio Paulino da Silva e nomeado para o mesmo cargo o dr. José Leite de Arruda.

— Em 11 de Abril de 1864 a Camara, respondendo a uma circular do Governo datada de 10 de Março, affirma que a esta povoação não foi concedido terreno algum.

— Em 14 de Abril de 1888 a Camara nomeia uma commissão para, verificando quaes os senhores que ainda possuem escravos, officiar aos mesmos

rogando-lhes que concedam liberdade immediata, dando baixa na matricula.

— Em virtude da lei n. 40, de 16 de Abril de 1874, passou deste municipio para o de Amparo o sitio denominado *Bom Retiro*, de Dona Francisca Carolina da Silveira e outros.

— A lei n. 41, de 16 de Abril de 1874, passou deste para o municipio da Penha de Mogy-mirim a fazenda de João Baptista Gonzaga Cintra.

— Em 16 de Abril de 1887 delibera a Camara representar ao Administrador Geral dos Correios pedindo a mudança do horario da chegada do correio a esta cidade, de modo que os habitantes possam receber suas correspondencias no mesmo dia da sahida da capital.

— Por provisão de 18 de Abril de 1861, foi nomeado vigario encommendado o padre Candido José Corrêa.

— A lei n. 89, de 18 de Abril de 1870, desligou deste municipio as fazendas *Santa Helena*, de José Jacintho de Araujo Cintra, e *Rumo*, pertencente a Estanslão Furquim de Campos Cintra e outros, annexando-as ao municipio do Amparo.

— A lei n. 69, de 20 de Abril de 1873, desligou deste municipio o sitio denominado *Pary* e o incorporou ao do Amparo.

— A lei n. 78, de 21 de Abril de 1873, creou a comarca do Amparo, comprehendendo o termo deste nome os municipios de Serra Negra e Socorro.

— Em virtude da lei n. 115, de 21 de Abril de 1885 foi Serra Negra elevada á cathegoria de cidade.

— Pela lei n. 51, de 23 de Abril de 1875 foi concedida uma loteria á matriz de Serra Negra.

— Por decreto de 28 de Abril de 1898 foi

acceita a desistencia, que o cidadão Bernardo Faria apresentou, da serventia vitalicia do officio de registro geral de hypothecas e respectivos annexos.

V

MAIO

Em sessão de 1 de Maio 1868 deliberou a Camara officiar ao governo da provincia pedindo a criação de um correio publico do Amparo a esta villa.

— Em sessão de 1 de Maio de 1886 a Camara, attendendo a uma representação dos móradores do bairro das Tres Barras, que se compromettiam a edificar no centro do mesmo bairro um predio, que servisse para residencia do professor, resolve solicitar da Assembléa Provincial a criação de uma escola naquelle bairro.

— Em 14 de Maio de 1887 resolve a Camara representar aos poderes publicos pedindo a criação de mais uma escola na cidade.

— Por acto de 16 de Maio de 1884 foi creado o termo de Serra Negra.

— Aos 31 de Maio de 1878 a Camara resolve pôr á disposição do professor de primeiras letras a quantia de vinte mil réis para a factura de uma pedra para o ensino de arithmetica.

VI

JUNHO

Em virtude da lei n. 14, de 15 de Junho de 1869 foi desligado do municipio de Serra Negra o sitio de Antonio da Silveira Pinto de A aujo e reunido ao do Amparo.

— Pelo decreto n. 2911, de 15 de Junho de 1898 foi creada uma brigada de infantaria de guardas nacionaes, na comarca de Serra Negra.

— Por decreto de 15 de Junho de 1901 foi acceita a des.stencia que José Americo Ribeiro apresentou da serventia vitalicia do officio de registro geral de hypothecas e annexos da comarca.

— Em 21 de Junho de 1877 a Camara delibera desapropriar um terreno para a abertura de um becco, partindo do pateo de S. Cruz a sahir na rua das Flores.

— Em 30 de Junho 1888 a Camara resolve a abertura de um becco, que, da rua José Bonifacio dê communicação para os fundos do mercado.

VII

JULHO

Em 3 de Julho de 1893 foi provido Manoel José Vaz de Almeida no officio de registro geral de hypothecas e annexos.

— Aos 4 de Julho de 1893, José Bonifacio Rebello de Amorim foi provido na serventia vitalicia do primeiro officio de tabellião de notas e respectivos annexos.

— Por decreto de 6 de Julho de 1897 foi approvada a nomeação de D. Geraldina do Nascimento Santos, para professora interina da escola provisoria, segunda cadeira, da cidade.

— Por provisão de 7 de Julho de 1879 foi auctorizada a bençam do novo cemiterio, a qual foi feita em 3 de Agosto.

— A lei n. 534, de 12 de Julho de 1898 creou mais quatro escolas publicas no municipio, sendo uma no bairro de S. Akixo, outra na dos Cos-

tas, outra no da Serra de Cima e a quarta no da capella de Brotas, sendo as tres primeiras para o sexo masculino e a ultima para o feminino.

— Em 15 de Julho de 1885 teve lugar a installação da cidade.

— A 17 de Julho de 1889 foi nomeado collecter de rendas, o cidadão José do Nascimento Santos.

— Por decreto de 19 de Julho 1898 foi nomeado o professor preliminar com exercicio na primeira escola do sexo masculino da cidade, Silvino Adelino de Oliveira, para o cargo de adjuncto do grupo escolar *Dr. Almeida Vergueiro*, em Espirito Santo do Pinhal.

— A 23 de Julho de 1896 foi exonerado do cargo de promotor publico o dr. José Leite de Arruda e nomeado para esse cargo o dr. Alfredo de Toledo.

— Por acto de 27 de Julho de 1895 foi creado o districto policial da capella de Brotas.

— A lei n. 638, de 29 de Julho de 1899, creou o districto de paz de Lyndoia, com as mesmas divisas do districto policial da capella de Brotas.

VIII

AGOSTO

Em sessão de 6 de Agosto de 1887, a Camara escolhe o lugar, que fica em frente ao cemiterio velho, para nelle ser edificada a cadeia.

-- Por decreto de 13 de Agosto de 1900 foi autorisada a permuta dos respectivos cargos aos juizes de direito das comarcas de Avaré e de Serra Negra drs. Pacifico Gomes de Oliveira Lima e João Gonçalves de Oliveira.

— Em sessão extraordinaria de 17 de Agosto

de 1868 resolveu a Camara representar ao presidente da provincia mostrando a necessidade de se crear nesta villa uma agencia do correio.

— Por acto de 19 de Agosto de 1896 foi nomeado curador geral de orphans e ausentes o dr. Alfredo de Toledo.

— Em sessão de 23 de Agosto de 1884 a Camara, respondendo a uma circular da Presidencia da Provincia, deliberou informar que não existem no municipio terras devolutas.

— A lei n. 570, de 27 de Agosto de 1898, creou uma escola para o sexo masculino e outra para o feminino na cidade.

— Por decreto de 29 de Agosto de 1898 foi provido José Americo Ribeiro na serventia vitalicia do registro geral de hypothecas e respectivos annexos.

IX

SETEMBRO

Em 3 de Setembro de 1895, a lei n. 373 creou uma escola publica para o sexo masculino e outra para o feminino, na cidade.

— Em 4 deste mez do anno de 1874, a Camara, deferindo o requerimento de Vicente Ferreira Alves Nogueira, concedeu lhe a sala da municipalidade para nella installar uma aula nocturna de primeiras letras.

— Em 5 do mesmo anno e mez a Camara resolveu desapropriar os terrenos de Joaquim Rodrigues Forro e Carlos Honorio de Andrade na rua de Santa Cruz para abrir uma travessa.

— No anno de 1873, em sessão de 6 deste mez a Camara deliberou denominar as ruas e largos da villa pela maneira seguinte: a rua, que entra do Am-

paro, teve o nome de rua de S. Cruz; a rua, que desce do major Estanislão até a casa de Manoel Joaquim, o de rua Direita, e da casa de Manoel Joaquim para baixo, teve a denominação de rua do Commércio; a rua, em que morava o sr. José Gomes, a de rua das Flores; a rua, que passa por detraz da matriz, a de rua de Santo Antonio; o largo em frente á igreja de S. Benedicto, a de largo de S. Benedicto; o largo em frente á igreja matriz, a de largo da Matriz.

— Em 7 de Setembro de 1859 effectuou-se a installação da villa.

— Na sessão da Camara Municipal, realisada a 15 deste mez no anno de 1875, foi liça e assignada uma representação dirigida a S. M. o Imperador, pedindo a nomeação do dr. Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho para juiz de direito da comarca do Amparo, de que Serra Negra era então parte.

— Em 19 de Setembro de 1885 a Camara accitou a proposta, feita por Camillo José Pires, de incumbir-se da illuminação publica, por quarenta e cinco mil réis mensaes.

— Por decreto de 20 de Setembro de 1892 foi nomeado, em virtude da nova organização da magistratura, juiz de direito da comarca o dr. Braz Odorico de Freitas.

— A colonia italiana realiza em 20 de Setembro de 1897 imponentes festas para solemnizar a unificação da Italia e á noite se dirigiu, precedida de duas bandas de musica, á residencia do dr. Alfredo de Toledo, a quem fez grandiosa manifestação de apreço e offereceu o diploma, ricamente emoldurado, de socio honorario da *Societá Italiana di Mutuo Soccorso Umberto I.*

— A lei n. 104, de 24 de Setembro de 1892,

creou quatro escolas publicas no municipio, sendo uma no bairro das Tabaranas, outra no do Barreiro, outra no da Serra e outra no das Tres Barras.

X

OUTUBRO

Em 7 de Outubro de 1882 a Camara resolve officiar ao presidente da Provincia pedindo a entrega da quantia de seis contos de réis, producto de uma loteria, que a Assembléa Provincial decretou em favor das obras da igreja matriz.

— Em 14 de Outubro de 1880 a Camara resolve augmentar mais oito lampeões á illuminação publica, ficando esta composta de 24 lampeões.

— Por provisão de 20 de Outubro de 1858, foi concedida ao padre Antonio Manoel de Camargo Lacerda, vigario encommendado da villa do Amparo, encarregado da freguezia de Serra Negra, faculdade para visitar o cemiterio erecto na mesma freguezia e, achando-o decente, a benzer na fórma do ritual romano.

XI

NOVEMBRO

Aos 9 de Novembro de 1828 foram feitos os nove primeiros baptisados, que tiveram logar na capella curada de Serra Negra.

— « Requeren hoje, lê-se n'A *Platéa* n. 117, de 14 de Novembro de 1898, sua exoneração dos cargos de promotor publico e curador geral de orphans da comarca de Serra Negra o tenente-coro-

nel dr. Alfredo de Toledo, que exerceu aquelles cargos durante dois annos, com intelligencia e inexcusavel correcção.»

— Em 19 de Novembro de 1895 Joaquim Afonso Pereira Sodré foi nomeado escrivão da collectoria de rendas.

— Em 22 de Novembro de 1898 foi exonrado, a pedido, do cargo de promotor publico, o dr. Alfredo de Toledo, e nomeado para o mesmo cargo o dr. Gastão Galhardo Madeira.

— Em 23 de Novembro de 1876 resolve a Camara comprar ou desapropriar um terreno de Jorge Franco do Amaral e Antonio Marques da Rocha e que foi dos herdeiros de Roque Antonio Pereira, para nelle edificar o cemiterio municipal.

— Aos 27 de Novembro de 1828 se effectuou o primeiro casamento celebrado na capella curada de Serra Negra, sendo celebrante o capellão curado Camillo José de Moraes Lellis e contrahentes Ignacio José de Moraes, filho legitimo de Antonio José de Moraes e de Clara Domingues dos Passos, e Escolastica Maria Franco, filha legitima de Joaquim Alves da Cunha, então já fallecido, e de Gertrudes Maria Cardoso; o contrahente natural de Bragança e a contrahente de Atibaia.

— Por decreto de 27 de Novembro de 1895 foi creado um curso nocturno na cidade.

— Em 29 de Novembro de 1860 é concedida pela Camara, á irmandade de S. Benedicto, licença para construir um cemiterio.

XII

DEZEMBRO

— Em sessão de 4 de Dezembro de 1879 resolve a Camara, accitando o offerecimento de diversas pessoas, que punham á disposição da Camara o material para a illuminação publica, contractar com Francisco José de Castro a illuminação por seis mezes por 280\$000 rs., ficando a cargo do empresario os concertos necessarios.

— Por provisão de 15 de Dezembro de 1882, foi auctorisada a bençam do cemiterio da I mandade de S. Benedicto.

— Em 18 de Dezembro de 1861 resolve a Camara mandar abrir um becco entre a casa de Salvador Franco e a de João José Pinto da Fonseca.

— Em sessão de 18 de Dezembro de 1879 a Camara resolve auxiliar o professor publico com 100\$000 réis annuaes para aluguel de uma sala, que tenha commodidades para o ensino.

— Na sessão de 21 de Dezembro de 1876 foi acceito pela Camara o offerecimento que fez o major Estanislaó Furquim de Campos Cintra, de mandar levantar 300 palmos de taipa em quadra, para o cemiterio municipal.

— Por decreto de 21 de Dezembro de 1897 foi removido, a pedido, de Serra Negra para Itapira, o juiz de direito dr. Braz Odorico de Freitas.

— Em 23 de Dezembro de 1891 foi exonerado do cargo de promotor publico o dr. Affonso de Azevedo Marques.

— Por decreto n. 95, de 26 de Dezembro de 1889, foi Serra Negra elevada a termo, com um logar de juiz municipal e de orphams.

-- Por decreto de 29 de Dezembro de 1891 foi

nomeado promotor publico o dr. Antonio Paulino da Silva.

— O decreto n. 114, de 30 de Dezembro de 1890 elevou Serra Negra á cathegoria de comarca

— Em 31 de Dezembro de 1897 o juiz de direito da comarca, dr. Braz Odérico de Freitas dirigiu ao promotor publico dr. Alfredo de Toledo o seguinte officio: «O bacharel Braz Odorico de Freitas, juiz de direito desta comarca de Serra Negra etc. Attesto que o sr. dr. Alfredo de Toledo, Promotor Publico desta comarca, exerceu sempre o referido emprego com a maior honestidade e com toda a proficiencia, sendo diligente e zeloso em satisfazer os seus deveres, não deixando por forma alguma perecerem os interesses da Justiça Publica, que lhe estavam confiados, pelo que foi sempre por este Juizo considerado como um excellente auxiliar. Para constar e por ter de deixar a jurisdicção do cargo em consequencia de remoção para a comarca de Itapira, passo o presente de que poderá o mesmo usar onde e quando convier. — Serra Negra, 31 de Dezembro de 1897. — *Braz Odorico de Freitas.* »

—
Faciant meliora potentes.

Serra Negra, 1901.

PEDRO DA SILVEIRA.

Administradores da Provincia de S. Paulo

O cargo de presidente da provincia foi creado por carta de lei de 20 de Outubro de 1823, e foi na provincia de S. Paulo exercido pelos abaixo mencionados :

1 — Lucas Antonio Monteiro de Barros, depois visconde de Congonhas de Campo. Serviu desde 1 de Abril de 1824 até 21 de Abril de 1826 e de Setembro de 1826 até 4 de abril de 1827.

Vice-pres. coronel Luiz Antonio Neves de Carvalho. De 22 de abril a setembro de 1826; e de 5 abril até 18 dezembro 1827.

2 — Thomaz Xavier Garcia de Almeida. De 19 dezembro 1827 a 17 abril 1828.

Vice-pres. vigario capitular dr. Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade. De 18 abril a 4 outubro de 1828.

Vice-pres. dr. Manoel Joaquim d'Ornellas. De 5 outubro 1828 a 2 Janeiro 1829

3 — José Carlos Pereira de Almeida Torres, depois visconde de Macahé. De 13 Janeiro a 9 março 1829; e de 10 outubro de 1829 a 14 abril 1830.

Vice pres. bispo diocesano d. Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade. De 10 março a 9 outubro 1829; e de 15 abril 1830 a 4 janeiro 1831.

4 — Aureliano de Sousa Oliveira Coutinho, depois visconde de Sepetiba. De 5 janeiro a 16 abril de 1831.

Vice-pres. bispo diocesano d. Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade. De 17 abril a 19 junho 1831.

5 — Coronel Manoel Theodoro de Araujo Azambuja. De 20 junho a 16 novembro de 1831.

6 — Coronel Rafael Tobias de Aguiar. De 17 novembro 1831 a 27 maio 1834; e de 14 setembro 1834 a 10 maio 1835.

Vice-pres. dr. Vicente Pires da Motta. De 28 maio a 13 setembro 1834.

Vice-pres. Francisco Antonio de Sousa Queiroz, depois senador. De 11 maio a 24 novembro 1835.

7 — José Cesario de Miranda Ribeiro, depois visconde d'Uberaba. De 25 novembro 1835 a 29 abril de 1836.

Vice-pres. José Manoel França. De 30 abril a 1 agosto de 1836.

8 — Brigadeiro Bernardo José Pinto Gavião Peixoto. De 2 agosto 1836 a 11 março de 1838.

9 — Dr. Venancio José Lisboa. De 12 março 1838 a 10 julho de 1839.

10 — Dezemb. Manoel Machado Nunes, depois conselheiro. De 11 julho 1839 a 5 agosto 1840.

11 — Coronel Raphael Tobias d'Aguiar, depois brigadeiro. De 6 agosto 1840 a 14 julho 1841.

12 — Chefe d'esquadra Miguel de Sousa Mello e Alvim, depois conselheiro. De 15 julho 1841 a 12 janeiro 1842.

Vice-pres. dr. Vicente Pires da Motta. De 13 até 19 janeiro de 1842.

13 — José da Costa Carvalho, barão e depois visconde de Monte-Alegre. De 20 janeiro a 16 agosto de 1842.

14 — Dezembargador José Carlos Pereira de Almeida Torres, depois visconde de Macahé. De 17 agosto 1842 a 26 janeiro 1843.

15 — Coronel Joaquim José Luiz de Souza. De 27 janeiro a 24 novembro 1843.

16 — Major Manoel Felizardo de Souza e Mello, depois conselheiro, etc. De 25 novembro 1843 a 21 abril 1844.

Vice-pres. brigadeiro Joaquim José de Moraes e Abreu. De 22 abril a 31 maio 1844.

17 — Marechal de campo Manoel da Fonseca Lima e Silva, depois barão de Suruby e marechal do exercito. De 1 junho 1844 a 4 novembro 1847.

Vice-pres. brigadeiro Bernardo José Pinto Gavião Peixoto. De 5 novembro 1847 a 15 maio 1848.

Vice-pres. coronel Joaquim Floriano de Toledo. De 16 a 22 maio 1848.

18 — Dr. Domiciano Leite Ribeiro, depois conselheiro. De 23 maio a 15 outubro 1848.

19 — Conselheiro dr. Vicente Pires da Motta. De 16 outubro 1848 a 26 agosto 1851.

20 — Dr. José Thomaz Nabuco de Araujo, depois senador. De 27 agosto 1851 a 18 maio 1852.

Vice-pres. dr. Hippolyto José Soares de Sousa. De 19 maio a 12 setembro 1852.

Vice-pres. Barão do Tieté. De 13 até 29 setembro 1852.

21 — Dr. Joaquim Octavio Nebias. De 30 setembro a 16 dezembro 1852.

Vice-pres. conselheiro Carlos Carneiro de Campos, depois senador. De 17 dezembro 1852 a 3 de janeiro 1853.

22 — Dr. Josino Nascimento Silva, depois conselheiro. De 4 janeiro 1853 a 25 junho de 1854.

23 — Dr. José Antonio Saraiva, depois senador. De 26 junho de 1854 a 15 maio 1855.

Vice-pres. Dr. Antonio Roberto de Almeida. De 16 maio de 1855 a 28 Abril 1856.

24 — Dr. Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos, depois senador. De 29 abril 1856 a 21 janeiro 1857.

25 — Senador José Joaquim Fernandes Torres. De 27 setembro 1857 a 5 junho 1859, e de 26 setembro 1859 a 16 abril 1860.

Vice-pres. dr. Hippolyto José Soares de Sousa. De 6 a 29 de junho 1859.

Vice-pres. Conselheiro dr. Manuel Joaquim do Amaral Gurgel. De 30 junho a 25 setembro 1859.

26 — Dr. Polycarpo Lopes de Leão. De 17 abril a 21 outubro de 1860.

Vice-pres. Conselheiro dr. Manuel Joaquim do Amaral Gurgel. De 22 outubro a 16 novembro 1860.

27 — Conselheiro dr. Antonio José Henriques. De 17 novembro 1860 a 13 maio 1861.

Vice-pres. conselheiro dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel. De 14 maio a 7 junho 1861.

28 — Dr. João Jacintho de Mendonça. De 8 junho 1861 a 23 setembro 1862.

Vice-pres. dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel. De 24 setembro a 15 outubro 1862.

29 — Conselheiro dr. Vicente Pires da Motta. De 16 outubro 1862 a 2 fevereiro 1864.

Vice-pres. dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel. De 3 fevereiro a 7 março 1864.

30 — Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, depois barão Homem de Mello. De 8 Março a 23 outubro 1864.

Vice-pres. coronel Joaquim Floriano de Toledo. De 24 outubro a 6 novembro 1864.

31 — Conselheiro dr. João Chrispiniano Soares. De 7 novembro 1864 a 17 julho 1865.

Vice-pres. coronel Joaquim Floriano de Toledo. De 18 julho a 2 agosto 1865.

32 — Dr. João da Silva Carrião, depois conselheiro. De 3 agosto 1865 a 2 março 1866.

Vice-pres. coronel Joaquim Floriano de Toledo. De 3 março a 7 novembro de 1866.

33 — Desemb. José Tavares Bastos, depois conselheiro. De 8 novembro 1866 a 11 novembro de 1867.

Vice-pres. coronel Joaquim Floriano de Toledo.
De 12 a 23 outubro 1867.

34 — Conselheiro dr. Joaquim Saldanha Maranhão. De 24 outubro 1867 a 23 abril 1868.

Vice-pres. coronel Joaquim Floriano de Toledo
De 24 de Abril a 28 Julho 1868.

Vice-pres. barão do Tieté. De 29 Julho a 9 Agosto 1868.

Vice-pres. dr. José Elias Pacheco Jordão. De 10 a 23 Agosto 1868.

35 — Senador conselheiro barão de Itaúna. De 27 Agosto 1868 a 24 abril 1869.

Vice-pres. commendador Antonio Joaquim da Rosa. De 25 a 30 de Abril 1869.

Vice-pres. dr. José Elias Pacheco Jordão. De 1 a 29 de Julho 1869.

36 — Dr. Antonio Candido da Rocha. De 30 Julho 1869 a 27 Outubro 1870.

Vice-pres. conselheiro Vicente Pires da Motta.
De 28 de Outubro a 4 Novembro 1870.

37 — Dr. Antonio da Costa Pinto e Silva. De 5 Novembro 1870 a 12 Abril 1871.

Vice-pres. conselheiro Vicente Pires da Motta.
De 13 a 28 Abril 1871.

Vice-pres. mosenhor Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade. De 29 Abril a 29 Maio 1871.

38 — José Fernandes da Costa Pereira Junior.
De 30 Maio 1871 a 18 Junho 1872.

39 — Conselheiro Francisco Xavier Pinto Lima.
De 19 Junho a 20 Dezembro 1872.

40 — Dr. João Theodoro Xavier. De 21 Dezembro 1872 a 29 Maio 1875.

Vice-pres. mosenhor Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade. De 30 Maio a 7 Junho 1875.

41 — Dr. Sebastião José Pereira. De 8 Junho 1875 a 18 Janeiro 1878.

Vice-pres. monsenhor J. M. Gonçalves de Andrade. De 18 Janeiro a 1 Fevereiro 1878. Comendador Antonio Aguiar de Barros. De 1 a 5 Fevereiro 1878.

42 — Dr. João Baptista Pereira. De 5 Fevereiro a 7 Dezembro 1878.

Vice-pres. conde de Tres Rios. De 7 Dezembro 1878 a 12 Fevereiro 1879.

43—Dr. Laurindo Abelardo de Brito. De 12 Fevereiro 1879 a 4 Março 1881.

Vice-pres. conde de Tres Rios. De 4 de Março a 7 Abril 1881.

44 — Dr. Florencio Carlos de Abreu e Silva. De 7 Abril a 5 Novembro 1881.

Vice-pres. conde de Tres Rios. De 5 Novembro 1881 a 7 Janeiro 1882. Manoel Marcondes de Moura e Costa. De 7 Janeiro a 10 Abril 1882.

45 — Dr. Francisco de Carvalho Soares Brandão. De 10 Abril 1882 a 4 Abril 1883.

Vice-pres. visconde de Itú. De 4 Abril a 18 de Agosto 1883.

46— Barão de Guajará. De 18 Agosto 1883 a 29 Março 1884.

Vice-pres. dr. Luiz Carlos de Assumpção. De 29 Março a 4 Setembro 1884.

47 — Dr. José Luiz de Almeida Couto. De 4 Setembro 1884 a 18 Maio 1885.

Vice-pres. dr. Francisco Antonio de Souza Queiroz Filho. De 18 Maio a 2 Setembro 1885. Dr. Elias Antonio Pacheco Chaves. De 2 Setembro a 18 Outubro 1885.

48 — Dr. João Alfredo Corrêa de Oliveira. De 18 de Outubro 1885 a 26 Abril 1886.

Vice pres. barão de Parnahyba. De 26 Abril a 26 Julho 1886.

49 — Barão de Parnahyba. De 26 Julho 1886 a 19 Novembro 1887.

50 — Fr. Francisco de Paula Rodrigues Alves. De 19 Novembro 1887 a 28 Abril 1888.

Vice-pres. dr. Francisco Antonio Dutra Rodrigues. De 28 Abril a 23 Junho 1888.

51 — Dr. Pedro Vicente de Azevedo. De 23 Junho 1888 a 11 Abril 1889.

52 — Barão de Jaguára. De 11 Abril a 10 Junho 1889.

53 — General dr. José Vieira Couto de Magalhães. De 10 Junho a 16 Novembro 1889.

Almanak Charadistico

Para 1904

LEIAM O ANNUNCIO RESPECTIVO

Secção Especial

De que se morre mais em S. Paulo? ...

POR

Arlindo Leal

Vejam as cinco secções diversas do
proximo anno.

Dindinha!

Parodia ao «Neh Sartolé»

Junto a mim reside uma moreninha
Que é mesmo uma belleza de espantar...
Eu me orgulho de tel-a por visinha
E a toda força a quero conquistar!

Toda manhã, logo ao sahir do leito
Vou á janella para a namorar,
Mas, olla foge, o rosto contrafeito
E esconde os olhos para não me olhar!...

Ah! Ah! Minha serás, como não!
Ah! Ah! Estou louco de paixão!

(fallado) Ao vêr que ella foge, fingindo aborrecer-me
desesperado ponho-me a cantar com voz melancolica:

Dindinha, diga a verdade...
Dindinha, por piedade...
Diga porquê, sim! porquê
Não me deseja você?!

Porém, a ingrata se esconde
Não me responde...
E eu a amo tanto
Cheio de encanto!
Um dia, só por maldade
Cahiu em hilaridade!...

Certo dia, porém via-a em passeio
Toda chic, vestindo merinó.
Cheirava Peau d'Espagne... era um enleio
Fui atraz... Persegui-a. Ella ia só.

Conquistador começo de segui-la,
Esperando poder fallar-lhe. Em vão!...
Eu ia manso como um cão de fila
Atraz do sumptuosissimo peixão...

Pst! Pst! (*bis*) Nem sequer olha p'ra traz
Pst! Pst! (*bis*) Apressa-se... foge... zás...

(*falado*) Porém eu, perseguindo-a sempre, de longe, ia murmurando:

Dindinha, diga a verdade;
Dindinha, por piedade,
Diga porquê... sim! porquê
Não me deseja você?!

Nada, porém, consegui,
Fiasco assim vi:
Perdi-lhe a pista,
E a conquista
Pois ella vé-me e dispára,
Bate-me a porta na cara.

Jurei vingar-me da ingrata
E tentei ser vencedor;
Mulher que um homem maltrata
Redobra a furia do amor!

Com mais vigor dei os passos,
Vi-a perto do Quartel,
Toda perfumes e... laços,
Olhos quentes, vóz de mel.

Dindinha, (*bis*) fui dizendo com ternura
Dindinha! (*bis*) e agarrei pela cintura.

(*falado*) Mas, de subito, eis que um official se accrea e grita: — Alto lá, deixe essa muié... e eu todo atrapalhado — Perdão, seu tenente — Upa — Seu capitão — Suba — Seu coronel — Quás coroné, quar nada home... eu sou manjor das Guarda Nacioná — disse elle e eu todo desculpas fui-

me afastando, porque vio-o com mão á espada, porém, de longe, jurando á bella vingança, fui dizendo:

Dindinha, ha de desculpar...
Major, queira perdoar...
Eu deixo-a alegre a seu lado
E *redo* desconsolado;

Mas, enquanto eu isto disse
Forte tolice
E cobardia
Voava... corria...
E, fugindo sem parar,
Pude com vida escapar!...



DE QUE SE MORRE MAIS EM S. PAULO?...

COMEDIA EM UM ACTO

PERSONAGENS

- OCTAVIO** — capitalista, velho de 55 annos, marido de
AMELIA — moça de 22 annos, prima de
ARTHUR — poeta nephelibata, 18 annos.
ARTHUR DA SILVA — amante de Amelia.
O SR. ROBERTO — vizinho de Octavio, velho de 65 annos.
-

Epoca — Actualidade = Acção — S. Paulo

Nota do Auctor: — E' indispensavel que o actor que desempenhe o papel de Arthur (poeta) traga o seguinte vestuario: frack de abas largas, enorme gravata de laço vermelho, cabelloira encaracolada, monoculo em riste e declame ridiculamente.

DE QUE SE MORRE MAIS EM S. PAULO?...

COMEDIA EM UM ACTO

ACTO UNICO

SCENARIO :— Uma sala de visitas bem mobilada. Porta ao F. e uma janella com cortina branca. A D. b. e E. b. uma porta. Em scena uma mesa redonda, uma cesta de crochet, um lampeão, uma mesinha a E. b., sophá, cadeiras, etc.

SCENA I

AMELIA e OCTAVIO

Ao subir o panno, Octavio lê «A Platéa», sentado numa cadeira de braços. Amelia, junto á mesa, faz crochet.

OCTAVIO (*rindo*) Ah! Ah! Ah! Ah! Tem graça...

AMELIA — Que é, Octavio?

OCTAVIO (*lendo*) Uma these apresentada hontem na Sociedade de Medicina por um clinico: *De que se morre mais em S. Paulo?* (*rindo*) Ah! Ah! Ah! Ah! E' muito boa, sim senhor, é muito boa...

AMELIA — O que, a these?

OCTAVIO — Não, a pilheria...

AMELIA — Referia-se á these?

OCTAVIO — Ah! Justamente, eu falava, em these, de que a pilheria é boa...

AMELIA — Sempre com os trocadilhos... Mas porque achou tanta graça nessa noticia?

OCTAVIO — Porquê? Queres sabel-o? Ora, dize-me uma cousa: que resposta davas a quem te perguntasse: *De que se morre mais em S. Paulo?*

AMELIA — Ora esta, nada mais simples: responderia ao meu interlocutor que em S. Paulo, como em toda parte, a gente morre naturalmente...

OCTAVIO — Bravo! muito bem, isto é o que se chama uma resposta ao pé da letra!

AMELIA — Disse um disparate?

OCTAVIO — Não, propriamente um disparate não foi... E' natural morrer a gente naturalmente; mas, em S. Paulo, não só se morre *ad naturam*, tambem se morre artificialmente.

AMELIA — Como?!

OCTAVIO — Eu me explico melhor. Imagina tu que um desgraçado cai sob as rodas de uma locomotiva e fica reduzido a postas...

AMELIA — Por consequencia, victima de um desastre...

OCTAVIO — Perfeitamente. Como classificas essa morte?

AMELIA — Ora, uma morte accidental...

OCTAVIO — *Ergo*... já não é natural... Muito bem. Supponhamos que o nosso vizinho lança mão de uma pistola e faz saltar os miolos. Que qualidade de morte será então?

AMELIA — Queres divertir-te commigo?

OCTAVIO — Não... fala...

AMELIA — Contaria a morte do nosso vizinho no numero das propositas.

OCTAVIO — Bravo, veiu a proposito esta tua designação, para provar-te que a tal these apresen-

tada á Sociedade de Medicina é um despropósito...

AMELIA — Porque ?

OCTAVIO — Quem pôde ao certo afirmar de que se morre mais em S. Paulo? Ninguém, digo bem, porque ninguém poderá contar as mortes previstas e imprevisas... Esta é que é a verdade. Isso de escolher entre as febres que nos visitam a que mais engorda a terra, é febre de medico especialista, que quer fazer *réclame*... Para mim, não ha doença epidemica nem endemica... tanto se morre de nós nas tripas, como de congestão... A estatística é a mesma sempre...

AMELIA — Estamos aqui a gastar o nosso tempo com a these, inutilmente.

OCTAVIO — Tens razão. Deixemos de falar em these e vamos á pratica; isto é, tratemos de nós. Os outros que se apertem com a theoria do tal doutor...

AMELIA — Olha, Octavio: cá para mim, do que se morre mais em S. Paulo é de amor... (*acaricia Octavio*)

OCTAVIO — Voltas a falar em these, pelo que eu vejo...

AMELIA — Não, a pratica me demonstra que és um marido muito amavel...

OCTAVIO — Isso dizes tu agora, adúladora... (*beija-a*)

AMELIA — Agora e sempre... és um marido adoravel... (*beija-o*)

SCENA II

Os mesmos e ARTHUR

ARTHUR — (*apparecendo á porta do F.*) Dão licença?

OCTAVIO — Arthur?! Entra...

AMELIA — O primo?!

ARTHUR — (*da porta*) Se estão occupados, eu não sou de cerimonia, voltarei depois...

OCTAVIO — Entra, pequeno, entra sem cerimonia...

ARTHUR — (*entrando*) Boa tarde, primo... Formosa Amelia...

OCTAVIO — A que devemos a tua visita, ó poeta?

AMELIA — Ha tanto tempo sem apparecer...

ARTHUR — Ah! Tenho andado muito occupado esta semana por causa da publicação do meu romance naturalista...

OCTAVIO — Gostas então da escola naturalista, hein? Não tens mau gosto: é fresca, mas é boa...

AMELIA — O primo sempre seguiu essa escola... desde menino...

ARTHUR — Não digo que não, prima. Bem sabe que adorei sempre a litteratura...

OCTAVIO — Ora dize-me cá uma cousa, ó meu janota...

ARTHUR — Diga...

OCTAVIO — Tu que és amante do naturalismo, e que tens um talento extraordinario... dize-me: É's capaz de responder a uma pergunta minha?

AMELIA — Aposto que lhe vais falar...

OCTAVIO — Na these do tal medico? Adivinhaste. Dize-me cá, ó Arthur: De que se morre mais em S. Paulo?

ARTHUR — Está gracejando commigo...

OCTAVIO — Não, quero ouvir a tua opinião sobre este assumpto.

ARTHUR — Neste caso sou de parecer que em São Paulo se morre mais de...

AMELIA — { De que?...

OCTAVIO — {
ARTHUR — Querem que diga? Olhem que eu sou naturalista...

OCTAVIO — Anda... fala...

ARTHUR — Pois em S. Paulo se morre mais de... Com franqueza, não sei do que se morre...

AMELIA — Ora, o primo!...

OCTAVIO — Gostei da franqueza! Você é um naturalista de mão cheia. Diz as verdades sem pestanejar...

ARTHUR — Sigo a escola que adoptei. Tendo que falar, gosto de dizer as cousas claras...

OCTAVIO — Viver ás claras é a divisa dos positivistas. Tens razão. Um rapaz de tantas luzes, como tu, deve ser claro em seus escriptos.

AMELIA — O primo é muito talentoso...

ARTHUR — Tanto assim, não, prima... Mas tenho-me esforçado para produzir uma obra que agrade ao paladar do publico...

OCTAVIO — Que titulo déste ao teu livro, ó poeta sonhador?...

AMELIA — E' verdade, que titulo tem o romance?

ARTHUR — *Amor Furibundo*. O titulo é escandaloso, e o livro ha de ser muito procurado nas livrarias... Ah! ainda não lhes contei, encontrei um editor...

OCTAVIO — Pois acceita os meus parabens. Ha muita gente que procura um editor responsavel para os seus productos e não o encontra...

AMELIA — Foste feliz, primo. Aceita os meus parabens...

ARTHUR — Desejava, porém, pedir-lhes um favor...

OCTAVIO — Que desejas?

AMELIA — Pedo...

ARTHUR — Como me falta ainda compôr os ultimos capitulos do romance, desejava que os primos me favorecessem com alguma cousa para...

OCTAVIO — { Para quê?

AMELIA — }

ARTHUR — Sim, como sabem ainda não recebi a mesada e precisava de dinheiro para poder acabar...

OCTAVIO — O romance?

ARTHUR — Não, sr., para pagar a conta da pensão...

AMELIA — Ah!...

OCTAVIO — Deferido. Olha: deixa a pensão e vem comer cá em casa.

AMELIA — E' mesmo. Vem. Sobra tanta comida...

ARTHUR — Não imaginam como me agrada esse convite... Venho... Aceito, meu caro Octavio; mesmo que fossem os restos seus com a prima, eu aceitava. Em questão de comida eu não sou exigente... aquentada ou requentada, o gosto é o mesmo...

OCTAVIO — Pois podes vir para as sopas esta tarde. A's 5, não fáltes.

AMELIA — Esperal-o-ei, primo.

ARTHUR — Não faltarei. Vou buscar a conta da pensão e prevenir que não como mais lá. A's 5 estarei de volta para as sopas da prima...

OCTAVIO — Até logo...

AMELIA — Até logo, primo...

ARTHUR — (*sahindo*) Até logo. (*sai pelo F.*)

SCENA III

OCTAVIO e AMELIA

OCTAVIO — Pobre rapaz! Parece-me idiota com o seu *Amor Furibundo*. E que titulo escolheu elle para o romance: *Amor Furibundo!* (ri)
Ah! Ah! Ah! Estes litteratos...

AMELIA — Que têm?

OCTAVIO — São sempre os mesmos. Idiotas até alli...

AMELIA — Mas o primo não é nenhum idiota; pelo contrario...

OCTAVIO — Queres fazer-me crer que dalli saia cousa que preste... com uma cara daquellas?... Parece um sandeu com aquella cabelleira encaracolada...

AMELIA — Pois fica sabendo que não é tão sandeu assim como pensas... No meu tempo de solteira elle fez-me um soneto e bem bonito...

OCTAVIO — O quê?... Um soneto?... (*aparte*) Que descoberta...

AMELIA — Eu nunca me atreveria a contar-te, mas... são aguas passadas... e o que lá foi, lá foi..

OCTAVIO — E? O que lá foi, lá foi.. (*aparte*) Que tal o primo?...

AMELIA — Lembras-te daquelle soneto que viste em casa da mamã, na cesta dos cartões, na sala de visitas?...

OCTAVIO — Quer me parecer que sim.

AMELIA — Não te recordas?

OCTAVIO — Não!

AMELIA — Oh! Era um soneto muito bem feito: muito artistico e de muita inspiração...

OCTAVIO — (*aparte*) Sim, senhor...

AMELIA — Começava assim: «Quero no teu seio, oh minha pomba...»

OCTAVIO — Basta! Li essa droga não sei onde... não continues. (*Aparte*) No teu seio minha pomba... Que tratante!... (*Alto*) E' inspirado realmente.

AMELIA — Já vês que elle não é nenhum sandeu.

OCTAVIO — Não, qual... Eu disse aquillo por brincadeira... (*aparte*) De sandeu é que elle não tem nada... (*alto*) Bem, vou até á cidade.

AMELIA — Mando pôr á mesa mais um talher, não é assim?

OCTAVIO — Não, não precisa...

AMELIA — Como? E Arthur?

OCTAVIO — Ah! Não me lembrava... Até logo... (*aparte*) E convidei-o para jantar!...

AMELIA — Não te demores, sim?

OCTAVIO — (*aparte*) Não era preciso recomendar-me... (*alto*) E' um instante. Voltarei já... (*sai*).

SCENA IV

AMELIA (*só*)

Bca idéa teve Octavio offerecendo nossa casa ao Arthur. Assim ao menos nos distrahiremos com a sua prosa, e... ah! agora me lembro: não vi ser elle um estorvo para que o meu adorado amante possa falar-me... Qual! serei cautelosa, e, se o idiota de meu marido não desconfiou ainda, não será o primo que...

SCENA V

AMELIA e ARTHUR DA SILVA

ARTHUR DA SILVA — (*da porta do F.*) Teu marido sahio?

AMELIA — Sahiu, mas não se demora... Não entres.

ARTHUR DA SILVA — Preciso falar-te.

AMELIA — Sim, mas agora não. Espera que elle saia depois do jantar...

ARTHUR DA SILVA — Quem é aquelle typo de cabelleira que sahio daqui ha pouco?...

AMELIA — Ah, é o primo...

ARTHUR DA SILVA — Com que então tens um primo, e eu não sabia? E que qualidade de primo vem a ser esse sujeito?...

AMELIA — Tens ciumes, já vejo, e sem razão e' um primo, nada mais...

ARTHUR DA SILVA — Nada mais?... Juras?

AMELIA — Pelo amor que te consagro... mas anda... vae-te... Octavio não tarda e póde surprehender-nos ..

ARTHUR DA SILVA — Preciso falar-te... ouve... (*ouve-se passos na escada*) Alguem sobe a escada... será teu marido?

AMELIA — Foge, oh foge!...

ARTHUR DA SILVA — Adeus, escrever-te-ei... (*sai*)

SCENA VI

AMELIA (*só*)

Que atrevimento! Vir procurar-me em pleno dia... ah, mas ainda bem que se foi em tempo... (*reflectindo*) Mas que teria succedido para tão'o desejar elle falar-me? Ah! percebo, viu o primo sahir daqui e julgou decerto...

SCENA VII

AMELIA e ARTHUR

ARTHUR — (*esbaforido*) Vim correndo para não perder as sopas... Uff! estou alagado em suor, cara prima...

AMELIA — O Octavio sahiu e ainda não voltou...

ARTHUR — (*á parte*) Não o vejo; senão, cá estava...
(*alto*) Não imaginas, Amelia, como me sinto feliz em vir para a tua companhia...

AMELIA — Porque diz isso, primo...

ARTHUR — Porque? E ainda me pergunta porque? Pois não lês no meu olhar que se ateia um incendio de amor platónico... puro como o fogo das vestaes? Não percebes na minha voz a doçura do mel do Hymeto quando me dirijo a ti?... Não vês na minha inspiração transparente a fonte de Castalia a transbordar de amor por esses seios que te valeram um soneto?...

AMELIA — (*á parte*) Que diz elle? ...

ARTHUR — Amei-te sempre, Amelia, e, agora que estás casada, não é peccado que me declare com mais naturalidade. Como sabes, sou naturalista...

AMELIA — O primo é muito lisonjeiro...

ARTHUR — Acredite. Não é lisonja. E' a verdade que me assoma aos labios e fala pela voz da minha musa... Quando penetrei aqui julguei-me transportado ao Olympo, e o meu coração de poeta foi cahir aos pés da minha adorada prima, cujo olhar tem a côr da saphyra, cujos labios só pedem beijos...

AMELIA — Mas, primo... essa linguagem...

ARTHUR — Perdôa. Não sou eu quem fala, é o

poeta que bebeu luz na alvorada do teu olhar sereno e casto e que deseja na amphora da tua bocca de fada libar o encanto da poesia...

AMELIA — Porém, primo.. eu..

ARTHUR — Causa-te assombro que a minha timidez se transforme em ardente galanteio?... Pois olha, prima... aqui é que está a verdadeira chave do enigma que se chama alma... A alma só desperta do seu sonho quando se sente provocada pelo iman do bello... jámais, porém, quando esse bello é avarentamente, estupidamente, gosado por um homem que tem o relógio da existencia a marcar meio seculo...

AMELIA — Primo, por Deus... como sabe sou casada e não devo...

ARTHUR — Não deve, diz bem... Não deve consentir que a vida, que é o nosso maior thesouro seja, como a sua, desfructada alvarmente por um homem como seu marido, que onde tem o coração devera ter as barbas brancas... Perdô-me esta rude linguagem... mas.. como a prima não ignora, sou naturalista...

AMELIA — (*á parte*) O que fazer? se o outro ouvisse... (*alto*) Arthur, pela amizade que nos liga, peço-te, supplico-te que..

SCENA VIII

Os mesmos e OCTAVIO

OCTAVIO — (*da porta do F.*) Que calor!...

AMELIA — (*vendo Octavio*) Octavio...

ARTHUR — (*á parte*) Elle! (*alto*) Já de volta?...

OCTAVIO — E' verdade. (*Para Amelia*) Com que então, pedias ao Arthur, supplicavas-lhe que...

AMELIA — Que ficasse para jantar...

ARTHUR — (*á parte*) Calou-se. Signal de que gostou.

OCTAVIO — Como? queria ir-se?

ARTHUR — Sim... Quem sabe... incommodo e...

AMELIA — Pelo contrario. (*Sai pela D. B.*)

OCTAVIO — (*á parte*) Pelo contrario... mau, mau.

ARTHUR — (*á parte*) Ella disse pelo contrario...

SCENA IX

OCTAVIO e ARTHUR

OCTAVIO — Então ainda não descobriste do que se morre mais em S. Paulo?

ARTHUR — (*á parte*) E' agora. (*alto*) Ha pouco não lhe quiz dizer... mas para mim... a meu ver... do que se morre mais em S. Paulo... é de velhice (*á parte*) toma...

OCTAVIO — (*á parte*) Que grande tratante!...

SCENA X

Os mesmos e ROBERTO

ROBERTO — (*á porta do F. ouvindo a phrase*) Engana-se, meu caro, e para prova aqui estou eu que, apesar de velho no mundo, ainda não morri.

OCTAVIO — Oh, Roberto, entra...

ARTHUR — O sr. Roberto! folgo em apertar-lhe a mão...

ROBERTO — Vês? Cá estou, meu rapaz. Velho, mas rijo... apesar de se dizer que vivo tem casa e defunto tem cova. (*rindo*) Ah! Ah! Ah! Mas, então, quando é o dia do apparecimento do seu livro?

ARTHUR — Ah! brevemente... brevemente...
Está-se editando...

OCTAVIO — Talvez no fim do mez saia á luz...

ROBERTO — Sei que seu livro se filia á escola de Zola. *Au naturel*...

ARTHUR — Perfeitamente, meu caro sr. Roberto.
— *O Amor Furibundo* está vasado nesse genero. Tem capitulos verdadeiramente picantes, mas naturaes... sempre naturaes...

ROBERTO — As cousas naturaes são as que mais agradam. Mas, ha pouco, quando entrei nesta casa, falavam sobre outro assumpto...

OCTAVIO — E' verdade. Depois que li n'*A Platéa* a tal noticia da Sociedade de Medicina, fiquei com a these na cabeça. Uma these cujo assumpto dá para uma boa comedia.

ROBERTO — Como assim?...

OCTAVIO — Imagina tu, meu caro Roberto, que um medico, cujo nome não vem ao caso, apresentou á Sociedade de Medicina a seguinte these: De que se morre mais em S. Paulo?...

ROBERTO — (*rindo*) E' bôa... é bôa.

ARTHUR — Eu respondi a Octavio que de velhice...

OCTAVIO — E eu que... de estupidez. São Paulo é uma terra de beocios... (*aparte*) Chupa meu janota.

ROBERTO — As duas respostas têm seu cabimento encarando a these pelo lado ridiculo. Agora, guardando-se a estatistica demographo-sanitaria, bem se vê que não são essas as molestias mais contagiosas que nos levam ao Araçá.

ARTHUR — Em todo caso a velhice sempre fornece dados para a estatistica. Tenho notado isso;

a maior parte dos mortos no decennio passado eram velhos rheumaticos, hemorrhoidarios e decrepitos.

ROBERTO — Nem tanto assim...

OCTAVIO — A tísica tambem tem feito cadaveres a muitos moços que levavam a vida nos bordéis. (*aparte*) Dei-lhe o troco.

ROBERTO — Os meus amigos estão a discutir com tanta vida sobre a morte, que...

ARTHUR — Perdão, não pensei sequer em offender a quem quer que fosse. Disse naturalmente o que sentia...

OCTAVIO — Tambem eu, meu caro Roberto. Quero, porém, sua opinião sobre o caso. Diga-me: de que se morre mais em S. Paulo?...

ROBERTO — Homem, as estatisticas dizem que de tuberculose e de febre palustre... mas, se querem que lhes fale com franqueza, dir-lhes-hei que nesta terra de crise, do que se morre mais é do mal de todos... De pindahyba!...

SCENA XI

O mesmos e AMELIA /

AMELIA — (*entrando da D. B.*) Oh! O senhor Roberto!... Como tem passado?...

ROBERTO — Vamos vivendo...

OCTAVIO — Forte sempre...

ARTHUR — (*aparte*) É' seductora esta prima. Vou descrevel-a ao natural em um capitulo do meu romance.

AMELIA — Então, sr. Roberto, sempre appareceu... não ha quem o veja.

ROBERTO — Não tenho sahido. Um rheumatismo prendeu-me ao leito.

AMELIA — Com o frio que tem feito estes dias deve ter soffrido muito.

OCTAVIO — Em algumas cidades do interior a geada fez estragos...

ARTHUR — E' verdade. O inverno este anno mostrou calor nos cafesaes... Queimou-os...

AMELIA — Mas, nem por isso deixará de haver café... Aceita uma chicara, não? Sei que o aprecia muito... (*sae pela D. B.*)

ROBERTO — Tanto incommodo...

OCTAVIO — Nenhum. O café é o *chá* com que se galanteiam as visitas.

ARTHUR — Gostei do trocadilho!... (*aparte*) Idiota.

ROBERTO — E' verdade! Entre nós o café é o offerecimento mais commum em toda casa de familia... Toda e qualquer visita não sae sem tomar o seu café. E' infallivel.

ARTHUR — Pudéra! Se o Brazil é a terra favorita...

OCTAVIO — Deixemos o café de parte e tratemos de outra qualquer cousa que nos deleite...

ROBERTO — O fim do mundo por exemplo... é só do que se fala actualmente...

OCTAVIO — Outra asneira tão estapafurdia como a tal these.

ARTHUR — Não sou da sua opinião. Falb, o grande astronomo, precisa a data da catastrophe universal...

ROBERTO — Para 13 de Novembro, se não me engano...

OCTAVIO — No emtanto Flammarion, o grande Flammarion, o contestou, segundo li, não me

lembra em que jornal... Cá para mim o mundo só se acabará quando não houver mais mulheres na terra para multiplicar a espécie...

ARTHUR — Quanto a isso concordo.

ROBERTO — Também sou dessa opinião.

SCENA XII

Os mesmos e AMELIA

AMELIA — (*vindo da D. B. com uma bandeja e chicaras de café*) Como ainda é cedo para o jantar, trouxe café para todos... Ao café, pois, senhores... (*servem-se todos*) Está bom de assucar?

ROBERTO — Excelente! E' Periquito ou Loureiro?

AMELIA — Nem uma marca nem outra, é torrado em casa. Os cafés do mercado, todos têm mistura...

ROBERTO — Está magnifico... A prosa também de encantar... mas vou-me chegando.

OCTAVIO — Como!... pois não fica para jantar?

AMELIA — Não nos dá esse prazer?...

ROBERTO — Outro dia... estou de dieta... não faltará ocasião. Estimei vel-os. Apareçam, hein? Passar bem.

AMELIA — Obrigado... Passar bem. Recommendações a D. Pulcheria...

OCTAVIO — Passar bem... Obrigado. Recommenda-nos á sua senhora.

ARTHUR — Passe bem... (*Roberto aperta a mão a todos e sae*)

AMELIA — Vamos para a varanda. Vem Arthur... sem cerimonia... (*leva a bandeja*)

ARTHUR — Nenhuma... (*saem todos pela D. B.*)

SCENA XIII

ARTHUR DA SILVA (*apparecendo á porta do F.*)

Já que não posso falar-lhe, escrevo-lhe, como é costume. E' preciso ser bastante ousado para ir penetrando sem cerimonia nesta sala, tendo certeza que o marido está em casa. Sei o que faço. (*procurando a cesta de crochet*) Cá está a cesta que serve de urna á nossa correspondencia. Deixo-lhe um aviso... (*rumor dentro*) Ouço passos, alguém se aproxima... retiremo-nos. (*sae pelo F.*)

SCENA XIV

OCTAVIO (*só*)

Não sei porquê, mas impliquei com o tal primo de minha mulher; desde que soube que, em solteira, dedicou-lhe um soneto. (*sentando-se á mesinha*). Pois é verdade, tenho-o atravessado na garganta e ha pouco cahi na asneira de convidal o a comer connosco! Perdi o appetite de uma vez ao ver aquelle estafermo á mesa! Ah! mas eu serei prudente e depois confio em Amelia, é uma mulher ajuizada, que só vive para o trabalho, cuidadosa, intelligente, muito educada, sempre entretida em fazer *crochet*... Aqui está a sua distracção... (*tomando a cesta e examinando os trabalhos*) E com que paciencia ella faz estas teteias... Creio que isto é um entremeio para fronha... Que é isto? Um envelope? (*abrindo*) E' uma carta. De quem será? Leiamos. (*lendo*) «Querida Amelia. (*aparte*) Com certeza é da prima. (*lê*) «Assim que teu ma-

rido sair, irei visitar-te. Tenho muito que falar-te, estou ancioso para poder beijar-te... (*á parte*) Hein? Oh! meu Deus! será possível tamanha infamia... (*lendo*) Assignado — Arthur» (*á parte*) Deus, é elle! (*passando de um a outro lado, desesperado*) Não pôde ser outro... é o primo... com certeza... Ah! mas veu dar-lhe a resposta que merece... (*vae á janella e levanta a cortina*) Uff! que calor! Estou em brazas!...

SCENA XV

O mesmo, AMELIA e ARTHUR

- AMELIA — Não digo que não, e pode confiar na minha palavra...
- ARTHUR — Essa sua revelação dá-me um prazer infinito...
- OCTAVIO — (*á parte*) Juntos... Sejamos prudentes... (*alto*) Meu caro sr. Arthur...
- ARTHUR — Senhor...
- OCTAVIO — Certo das suas intenções tenho a declarar-lhe que é um grande atrevimento...
- AMELIA — Ah, já sabes? Pois olha eu accedi ao seu pedido...
- ARTHUR — A prima se interessa de todo o coração e tem muito gosto em dar-me o que pedi...
- OCTAVIO — A senhora accedeu e tem a petulancia de o confessar! Que papel ridiculo represento eu nesta casa, vamos, diga...
- ARTHUR — Oh! sr. não é preciso zangar-se... uma cousa tão insignificante...
- AMELIA — Que se dá a todo mundo.
- OCTAVIO — Insignificante?... (*á parte*) Chama insignificante...

- AMELIA — Por certo, uma recommendação não se nega nunca, mórmenté a um parente... o que o Arthur pediu-me foi uma recommendação para o teu alfaiate...
- OCTAVIO — (*aparte*) Respiro!... (*alto*) Julguei que se tratasse d'outro assumpto...
- AMELIA — Qual?...
- ARTHUR — Eu ignoro...
- OCTAVIO — (*zangado*) Vocês ignoram, mas eu estou a par de tudo e garanto-lhes que vou usar dos meios extremos!...
- AMELIA — Porém, Octavio...
- ARTHUR — (*aparte*) Que terá elle?... Suspeitará porventura que gosto da prima...
- OCTAVIO — Estou a par do crime, tenho prova esmagadora e quero desmascaral-os...
- AMELIA — Meu Deus!
- ARTHUR — Hom'essa!
- OCTAVIO — Eil-a! (*mostra a carta*)
- AMELIA — Uma carta!..
- ARTHUR — Uma carta!
- OCTAVIO — Uma carta de amor, assignada por um tal Arthur e endereçada a ti. (*mostra a cestinha*)
- ARTHUR — Isto é uma mystificação... o senhor abusa da minha honradez...
- OCTAVIO — Ah, mas se não confessarem a verdade toda, eu mato-o.. (*agarra Arthur*)
- AMELIA — Octavio, estás louco?
- ARTHUR — O sr. endoideceu, largue-me ou grito por soccorro...
- OCTAVIO — Confessa ou não que faz a corte a minha mulher?...
- AMELIA — (*aparte*) Oh! que idéa! (*aparte a Arthur*) Primo, diga que sim...

ARTHUR — Mas... prima eu... como sabe...

AMELIA — (*aparte*) Confesse, que nada perderá...
Sou eu quem pede...

ARTHUR — (*aparte, a Amelia*) Obedeço... (*alto*)
Confesso...

OCTAVIO — Afinal confessa, tratante?!...

AMELIA — E' preciso, porém, notar que o primo
tem-me feito a corte, é verdade, mas diploma-
ticamente; eu nunca lhe concedi sequer um
olhar...

ARTHUR — (*aparte*) Bonito...

OCTAVIO — Ouviste velhaco? (*sublinhando a phra-
se*) Jamais te concedeu sequer um olhar; córa
de pejo ante as barbas do marido indignado que
tentaste trahir... fuge villão, do contrario esma-
go-te... Rua...

ARTHUR — (*aparte a Amelia*) Serei prudente.
(*alto*) Retiro-me, porém saiba que sou homem...
(*sae pelo F.*)

OCTAVIO — (*correndo atraz delle*) Ah se te apa-
nho...

AMELIA — (*detendo Octavio*) Deixal-o, é uma
creança...

OCTAVIO — Que escreve cartas a mulheres casa-
das e assigna o nome por extenso...

AMELIA — Mais uma prova da sua criancice. (*amei-
gando-o*) Então julgas-me assim tão infame
que cominetta essa grave falta?

OCTAVIO — Oh, não, mas esta carta?

AMELIA — Ora essa carta! Rasga-a e está tudo
acabado. Bem deves vêr que, se a tivesse lido
e estivesse de accordo com o seu conteúdo, não
a encontrarias... E' verdade, onde a encon-
traste?

OCTAVIO — Na cesta de *crochets*...

AMELIA — (*aparte*) E' delle... (*alto*) Ciumento...
Vamos tomar o café... hoje não jantaste quasi nada... (*saem juntos pela D. B.*)

SCENA XVI

ARTHUR DA SILVA (*entrando pelo F.*)

O marido com certeza já se foi... Teria ella lido a carta?... (*vae á cesta*) E' mais que certo. Recebeu-a... O signal da entrada franca tambem lá está... a cortina erguida... Não resta a menor duvida... está só. Usamos deste estratagemma para não haver embaraço nas nossas entrevistas. A cortina descida na janella quer dizer — perigo — marido presente —; cortina alçada quer dizer — marido ausente — e, por consequente, entrada franca. E' um signal convencionado e que tem dado optimos resultados... tal qual nas estradas de ferro...

SCENA XVII

O mesmo e OCTAVIO

OCTAVIO — (*entrando da D. A.*) Bem suspeitava eu do tal primo... (*vendo Arthur da Silva, aparte*) Quem será?

ARTHUR DA SILVA — (*aparte*) Céus! O marido! então o signal... (*alto*) Meu caro sr. Octavio?...

OCTAVIO — Um seu creado... Queira sentar-se e dizer a que devo a honra de sua visita...

ARTHUR DA SILVA — Serei breve. Sou dentista e recebi hontem um chamado de sua exma. senhora que tem uma carie em um dente e vinha

então para vêr se posso applicar-lhe o cauterio...
OCTAVIO — Perfeitamente. A noite passada ella soffreu muito. Quasi que não dormiu... Foi preciso dar-lhe um calmante...

ARTHUR DA SILVA — (*aparte*) E esta? (*alto*) Com certeza alguma nevralgia facial, motivada pela intumescencia das gengivas. (*aparte*) Creio que disse asneira...

OCTAVIO — Dei lhe na occasião um pouco de *Nevrol* e appliquei na cavidade do dente cariado umas *Gottas Verdes*.

ARTHUR DA SILVA — Fez bem. Em todo caso, com a applicação do cauterio logo fica boa.

OCTAVIO — Mas ella hoje não se queixou da dôr de dentes.

ARTHUR DA SILVA — (*aparte*) Mão... Mão... (*alto*) Não faz mal, mas nós, os dentistas, precisamos limpar a cavidade do dente cariado, extrahir o nervo e fazer a obturação afim de que a carie não passe às presas, aos caninos, aos incisivos e aos molares... (*aparte*) Creio que é isso mesmo.

OCTAVIO — Ah isso sim... Mas faça o favor de tomar assento..

ARTHUR DA SILVA — (*aparte*) E' amavel. (*senta-se*)

OCTAVIO — Muita clientella, não?

ARTHUR DA SILVA — Regular. Sou ainda pouco conhecido nesta capital. Trabalho á americana, extraio dentes sem dor e sou especialista em aurificações, obturações e em *Bridge-Works*...

OCTAVIO — Em quê?...

ARTHUR DA SILVA — Eu lhe explico: *Bridge-Works*, como o sr. deve ter lido nos annuncios de dentistas, é a dentadura sem *pivots*...

OCTAVIO — Sim senhor.

ARTHUR DA SILVA — Além disso, faço restaurações a ouro, prata e platina. A minha especialidade, porém, é o tratamento das fistulas e a collocação dos *pivots*. Só trabalho a domicilio...

OCTAVIO — Então não tem gabinete?

ARTHUR DA SILVA — (*aparte*) E' impertinente o velho. (*alto*) Não senhor. Dispenso o gabinete para trabalhar a domicilio e isso pela razão muito simples de que não tenho carta.

OCTAVIO — Cuidado com a Directoria do Serviço Sanitario...

ARTHUR DA SILVA — Em todo caso a minha pratica é indiscutivel e tenho innumerados chamados. A constituição garante-nos o livre exercicio da profissão e não me consta que fosse revogada...

OCTAVIO — Sou da sua opinião. E... por falar em opinião, o senhor leu a tal these da Sociedade de Medicina?

ARTHUR DA SILVA — (*aparte*) E' cacete este sujeito. (*alto*) Qual?

OCTAVIO — Aquella: De que se morre mais em S. Paulo?...

ARTHUR DA SILVA — (*aparte*) Não li mas é o mesmo. (*alto*) Ah, muito interessante.

OCTAVIO — Acha?

ARTHUR DA SILVA — Pois não...

OCTAVIO — E qual é a sua opinião, se não sou indiscreto...

ARTHUR DA SILVA — A mesma.

OCTAVIO — Como a mesma?

ARTHUR DA SILVA — Quero dizer... a do medico...

OCTAVIO — Então acha que...

ARTHUR DA SILVA — (*aparte*) O que acho é que devo pôr-me ao fresco antes que a situação se

complicue. (*alto*) Sim senhor a these é boa...
 OCTAVIO — Então em S. Paulo se morre mais de...
 De quê? De que é que se morre mais, não me
 dirá?...

ARTHUR DA SILVA — Ah! Em S. Paulo, do que se
 morre mais é de... (*aparte*) E esta?... (*alto*) de tédio.

OCTAVIO — Tédio?...

ARTHUR DA SILVA — Sim senhor. E' uma doença
 insupportavel. Dá ancias, vomitos, fastio e até
 enxaquecas...

OCTAVIO — Porém ha opiniões contrarias...

SCENA XVIII

Os mesmos e AMELIA

AMELIA — (*entrando da D. B. vendo Arthur*) Ah!

OCTAVIO — Que tens?...

ARTHUR DA SILVA — (*aparte*) Bonito! (*alto*) E' o
 dente que lhe doe, não, minha senhora?...

AMELIA — (*aparte*) Oh que idéa! (*alto*) Infeliz-
 mente. Senti uma ferretoada muito aguda...

OCTAVIO — Ainda bem que o dentista está em
 casa; elle applicará o cauterio...

AMELIA — (*aparte*) Comprehando agora.

ARTHUR DA SILVA — A's suas ordens, minha se-
 nhora.

AMELIA — (*com a mão no rosto*) Ui! como en-
 commoda...

OCTAVIO — (*a Amelia*) Qual, delles é?

AMELIA — O ultimo.

ARTHUR DA SILVA — Um dos molares, com certe-
 za. Vamos ver, faça o obsequio de sentar-se.

OCTAVIO — (*a Arthur*) Com licença... Estejam a
 gosto. (*sae pela D. A.*)

SCENA XIX

AMELIA e ARTHUR DA SILVA

AMELIA — Não me dirás porque te encontro aqui na sala representando esta comedia?

ARTHUR DA SILVA — Pela simples razão de ter recebido o signal. Olha: a cortina está levantada...

AMELIA — Eu porém não fui quem a alçou. Estamos perdidos. Meu marido sabe tudo...

ARTHUR DA SILVA — Hein?...

AMELIA — Encontrou tua carta na cesta de *crochets*.

ARTHUR DA SILVA — E agora?...

AMELIA — Sê cauteloso, desta vez ainda te salvas...

ARTHUR DA SILVA — Como assim?...

AMELIA — O tal primo que viste aqui é teu homonymo e pagou o innocente pelo peccador.

ARTHUR DA SILVA — Boa partida. Mas, eu tinha tanto que falar-te...

AMELIA — Pois fala... aproveita enquanto estamos sós.

ARTHUR DA SILVA — Se tu soubesses quanto eu padeço....

SCENA XX

Os mesmos e OCTAVIO

OCTAVIO — (*entrando da D. A.*) Já acabaram?

ARTHUR DA SILVA — (*aparte, a Amelia*) Seu marido... sente-se, abra a bocca. (*alto*) Prompto. Está cauterisado.

OCTAVIO — (*ao dentista*) Uma irritação do nervo, com certeza?... (*signal affirmativo de Arthur da Silva*).

AMELIA — Adivinhaste. É o nervo que está irritado...

ARTHUR DA SILVA — Hão de me dar licença. Tenho ainda de collocar alguns *pivots*... Senhor Octavio... minha senhora... (*aparte, a Amelia*) Voltarei á noite. (*alto, sahindo*) Passar bem... (*sae pelo F.*)

SCENA XXI

OCTAVIO e AMELIA

OCTAVIO — E' amavel este dentista, não achas?...

AMELIA — E' um perfeito cavalheiro.

OCTAVIO — E muito instruido. Fizemos *cavaco* e apreciei-o immensamente.

AMELIA — Sim?...

OCTAVIO — Falei-lhe na these..

AMELIA — Que mania...

OCTAVIO — Achou-a interessante e emittiu opinião...

AMELIA — Não vaes hoje ao club?

OCTAVIO — São quasi horas... mas, se tu soffres, como queres que me divirta?... Não irei hoje.

AMELIA — Ora, uma dôr de dentes, isto não é nada. Vae, Octavio vae. Já não sinto quasi dôr...

OCTAVIO — Nesse caso, já que consentes...

AMELIA — Vae; entreter-me-ei na tua ausencia com os meus *crochets*.

OCTAVIO — Voltarei cedo... até logo. (*sae pelo F.*)

AMELIA — Até logo. (*accende o lampeão que está sobre a mesa*)

SCENA XXII

AMELIA (só)

Foi-se. Ainda bem. E' um marido adoravel... obedece-me cegamente e de nada suspeita. Tão tolo

que não teve perspicacia para descobrir que o dentista improvisado era o meu amante. Feliz lembrança teve Arthur da Silva em apresentar-se como tal. Desse modo terá entrada franca nesta casa e Octavio jamais acreditará nas nossas relações. E o primo?... Coitado. Tão romantico, tão poetico... que idéa fará de mim que tão vilmente o fiz passar por meu apaixonado... Se elle insistir em perseguir-me com as sua declarações, ha de forçosamente pedir-me explicação da carta que traz o nome do outro, seu homonymo, e isto me dá bastante que pensar... Preciso reflectir no que deva fazer. (*senta-se á mesa, pensativa*).

SCENA XXIII

AMELIA e ARTHUR

ARTHUR — (*á porta do F.*) A prima estará só? (*vendo Amelia*) Eil-a. Quero que me explique o tal negocio da carta. (*alto, chamando*) Amelia... Prima.

AMELIA — (*aparte*) O primo!... Bonito!...

ARTHUR — (*receioso*) Está só prima? tenho que dizer-lhe duas palavras.

AMELIA — Entra, o Octavio foi ao Club.

ARTHUR — (*aparte*) Esplendido. (*alto, entrando*) Prima, ha pouco fui victima de uma mystificação nesta casa por parte da senhora, que me fez declarar ser minha a carta que o brutamontes de seu marido encontrou naquella cesta de *crochets*... quero que me explique quando, como, em que dia e em que hora escrevi eu aquella epistola em linguagem tão banal...

AMELIA — (*aparte*) Não sei que dizer. (*alto*) Como, a carta não foi escripta por ti?

ARTHUR — Jamais. A's mulheres a quem se conquista não se escrevem cartas; a correspondencia que se mantém secretamente com ellas é feita pelo correio espirital, mas nunca pelo correio geral. Ora, seguindo eu a escola naturalista, disse á prima o que sentia, pela palavra, que é o dom do intendmento e não pela escripta que ás mais das vezes só exprime um fingimento.

AMELIA — Pois eu pensei que...

ARTHUR — Escusa enganar-me prima. Depois que daqui sahi e reflecti, percebi logo que fui victima de uma mystificação. Não o negue, a prima teia um amante, que infelizmente como eu, se chama Arthur, mas que garanto, não a adora tanto quanto eu. Confesse...

AMELIA — Primo?

ARTHUR — Nada responde. Baixa o olhar... eis a prova da sua confissão. No entanto eu, que desde a infancia a estimo, que a decantei nos meus versos, que a descrevo ao natural no «Amor Furibundo» a mim, a prima fecha o coração e abre a porta do sanctuario do amor a um outro, a um rival que não conheço, mas que detesto.

AMELIA — Oh não fales assim, se alguém te ouvisse, estaria perdida.

ARTHUR — A prima não sabe o que é ser poeta! Não sabe, não faz idéa do que é o coração de um bardo, a alma de um sonhador, o espirito de um idealista, o amor, emfim, que lhe devoto. E' puro como o fogo das Vestaes, nunca se apaga e a chamma é intensa, luminosa principalmente, quando se é moço como eu sou.

AMELIA — Oh sim, mas por piedade, foge, foge que meu marido pode encontrar-te.

ARTHUR — Evita-me? E nem uma esperança me dá? Mais feliz por certo é o outro...

AMELIA — Arthur, se me tens amor, cala-te.

ARTHUR — (*aparte*) Toquei-lhe na corda sensível. (*alto*) Então prima, ainda persiste em negar-me o seu amor?

AMELIA — (*aparte*) E' preciso despachal-o antes que o outro appareça. (*alto*) Primo, descance, saberei ser-lhe agradavel...

ARTHUR — (*abraçando-a*) Oh dita, oh ventura! (*aparte*) Custou, mas consegui.

AMELIA — Que é isso, tenha modos... O primo é um namorado atrevido.

ARTHUR — Não o nego, atrevo-me com a prima, mas respeito seu marido, esse velho idiota que não sabe a prenda que tem por mulher.

AMELIA — Caluda, primo, se alguém o ouvisse.

ARTHUR — Não estamos sós?

AMELIA — Sim... mas é que Octavio pode chegar inesperadamente e... (*rumor dentro*) Não disse?... sinto passos. E' elle com certeza... Oh foge... foge...

ARTHUR — Por onde, diga, diga...

AMELIA — Ah! aqui, entra neste quarto e esconde te por quem és.

ARTHUR — Mas não se esqueça que sou seu prisioneiro. (*entra no quarto*)

SCENA XXIV

AMELIA, ARTHUR DA SILVA e ARTHUR

AMELIA — (*só*) Ainda bem, se Octavio o encontrasse aqui, estava tudo perdido.

ARTHUR DA SILVA — (*entrando*) Amelia?

AMELIA — (*aparte*) Bonito! O outro...

ARTHUR DA SILVA — Estás livre, bem sei. Vi o carrança de teu marido entrar para o Club e vim correndo fazer-te companhia... Mas, que tens? Estás agitada...

AMELIA — Ah, sim. Receio uma surpresa... depois do que se passou esta tarde... bem vêes que não posso estar tranquilla.

ARTHUR DA SILVA — Teu marido de nada suspeitou?

AMELIA — De nada, felizmente. E' um verdadeiro pascacio.

ARTHUR — (*aparte pondo a cabeça fora do quarto*) Uff! Este quarto é um forno.

ARTHUR DA SILVA — Se elle me pergunta pelos ferros ahi é que não sabia o que responder-lhe. (*senta-se com Amelia á pequena mesa junto á porta do quarto em que está Arthur*) Agora, porém, nada temo. Fui ao *Boticão Universal* e comprei um estojo de dentista. Veja (*mostra um estojo de dentista*) E' a chave que me fará abrir a porta de tua casa.

AMELIA — Bella idéa.

ARTHUR — (*com a cabeça fora do quarto*) Que finorio.

AMELIA — Mas que tinhas tanto a dizer-me?

ARTHUR DA SILVA — E' verdade. Que especie de primo é o tal que vi sahir daqui?

AMELIA — E' um primo collateral.

ARTHUR — (*da porta*) Escutemos. Quem ouve o que não quer, aprende o que quer.

ARTHUR DA SILVA — E' um typo com aquella cabelleira encaracolada e aquella gravata encarnada.

ARTHUR — (*da porta, aparte*) Eu lhe mostrarei a força do tal typo.

AMELIA — (*aparte*) Se o outro ouvisse.

ARTHUR DA SILVA — Pois o tal primo que não se engraça contigo porque do contrario...

AMELIA — Oh, não! (*aparte*) Com certeza ouve tudo.

ARTHUR — (*da porta, aparte*) E' malcreado o tal sujeito.

AMELIA — Oh, não tenhas ciume do primo. E' um creançola.

ARTHUR — (*da porta, aparte*) Tambem ella?

ARTHUR DA SILVA — Confio em ti, Amelia. Consinto que enganes teu marido por minha causa, mas não consentirei que me atraicoes com quem quer que seja.

ARTHUR — (*da porta, aparte*) Eu que o diga (*rumor dentro*) Alguem... (*esconde-se*)

AMELIA — E' elle... o outro... meu marido... oh, foge... foge. Agora não podes passar por dentista. Bem vêes que é noite... esconde-te alli vá. (*empurra-o para o quarto fronteiro áquelle em que está Arthur*)

ARTHUR DA SILVA — Onde... onde?... (*entrando no quarto*) Que adoravel prisão...

AMELIA — (*só*) Dois! Os dois fechados aqui e alli... e o legitimo que ahi vem! Como terminará esta embrulhada?... Oh! nunca devia casar-me com um velho para não ser tão perseguida...

SCENA XXV

AMELIA, OCTAVIO, ARTHUR e ARTHUR
DA SILVA (*os dois ultimos escondidos*)

OCTAVIO — (*entrando pelo F.*) Vim hoje mais ce-

do. Sinto uma terrível dor de cabeça... (*O relógio da varanda, um relógio suíço, bate meia hora, ouve-se o cuco cantar Cou... Cou...*)

AMELIA — O cuco cantou meia hora, não foi?...

OCTAVIO — (*vendo as horas no seu relógio*) Oito e meia... Está certo. Oh mas que terrível dor de cabeça... (*leva as mãos á cabeça*)

ARTHUR DA SILVA — (*da porta do quarto á D., aparte*) Pudera!

ARTHUR (*da porta do quarto á E. B., aparte*) Como não!

AMELIA — Queres tomar uma capsula de anty-pirina?

OCTAVIO — Sim... sim...

AMELIA — Vou por ella. (*sae*)

OCTAVIO — (*só*) E' singular. Tenho as fontes a latejarem, sinto uma espécie de vertigem e tenho um grande peso na cabeça. Em solteiro nunca tive d'isto, ao passo que depois de casado, se repete com uma frequencia... (*senta-se*)

ARTHUR DA SILVA — (*da porta do quarto, aparte*) Efeitos do microbio do casamento...

ARTHUR — (*da porta do outro quarto, aparte*) Uma doença de casados...

AMELIA — (*entrando com um copo de agua e uma caixinha da qual tira uma capsula que dá a Octavio*) Toma... e bebe um gole d'agua em cima... verás logo como passa...

OCTAVIO — Deus o queira... sinto sobre a cabeça um peso tão grande como se tivesse não sei quê em cima d'ella...

ARTHUR DA SILVA — (*do seu escondríjo, aparte*) Eu bêm sei o que é...

ARTHUR — (*do outro lado, aparte*) Aquillo não é

cabeça, é um lombo de novilho bandarilhado...
AMELIA — (*aparte*) E os dois que farei d'elles?

OCTAVIO — Falta-me o ar... (*levantando-se*) Abre
essa janella, abre essas portas todas. Que a vi-
ração entre nesta casa... está que é uma estufa.

AMELIA — Para quê? O vento far-te-á mal... to-
maste antypirina... vaes suar... pôdeste cons-
tipar...

ARTHUR DA SILVA — (*do quarto á D., aparte*)
Bonito. (*esconde-se*)

ARTHUR — (*do outro lado, aparte*) Estou perdi-
do. (*esconde-se*)

OCTAVIO — Não faz mal... suffoco... quero ar... ar...
muito ar...

AMELIA — (*aparte*) Meu Deus, valei-me!

OCTAVIO — (*vae abrir as portas dos quartos*)
Abramos estas portas...

AMELIA — (*interpondo-se*) Oh não Octavio... não
faças isso... a corrente de ar é perniciosa...

OCTAVIO — Que importa. Agora, como o Camaleão,
preciso de ar... (*abre a porta da D. e Arthur
sae do quarto*) Oh!

AMELIA — (*aparte*) Meu Deus! ...

ARTHUR — (*embaraçado*) Eu lhe explico...

OCTAVIO — (*interrompendo-o*) O sr. aqui e na-
quelle quarto? (*a Amelia*) Esposa infiel... é o
seu amante, não? O tal primo que... suffoco,
ar... ar... (*abre a porta á E. e Arthur da
Silva apparece*) Outro? Oh! é o cumulo! Co-
mo explica isto, minha senhora?

ARTHUR DA SILVA — (*com todo o desembaraço*)
Eu lhe explico: sua senhora sentindo aguda dor
de dentes, mandou-me chamar, e eu estava alli
naquelle quarto preparando o cauterio.

AMELIA — (*aparte*) Se Octavio não acredita, estou perdida.

OCTAVIO — (*com toda a convicção*) Ah! o cauterio. (*aparte*) E' o dentista. (*a Arthur*) E o senhor, o que fazia alli ás occultas?...

ARTHUR — Ah! eu? Estava alli naturalmente...

OCTAVIO — Como?... Que quer dizer com isso?

AMELIA — (*aparte a Arthur*) Procure uma desculpa razoavel, se não quer perder o meu amor.

ARTHUR — Está o senhor a fazer juizos temerarios da prima, e da minha... digo da nossa presença naquelle quarto...

OCTAVIO — E' que isso é um abuso... uma violação ao domicilio conjugal, para o que ha penas no Codigo Penal.

AMELIA — (*a Octavio*) Meu amigo estás aterrado com a idéa que sou uma esposa adúltera, não é assim? Crês que estes senhores sejam meus amantes, pelo que vejo? Socegue, meu amigo, acalme-se que não sou mulher para tres...

ARTHUR — (*aparte*) Isso dizem.

OCTAVIO — Mas então explica-me esta charada.

ARTHUR DA SILVA — (*continuando*) E no desempenho da minha honrosa profissão preparava naquelle aposento o cauterio. Para prova veja... aqui está o meu estojo do officio. Offende-me o senhor suspeitar que eu abusasse da sua ausencia para...

OCTAVIO — Perdão, do senhor nada suspeitei, bem vejo que estava exercendo a sua profissão...

ARTHUR DA SILVA — Ainda bem...

AMELIA — (*aparte*) O que é a credulidade!

OCTAVIO — (*para Arthur*) Mas o senhor... o senhor *seu* naturalista, conquistador de mulheres

- casadas, o que fazia tambem naquelle quarto?
- AMELIA — (*aparte, a Arthur*) Inventa... anda.
- ARTHUR — Eu? Nada mais natural... Vim á sua casa dar uma explicação á prima sobre a scena desta tarde e pedir-lhe mil perdões da carta...
- ARTHUR DA SILVA — (*aparte*) Que eu escrevi...
- OCTAVIO — A qual encontrei na cesta de *crochets*. Com que então, mais uma vez confessa...
- ARTHUR — Confesso o engano havido. Aquella carta não era dirigida á prima...
- OCTAVIO — (*aparte*) Como assim?
- ARTHUR DA SILVA — (*aparte*) Que diz elle?
- AMELIA — (*aparte*) Ouçamos a desculpa.
- ARTHUR — Deu-se com a carta um verdabeiro *quipro-quo*. Naturalmente, deixei-a na cesta de costura por um acaso.
- OCTAVIO — (*aparte*) Falla com tanta calma que estour quasi acreditando. (*alto*) Então jura que foi um acaso?
- ARTHUR — Dou-lhe a minha palavra de honra, e se não basta, juro pela honestidade de minha prima...
- OCTAVIO — Não jure, acredito...
- AMELIA — (*aparte*) Engulio a pilula...
- ARTHUR DA SILVA — (*aparte, rindo*) Admiravel... soberbo...
- OCTAVIO — Perdoa-me pois, caro Arthur o desgosto que te dei ainda ha pouco... de hoje em diante comêrás as nossas sopas...
- ARTHUR — Está desculpado. Obrigado. (*aparte*) Que grande idiota!
- OCTAVIO — Mas então a carta era para outra Amelia?
- ARTHUR — Claro está... Era para entregar á pri-

ma Amelia, filho do tio Luiz, aquella que mora na Ponte-Grande, comprehendeu?

OCTAVIO — Ah! sei, a Maria Amelia, não é?

ARTHUR — Justamente. Aquella loura, de olhos azues, redondinha, solteira e normalista...

AMELIA — (*aparte*) Bella lembrança teve o primo.

OCTAVIO — Eu julguei que você fazia a corte a esta Amelia.

ARTHUR — Eu? Era um crime. (*aparte*) Que commetterei sempre...

OCTAVIO — O que é o ciume...

ARTHUR DA SILVA — (*aparte*) E a idade.

AMELIA — (*a Octavio*) E a mim, não se pede perdão?

OCTAVIO — (*a Amelia*) E's um anjo, e o symbolo da verdadeira esposa. Oh! perdoa... perdoa...

AMELIA — Sirva-te a licção para o futuro afim de que nunca mais tenhas ciume de mim...

OCTAVIO — (*convicto*) Oh! nunca mais...

ARTHUR DA SILVA — (*aparte*) Se esta scena se prolonga temos um idyllio á vista...

OCTAVIO — Sentem-se... sentem-se... Não é justo que depois do que se passou sejamos amigos?

ARTHUR DA SILVA — E sem quebra de dignidade.

ARTHUR — Por certo.

OCTAVIO — Nossa casa está ás ordens... e com franqueza disponham de nós. Amiudem suas visitas, sem cerimonia, que nos darão com isso muito prazer. Não é assim Amelia?

AMELIA — Oh por certo, muito prazer.

ARTHUR DA SILVA — (*aparte*) Isto não é marido: E' um chamariz...

OCTAVIO — Pois é verdade. No Club, onde estive ha pouco, não se falou em outra coisa, a não ser na tal these...

ARTHUR DA SILVA — Sim.

ARTHUR — Ah !

AMELIA — (*aparte*) Volta-lhê a manla...

OCTAVIO — Mil e uma opiniões diversas que bastante me fizeram rir. (*rindo*) Ah! Ah! Ah! A opiniao dos meus amigos tambem tem o seu quê de sal e de verdade. Qual é mesmo? Já não me recorde.

ARTHUR — A minha era que: em S. Paulo se morre mais de velhice.

ARTHUR DA SILVA — Quanto á minha... quer que diga com toda a franqueza ?

OCTAVIO — Sim, sim, qual é ?

ARTHUR DA SILVA — E' que em S Paulo se morre mais de... (*o relógio na varanda dando nove horas* Cou-cou, cou-cou, cou-cou)

OCTAVIO — De que ?

ARTHUR DA SILVA — Morre-se de... mas não preciso dizel-o... ora ouça lá... (*o relógio dentro continuando* Cou-cou, cou cou. .)

AMELIA -- (*aparte*) E' bem verdade.

OCTAVIO — (*rindo*) E' boa a pilheria... E' boa... Ah! Ah! Ah! Não resta duvida que a pilheria é muito boa (*continua rindo*) Ah! Ah! Ah! Vou contal-a amanhã no Club ..

Todos — Ah! Ah! Ah!

CAE O PANNIO

Expediente

O 3.º volume

Não damos as decifrações do 3.º volume deste Almanak por acharmos inoportuna a sua publicação.

Agradecimento

Não podemos calar a nossa sincera gratidão ao distincto literato dr. Alfredo de Toledo, um dos mais bellos ornamentos do nosso fóro, pelos valiosos e inestimaveis serviços que prestou na collaboração deste volume.

Era nosso intuito publicarmos o retrato desse estimado moço, mas a sua modestia descommedida não nos permittiu esse prazer, e, no proximo volume, havemos de vér satisfeitos os nossos desejos.

Concurso charadistico

Pedimos a todos os collaboradores deste Almanak que nos digam qual o trabalho charadistico de mais gosto, mais arte, e mais espirito, que se encontra neste volume.

O auctor desse trabalho terá um premiosinho que noticiaremos no proximo volume.

Collaboração para 1904

A collaboração neste Almanak é franca para todos que tenham um bocado de apreço a publicações deste genero, mas... (sempre ha um *mas!*) devem sujeitar-se ás seguintes condições :

- 1.º Que os originaes sejam inéditos, e quando não o sejam, declarar o lugar e época em que foram publicados ;
- 2.º escriptos em quartos (ao alto) de papel almasso, e de um lado só ;
- 3.º que, quando fór em poesia, não exceda a 12 quadras, em prosa a 4 tiras (isto para não masear muito os leitores...) Exceptuam-se desta regra as biographias de homens illustres ;

4.º que não tenham mais que uma dedicatória, e que não sejam acrosticos, ou de decifração difficil.

Estatistica de jornaes

Desejando publicar no proximo volume a estatistica completa de todos os jornaes que se publicam no Brasil, pedimos aos nossos collaboradores que nos mandem uma relação dos jornaes que se editam nos seus Estados, com os seguintes dizeres: nome do jornal, annos de publicação, e lugar e Estado onde se publica.

Estas relações devem ser organisadas até fim do mez de fevereiro, e enviadas até maio.

Collecção de sellos

O editor deste Almanak está atacado da mesma mania que atormenta por este mundo muita gente boa, inclusive o proprio rei Eduardo VII, e outros: a de colleccionar sellos. E assim é que previne a todos os collaboradores deste Almanak que recebe, compra, troca e vende sellos de todos os paizes e de todas as épocas.

O 5.º volume do

Almanak Historico-Litterario para 1934

conterá, além de cerca de 300 charadas, logogrifos, e enigmas, e todas as secções do costume, mais 5 secções especiaes que serão divididas pelos 10 mil exemplares da nossa edição.

Eis os seus titulos:

1.ª *Historia* — Parecer da commissão nomeada para julgar do melhor artigo sobre o *Concurso* das tres datas, e o artigo escolbido.

2.ª *Theatro* — Uma comedia inédita.

3.ª *Escolar* — Monologos, poesias e recitativos: contos e dialogos proprios para a infancia.

4.ª *Comica* — Anedoctas, contos chistosos e poesias alegres.

5.ª *Util* — Receitas, maximas e pensamentos, e conselhos uteis.

Cada secção terá 32 paginas, em typo miudo, cheias de leitura variada, interessante e util.

Acceitamos collaboração para qualquer das secções, ficando-nos o direito de publicar o que entendermos.

Os originaes devem dizer no cabeçalho a secção a que se destinam.

Inauguramos este anno a secção 2.^a com a comedia inédita em 1 acto do distincto jornalista e comediographo — Arlindo Leal, intitulada *De que se morre mais em S. Paulo?*...

E' uma peça interessantissima, que muito nos desvanecemos em recommendar aos nossos leitores.

Bibliographia

Durante os annos de 1899—900—901 em que este Almanak deixou de publicar-se, foram innumerados os livros e jornaes que temos recebido, e a sua relação occuparia muitas paginas. Vamos, pois, registrar apenas as tres ultimas offeras que nos fizeram.

— *Pequenas télas, contos e phantasias*, de Arthur Goulart. Acabado de imprimir em 14-4-902, na typographia Andrade & Mello, S. Paulo.

E' um mimoso livrinho, artisticamente impresso com 154 paginas, em excellente papel, salientando-se a capa, que é um primor typographico, impressa em côres, representando uma magnifica vista campestre; apraz-nos dizer, com a maior sinceridade, que os trabalhos artisticos circumscriptos ha poucos annos a duas ou tres officinas typographicas, já vão sendo cuidadosamente executados por officinas novas, como a dos srs. Andrade & Mello. Estes senhores não poupam sacrificios, nem despezas, para honrar o Estado de S. Paulo com uma officina de 1.^a ordem.

Recommendamol-a aos nossos leitores e amigos.

Agora o trabalho litterario. Que podemos dizer sobre elle? Recommendal-o, seria fazer propaganda do nome de Arthur Goulart, que talvez fosse lesado, pois, muito boas penas, como se vê em sua biographia de pags. 161, o tem animado e recommendado.

Destacamos, porém, do seu mimoso livro, o bellissimo conto — *O Ebrio*. E' pequenino; pagina e meia apenas; mas nessa meia duzia de linhas sente-se uma vida inteira infortunada, arrastada pelo terrivel vicio da embriaguez, e, porquê? por causa do amor de uma mulher! Sempre a mulher! Sempre ella a rebaixar o homem, ou a levantar-o ao pedestal da gloria!

O volume compõe-se de 25 contos, cada qual mais attractivo, como só os sabe fazer Arthur Goulart.

Emfim, agradecendo o exemplar recebido, só temos a pedir ao distincto director da *Capital Paulista* que continue a trabalhar com o mesmo afan, afim de honrar e elevar a litteratura paulista.

— *A Folha*, jornal litterario, noticioso e commercial, Redactora D. Alice Moderna. Ponta Delgada, ns. 1, 2 e 3. O 1.^o numero sahiu a 5 de outubro de 1902.

E' um jornal moderno, bem feito, e de leitura variada e agradável. Não é preciso muito para adivinhar isso: o nome de sua exma. redactora, D. Alice Moderna, a mimosa poetisa

açorense, vale para recommendal-o e lêl-o com avidez, como fizemos.

— *Evolucionista*, de Maceió, Alagoas. Editor-proprietario Manoel Gomes da Fonseca.

Recebemos apenas o n. 13, correspondente a 24 de novembro de 1902, no qual notamos uma leitura muito variada, e proprio para captar as sympathias. Se fosse em S. Paulo, diriamos que era um jornal de vida garantida; em Maceio não sabemos.

Agradecemos a todos a delicadeza da lembrança.



Almanak Humoristico - 1904

Exmas. sras. que collaboram
neste Almanak

Alice M. Mendes	194
Alice Moderno	176, 181
Americana	188
A Neta de Poty	188
Anna Queiroz	78
As Graças Paulistas	181
Carmelitana de Arantes	77, 136
Carolina Ramos	157
Elisa F. Mattos Grintem	79
El ira Paiva	72
Flora de Almeida	179
Georgina Zuleika	77
Guiomar de Castro	157
Lilia Nogueira	118
Maria J. Carneiro	77
Palmyra de Sarandy	76
Rosalia Sandoval	150, 160
Senhorinha	78

1904

Exmos. srs. que collaboram
 neste Almanak

A. D. J.	150
A. J. Soares da Silva.	40
Alexandre Fernandes.	59
Alfonse Fredoca	87
Anacleto Pamplona	160, 168
Andrade Pinheiro	86
Antonio Franklin Lindoso.	193
Antonio J. Leite.	38
Antonio Soares	92, 132
A. Mendes Leal.	89
A. Karr	128
Arnaldo Guilherme	112
Aprigio Selvas	144
Arthur Castro.	135
Arthur Cruz	108, 191
Arthur Cunha	184
Arthur Goulart	152, 169
Arlindo Leal.	220
Astrogildo Nunes	86, 141
Augusto Mendes Chamusca	143
Augusto Ramos.	181
Barros Leal	170
Beldemonio da Fonseca.	188
Bernardino Penteado.	190
B. Negrão	184
Brasiliophilo	60
Braulio Prêgo	189
Caetano de Almeida Andrade	154
Carlos Ferreira	63
Carlos Góes	93
Castro Neves	167
Coelho de Carvalho	156
C. P. 3	189
F. Cavalcanti	128
Ferdinando Martino	172
Figueiredo Filho	71
Fontoura Xavier.	71, 105

Freitas Junior.	79
Gilent Feston	78
Guerra Junqueiro	136
Henrique de Barcellos	49
Herculano José Rodrigues.	158
Hercules.	191
Hersia Junior.	131
Hildebrando de Vasconcellos	190
Honorato José Soares	79
Isaac Cerquinho.	168
Jayme Mattos.	79
Jesuino Camargo	119, 127
J. Façanaro.	191
J. Falcão.	127
J. Ferreira Penteado	172
João Baptista Figueiredo	102
João C. Campos	179
João de Amorim	151
João Torres	192
Joaquim G. Senior.	117, 139
J. P. de Toledo Junior	87
Jorge Pereira Pinto	36
Lauriano Constancio Pereira.	189
Leal Junior.	92
Leodes	70
Leonide Moraes.	191
Lima Junior	26
Lindolpho Fernandes.	44
Luar d'Arc.	106
Luiz Gonzaga.	184
Manoel de Faria Maia	70
Manoel Leal	123, 118, 103, 180
Manoel Xavier P. Barreto	149
Mario Corrêa	72
Mario Freire	166
Marquez de Maricá	48
M. Coelho	106 155
M. J.	180
Monteiro.	104
M. Rosalvo.	159
M. Sampaio Cordeiro	116
M. S. Tocantis	141
N. A. Zario.	97
Nicocles	187

Oscar Leal	182
Oscar Monteiro	89, 108, 194
Os Guapas	24
Osoric Paes de Barros	132, 140
Os 4 M. G.	34
O Mameluco	70
O Novato	107
O Turuna	155
Ovidio Mello	103
Pacifico da Paz	178
Pedro Affonso Antunes	123
Pedro da Silveira	195
Pedro de Araujo Borges	88
Pedro Souza Pinto	134
Percival Bremer	32
Peres Escrich	120
Pichote A.	105
P. O. C.	184
Polydoro	88
P. Vide	139
Raul Darcauchy	133
Raul Moreno	116
Raul Tovar	168
Raymundo J. da Silva Vianna	120
Romeu Santos	28
Rosendo Carpes	88
R. P.	131
Sebastião de Abreu	92
Segundo Wanderley	132
Souvarow	78
Souza Pinto	107, 157, 193
Tabaréas do Rio Pardo	79
Theophilo Alves Guimarães	42
Toniano	30
Um pichote de Sergipe	149
Valdivino Tito	125
Vasço Joaquim da Cruz	149
Viriato A. Garcia	22
V. M.	80
V. Melillo	111, 124
Ywanoff	144
Zeferino Marques	187
* * *	110

INDICE

A demora	63	Carlos Ferreira	49
Administradores da pro- vincia de S. Paulo . . .	213	Carlos Gomes	192
A Esquadra Brasileira . .	179	Doente	154
A festa de S. João no in- terior do Estado	97	Dr. Cantidio Brêtas . . .	73
A morte	59	Dr. Carlos de Campos . .	9
Amuleto	181	Dr. Carlos Machado . . .	176
Anedoctas	47	Dr. Estevam Leão Bour- roul	65
Anhanguera	60	Dr. João Pedro da Veiga Filho	93
A noiva do diabo	152	Dr. Miranda Azevedo . . .	145
Antes de tudo	3	Dr. Oscar Leal	169
Ao mar	194	Eclipses	46
Arthur Goulart	161	Ella partiu	191
Arthur Guimarães	137	Em caminho da missã... .	193
As pombas de Veneza . .	182	Emilio Zola	186
A uma filha da Italia . .	189	Enigmas — 92, 105, 127, 131, 136, 157, 168, 179, 184, 187.	
Calendario	17	Floriano Peixoto	166
Charadas — 22, 24, 28, 30, 32, 34, 36, 38, 40, 42, 44, 70, 71, 76, 77, 78, 79, 86, 87, 92, 103, 107, 108, 111, 116, 117, 118, 123, 131, 132, 134, 169, 141, 143, 144, 149, 150, 155, 168, 170, 172, 178, 180, 181, 184, 187, 188, 189, 190, 191, 193.		Folhas de notas, de	23 a 45
		Folhinha, de	22 a 44
		Guerra ao espartilho . . .	116
		Idyllio	128
		Improviso	86
		Ipu	158
		Iza	124

Logogriphos — 70, 72, 76, 77, 78, 79, 88, 102, 120, 123, 132, 133, 136, 139, 141, 144, 149, 151, 159, 160, 179, 184, 188, 192, 194.	Parte I 88
Misérère Meí! 68	Pensamentos — 26, 48, 67, 78, 104, 106, 120, 128, 136.
O barão de Münchhausen 134	Perguntas enygmaticas 157, 188
O cambio 14	P'ró Cuba 125
O canto da doída 103	P'ró hospital 167
O exilado 156	Reminiscencias 89
O panno 119	Saudações 150
O general B. Constant e o numero 2 106	Saudades 180
O homem mais gordo 125	Scismando 150
O lago de sangue 171	Sem te vér 135
O poeta e a fidalga 132	Serrá Negra 195
Origem das cartas de jo- gar 142	Spleen 71
Os mais altos lugares 159	Tabella de cambio 16
O trabalho 107	Tableau 108
Palmeira de Guaranhuns 139	Tancredo do Amaral 80
	Tenebroso Mysterio 110
	Truão 93
	Um casamento original 172
	Vem 190
	Visconde de Taunay 129

Almanak Charadistico

Para 1904

LEIAM O ANNUNCIO RESPECTIVO

80
75
119
125
131
136
141
146
151
156
161
166
171
176
181
186
191
196
201
206
211
216
221
226
231
236
241
246
251
256
261
266
271
276
281
286
291
296
301
306
311
316
321
326
331
336
341
346
351
356
361
366
371
376
381
386
391
396
401
406
411
416
421
426
431
436
441
446
451
456
461
466
471
476
481
486
491
496
501
506
511
516
521
526
531
536
541
546
551
556
561
566
571
576
581
586
591
596
601
606
611
616
621
626
631
636
641
646
651
656
661
666
671
676
681
686
691
696
701
706
711
716
721
726
731
736
741
746
751
756
761
766
771
776
781
786
791
796
801
806
811
816
821
826
831
836
841
846
851
856
861
866
871
876
881
886
891
896
901
906
911
916
921
926
931
936
941
946
951
956
961
966
971
976
981
986
991
996
1001
1006
1011
1016
1021
1026
1031
1036
1041
1046
1051
1056
1061
1066
1071
1076
1081
1086
1091
1096
1101
1106
1111
1116
1121
1126
1131
1136
1141
1146
1151
1156
1161
1166
1171
1176
1181
1186
1191
1196
1201
1206
1211
1216
1221
1226
1231
1236
1241
1246
1251
1256
1261
1266
1271
1276
1281
1286
1291
1296
1301
1306
1311
1316
1321
1326
1331
1336
1341
1346
1351
1356
1361
1366
1371
1376
1381
1386
1391
1396
1401
1406
1411
1416
1421
1426
1431
1436
1441
1446
1451
1456
1461
1466
1471
1476
1481
1486
1491
1496
1501
1506
1511
1516
1521
1526
1531
1536
1541
1546
1551
1556
1561
1566
1571
1576
1581
1586
1591
1596
1601
1606
1611
1616
1621
1626
1631
1636
1641
1646
1651
1656
1661
1666
1671
1676
1681
1686
1691
1696
1701
1706
1711
1716
1721
1726
1731
1736
1741
1746
1751
1756
1761
1766
1771
1776
1781
1786
1791
1796
1801
1806
1811
1816
1821
1826
1831
1836
1841
1846
1851
1856
1861
1866
1871
1876
1881
1886
1891
1896
1901
1906
1911
1916
1921
1926
1931
1936
1941
1946
1951
1956
1961
1966
1971
1976
1981
1986
1991
1996
2001
2006
2011
2016
2021
2026
2031
2036
2041
2046
2051
2056
2061
2066
2071
2076
2081
2086
2091
2096
2101
2106
2111
2116
2121
2126
2131
2136
2141
2146
2151
2156
2161
2166
2171
2176
2181
2186
2191
2196
2201
2206
2211
2216
2221
2226
2231
2236
2241
2246
2251
2256
2261
2266
2271
2276
2281
2286
2291
2296
2301
2306
2311
2316
2321
2326
2331
2336
2341
2346
2351
2356
2361
2366
2371
2376
2381
2386
2391
2396
2401
2406
2411
2416
2421
2426
2431
2436
2441
2446
2451
2456
2461
2466
2471
2476
2481
2486
2491
2496
2501
2506
2511
2516
2521
2526
2531
2536
2541
2546
2551
2556
2561
2566
2571
2576
2581
2586
2591
2596
2601
2606
2611
2616
2621
2626
2631
2636
2641
2646
2651
2656
2661
2666
2671
2676
2681
2686
2691
2696
2701
2706
2711
2716
2721
2726
2731
2736
2741
2746
2751
2756
2761
2766
2771
2776
2781
2786
2791
2796
2801
2806
2811
2816
2821
2826
2831
2836
2841
2846
2851
2856
2861
2866
2871
2876
2881
2886
2891
2896
2901
2906
2911
2916
2921
2926
2931
2936
2941
2946
2951
2956
2961
2966
2971
2976
2981
2986
2991
2996
3001
3006
3011
3016
3021
3026
3031
3036
3041
3046
3051
3056
3061
3066
3071
3076
3081
3086
3091
3096
3101
3106
3111
3116
3121
3126
3131
3136
3141
3146
3151
3156
3161
3166
3171
3176
3181
3186
3191
3196
3201
3206
3211
3216
3221
3226
3231
3236
3241
3246
3251
3256
3261
3266
3271
3276
3281
3286
3291
3296
3301
3306
3311
3316
3321
3326
3331
3336
3341
3346
3351
3356
3361
3366
3371
3376
3381
3386
3391
3396
3401
3406
3411
3416
3421
3426
3431
3436
3441
3446
3451
3456
3461
3466
3471
3476
3481
3486
3491
3496
3501
3506
3511
3516
3521
3526
3531
3536
3541
3546
3551
3556
3561
3566
3571
3576
3581
3586
3591
3596
3601
3606
3611
3616
3621
3626
3631
3636
3641
3646
3651
3656
3661
3666
3671
3676
3681
3686
3691
3696
3701
3706
3711
3716
3721
3726
3731
3736
3741
3746
3751
3756
3761
3766
3771
3776
3781
3786
3791
3796
3801
3806
3811
3816
3821
3826
3831
3836
3841
3846
3851
3856
3861
3866
3871
3876
3881
3886
3891
3896
3901
3906
3911
3916
3921
3926
3931
3936
3941
3946
3951
3956
3961
3966
3971
3976
3981
3986
3991
3996
4001
4006
4011
4016
4021
4026
4031
4036
4041
4046
4051
4056
4061
4066
4071
4076
4081
4086
4091
4096
4101
4106
4111
4116
4121
4126
4131
4136
4141
4146
4151
4156
4161
4166
4171
4176
4181
4186
4191
4196
4201
4206
4211
4216
4221
4226
4231
4236
4241
4246
4251
4256
4261
4266
4271
4276
4281
4286
4291
4296
4301
4306
4311
4316
4321
4326
4331
4336
4341
4346
4351
4356
4361
4366
4371
4376
4381
4386
4391
4396
4401
4406
4411
4416
4421
4426
4431
4436
4441
4446
4451
4456
4461
4466
4471
4476
4481
4486
4491
4496
4501
4506
4511
4516
4521
4526
4531
4536
4541
4546
4551
4556
4561
4566
4571
4576
4581
4586
4591
4596
4601
4606
4611
4616
4621
4626
4631
4636
4641
4646
4651
4656
4661
4666
4671
4676
4681
4686
4691
4696
4701
4706
4711
4716
4721
4726
4731
4736
4741
4746
4751
4756
4761
4766
4771
4776
4781
4786
4791
4796
4801
4806
4811
4816
4821
4826
4831
4836
4841
4846
4851
4856
4861
4866
4871
4876
4881
4886
4891
4896
4901
4906
4911
4916
4921
4926
4931
4936
4941
4946
4951
4956
4961
4966
4971
4976
4981
4986
4991
4996
5001
5006
5011
5016
5021
5026
5031
5036
5041
5046
5051
5056
5061
5066
5071
5076
5081
5086
5091
5096
5101
5106
5111
5116
5121
5126
5131
5136
5141
5146
5151
5156
5161
5166
5171
5176
5181
5186
5191
5196
5201
5206
5211
5216
5221
5226
5231
5236
5241
5246
5251
5256
5261
5266
5271
5276
5281
5286
5291
5296
5301
5306
5311
5316
5321
5326
5331
5336
5341
5346
5351
5356
5361
5366
5371
5376
5381
5386
5391
5396
5401
5406
5411
5416
5421
5426
5431
5436
5441
5446
5451
5456
5461
5466
5471
5476
5481
5486
5491
5496
5501
5506
5511
5516
5521
5526
5531
5536
5541
5546
5551
5556
5561
5566
5571
5576
5581
5586
5591
5596
5601
5606
5611
5616
5621
5626
5631
5636
5641
5646
5651
5656
5661
5666
5671
5676
5681
5686
5691
5696
5701
5706
5711
5716
5721
5726
5731
5736
5741
5746
5751
5756
5761
5766
5771
5776
5781
5786
5791
5796
5801
5806
5811
5816
5821
5826
5831
5836
5841
5846
5851
5856
5861
5866
5871
5876
5881
5886
5891
5896
5901
5906
5911
5916
5921
5926
5931
5936
5941
5946
5951
5956
5961
5966
5971
5976
5981
5986
5991
5996
6001
6006
6011
6016
6021
6026
6031
6036
6041
6046
6051
6056
6061
6066
6071
6076
6081
6086
6091
6096
6101
6106
6111
6116
6121
6126
6131
6136
6141
6146
6151
6156
6161
6166
6171
6176
6181
6186
6191
6196
6201
6206
6211
6216
6221
6226
6231
6236
6241
6246
6251
6256
6261
6266
6271
6276
6281
6286
6291
6296
6301
6306
6311
6316
6321
6326
6331
6336
6341
6346
6351
6356
6361
6366
6371
6376
6381
6386
6391
6396
6401
6406
6411
6416
6421
6426
6431
6436
6441
6446
6451
6456
6461
6466
6471
6476
6481
6486
6491
6496
6501
6506
6511
6516
6521
6526
6531
6536
6541
6546
6551
6556
6561
6566
6571
6576
6581
6586
6591
6596
6601
6606
6611
6616
6621
6626
6631
6636
6641
6646
6651
6656
6661
6666
6671
6676
6681
6686
6691
6696
6701
6706
6711
6716
6721
6726
6731
6736
6741
6746
6751
6756
6761
6766
6771
6776
6781
6786
6791
6796
6801
6806
6811
6816
6821
6826
6831
6836
6841
6846
6851
6856
6861
6866
6871
6876
6881
6886
6891
6896
6901
6906
6911
6916
6921
6926
6931
6936
6941
6946
6951
6956
6961
6966
6971
6976
6981
6986
6991
6996
7001
7006
7011
7016
7021
7026
7031
7036
7041
7046
7051
7056
7061
7066
7071
7076
7081
7086
7091
7096
7101
7106
7111
7116
7121
7126
7131
7136
7141
7146
7151
7156
7161
7166
7171
7176
7181
7186
7191
7196
7201
7206
7211
7216
7221
7226
7231
7236
7241
7246
7251
7256
7261
7266
7271
7276
7281
7286
7291
7296
7301
7306
7311
7316
7321
7326
7331
7336
7341
7346
7351
7356
7361
7366
7371
7376
7381
7386
7391
7396
7401
7406
7411
7416
7421
7426
7431
7436
7441
7446
7451
7456
7461
7466
7471
7476
7481
7486
7491
7496
7501
7506
7511
7516
7521
7526
7531
7536
7541
7546
7551
7556
7561
7566
7571
7576
7581
7586
7591
7596
7601
7606
7611
7616
7621
7626
7631
7636
7641
7646
7651
7656
7661
7666
7671
7676
7681
7686
7691
7696
7701
7706
7711
7716
7721
7726
7731
7736
7741
7746
7751
7756
7761
7766
7771
7776
7781
7786
7791
7796
7801
7806
7811
7816
7821
7826
7831
7836
7841
7846
7851
7856
7861
7866
7871
7876
7881
7886
7891
7896
7901
7906
7911
7916
7921
7926
7931
7936
7941
7946
7951
7956
7961
7966
7971
7976
7981
7986
7991
7996
8001
8006
8011
8016
8021
8026
8031
8036
8041
8046
8051
8056
8061
8066
8071
8076
8081
8086
8091
8096
8101
8106
8111
8116
8121
8126
8131
8136
8141
8146
8151
8156
8161
8166
8171
8176
8181
8186
8191
8196
8201
8206
8211
8216
8221
8226
8231
8236
8241
8246
8251
8256
8261
8266
8271
8276
8281
8286
8291
8296
8301
8306
8311
8316
8321
8326
8331
8336
8341
8346
8351
8356
8361
8366
8371
8376
8381
8386
8391
8396
8401
8406
8411
8416
8421
8426
8431
8436
8441
8446
8451
8456
8461
8466
8471
8476
8481
8486
8491
8496
8501
8506
8511
8516
8521
8526
8531
8536
8541
8546
8551
8556
8561
8566
8571
8576
8581
8586
8591
8596
8601
8606
8611
8616
8621
8626
8631
8636
8641
8646
8651
8656
8661
8666
8671
8676
8681
8686
8691
8696
8701
8706
8711
8716
8721
8726
8731
8736
8741
8746
8751
8756
8761
8766
8771
8776
8781
8786
8791
8796
8801
8806
8811
8816
8821
8826
8831
8836
8841
8846
8851
8856
8861
8866
8871
8876
8881
8886
8891
8896
8901
8906
8911
8916
8921
8926
8931
8936
8941
8946
8951
8956
8961
8966
8971
8976
8981
8986
8991
8996
9001
9006
9011
9016
9021
9026
9031
9036
9041
9046
9051
9056
9061
9066
9071
9076
9081
9086
9091
9096
9101
9106
9111
9116
9121
9126
9131
9136
9141
9146
9151
9156
9161
9166
9171
9176
9181
9186
9191
9196
9201
9206
9211
9216
9221
9226
9231
9236
9241
9246
9251
9256
9261
9266
9271
9276
9281
9286
9291
9296
9301
9306
9311
9316
9321
9326
9331
9336
9341
9346
9351
9356
9361
9366
9371
9376
9381
9386
9391
9396
9401
9406
9411
9416
9421
9426
9431
9436
9441
9446
9451
9456
9461
9466
9471
9476
9481
9486
9491
9496
9501
9506
9511
9516
9521
9526
9531
9536
9541
9546
9551
9556
9561
9566
9571
9576
9581
9586
9591
9596
9601
9606
9611
9616
9621
9626
9631
9636
9641
9646
9651
9656
9661
9666
9671
9676
9681
9686
9691
9696
9701
9706
9711
9716
9721
9726
9731
9736
9741
9746
9751
9756
9761
9766
9771
9776
9781
9786
9791
9796
9801
9806
9811
9816
9821
9826
9831
9836
9841
9846
9851
9856
9861
9866
9871
9876
9881
9886
9891
9896
9901
9906
9911
9916
9921
9926
9931
9936
9941
9946
9951
9956
9961
9966
9971
9976
9981
9986
9991
9996
10001
10006
10011
10016
10021
10026
10031
10036
10041
10046
10051
10056
10061
10066
10071
10076
10081
10086
10091
10096
10101
10106
10111
10116
10121
10126
10131
10136
10141
10146
10151
10156
10161
10166
10171
10176
10181
10186
10191
10196
10201
10206
10211
10216
10221
10226
10231
10236
10241
10246
10251
10256
10261
10266
10271
10276
10281
10286
10291
10296
10301
10306
10311
10316
10321
10326
10331
10336
10341
10346
10351
10356
10361
10366
10371
10376
10381
10386
10391
10396
10401
10406
10411
10416
10421
10426
10431
10436
10441
10446
10451
10456
10461
10466
1047





